Fr. Lucas de
Santa Catharina

Este livro foi-me dado pelo
meu amigo João Burnay
Lisboa 1 de Junho de 1903
Thomaz de Mello Breyner

Este João Burnay era primo co-irmão
de meu Sogro Conde de Burnay.
Foi casado primeiro com uma fi-
lha do 1º Conde de Dampeiras e de-
pois com uma neta do mesmo
titular. Da 1ª que se chamava
Julia não teve filhos e da 2ª que
chama Maria Julia (ainda vive)
teve um filho chamado João que
é Dr. em direito e cidadão francez.
O 2º chamado Paul René morreu
em Bayonne em

O João Burnay era engenheiro. Tinha
talento, graça e sabedoria.
Morreu em

# ANATOMICO JOCOSO,

QUE EM DIVERSAS OPERAC,OENS manifesta a ruindade do corpo humano, para emenda do viciofo:

*CONSTA DEVARIAS OBRAS em Proza, que muitos copiaraõ pela grande estimaçaõ, e applauso tributado por todo este Reino; as quaes se expõem ao publico para divertimento dos curiosos, e desejosos de ouvirem as Obras de taõ famigerado Author.*

DEDICADO AO SENHOR

JOZE VITORINO HOLBECHE,

Fidalgo da Casa de S. Magestade Fidelissima, Thesoureiro Proprietario do Real Thesouro da sua Coroa, Escrivaõ dos Filhamentos da Sua Real Casa, e Thesoureiro das suas moradîas &c.

PELO PADRE

Fr. FRANCISCO REY DE ABREU MATTA ZEFERINO.

TOMO PRIMEIRO.



LISBOA:

Na Officina do Doutor Manoel Alvarez Solano

Anno MDCCLV.

*Com as licenças necessarias.* E Privilegio Real.

# AO SENHOR
# JOZE VITORINO
## H O L B E C H E,

Fidalgo da Casa de S. Magestade Fidelissima, Thesoureiro Proprietario do Real Thesouro da sua Coroa, Escrivaõ dos Filhamentos da Sua Real Casa, e Thesoureiro das suas moradias &c.

*ESTE pequeno volume o que com mayor respeito offereço a V. S., pedindo-*

 *lhe*

*lhe o queira honrar com a sua protecçaõ, se comprehendem differentes Obras de hum Author Portuguez, que em quanto vivo mereceo distincto nome na Republica Literaria, e como tal foi escolhido para Sócio da Academia Real da Historia deste Reyno. Nellas pertendeo imitar os Filosofos Gregos, que, para reprehenderem prudentemente os vicios introduzidos no Povo, inventáraõ o joco-sério das suas Comedias, que eraõ huns Tribunaes publicos, em que os de-*

*nuncia-*

*nunciavaõ, e os convenciaõ de ridiculos. Conſervaraõ-ſe nas livrarias dos curioſos, que ávidamente as colhiaõ, e as copiavaõ; e de todos foraõ deſejadas, e applaudidas: e aſſim na Collecçaõ, em que as pertendo fazer mais cõmũas, entendo que deixarei obrigados a muitos, que as naõ chegaraõ a conſeguir. Aſpiro a que* V. S. *acredite eſte meu trabalho com o ſeu patrocinio, e fundo em duas razoens a eſperança, que tenho da ſua aceitaçaõ: a primeira, a ſua va-*

*ſta*

*ſta litteratura, e o eſpecial amor, que tem aos livros, de que conſerva muitos raros na ſua Bibliotéca: a ſegunda, a ſua natural generoſidade herdada de tantos avós illuſtres de huma Naçaõ naturalmente generoſa, e ſempre amante da Portugueza, como teſtimunhaõ tantos factos referidos nos noſſos Annaes.*

*He V. S. Chefe de huma familia taõ antiga, que antes que Portugal tiveſſe Reys, poſſuia ja o Senhorio de Holbech no Condado de Lincoln,*

de

*de q̃ derivou o ſeu appellido, e o lograva reinando em Inglaterra o famoſo Guilhelme, chamado o conquiſtador, Oliveiro Holbech Geneziario deſta Linhagem. Succedeo neſte Senhorio ſeu primeiro filho, Obrian, e por eſte morrer ſem deſcendencia, ſeu filho ſegundo*

*Joaõ Holbeche, primeiro do nome, o qual caſando com Madama Dorothea de Gednei, filha de Joaõ, Baraõ de Gednei, foi pay de*

*Lourenço Holbeche, que*

*ſer;*

*ſervio ao Rey Henrique ſe-
gundo de Inglaterra na Con-
quiſta da Ilha de Irlanda, e
havendo contrahido matrimo-
nio com Madama Criaſy, filha
do Cavalleiro Joaõ Criaſy,
houve a*

*Joaõ Holbeche, ſegundo
do nome, que tambem teve o
gráo de Cavalleiro, que em In-
glaterra he de grande honra.
Servio aos Reys Ricardo pri-
meiro, e Joaõ, chamado ſem
terra, nas guerras contra Frã-
ça; e havendo caſado com Ma-
dama Branch filha do Caval-*

*leiro*

*leiro Joaõ Branch, teve varios filhos, e filhas, e entre elles a*

**Lourenço Holbech**, *segundo do nome que pelos annos de 1260. servio ao Rey Henrique III., casou com Madama Christina Weston, filha do Cavalleiro Thomaz Weston, de quem tambem foi descendente Ricardo Weston Conde de Portland, e Lord, Thesoureiro, que he hum dos grandes empregos na Corte Britanica, reinando o Rey Carlos I., e teve, além de*

** Tho-

*Thomaz, que lhe ſuccedeo nc Senhorio de Holbech, a*

*Ricardo Holbeche, que havendo contrahido alliança com Madama Urſula Kiſton, filha de Joaõ Kiſton, Senhor de Kiſton, teve entre outros filhos a*

*Joaõ Holbeche quarto do nome, que ſervio ao Rey Henrique IV. filho do Duque de Lancaſtro; e caſando com Madama Caſſandra de Erby, filha de Leonardo de Erby, ſenhor de Hoſſdyke no meſmo Condado de Lincoln,*

*teve*

*teve filho unico a*

Thomaz Holbeche, *terceiro do nome nesta familia, que de seu consorcio com Madama Alicia de kenan, foi pai de quatro filhos Varoens, e delles foi o primeiro*

Thomaz Holbeche, *quarto do nome, que no anno de 1435. servio com valor ao* Rey *de* Inglaterra Henrique V., *que foi juntamente* Rey *de* França, *nas grandes guerras do seu tempo; e de* Madama Brearly *sua mulher, que era filha de* Ricardo Brearly, *teve*

 *varios*

*varios filhos, e entre elles a Thomaz Holbeche, quinto do nome, ao qual, pelos grandes serviços que fez aos Reys Eduardo IV., Ricardo III., e Eduardo V., se lhe accrescentaraõ no escudo com as antigas Armas dos Holbeches, que saõ em campo verde cinco conchas de prata postas em aspa, hum campo de ouro, e nelle hum chefe azul carregado com tres cabeças de Leaõ de ouro postas em che; fee elle partindo o escudo em palla, as situou, como de maior honra, na*

*parte*

*parte direita: casou com Madama Anna Yarley, filha do Cavalleiro Yarlei Senhor de Millus, e teve a*

*Eduardo Holbeche, que vivia pelos annos de 1509. no reinado do Rey Henrique VII., tempo em que tinha o Ceptro de Portugal o Rey D. Manoel, e havendo recebido por consorte Madama Juliana de Portington, filha de Joaõ de Portington Senhor de Portington, teve a*

*Thomaz Holbeche, sexto do nome, que viveo reinando o*

Rey

*Rey Henrique VIII., e casou com Madama Maria de Harvey, filha de Joaõ de Harvey da illustre familia d'este appellido, que hoje se acha esmaltada com o titulo de Conde de Bristol, e teve a*

*Guilhelme Holbeche, que existio no governo da Rainha Izabel; e celebrando bodas com Madama Joanna de Oughton, filha do Cavalleiro Thomaz Oughton, teve entre outros filhos a*

*Thomaz Holbeche, settimo do nome, que viveo no tem-*

*po*

*po do Rey Jacobo I., e do ſeu matrimonio com Madama Izabel de Haylus, filha do Cavalleiro Thomaz Haylus, houve cinco filhos, e filhas, e entre elles a*

*Guilhelme, ſegundo do nome, que alcançou o reinado dos Reys Jacobo I., e Carlos I., e caſando com Madama Anna de Regeley, filha do Cavalleiro Rulando de Regeley, foi ſeu filho unico*

*Franciſco Holbech, que vivia ja nos annos de 1630., e havendo-ſe alliado na Caſa*

*Ruſſel*

*Russel com huma Senhora de igual qualidade, de quem ignoramos o nome, teve, álèm de tres filhos varoens, e huma filha, que falleceraõ meninos, a*

*O Senhor Frãcisco Holbeche, segundo do nome, q̃ sendo nomeado para vir exercitar em Lisbõa o emprego de Consul geral da Naçaõ Britanica, de tanta estimaçaõ, e tanta importancia, que ha poucos annos o vimos occupado por Monsieur Compton, irmaõ do Conde de Nortbiampton a quem depois succedeo na Ca-*

*sa,*

*ſa, e titulo; por Monſieur Benjamin Keene reveſtido hoje com o brilhante caracter de Embayxador de S. Mageſtade Britanica na Corte do Rey Catholico, e por Monſieur de Caſtres actualmente eſplendorizado com o de Enviado da Gran Bretanha na de Lisbõa. Paſſou depois a Londres o Senhor Franciſco Holbeche, donde voltou a eſta Corte em companhia de ſeu Primo o Illuſtriſſimo D. Ricardo Ruſſel, que havendo ſido Confeſſor da Sereniſſima*

*** Se-

*Senhora Rainha de Inglaterra D. Catharina, foi neste Reyno Bispo de Portalegre, e ultimamente promovido a Bispo de Vizeu. Estabeleceo-se o Senhor Francisco Holbeche em Lisbôa, e alliando-se com huma familia nobre, e querendo mostrar em Portugal a sua antiga ascendencia, e Fidalguia, naõ só fez vir de Inglaterra o Brazaõ da sua linhagem justificada pelos Reys de Armas daquelle Reyno, mas alcançou hũa attestaçaõ de D. Paulo Methwem, En-*

*viado*

*viado extraordinario neſta Corte, e filho de* D. *Joaõ* M*e-thwem, que nella foi* E*mbai-xador da* R*ainha* A*nna, na-qual declarou que o* S*enhor* F*ranciſco* H*olbeche naõ ſó era* F*idalgo de geraçaõ anti-ga, mas aparentado com mui-tos* F*idalgos de* I*nglaterra.* D*o ſeu caſamento naſceraõ, álèm do* R*everendiſſimo* S*e-nhor* F*ranciſco* H*olbeche dig-niſſimo* C*onego da* S*é* A*rchie-piſcopal deſta* C*orte, algumas* S*enhoras, e*

*O* S*enhor* J*oaõ* H*olbe-*

*che, quinto do nome, que foi Fidalgo da Casa Real, Cavalleiro professo na Ordem Militar de Christo, Thesoureiro proprietario do Thesouro da Coroa, e Escrivaõ dos Filhamẽtos dos Fidalgos, e mais moradores da Casa de Suas Magestades Fidelissimas; e contrahindo matrimonio com a Senhora D. Clara Maria Bernardes de Moraes, irmaã do Illustrissimo e Reverendissimo Monsenhor Bernardes Prelado da Santa Igreja Patriarchal, e do Conselho de*

*Sua*

*Sua Mageſtade, tambem illuſtriſſimo pela ſua eminente literatura, e profundiſſima ſciencia, filha do Senhor Doutor Joaõ Bernardes, Fidalgo da Caſa Real, e Fizico mór do Reino, deixou eſtabelecida nelle a familia dos Holbeches.*

*De taõ acertado, e nobre enxerto he V. S. digniſſimo, e eſtimavel fructo, como producçaõ de huma Arvore, que fazem florecente as vigoroſas raizes de taõ eſclarecida nobreza, a que V. S. accreſ-*

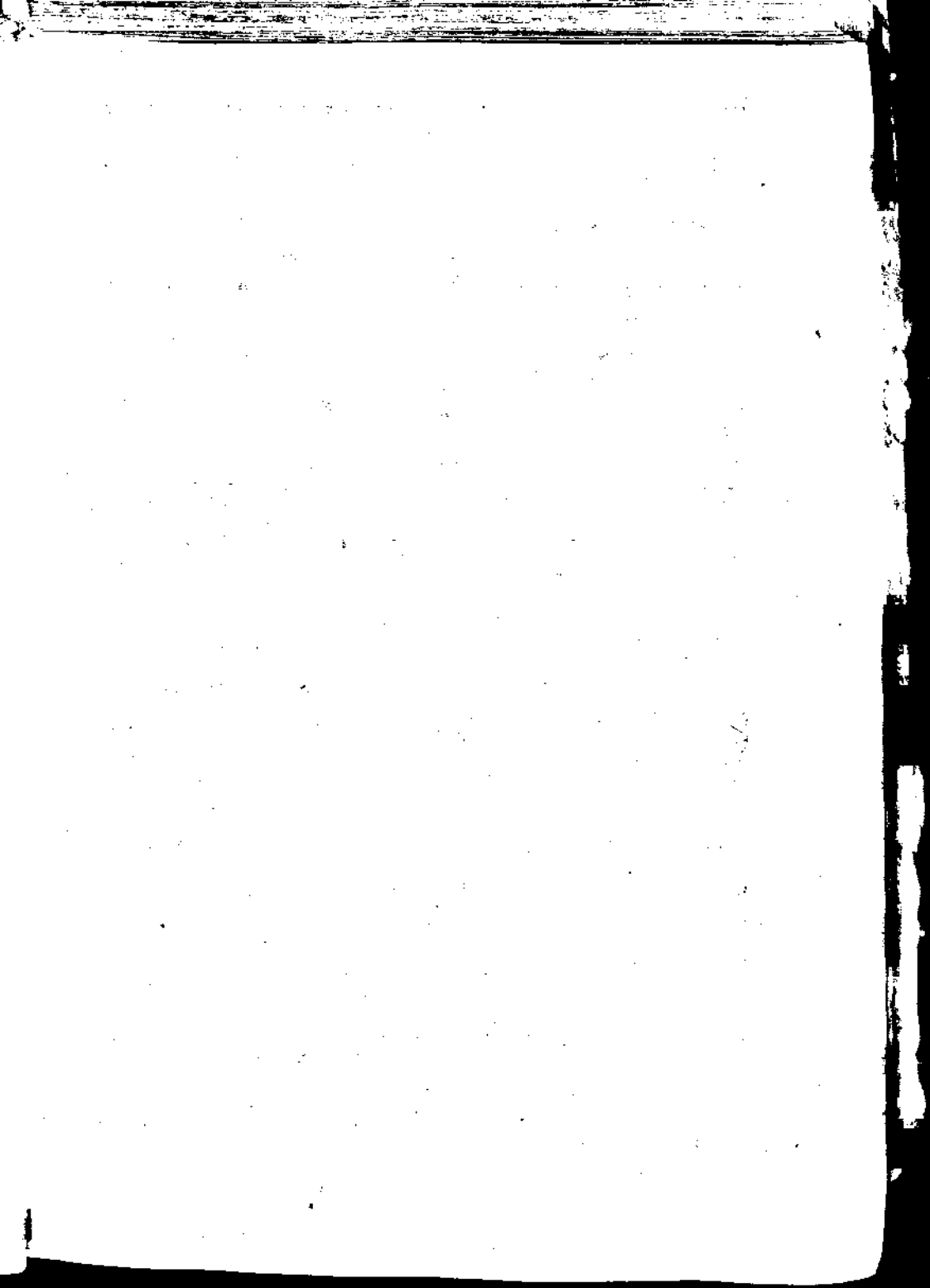
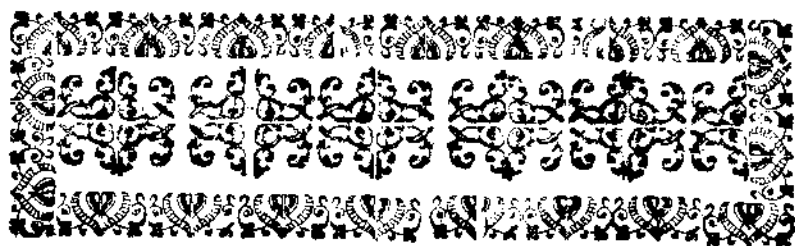
*centa*

*centa os esmaltes com a grande erudiçaõ, que tem adquirido com seus estudos. Digne-se V. Senhoria de admittir esta tenue oblaçaõ do meu obsequio, concedendo o seu patrocinio ao Author destas Obras contra a censura dos criticos, e honrando-me a mim com o titulo, que sempre presarei, de ser com o respeito mais attencioso*

*De V. Senhoria*

Mais affectuoso Capellaõ, e menor criado.

*Fr. Francisco Rey de Abreu Matta Zeferino.*

PRO-

# PROLOGO
## AO
# LEITOR.

CUrioſo Leitor, chamo-te aſſim; porque ſei que, ſe o naõ foſſes, naõ andarias a eſtas horas revolvendo-me as folhas, para conheceres as bõas, ou más intençoens das minhas *Obras*: as que te offereço, poſſo-te ſegurar que ha mais de meia duzia de annos que me fazem companhia nas horas da triſteza. Avarento das ſuas graças, as trazia fechadas em duas gavetas velhas, donde ſómente ſahiaõ para ſe ſacudirem do pó, e me deſpertarem o rizo, ſendo perolas, que

até

até aos amigos efcondia, receofo da pefca; lembrando-me, que muitas por lá acabaraõ as vidas, fem que lhe devessem hũas breves memorias: e outras, que á pura diligencia ainda pude tornar a colher ás mãos, ja as achei taõ desfiguradas, que apenas lhe encontrava huns finaes das primeiras fórmas; e por efta caufa naõ fazia conta de lhe dar mandado de foltura, fem que eu de todo me mudasse para a outra vida. Vem fenaõ quando ella fe armou defórte, que, por dá cá aquella palha, vim a dar com o Protefto de pernas acima. He o cafo, que ha tempos a efta parte, de que Deos nos livre, entraraõ a foar por efta terra os efganados Tenores de duzentos cegos, e os defmanchados Tiples de quatrocentos moços apregoando *Relaçoens curiofas* com tanta abundancia, que pareceo effeito da fartura do anno, pela grande colheita. Naõ tem havido remendaõ do Parnazo, nem bicho da cozinha da Rhetorica, que naõ vomite todos os dias toda quanta immundicia acharaõ nas alcofinhas daquelles beftuntos, e quanta porcarîa encontraraõ nos caqueiros daquelles cérebros. Eu, que por meus peccados fempre fui tentado com efte vicio do papel curiofo, a cada pregáõ, que ouvia, era hũa ferrotoada, que le-



va

vava, e ſem querer, fui diſpendendo as pobres moedas, que ajuntava para o tempo das caſtanhas, em eſtes malditos papellinhos, que ſó ſerviaõ para traques; e com taõ bom ſucceſſo, que de todos elles ſó tirei o arrependimento; porque, graças aos juizos, que pariraõ eſtas monſtroſidades, foraõ raros os que topei, que naõ foſſem frioleira. Até que, compadecido da afflicçaõ, em que te conſiderava, ſe eras douto; e magoado das injurias, que ſe faziaõ a Portugal, ſendo hum Varaõ de tanto reſpeito: me determinei a dar á luz eſtas crianças ſem conhecidos pays, vendo com quanta differença foraõ creadas, que com aquillo meſmo, que recrea os ſentidos, vaõ reprehendendo os coſtumes. Iſto ſe fazia em aquelle tempo, e iſto ſe fará tambem hoje; mas como os neſcios ſe ſoltaraõ, e he maior o numero, puzeraõ-ſe os ſabios aos cantos, com os receios de alguns pinotes: para eſte effeito fui logo revolvendo as gavetas, ſacando os quadernos, fazendo cinco Tomos de quarto, e todos volumoſos, de que fiz cinco montes: O primeiro monte conſta de varias Obras em proza, que muitos deſejavaõ copiar, pela grande eſtimaçaõ, e applauſo, que tinhaõ grangeado por todo o Reino. O ſegundo de Cartas-

curio

curiosas, hũas Metaphoricas, outras Gazetárias, para dar differentes noticias aos amigos. O terceiro de Loas, Entremezes, e Comedias joco-sérias a diversos assumptos, para recreio dos curiosos. O quarto de Entradas, Farças, e Comedias, pelas quaes muitos curiosos suspiravaõ para seu divertimento. O quinto, finalmente, fiz de varias Obras Poeticas, como Sonetos, Decimas, Romances, Silvas, e Oitavas; e em todos elles, alèm do divertimento, terás com que enfeites as tuas Livrarias; com ellas te poderás divertir, sem o escrupulo de que em todas encontres cousa, que se opponha á pureza da Fé, nem á bondade dos costumes. Os máos muitas vezes os verás castigados com os ditos jocosos; mas por isso tem mais de graça, quanto mais castiga a culpa: a sua mesma variedade te fará mais saborosa a mesa; regala-te com ella, e por ultimo pratinho me acceita o sempiterno

*Vale.*

# PRIVILEGIO.

DOM JOZE' POR GRAÇA de Deos Rey de Portugal, e dos Algarves, d'áquem, e d'álem, Mar em Africa, Senhor de Guiné &c. Faço ſaber, que Antonio Gomes da Silva me repreſentou por ſua petiçaõ, que elle tinha mandado imprimir com licença minha o jogo de Livros intulados: *Anatomico. Jocoſo*, e actualmente eſtava imprimindo, no que tinha feito grande deſpeza, e ainda hia continuando com a dita deſpeza; e porque temia que outra alguma peſſoa lhe imprimiſſe os ditos livros, e para o evitar: me pedia lhe fizeſſe mercê conceder-lhe Privilegio por tempo de dez annos, para nenhuma outra peſſoa lhe imprimir, nem mandar vir de fóra os referidos livros, debaixo das penas coſtumadas; e viſto ſeu requerimento, e informaçaõ, que ſe houve pelo Corregedor do Civel da Cidade Manoel de Novaes da Silva Leitaõ, e reſpoſta do Procurador da minha Real Coroa, a que ſe deo viſta, e naõ teve duvida: Hey por bem fazer mercê ao ſupplicante de lhe conceder o Privilegio, de que trata, por tempo de dez annos, para que durante elles nenhuma outra peſſoa, de qualquer qualidade que

ſeja,

ſeja, poſſa imprimir, vender, nem mandar vir impreſſos de fóra do Reino os referidos livros, ſem licença do meſmo ſupplicante, pena de lhe ſerem tomados para eſte todos os volumes, que lhe forem achados; e de pagar ſeſſenta cruzados, metade para o acuſador, e outra metade para a minha Camara Real; e eſta Provizaõ ſe cumprirá como nella ſe contèm, e valerá, poſto que ſeu effeito haja de durar mais de hum anno, ſem embargo da Ordenaçaõ, livro ſegundo, titulo quarenta, em contrario. De que ſe pagou de novos direitos quinhentos e quarenta reis, que ſe carregaraõ ao Theſoureiro delles a folhas cento e vinte oito do livro quarto de ſua receita, como ſe vio do conhecimento em fórma regiſtado no livro oitavo do regiſto geral a folhas cento e vinte. ElRey noſſo Senhor o mandou por ſeu eſpecial mandado, pelos Miniſtros abaixo aſſinados do ſeu Conſelho, e ſeus Dezembargadores do Paço Antonio da Fonſeca a fez em Lisbõa a tres de Março de mil ſetecẽtos e cincoenta e cinco annos. Deſta quatrocentos, e oitenta reis, e de aſſinar mil e ſeiscentos reis. Antonio Pedro Vergolino a fez eſcrever.

*Lucas de Seabra, e Silva Jozé Pedro Emaûs.*

*Francisco Luiz da Cunha de Ataide.*

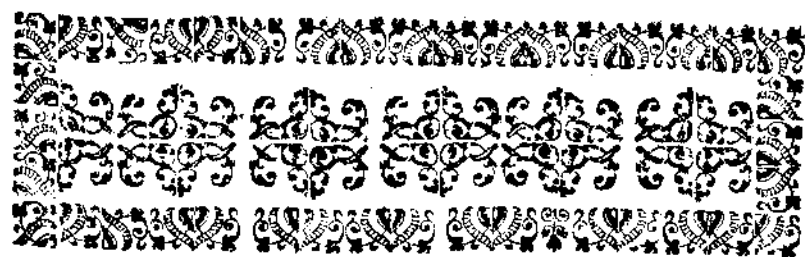
Por-

Por resoluçaõ de Sua Mageſtade de 21. de Fevereiro de 1755. em Conſulta do Deſembargo do Paço, e pela permiſſaõ da Lei de 24. de Julho de 1713.

Pagou quinhentos e quarenta reis, e aos Officiaes cento e vinteoito reis, e a Vedor da Chancellaria mór nada, por quitar. Lisbóa 4. de Março de 1755.

*D. Sebaſtiaõ Maldonado.* Gratis.

Regiſtada na Chancellaria mór da Corte, e Reino, no livro de Officios, e mercês a fol. trezentas e quarenta e cinco. Lisbõa 4. de Março de 1755.

*Antonio Jozé de Moura.*

LICEN-

# LICENÇAS

## DO SANTO OFFICIO.

*Approvaçaõ do Muito Reverendo Padre M. Fr. Francisco Xavier de Lemos, Qualificador do Santo Officio, &c.*

ILLUSTRISSIMOS, E REV. SENHORES.

OS tres Livros inclusos, que Vossos Illustrissimas me mandaõ ver, nada contèm contra a Fé, ou bons costumes. S. Domingos de Lisbõa 2. de Julho de 1754.

*Fr. Francisco Xavier de Lemos.*

VIsta a informaçaõ, pódem-se reimprimir com o manuscrito os tres Livros, e accrescentamentos, que se apresentaõ, e depois voltaráõ conferidos para se dar licença que corraõ, sem a qual naõ correraõ. Lisbõa 5. de Julho de 1754.

*Alancastre. Silva. Abreu. Paes. Trigozo.*

DO

# DO ORDINARIO.

*Approvaçaõ do Muito Reverendo Doutor Jozé Thomaz Borges, &c.*

EXCELLENTISSIMO, E REV. SENHOR.

REvi os tres tomos juntos, e quanto á mayor parte, ja impressos, e julgo naõ terem cousa repugnante á Fé, e bons costumes, que embarace o fazerem-se publicos pela impressaõ. V. Excellencia mandará o que for servido. Lisbôa 10. de Julho de 1754.

*Jozé Thomaz Borges.*

VIsta a informaçaõ, podem reimprimir-se o manuscripto com os tres livros, e accrescentamentos, e depois tornem para se dar licença para correrem, e sem ella naõ correráõ. Lisbôa 10. de Julho de 1754.

*Silva.*

DO

# DO PAÇO.

*Approvação do Muito Reverendo Padre Meſtre Fr. Jozé de Santa Roſa, Religioſo do Convento de S. Paulo &c.*

## SENHOR.

POr ordem de V. Mageſtade vi os tres tomos do *Anatomico Jocoſo*, que Alberto Soares quer reimprimir, e accreſcentar, e nelles não achei couſa, que encontre as Leys do Reino, ou Decretos de V. Mageſtade: pelo que me parece ſe lhe deve conceder a licença, que pede; V. Mageſtade ordenará o que for ſervido. Lisbôa Convento de S. Paulo, 21. de Julho de 1754.

*Fr. Jozé de Santa Roza.*

QUe ſe poſſa reimprimir viſtas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impreſſo tornará a Meſa para ſe conferir taxar, e dar licença para que poſſa correr, ſem a qual naõ correrá. Lisbôa 23. de Julho de 1754.

*Marquez P. Carvalho. Emaûs.*

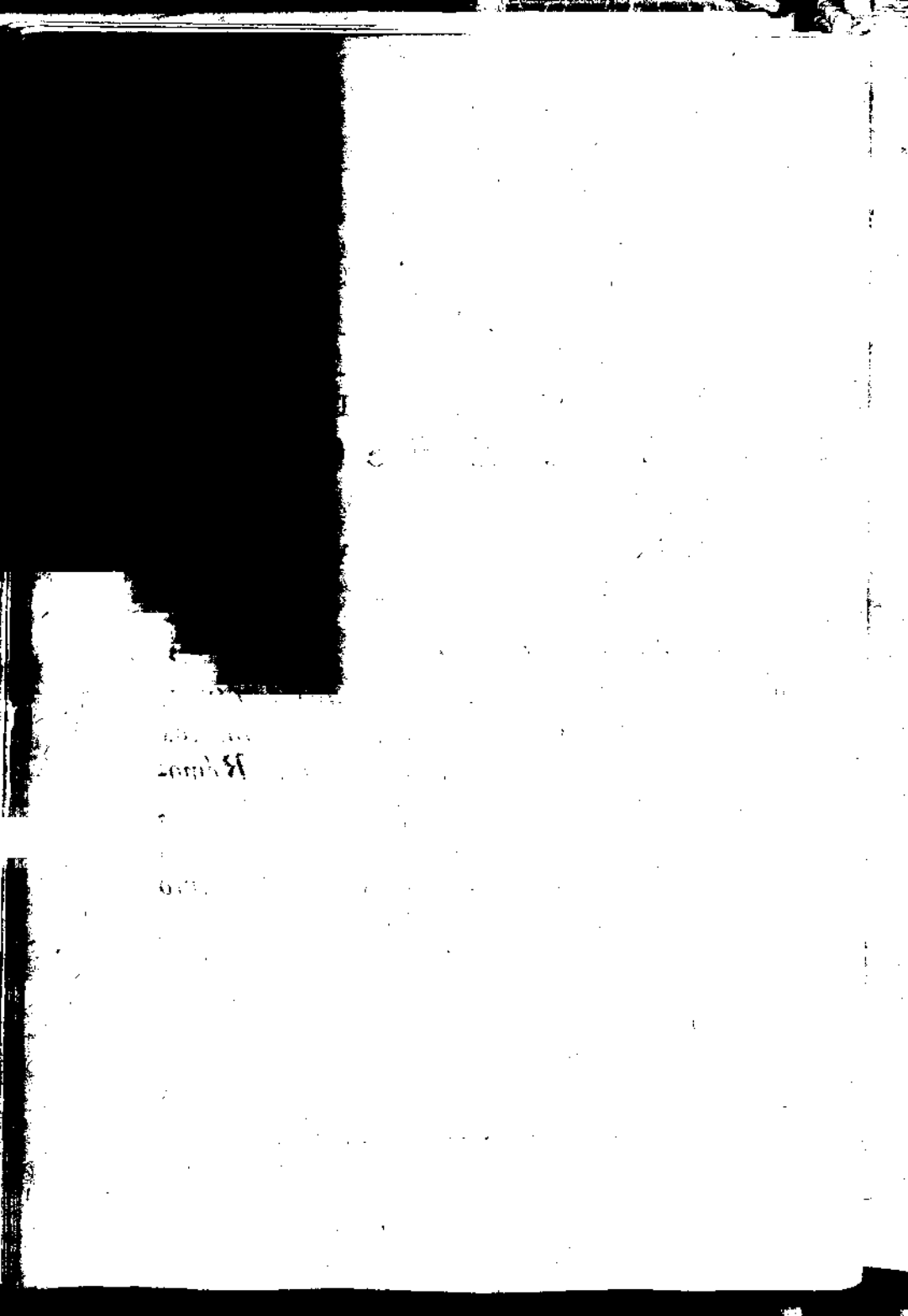
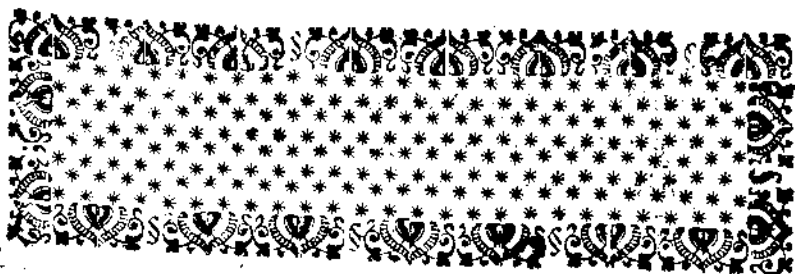
# INDEX

## DAS OBRAS,

que se contém neste primeiro livro.

ANA-

# TURINA QUOTIDIANA,
## E REGRA DE VIVER PRA TODO O FIEL FACEIRA:
*COMPOSTA*
PELO LICENCIADO
## NADA LHE ESCAPA
*Graduado em murmuraçoens.*
DIRIGIDA AO MUY ALTO, E Turinado Senhor
## FULANO DE TAL,
*Propagador das modas, Inventor das Turinas, Conſervador das Faceiras, Eſpadachim dos quitós, Perna quebrada das bengálas, Rémora dos veſtidos, Sanguiſuga dos jantares, Carrapato de Lisbõa, Quotidiana eſtaca dos Lauſperennes, e Namorador extraordinario deſtes Reinos.*

ANNO PREZENTE.

# DEDICATORIA.

A QUEM *ſe naõ a Vós*, *Proto-Facceira*, *ſe haviaõ de conſagraros raſgos*, *que neſte pequeno norte*, *ou ſaõ linhas para o enfeite*,



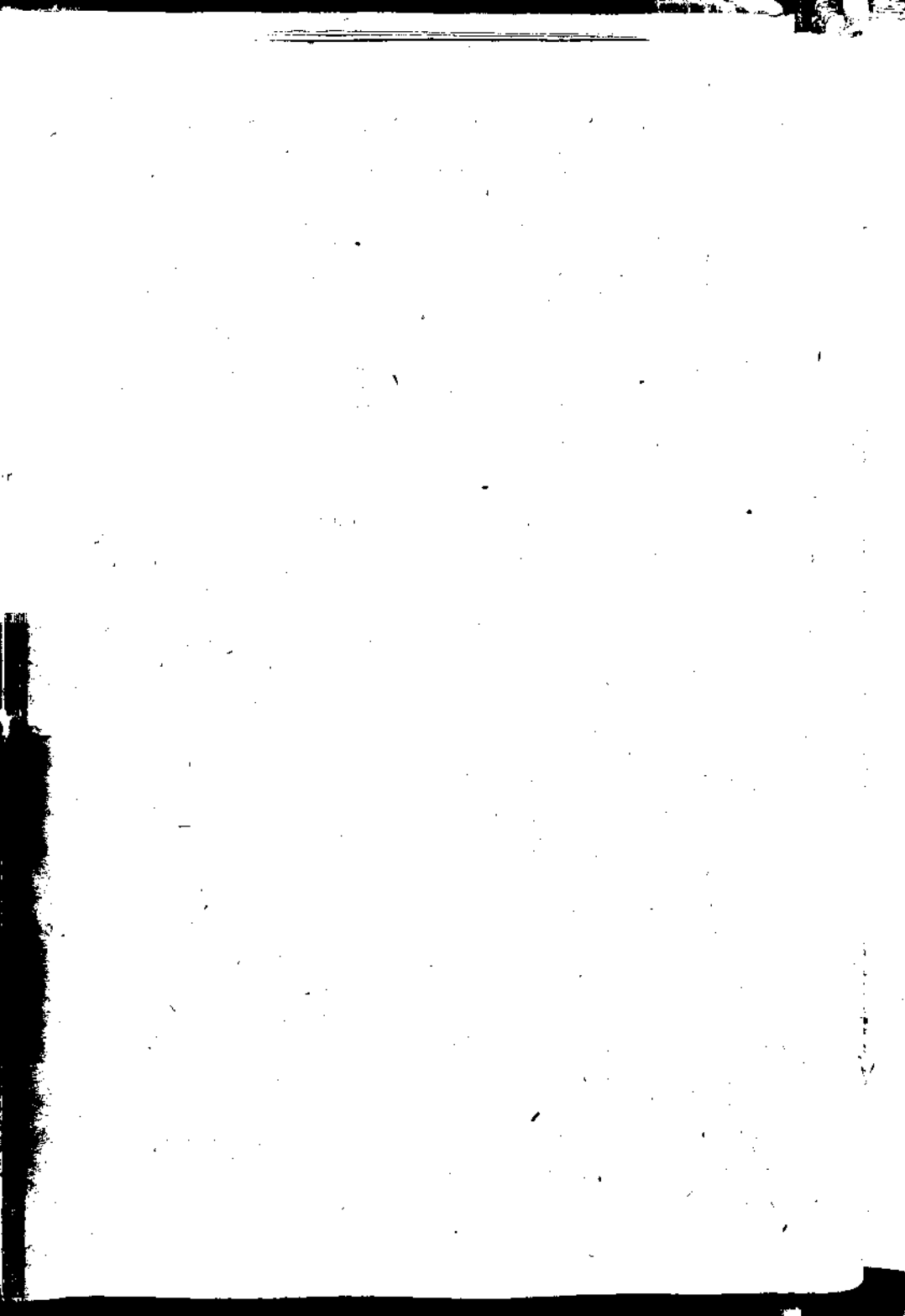
no

*ou alinhos para o talhe? A Vós, a quem devem os vestidos a mayor anatomía, os concursos a mayor grulha, e as conversaçoens a mayor gralha; pois nos vestidos volteais o embrechado, nos concursos desinquietais o populoso, como nas conversaçoens confundis o quieto? Digaõ-no de vossos vestidos as mangas, taõ remoçadas no jordaõ de vossa curiosidade, que as que hontem caducaraõ de encarquilhadas, podem hoje eternizar-se de crespas. Diga-o aquella vossa primogenita galla, Matusalem reconhecido dos vestidos, que, nascendo negro, acaba forro: se já naõ he que, equivocando as mortalhas, quer hoje agonizar lastimas, o que algum dia nascera dó. Diga-o a minima fittinha, que, à pura lavagem, comprando-se algum tempo negra, nos desengana hoje castiça mulata. Diga-o o mesmo chapeo, cujas negrigencias, filhas mais do campeche, que da velhice, devem á mesma Arabia o sustentar-se á Turina. Confesse-o o quitá, cujo punho, secco já de velho, à puro suffragio do laço, passou das caduquices de cepo ás virilidades de mancebo pelo enfeitado. Repitaõ-no os mesmos çapatos, que devendo o lavado do salto ao crespo, e o luzido do couro ao cebo, tantas vezes lhes succedeo recolherem-se quaresma, pelo fraco, e apparecerem ao outro dia carnal pelo gordo; e*

*em fim a noitecerem chichélos, e amanhecerem çapatos. Digaõ no finalmente as mais ſavandijas, como meyas, cravatas, e luvas, que, eſquecidas de ſeus meſmos naſcimentos, naſceraõ natureza, e vaõ vivendo milagre. A Vós pois, ſingular arbitriſta das modas, buſca hoje reverente eſte papel, naõ ſó como antidoto contra as invejas, mas como valhacouto contra os tempos: que ſe os papeis ſaõ primogenitos dos trapos, porque naõ eternizará os papeis, quem transforma Feniz aos meſmos trapos? O Ceo dilate aos paſmoſos annos, e unicos progreſſos de voſſa namorada vida, para eterno goſto das Colonias, e perenne povoaçaõ dos Lauſperennes.*

Pigmeo Panegyriſta de voſſas prendas, que voſſas mãos beija com aſſaz de nojo de ſua conſciencia.

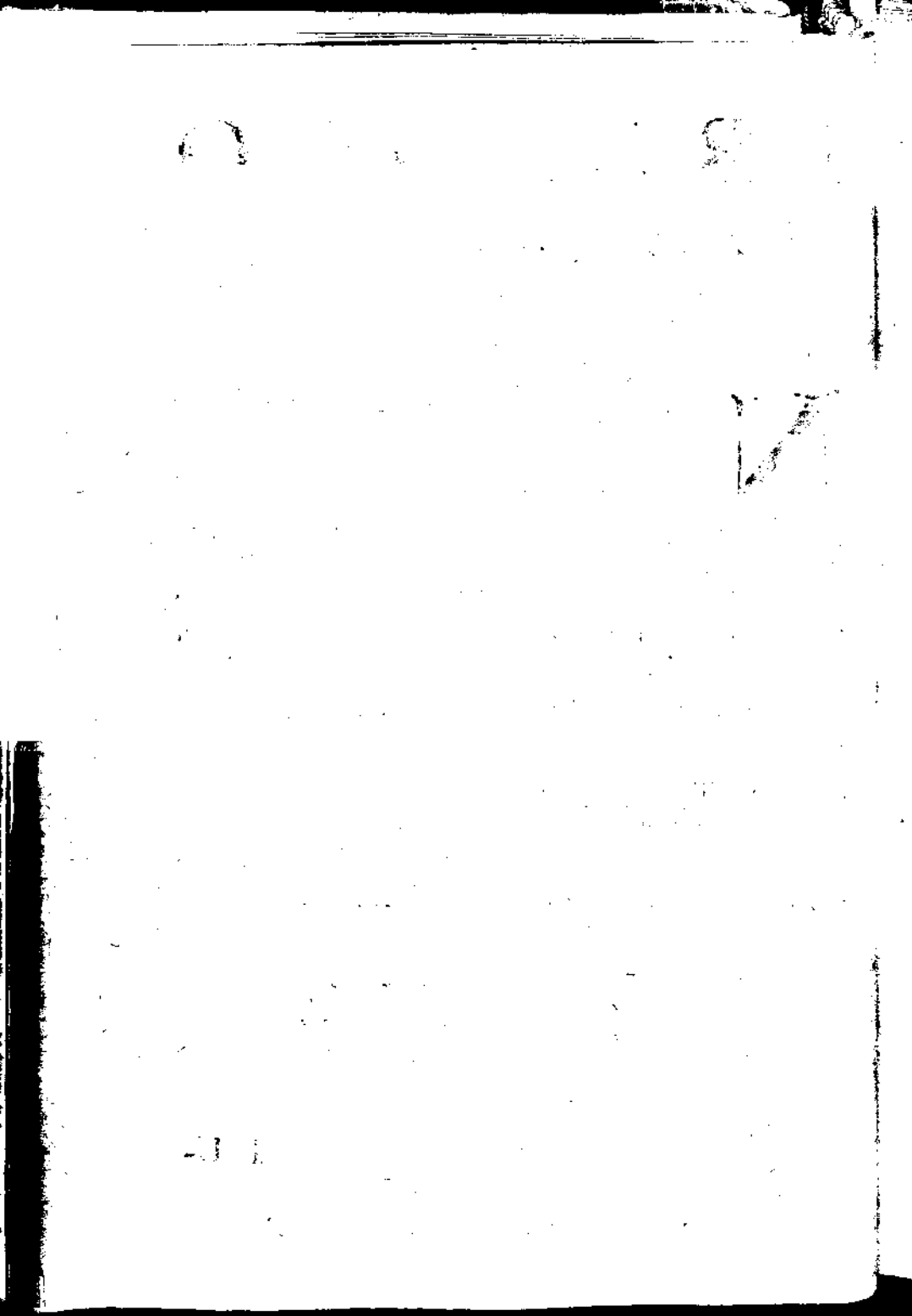
O Licenciado *Nada lhe eſcapa.*

PRO-

# PROLOGO

## A TODO O FIEL LEITOR.

NAõ te chamo amigo, porque nos naõ conhecemos: ſe te chama o teu peccado pelo caminho das Turinas, neſte papel tens o melhor arrieiro das modas. Se fores tolo, nada entenderás. Se fores diſcreto, de tudo te darás por entendido. Se fores Faceira, naõ te rias, que contigo fallo. Se fores homem de bom goſto, perdoa-me o ſatyrico pelo verdadeiro. E para que ambos nos accommodemos, deſculpame tu a paciencia de o eſcrever, que eu te deſculparei de o leres a curioſidade; porque, entre ambos, venha o demonio á eſcolha.

*Vale.*

T U-

# TURINA QUOTIDIANA,

## SEMANA PECCADORA,

e Oitavario de ocioſos repartido em ſette Capitulos.

### CAPITULO I.

*Do Domingo todo o dia.*

EM Deos amanhecendo, ſe levantará o verdadeiro Faceira, e ſahirá á janella, a ver como eſtá o tempo, deſejando entranhavelmente que ſe lhe naõ eſtirem os cabellos, e ſe lhe naõ çujem os çapatos, e o veſtido; cantando em falſete a primeira letra, que

lhe vier á memoria, as quaes saõ pela polha:

*Para que es, amor tyrano,*
*Tanta flecha, e tanto sol?*

E muito melhor

*No le pidais ojos mios*
*Lagrimas al coraçon.*

Cantando, ou ganindo, conforme as suas posses, como mulher, que nina a criança, ou cozinheira, que lava a louça. Lavar-se-ha logo com toda a impertinencia, e começar-se-ha a vestir continuando a mesma musica: vestido já, se entregará de todo o coraçaõ a hum espelho, voltando-se diante delle, como boneco do carro dos Tanoeiros. Tirará o toucador com toda a brandura, pegará no pente com toda a modestia, e, já ganindo, já soffrendo, dará com todo o papeliço nos dentes do pentem. Aqui he o pentear, tomando ás cavalleiras o cabello, deixando desamparado o toutiço, ou por caridade pagando-lhe os alimentos no bugre. Na testa o levantará arrepiado, como quem está vendo hũa cousa má no espelho. Cingirá o quitó, ou espada, pegará no chapeo em fórma de bacia das almas, e chegando outra vez a reconciliar-se com

com o eſpelho, por alguma venialidade de compoſtura, começará a preparar-ſe de cara para aquelle dia, ou ſeja de olhos dormidos, ou de deſprezilhos beiçudos, ou de melancolia carregada, ou de benignidade rizonha: em fim, o que lhe cahir mais em graça.

Sahirá para fóra bamboleado de corpo, e afframengado de geſto, entre arremeſſado, e direito, já ſe entende que com braços de arame, e luvas de manopla, que fazem o braço mais corpulento, com que as trará calçadas em todo o caſo: chapeo de tres ventos, que com o que vay na cabeça fazem quatro, empoleirado no ſobaco eſquerdo, com o myſterio de ſer concavo o ſobaco; porque em hum Faceira ſempre anda o chapeo no vazio, a cabeça ſempre ao ar, como em ſeu proprio centro, e o chapeo retirado por poupar o deſgoſto ao topéte, como ſeu total inimigo. Aſſim preparado, caminhará o noſſo Faceira para a Igreja, onde houver Feſta, e na falta della reccorrerá em todo o caſo ao Lauſperenne, que neſte particular he allivio de triſtes, e conſolaçaõ de queixoſos.

Entrará na Igreja arraſtando o çapato, e rapando com a ſóla, que faz o paſſeio mais ay-

roſo, e viraõ as mulheres á bulha; agoa benta por toque, e oraçaõ por remoque: benza-ſe com as luvas, que fazem as acçoens mais airoſas; e poſto de joelhos, em fórma de Farizeo da paciencia, namore a primeira Miſſa que lhe ficar em conta, naõ lhe eſquecendo as circunſtancias, de ſe levantar ao Evangelho, com as pernas largas, e fazer as cortezias com trocadilhos de pernas. E niſto, e em tirar o lenço do vicio, e affagar o cabello, ſe ouve hũa Miſſa n'um ſopro.

Logo, poſto o chapeo a mammar, a maõ direita, ou na algibeira, ou no ſeyo, com deſcuido, e deſprezilho, ſe paſſará á Capella maior, ou Cruzeiro, ficando de meio perfil para o povo, ainda que as coſtas para o altar, porque a legitima Faceira tem ſuas neſgas de herezia. Alli he tirar o lenço, como quem lança a rede no pégo do auditorio: e ſe picar o peixe mulher, irlhe lançando a iſca da namoratoria. Se achar perto homem do ſeu vicio, com os meſmos, ou mais gráos de Faceira, lance as linhas á pratica, valendo-ſe do bom equivoco da jocoſidade traveſſa, ſempre com os olhos no agrado dos mamos da vizinhança.

Se quizer mais á ſezuda com os olhos dormidos,

midos, e boca de melancolia, pegue-ſe a algum Fidalgo, que ahi eſtiver, que ſaõ eſpeciaes advogados do conhecimento, e a dous dedos de converſaçaõ, eſtá hum homem reconhecido por grave. Pergunte ſe foi ElRey para Salvaterra. Falle na guerra do Imperio com muito conhecimento: que hũa peſſoa muito de dentro lhe moſtrou copia da carta de Sua Mageſtade Polaca; que eſteve na Corte Real; que hum Cavalheiro lhe mandára a Gazeta; individûe a tomada de hũa Praça, dizendo teve hũa carta do Conde Eſtaramberg; naõ lhe eſquecendo aquellas palavras de Aproches, Ataques, Choques, Senhores, Eleitores, Cabos, Ungaros, Infantaria Polaca, e outras palavras, que inculcaõ noticia, mettendo a maõ na algibeira, dizendo: Naõ ſei ſe trago aqui a carta; verá em hum inſtante o Fidalgo chamando primos aos Cabos do exercito; as velhas, que eſtiverem mais perto, poſtas em acçaõ de perguntar; e as moças circumvizinhas a tiro de aſſiſtencia com deſinquietaçaõ na viſta, deſcuidos de manto, e cuidados de leque.

Acabada a Feſta, ſahirá para fóra, ſempre pelo meio da Igreja, rapando com o pé, coleando-ſe com a cabeça, o olhar entre carregado, e

piſco,

piſco, emborcando-ſe com todo o corpo para as peſſoas do cortejo; e poſto no adro, tomará a ſua meia hora de eſtafermo, com pernas largas, careando-ſe já com as lindas, já com as galhardas, que alli todas ſaõ paſſageiras: chegando hum bom rancho, cahir-lhe-ha ao rabo, e irá eſcudeirando em ſecco. Na primeira eſquina fazer na volta de caſa, que ſeraõ horas de jantar; e ſe lhe naõ chegar a ſua hora, eſſas ſaõ as circunſtancias de bom Faceira: e quanto menos encher a barriga, tanto ſahirá depois mais fidalgo da cintura

De tarde ſahirá para fóra o bom Faceira, depois de tomar o ſeu refreſco de polvilhos, com o ſeu lenço molhado; e ſe os polvilhos forem de farinha, e agoa do pote, (que val o meſmo que paõ, e agoa) ſerá remoque de parcimonia, que houve na ſua meza, e abſtinencia mui acceita no Tribunal da Turina. Dará logo comſigo na feſta de maior nome, ou Lauſperenne *me fecit*, entrando ſempre pela Igreja com os pés de raſtos, ou arraſtando os pés, para que Noſſo Senhor lhe acceite as paſſadas. Deixará cahir a luva, pôr-ſe-ha de joelhos de compaſſo, benzer-ſe-ha de eſpirro; e paſſando-ſe a lugar publico, onde

onde vizivelmente ſe dê a ver ao povo, e ſedeixe namorar da femea, alargue bem as pernas, e coleando a cabeça, affague os moſtachos, deſencalme a teſta, e dê hum arroto á ſurdina, a modo de quem tem jantado, (que talvez ſeja mentira) e conſtitua-ſe regalaõ. Com eſtas, e outras equivalentes traveſſuras, irá namorando de eſtafermo, recorrendo de quando em quando ao lenço molhado, dizendo aos circunſtantes aquella palavra: Grande calor! Pegará nelle a modo que lhe toma o pezo, e com elle correndo o roſto, detenha-ſe em chegando ao paſſo do nariz, para que cuidem que cheira.

Se ſe deſpovoar o lugar dos leques, ſahirá para fóra com as emborcaçoens coſtumadas, e começará a namorar arruado, por onde lhe cheirar a maior concurſo; chapeo no ſobaco, maõ direita no ſeyo em poſtura de frio, as pernas ao lançar zambras, ao pôr inteiriçadas; e neſta fórma irá correndo as ruas, detendo-ſe (como caõ, que toma o faro) ás janellas, onde houver couſa digna de reparo, e nas eſquinas para tomar o vento; remettendo-ſe logo ao lenço, que he o alcoviteiro das diſtancias, com que ſe negocêaõ as correſpondencias. Feitas eſtas

estas ceremonias com limpeza, eu o dou por verdadeiro Faceira dos Domingos, e he approvado.

## CAPITULO II.

## *Da segunda feira.*

NEste dia se levantará o verdadeiro Faceira, espreitando sempre o tempo, porque lhe dóe o cabello com elle humido, e arripia-se-lhe com elle ventoso; e he lastima, na verdade, têlo de noite muito empapelado, para o ver de dia descomposto. Vestir-se-ha conforme o ritual dos Domingos; porque para estes peccadores todos os dias saõ santos: este dia he commũmente desoccupado; se naõ houver festa votiva, passee-se a sua manhaã em casa, de bonete, e roupa de chambre; continûe na janella, cantando pela boca pequena, esgaravatando as janellas da vizinhança, e chamando comadre á regateira das ricas sardas: assim passará a manhaã a secco, e o jantar em claro; porque o verdadeiro Faceira ha de comer de successo, e naõ de proposito,

poſito, desjejuando-ſe venturoſamente em caſa de hum amigo, que naõ ande no meſmo fadario: naõ faltando com tudo, ás ſuas horas, com a providencia de hum palîto vádio, como os dentes de ſeu dono.

De tarde, bem trabalhado de veſtido, e de cabello, ſahirá o noſſo Faceira a dar hũa volta ao ſeu bairro, namorando de boſarinheiro, apregoando, com muda oſtentaçaõ, os punhos, a cravata, a fitta, e o minimo trapinho, com que ſe achar na ſua limpeza. Daqui dará ſua chegada ao Lauſperenne, pelo que póde ſucceder; que tal vez, quando hum Faceira ſe naõ precata, ſe acha com hũa criſta á ilharga, em que dá por bem vingados os polvilhos daquelle dia: aſſim o gaſtará o noſſo Faceira no Lauſperenne, e no paſſeio; porque o Faceira verdadeiro ha de ter Lauſperenne infuzo, e paſſeio *gratis dato.*

## CAPITULO III.

## Da Terça feira.

NA Terça feira ſe levantará o bom Faceira, fazendo interiormente hum acto voluntario de ir namorar ao Rocio, para o que trabalhará em ſeu corpo tudo o que couber na esfera de ſeu namorado eſpirito, ja na curioſidade do cabello, ja na impertinencia do veſtido; deſejando de todo o ſeu coraçaõ ajuſtar-ſe ás regras da mais rigoroſa, e eſtreita Turina: para o que conſultará o eſpelho, enſaiando o vulto naquella poſtura, que lhe ficar mais a geito, e mais airoſo, naõ perdoando á diligencia do pente repetido, e eſcova eſcrupuloſa.

Aſſim preparado, irá, em feiçaõ de andor, até S. Domingos, entrará na Igreja com hũas continhas, que ſe naõ enxerguem, e hũas Ave Marias, que ſe naõ eſcutem, rezadas de biz biz: fará oraçaõ de balde, bolindo com os beiços de cór; benzer-ſe-ha de ſino ſámáõ, e com

com o focinho, em fórma de papagaio, torcido para o povo, a examinar se ha povoaçaõ de manto.

Daqui sahirá ao adro, cortejando o auditorio com hypocrisia de debruçado, vaidades de urbano, e prevençoens de conhecido. Logo, posta a cabeça no ar, (como em seu centro) irá lépido, saltando por debaixo dos arcos, como gozo do cego Cupido, mettendo a cara a todo o genero de femea, que se lhe for offerecendo: aqui dirá hũa frialdade a hũa tapada, com seu equivoco de pé forçado, e aquillo de Sol entre nuvens, e aquelloutro de lo nublado, e deste hum chuveiro de parvoices, fazendo boquinha de jarro, e cerceando a moeda corrente do (vossa mercê) repetido, com lingua pirguiçosa, e expressiva considerada.

Se a lindeza se humana á compra, encostar-se-ha na tenda, como se professasse bolsa, rondando os perigos do dispendio, nos arrojos de namorado: e se for taõ desgraçado, que entenda que a compra vai vindo a furo, trate de escoar a colleira, a modo de que o chama hum amigo, e naõ se metta em outra; que nos contratos de Cupido, nem todos os que se lhe atrevem

á venda, ſe lhe atrevem á compra.

Paſſar-ſe-ha á feira das flores, (ſe o naõ obrigar a conſciencia a que fique na das beſtas) alli namorará ſobrepoſſe a ramalheteira, que lhe cahir em graça, armando com ſeus ramos ás paſſagens, e convidando as chamarizes, que houver no campo, com as pecuinhas de diſcreto travesſo, e ramalhetes a toda a femea viva, com aquellas lindas palavras, de que as flores buſcaõ ſeu centro, que ſempre as flores foraõ tributo da Primavera, e outras antigualhas do cortejo, que ja vaõ vivendo como caruncho; porque o legitimo Faceira ha de ſer razo de conceito, e ſuperficial de diſcurſo, tudo côdea, e nada miolo.

De tarde Lauſperenne, e vir acabar o dia no adro de S. Domingos, paſſeando inteiriçado, ou eſperando as eſcorralhas da feira a pé quedo; e mais proprio he, encoſtado á Cruz com vizagens de melancolico, olhos de bizouro, e boca de rafeiro, repetindo pauzadamente aos paſſageiros aquelle fiambre das cortezias: Criado meu ſenhor; e ſe tiver fadario de eſquina, tambem nellas póde ir acabar o dia, com grande conſolaçaõ de ſua alma.

C A-

## CAPITULO IV.

## *Da Quarta feira.*

DIa desoccupado he tambem a Quarta feira, com que o nosso Faceira namorará *ad libitum*, onde quer que se lhe offerecer aviamento, naõ faltando com tudo ao ritual das posturas, e ao ceremonial das estravagancias, como mais largamente se contêm no Capitulo do Domingo; (que he o arrieiro de todo o anno) mas para que individuemos o mais proveitoso, e o que mais se ajusta ás verdadeiras Leis de Faceiras: Gastará commũmente o nosso esta manhaã em casa, aproveitando-se do que ficar a tiro da sua janella, desobrigado da assistencia, desta, ou daquella Igreja, tirando se houver festa de estrondo; porque nesta he o Faceira preciso estafermo: e tirando se o Lausperenne estiver no bairro; porque entaõ naõ he outra cousa o Faceira legitimo, mais que hum Mercurio apolvilhado.

Nestas manhaãs, se daõ commummente

ferias

ferias ao veſtido, e folga ao cabello, examinando-ſe as faltas em todo o oitavario, providencia para levar ſem ellas a ſemana ao cabo: dobrar lenços, deſencarquilhar punhos, as meias ſe eſtaõ a ponto, os çapatos ſe vaõ dando ao chichélo, e as mais ſavandijas ſe neceſſitaõ de algum refreſco, para continuar ſua derrota até o Sabbado; ſobejando-lhe algum tempo, naõ ſerá deſaprazivel ſua hora de liçaõ de *Cryſtaes da alma*, empenhando a memoria com o ſuave de ſeus Romances, e feiticeiro de ſuas frazes, o doutrinal de ſeus diſcurſos, e o divertido de ſeus epîtetos; achando-ſe no cabo do anno o bom Faceira com adubos para compôr, e adereçar hũa carta, ſem andar deſinquietando a biblioteca das novellas, puxando pela capa a hum amigo, que lança bem as cartas; porque *Cryſtaes da alma* verdadeiramente he a Cartilha para as crianças da fineza, e bixanos da namoratoria.

De tarde poderá o noſſo Faceira ir até a caſa de algum amigo, ou freguez da meſma Turina, pondo-ſe a converſar em voz alta, batendo o mato pelas janellas da vizinhança; fallará nos verſos, gabando muito os do Chagas, e repetirá a Decima de Feliciana de Odivellas, to-

cando

cando em algumas grades, em que a converſou, ao diſcreto, e ao noticioſo; e moſtre aſſim cabeceando, que tambem faz a ſua Decima para gaſtos de caſa.

Applicado ao que vai na rua, entenderá com toda a couſa viva, ſem haver mulher de peixe, de reinol d'orta, de varas de caça, que naõ leve ſeu equivoco a propoſito do meſmo; á da caça dirá: que naquella caça gaſtára a ſua polvora; á da reinol d'orta: que naquella giga fora pappa ameixa; á do peixe: que fora peixinho, ſó por ir naquella celha; e outras diſcriçoens da meſma maſſa.

Se paſſar mochîla com cavallo á maõ, pergunte com voz imperioſa: de quem he eſſe potro? E ſe vir o mochîla de bõa avença, mandar-lhe-ha dar voltas, e paſſeios diante da janella, gabando-o muito de largo, e de bons peitos; e reparando-lhe no focinho, diga que he alegre: e naõ he novo, que ſim ha cavallos, que ſempre andaõ rindo como elle. Daqui paſſará o noſſo Faceira pelas contingencias do encontro do Lauſperenne, rabiſcàndo de caminho o que houver de janella, e ſe recolherá para caſa taõ vazio como ſahio della.

C A-

## CAPITULO V.

## *Da Quinta feira.*

Á Quinta feira difporá o bom Faceira de fua peffoa, como lhe parecer que ferá mais acceito no Tribunal da Turina. A manhaã ( naõ havendo Fefta votiva, nem havendo palmo de femea, com que fe naõ defínquietaõ os adubos da namoratoria ) occupará o bom Faceira em preparaçoens para a tarde: entaõ fe irá ao pafseio pelas ruas de fua obrigaçaõ, naõ faltando ás do aceno do lenço, e ás da parada no canto.

Faça por ter conhecimento na cafa do jogo, ainda que paffe nella em jejum de mefa, como de bolfa: mas aproveitando-fe fempre da publicidade da janella, inculcando tafularia; que o perdulario he alcoviteiro do dadivofo, e, fem pegar homem em cartas, abre hũa eftrada Coimbraã para introduzir as fuas.

Verá tambem ( e efte he documento importantiffimo ) fe póde de quando em quando

agar-

agarrar hum amigo, que o leve á Comedia por contrapezo, e será hũa gloriosa tarde: (de camarote se entende) alli estará mui exposto, e escarrando ao povo, fazendo primeiro pesquiza geral de camarotes de femeas, esgaravatando rótulas, e espreitando cortinas. Logo cortejará as Comediantas, que chegarem aos pannos do vestuario, inculcando continuaçaõ no conhecimento: entrada a Musica, fará o compasso dando á cabeça. Depois celebrará muito o conceito da Comedia, com hum cabeceado beiçudo, e noticioso: se lançar relaçaõ a primeira Dama, volte no cabo com cara de maduro, e aquellas palavras: Resolutissima! Mui bem se põem esta mulher nas tablas! Affeiçoe-se muito ao baile, tentado da solfa, e despreze o Entremez, attendendo-o, quando muito, com hum rizote secco: e voltando para os amigos, dirá meio morno, pelo lacaio: Tem sua graça este bebado!

Dê-se o Faceira por venturoso, se puder pilhar hũa tarde destas, de quando em quando; e será ouro sobre azul. A' quinta feira he Comedia nova, nesta tarde está desobrigado do Lausperenne; porque, como já advertimos, esta he occupaçaõ de remedio, e naõ de capricho.

## CAPITULO VI.

# *Da Sexta feira.*

Á Sexta feira se levantará o bom Faceira, sem lhe lembrar mais Deos, nem Santa Maria, que he ir dar comsigo na Trindade a fartar-se do concurso, que vai ao Santo Christo; que ainda que tem amainado muito, talvez entre as malvas das velhas, e as ortigas das mercieiras, se colhe o malmequer amarello da bõa viuva, e o bemmequer branco da simplez donzella, que he sufficiente divertimento, se o Faceira for herbolario.

Para este emprego se começará a petrechar de lindo, e de airoso; e precedendo hũa impertinente accommodaçaõ de vestido, e hum rigoroso exame de espelho, se encaminhará para a Trindade, com todas as observancias da Turina: examinando o concurso, escolherá o posto, ou ja de centurio da pia, ou ja de estafermo do adro. Daqui poderá tomar sua porçaõzinha de Lausperenne, se estiver a tiro de passeio: e se ainda

ainda lograr encõtro, dê-ſe por bem affortunado.

De tarde, reformado o polvilho, e apurado de aceios, irá o noſſo Faceira vagaroſo, e deſencalmado até S. Bento; entrará na Igreja, aframengãdo muito o movimento, entre corpulento, e entezado, dando-ſe muito a ver á gente: e rezado o ſantiamen, voltará para fóra, a eſcolher poſtura, ja converſando em roda, com as pernas largas, ja cozinhando palavrinhas ás paſſageiras, ja (e eſta he mais a propoſito) na poſtura de ſolitario, entre carrancudo, e pirguiçoſo, arrimado a hũa columna, com izençaõ Cavalheira; e alli peſcará o que ſe lhe roçar pela vizinhança.

Dará hũa chegada ao Convento das Francezas; e examinada a devoçaõ dos leques, ſeguirá o primeiro norte de manto, que ſe lhe encaminhar para o bairro, eſcudeirando nômes, e requeſtando tregeitos; para o que ſe valerá muito da alcovitarîa do lenço, e do abano do chapeo, com que, a pezar da mãy mais olheira, ſe encaixa hũa cortezia de aba beijada. Eſta tarde diſſimule com o Lauſperenne; porque nella, ſó o adrozinho de S. Bento dá tarefa, para o anno todo inteiro, ao Faceira menos affouto.

## CAPITULO VII.

## *Do Sabbado.*

AO Sabbado ſe contentará o bom Faceira com o Lauſperenne, que Deos lhe der, nem de manhaã tem mais a que appellar; porque as Miſſas de Noſſa Senhora madrugaõ deſorte, que naõ tem hum homem tempo de narcizar o vulto: e em jornadas de madrugada, ſahe o cabello em molhos, e recolhe-ſe em tripas; e o mais ſaudavel he paſſar a manhaã de bonete, abohorando o cabello para a tarde, e preparar a ſua limpeza, para quando chegar a hora de ir o fato á rua. De tarde, dê hũa viſta de olhos ao Lauſperenne, e dahi á Ladainha a S. Domingos; e entre eſtafermo do guardavento, e eſtaca do adro, ſe gaſta hũa tarde arrezoadamenet.

Recolher-ſe-ha para caſa dando graças â fortuna, de ſe ter conſervado o veſtido em ſerviço da namoratoria, e muito mais em ſe lhe acabar a ſemana em ſerviço da Turina, agradecendo-lhe

do-lhe o que negociou na ſemana; ja ſejaõ conhecimentos da eſquina, ja da çarta, ainda que ſe ache com a meſma fome, com que principiou a ſemana; porque o verdadeiro Faceira ha de ter mais dous vazios, o da cabeça, e o da barriga.

Ja em caſa, ſe porá em freſco, dando hũa barrella ao minimo trapinho da ſua galla; ao cabello dar-lhe-ha mais hum garrote, para que lhe fique melhor a carga dos polvilhos; á cravata, e punhos, dar-lhes-ha o ſeu ſabaõ; aos çapatos zurzir-lhes-ha o couro com hũas mãos de unto; e ainda que tenhaõ hũa abertura por baixo, e façaõ agoa, tudo diſſimula hũa crena de cebo: ao chapeo, dar-lhe-ha com huns poz, e ainda que ja naõ eſteja para iſſo, tornará a ſervir como hum negro. Feita eſta diligencia, entrará na contemplaçaõ da ſemana vindoura, recordando o ritual de toda a ſemana. E com eſta occupaçaõ, ſem mais cuidado, ou mais vida, ſe porá o noſſo Faceira a tiro de Turco namorando até tomar o follego, e ſe o levar o demo, que eſte he o caminho, naõ importa; antes eſſe he o progreſſo de hum bom Faceira.

*Fundo da Obra, e cabo da ſemana.*

COM-

# COMPENDIO
## DE ALGUMAS ADVERTENCIAS, e obrigaçoens de hum bom Faceira.

PRimeiramente ſe o Faceira tiver ſege, ſerá outra tanta Faceira, que nem por iſſo fica izento aos eſtylos da Turina, inda que o eſteja ás injurias da miſeria; antes, ſobre os alicerces de Cavalheiro, creſce melhor o edificio do Turino. Sahirá do ſege com as pernas largas, o braço alteroſo, accommodando á ilharga o verdugo; ao entrar, pare barrigudo, e entezado, chamando por Mazullo. E naõ lhe ſucceda ter mochîla ſem alcunha, porque enfidalga muito a alcunha do mochîla: poder-lhe-ha chamar Pangayo, Periquito, Vezugo, Medronho, Morango, Sopapo, Sarilho, mas o Mazullo inculca melhor o maroto. Terá muito cuidado de enturiná-lo no veſtido, ainda que ſeja hum vivo frangalho; porque a moda vê-ſe no minimo trapinho: o mais pequeno, e o mais eſgalgado, eſſe ſerá o mais nativo, porque os mochîlas ſaõ como as cadellinhas de eſtrado,

que

que as mais famintas saõ as mais affidalgadas.

O cavallo, ainda que seja cavalla, ou pescada secca, nunca o deixe andar com a morrinha, ajude-o com o açoute, se naõ puder com a cevada; porque hum Cavalheiro moço até no sege ha de ser azougado. Faça-se curto da vista para tudo o que vir á pata, mas em vendo carruagem, cortezia a toda a cousa viva. Finalmente, á sua sege naõ chame sege, senaõ carruagem, ainda que seja hũa canastra velha, e naõ tenha mais prestimo, que para o serviço ordinario; as mais advertencias iraõ aqui entrechaçadas.

Terá o bom Faceira hũa folhinha de Lausperenne, a qual será obrigado a ler todas as noites, como Kalenda da namoratoria vindoura; será mui tentado dos versos, e grande taful das cartas bem lançadas, encaixando a hypocrisia original de fazer tambem a sua coplinha para gastos de casa; e ainda que se faça hum poeta de retalhos, vá vivendo de emprestimos: faça muito por merecer a opiniaõ, de que faz muito bem os versos, ainda qne lá por dentro seja hum asno; porque nesta arte naõ se daõ annos ao officio, nem se encarrega a consciencia com o alheio: e sem

e ſem lhe cuſtar hum ceitil de entendimento, nem hum baſaruco de eſtudo, póde ſahir hum lindo poeta, ainda que ſeja em carne hũa alimaria, que para iſſo mette officiaes na obra, e depois põem-lhe as ſuas armas emcima.

Será mui verſado em *Cryſtaes da alma*, e, para conſolaçaõ da ſua, hum *Allivio de Triſtes*, ou hum *Coco de contentes*, que tem pezares taõ bem carpidos, e dezaſtres taõ melancolicos, que metterâõ a gralha na alma a hum foliaõ da Arruda: mas póde fazer-ſe homem com aquellas authoridades alli taõ bem embutidas; que ha alli Novella, que parece hũa Thebaida. Tomarâ de cór os Romances do Chagas, gabando-lhe muito a doçura, como ſe fóra aquelle mel para a ſua bocca. Eſtudará epîtetos, que he prata quebrada para os encontros. A's damas encubertas chamará: Sol entre nuvens; ás ſezudas: Venus maduras; ás deſenvoltas: Chocarreiras de Venus; ás de leque: Peſte de neve, que mataõ pelo ar; ás de luto: Hypocriſias de alcorce, ou Crocodîlos de nata, que mataõ, e lamentaõ; encaixando-lhe a gloſa de que trazem o que naõ tem; aos olhos pretos chamará: Figas de Cupido; aos verdes: Negaçaõ da eſ-

perança;

peranças ; aos azues : Ciume da vista ; aos pardos : Traiçoens á beata ; aos pés chamará : Onças de neve ; ás mãos : Jasmins de carne ; e por este estylo lhes irá pondo cada feiçaõ em cada parte com dono : finalmente, chamará a toda a mulher : Senhora, ainda que seja criada.

Sobre tudo, ( e este será o seu maior emprego, e mais proveitoso, em todo o rigor do Ritual Turino ) cahirá no peccado original de Freiratico, exercicio, em que aproveitará toda a doutrina desta Turina quotidiana : ja estafermo na portarîa, ja centurio na Igreja, achandose sempre prompto a todo o motim de alentos, como quadrilheiro de Cupido ; e assistente a toda a baterîa de donaires atiplados, como soldado de Venus, ja na atalaya da janella, ja na cillada da roda, ja na estacada da portarîa, ja no baluarte do mirante, naõ faltando nunca no campo, como Alferez de lenço.

Guarnecer-se-ha, com tudo, contra os choques das serventes, e assaltos dos monazilhos, que saõ os Pégoens dos Mosteiros; e para quem tem a bolsa donzella, e a traz em couro, he precizo o recato : namore de estaca, expondose aos olhos christãos da portarîa, como para-

lytico de bolſa, e cego, que naõ vê pataca: que o bom Faceira he gaivota dos Moſteiros, por fóra muita penna, e por dentro muita laſtima; por fóra pennachos, e por dentro pennugens; por baixo ha de ſer hum corpinho esbrugado, e por cima ſó a pelle do veſtidinho.

Falle com tudo deſaffogadamente, diſcreteando na roda, com a cara ao auditorio; a roda ſeja ſempre da Fortuna, e Cupido ande alli com a cabeça á roda: ſe a conquiſta for com a meſma Rodeira, ſeja a roda de fogo, os deſdens foguetes, a tyrannia polvora, e o murraõ ahi ſe engenha de qualquer couſa; e fica cabal a metaphora.

Na grade ſempre reſpeitoſo, emborcando-ſe a todas aquellas Senhoras, barateando Eſtrellas, e profeſſando Dianas, ſem haver migalha de Freira, que naõ ſeja Divindade: e aqui cahem os holocauſtos, e as victimas lindamente, e ſe faz hũa bulha, como hum açogue.

Na Igreja muito embasbacado, dando o ſeu peſcoço a torcer para o coro: gabe muito Dona Fulana com a guitarra, moſtre conhecimento das muſicas, e muito mais dos papeis; dizendo aos circunſtantes: He de Marques; he

de

he de Caſtella; e cabeceará todo o Vilhancico, naõ faltando no cabo, nos applauſos de eſtillicidio, e no victor do lenço.

Madrugará a tomar lugar nas occaſioens de concurſo, e ja de aſſento dirá ao amigo, que vai paſſando: ( fazendo maõ de gafador de péla ) Para cá tendes, meu Senhor: e ſendo convidado com o meſmo, para cá tendes, fará cara de diabo, e torcendo o peſcoço, irá paſſando; porque aquillo he cumprimento de papagayo, que ſe diz ſem haver piſca de aſſento, ou laſca de banco.

Irá de quando em quando aos arcos do Rocio á gandaia dos encõtros,e ao rabiſco dos acertos,q̃ alli he a feira quotidiana dos mantos,e emprega ſempre hum homem os ſeus polvilhos,e leva para caſa a bõa droga dos conhecimentos.

Será obrigado, pela Quareſma, a ſaber onde ſe ha de exercitar: ás Quartas de tarde no Carmo: ás Quintas de manhaã na Trindade: ao Sabbado de tarde na Graça: ás Terças de dia em S. Domingos, ou onde houver mais bulha: venturoſo do que puder enfiar duas Igrejas, e deſobrigar-ſe em duas Freguezias.

Em dia de Prociſſaõ, tomará pirolas de

 azou-

azougue, ſem parar em hũa parte, eſpalhando-ſe como eſpadana das ruas, bebendo janellas, engolindo cortinas, e ajuntando a iſto hum chapeo taõ limitado, que ſe lhe conforme com a cabeça: huns çapatos taõ compridos, que naõ pague ſó os altos de vazio: quitó de naſcer, cazaquinha de arregaçar, luvas de manopla, e cravata de criança. E ſe tiver ſege, ſupponha que eſgotou a ſua felicidade.

Tendo eſta carruagem, ſerá devotiſſimo de ir nos Sabbados á Madre de Deos, que he muito meritorio; porque a ſahida he alegre, e vai hum devoto ſentado a ver gente. Nas mais funçoens de todo o anno, tenha pontualidade, advertindo que nos dias de Santo Antonio, Novena de S. Franciſco Xavier, e S. Caetano, he o entrudo das ſeges, a Paſchoa dos polvilhos, e a çafra dos encontros.

Obſervado finalmente eſte eſtatuto, e ainda mais algum abanico, q̃ ſe eſpera do ſeu bom genio, ficará o bom Faceira no verdadeiro gráo de Turino, ſem mais Deos, nem mais vida, que hũa vadiarîa tolerada: e ſe lhe chamarem Herege urbano, ou Turco politico, naõ faça caſo; porq̃ ſendo hum homem bom Faceira, leve-o o diacho com muita honra.

ANA-

# ANATOMIA ESCRUPULOSA, FEITA NAS ENTRANHAS da Turina quotidiana,

## *Dãdo-a a conhecer aos maldizentes para os convencer, e para os zurzir.*

ORa Cayo Lucilio ( que foi hum Author de bõa feiçaõ ) naõ foi muito baboso quando disse que naõ queria que lhe lêssem os seus papeis nem os muito rombos, nem os muito agudos; porque aquelles entendiaõ menos do que era, e estes mais do que havia de ser. Ey-lo succedido com a Turina Huns disseraõ: he asneira; outros: he satyra; e os menos: he galantaria. Senhores Areopagitas sem granacha, ou Senhores Licurgos em coeiros, vamos de vagar, que nem tanto, nem taõ pouco: ter a Turina por tôla, isso he ser mui rom-

rombo; tê-la por ſatyra, iſſo he ſer mui agudo: ſubaõ os rombos hum pouco, e deſçaõ os agudos outro tanto, e logo affinaremos a leitura, e ſahirá o papel com a conſonancia de galantaria.

Que cuidas tu que vem a ſer a Turina, mais que hũa jocoſidade diſcurſada, ou hũa cenſura jocoſa? E quando muito, dá hum vexame a dous titeres, que tu meſmo em os vendo te acotovélas com o teu amigo: e quando mais, reprehende a affectaçaõ dos trajes, a occupaçaõ dos vadîos, e o deſvanecimento dos neſcios: e quando tudo, condena, ſem carranca, o meſmo que a razaõ culpa, a prudencia abomina, e o bom goſto moteja.

Iſto vem a ſer a Turina; hum cadafalſo de dous bonecos, que ſahem a baraço, e pregaõ, por falſificadores do polvilho, ſectarios do galanteio, incendiarios de Cupido, piratas das modas, e amotinadores das feſtas. E contra que Lei he, que ſejaõ as galantarias algozes, quando naõ ſaõ os titeres delinquentes? Ora, amigo maldizente, vai bugiar, que, ou es Faceira, que fallas de dorido; ou neſcio, que te dás por culpado.

E que cuidas tu que faziaõ os Egypcios?

(que

( que foraõ os Barbados da prudencia, e os Catoens da melancolia ) Que cuidas que faziaõ os Oracios, os Ovidios; senaõ esfalfarem-se, para motejar trajes peregrinos, moços ociosos, costumes depravados? E isto como? Moendo a gente com dialogos, em que vinhaõ figuras, como caõ com gato, rapoza com gallinha, lobo com ovelha, e alli fallavaõ como huns papagaios, até os mesmos mochos; e diziaõ as tres mil leis, pouco mais, ou menos, e a gente dizendo com a sua boca callada: Que aqillo era para refórma da Republica.

Eis-que sahe a Turina, que he hum fallar de gente, e naõ de bicho, naõ de Fulano Lobo, ou de Sicrano Camello; e dizes tu que a Turina he satyra? E porque naõ direi eu que os que o dizem saõ satyricos? Dizes tu: A Turina diz mal; e pergunto eu: Os Faceiras fazem bem? Dizes tu: Quem mette a Turina com os Faceiras? Digo eu: Quem mette aos Faceiras a merecer a Turina?

E que disse a Turina, que tu naõ pudesses dizer como ella? Por ventura disse que o Sol era mulato, o Morcego Narcizo, o Caranguejo bem disposto, o Cûco divertido, a Cigarra

mu-

musica, a Arraã sonora, e a Gralha calada? Mas nada disto disse. Disse que estavaõ as Praças, e ruas feitas theatros de titeres, e bonecos, e que d'aqui sahia hum Adonis de retalhos, d'acolá hum Narcizo de engonços; e se fazia logo hũa dança de lindos, que parecia hum Paîz de enfeitados: e que havia moço fresco, que trabalhava com a curiosidade em seu corpo, como pudera em hum embrechado.

Tomára agora saber contra que veneraveis pretinas, e venerandas barbas; contra que calças Imperiaes, contra que mangas perdidas, e voltas enroscadas, gritou a Turina, para ser culpada, e mal ouvida? Devendo dar-se-lhe as graças, por sahir a hum bando de chascos, que enfadaõ como moscas, e ahi andaõ por essa Corte enxovalando a galla, ensambenitando a bizarria, e savandijando a modestia.

Mas vamos em fórma de discurso, que te quero aqui cirzir dous retalhos de Latim: e tomára que fosses çapateiro, quando o construisses, ou que o ficasses quando o lesses, porque naõ cuides que te naõ sabemos esgaravatar o genio com o palîto de noticioso. Em fim, tu tens murmurado como se foras hum arroyo, e que dirás

rás tu lá contigo, se te eu disser que murmuras de invejoso? Tu bem conhecestes Cicero; pois eu cuido que elle te disse hũa vez: *Sunt qui nihil laudant, nisi quod se comittari posse confidunt.* Que quiz dizer te, trocado em miudos: Que ha huns homens, que naõ gabaõ senaõ aquillo, que tambem podem fazer. Sabes, amigo Leitor, o que julgo, quando te ouço ler a Turina pouco satisfeito? Que te naõ atreves a outro tanto.

Naõ alcanças, por isso murmuras. Mas ás avessas: Porque murmuras se naõ alcanças? Farias tu outro tanto? Se naõ, porque fallas? Se sim, porque o naõ mostras? Olha cá, amigo Leitor, escuta o que te aconselha a Natureza em hũa extravagancia sua. Na Ilha de Samo achaõ-se duas Aves chamadas Emas, que naõ tem azas, nem linguas: nunca vi mais politica a natureza! Quem naõ tem azas para subir, para que ha de ter lingua para fallar? Escuta outra peior. Conta-se destas Aves, que, sem molestarem as gargantas, engolem brazas. Agora quero que te queimasse a Turina: tu, que nascestes sem azas, traga a braza, e calla a boca.

Assento lindamente, que nada do que lesse

ſte conſtruiſte. Leſte ſatyra, e devias ler chançaça: diſſeſtes que feria, e havias dizer que galanteava. Era aquillo mais que hũa taxa nos exceſſos das modas, e hum vexame no abuſo do traje? Pois pique, que naõ paſſa dos veſtidos, antes vai a fazer cocegas, que a abrir feridas. Leſte ſatyra, e podias ler galantaria. Procuráſte a ti hũa ignorancia, e a mim hũa deſculpa; por naõ paſſares do pateo dos olhos ao gabinete dos diſcurſos.

Demos que foſſe ſatyra: que te cuſtava ler com disfarce, onde naõ encontravas o teu nome? Põens-te a advinhar offenſas? Diſſe bem ká o outro (tu bem o conheces, que he hum moço, que diz o que quer) a hum, que era malſim de ſi meſmo, e ſe convidava para o cadafalſo?

No pienſes vá dirigido,
O' hombre, ati lo picante;
Que te dás por ignorante,
Se te dás por entendido.

O meu papel, quando te encontrou Leitor, naõ te fez eſtafermo: ſe cuidaſte que fallava contigo, queixa-te de teu penſamento; o que era para todos, ſó tu o fizeſte para ti: os

mote-

motejos communs ſaõ oculos de ver ao longe, por hũa parte tudo avizinhaõ, por outra tudo alongaõ: eſteve a culpa em naõ ſaberes ver; ſe ſouberas voltar o oculo, perderas de viſta, o que te pareceo que tinhas em caſa. Picaſte-te no ſatyrico: podias divertir-te no jocoſo. Logo ſe acertaſte com o peior, naõ me condenes a malicia, culpa-te na eſcolha; aonde foſte aranha; podias ſer abelha: e ſe na maõ tinhas o remedio, naõ paſſa de hypocriſia a tua queixa.

Se te põens em campo pelos Faceiras, vens a cahir no meſmo que culpas. Culpas na Turina, o dizer mal delles; e porque naõ culparei em ti o dizeres mal della? Se te defendes, que culpas nella o mal dito? Ella por ventura culpa nelles o bem feito? Amigo Leitor, ambos ſomos da meſma laya; porque ſe a Turina he ſatyra da Faceira, tu es ſatyra da Turina.

E niſto te canças? Olha, tambem a natureza faz ſuas ſatyras; mas de que materias? Que cuidas tu que he o perſovejo, o moſquito, o piolho, a pulga, a moſca, o rato, e o bizouro, mais que hũas ſatyras vivas, que a meſma natureza fez ao miſeravel do homem, porque foi peccante? O bizouro, que o ſuſurra; o rato,

 que

que o roe ; a moſca , que o perſegue ; a pulga ; que o morde ; o piolho , que o come ; o moſquito , que o importuna , e o perſovejo , que o pica. Meu amigo , ſatyra viva , olha que es ſavandija da natureza.

Naõ digas , que o meſmo exercicio tem a Turina : A ſatyra deſauthoriza, a Turina narra ; a Turina diz o que he ſer Faceira ; a ſatyra diz o que naõ he do Faceira. Tu naõ poderás livrar a Faceira : pois ſe tu naõ pódes defender a quem a exercita , como pódes culpar a quem a cenſura ? E ſe deſatinares em dizer que he bom ſer Faceira , digo que iſſo ſejas toda a tua vida , e que bõa Turina te caya.

Dou-te ja de barato , que a Turina ſeja deſtempero ; deſcobre a tua cara , e defende a pouſada da tua cenſura : dize alli , ou eſcarra os erros da pobrezinha ; mas põens-te lá a votar de careta , e a ſentenciar de maſcara , botando ás rebatinhas o teu : Naõ preſta ! Democrito ( naõ o conheças muito embora ) enſinou que o gallo cantava pela meia noite , porque áquella hora tinha já feito o cozimento , e ſe achava com o eſtomago vazio : elle bem poderá ſer mentira , mas iſto de ſe pôr hum homem ás eſcuras de poleiro

leiro, naõ deixa de ser final de vazio: mas dera-te eu o silencio por conselho; porque te póde cantar outro gallo.

Mas quem me diz a mim que naõ culpas tu a Turina, por te canonizares Faceira; tomando por tua conta o desempenho, por mostrar que te compete o titulo? Vamos de vagar, porque naõ ha que metter-se hum homem a Faceira, como a Feniz, e a ir como de novo com os adubos de casa, sem metter officiaes na obra. Meu amigo, isto de Faceira naõ está nas mãos das pessoas: tem altissimas graças que dar a Deos, quem, nascendo tal vez nos arrabaldes de Guiné, amanheceo hum dia com pernas de Francez.

Tu, poderá ser que sejas hum requinho, ou hum chasquete de primeira tonsura, que ainda agora te aponte o buço de bandarra, sumido de cabello, fanado de vestido, acanhado de pernas, e secco de palavras; que ponhas o chapeo em postura de diadema, que calces os çapatos com as fivellas para dentro; e finalmente, que naõ saibas qual he a tua maõ direita dos equivocos: e com este cabedal te queres metter a Faceira?

Pois

Pois por certo, que ſujeito ſei eu, que ſendo aſſaz copado de guedelhas, fraldado de roupas, enfarinhado de galantarias, eſteve arriſcado á privaçaõ de Faceira, activa, e paſſiva, ſem mais culpa que eſquecer-lhe, em dia de jornada, dividir em duas bandas o cabello com dous lacinhos, ou dous nós no cabo, a modo de cortininhas de oratorio.

Naõ ſuccedeo menos a outro, que eſquecendo-lhe em dia de concurſo encravatar-ſe de garrote, e veſtir-ſe de bonifrate, que val o meſmo que encurtar a caſaquinha, e entezar a fita da cravata, ſe gorou de Turina, eſtando ja empellicado de Faceira. Porquè, cuidavas que havias de ſer hum deſtes ahi a *gaudere*? E ſe tu tal vez ainda ſerás inhabil para a culpa, como te pões a querer enxovalhar a emenda.

Em fim, dize o que quizeres, que a tua vontade naõ eſtá obrigada a ſer entendimento, nem o meu a fazer-te a vontade. Se noſſo Senhor te abrir os olhos, verás que galantarias eſtaõ mui longe de ſatyras, e que Quevedo foi o Oraculo do gracejo, e ſó a eſtulticia da reſpoſta da Perinola lhe chamou ſatyrico. Ter eſte emprego, he ſó de dous generos de gentes, de

de malevolos, ou de patifes? ſe fores dos primeiros, Deos te dará o pago; ſe dos ſegundos, responda-te o meu deſprezo.

********************************************************

# ELOGIO DO M. TREMENDO PADRE Meſtre D. RELOGIO DE ARAGAÕ,

*Conego Extravagante das portas a dentro detrás de S. Vicente de fóra, junto a Santa Clara; á viſta de Santa Monica, Preſidente de hũa meſa de piques, Provador de odres, Proviſor das adegas, Lente de Prima de hũa Cadeira de eſpaldas &c.*

POR ordem, ou recado voſſo, ou do que der, e vier; vi com os olhos da alma, revi com toda a eſtulticia, e eſcarafunchei com toda a impertinencia eſta Obra intitulada: *Turina Quotidiana*, compoſta pelo Licenciado *Nada lhe eſcapa*, ou Bacharel *Que tu-*

*do*

*da aloança*, cujo nome he digno de andar gravado nas esquinas das ruas, e nos copos das espadas; pois soube erigir para si tantos applausos, descobrindo para os Faceiras tantos commodos. Neste papel achará todo o fiel Faceira o melhor espelho, o melhor livro, e o melhor unguento: digo, o melhor unguento para as mataduras do vestido, o melhor livro para as doutrinas do passeio, e o melhor espelho para as caras do seu estudo. Em fim, ao Author se deve o titulo de Colon das modas, Vasco da Gama dos Faceiras, ou, para melhor dizer, Lapidario das Turinas; pois aos diamantes toscos das gallas soube polir taõ engenhoso, como quilatar luzido, e sendo a traça a peste dos vestidos, elle resuscitou os vestidos com traças. Aqui se vê o çapato, que, morando no calçado velho, com hũa maõ de unto se mudou para o lagar do cebo; e o que foi arenque escallado, voltar linguado cozido. A meia, que tudo lhe escapava pela malha, está hoje em pontos, que nada lhe escapa. Os calçoens, que o tempo desterrou para Algibarrota, vemos em Cós de morada. A casaca, que tinha de Christaã velha dous dedos, ja hoje tem de Christaã nova dous quartos, fazendo

zendo do ſambenito derrota, galla de ſua miſeria: e a que no jogo dos annos eſtava desforrada, já hoje ſe põem com barato na rua. As mangas, que atégora eraõ canhoens na baterîa do tempo, já ſaõ peças na fortaleza do forro. O camizote, que ſendo de linhagem taõ antiga, como eſtirada, lá tem ſeus dous laivos de parenteſco com Olanda. A cravata, que com as voltas do mundo andava taõ pobre, que por hum fio andava, já hoje em huma volta de maõ tem renda com que viva: e a que no peſcoço foy chocalho da miſeria, he hoje garrote da Turina. O chapeo, a quem o Sol caſtigou como Icaro, abatendo-lhe as azas de cera, já hoje com tres cordelinhos, e poſto a tres ventos, anda bem navegado de aba. Em fim, tudo o que foy deſpojo dos annos, he triunfo dos paſſeyos. O veſtido, que fedia morto, reſuſcita Lazaro. A galla, que agonizou em deſmayos, já no Hoſpital da curioſidade cobra eſforços; e a que foy borboleta nos eſtragos; ſerá Feniz que renaſça em remendos. A fitta, que tinha de cordel as apparencias, torna a ſer novamente laço das vidas.

Finalmente, digo que era huma dôr de

coraçaõ ver a Confraria dos Faceiras taõ estendida na fama, como rasgada na fidalguia, sem Compromisso, sem Norte, sem Ley, sem Regimento, sem Regra, sem Agulha, sem Cartilha; e agora já tem Cartilha para os mysterios occultos da pobreza, Agulha de marear no largo Oceano da namoratoria, Regra para a disposiçaõ das pataratas, Regimento para o desconcertado das pernas, Ley para o culapar das ancas, Norte para o sequito das chulas. E se naõ, diga-me: que havia de fazer nesta Corte hum morgado da Beira, ou que havia de fazer nesta Cidade hum miseravel Bandarra, senaõ trazer as fivellas dos çapatos mettidas para dentro; porque a força dos joannetes occaziona estas desigualdades? Ligas nas pernas para mayor inchaçaõ das barrigas, capa de crescer, calçoẽs a mammar, porque junto ás têtas: com dous pires de prata por botoẽs, e a prata do boldrié, vem a fazer huma copa de bautizar, ou huma mula de coche com arreyos. O chapeo na cova do ladraõ, posto a modo de donato vagabundo. Se traz cabelleira, o topete sempre anda mettido nos olhos, e o rosto embutido em cabellos. A volta de renda de ponta, com

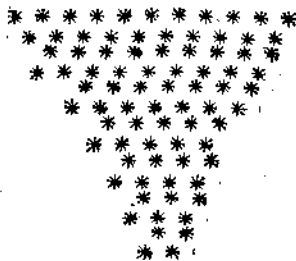
que,

que, ſe naõ he volta lavrada, he volta de ſua lavoura: a fitta do chapeo muito eſtirada pela copa, para que lhe conheçaõ a largura da fitta. E ſe o diabo os tenta a querer fazer tabola no jogo das Damas, levaõ tudo a puro dado; e vem hum dos noſſos Faceiras, que em hum ſopro lhe leva, á força da Turina, aquillo que o Beiraõ levou por força de moeda. Mas graças ao noſſo Author, que, deſterrando eſtes abuſos, já eſtes miſeraveis tem quem lhes encaminhe os paſſos; e naõ ſey qual ſerá agora o deſamparado do juizo, que ſe naõ deixe levar do eſtudo, e naõ traga comſigo eſte Livro, aonde a empreza he taõ opportuna, e a fraze taõ altiloqua: já no embrechado dos idiomas, já no encreſpado das maximas, já no empolado das ſimilhanças, já na fartura das hiſtorias, já na recopilaçaõ das noticias, infunde ao Villaõ mais groſſeiro o eſpirito mais Turino, ao Ratinho mais toſco o genio mais fantaſtico, ao chita mais çujo o aſſeyo mais garbozo.

Por cuja cauſa, meu amigo, me parece he digna a Obra de que corra por onde correr, ſalte por onde ſaltar, e logo ſe imprima tanto nas eſtampas da memoria, como nas laminas da

posteridade ; e se entregue nas maõs dos cegos, para que as vendaõ, ou como Gazetas, ou como Folhinhas : que he bem que cegos guiem a outros cegos, já que todos somos cegos. E declaro que toda a tardança, que houver em dar-se á imprensa, he taõ crassa a culpa, como fora a obra. Este he o meu parecer, taõ bom como o meu fucinho, porque no fucinho está o parecer. Hoje tantos ; e quantos, era, sem era, de tal, e quejanda.

*D. Relogio de Aragaõ.*

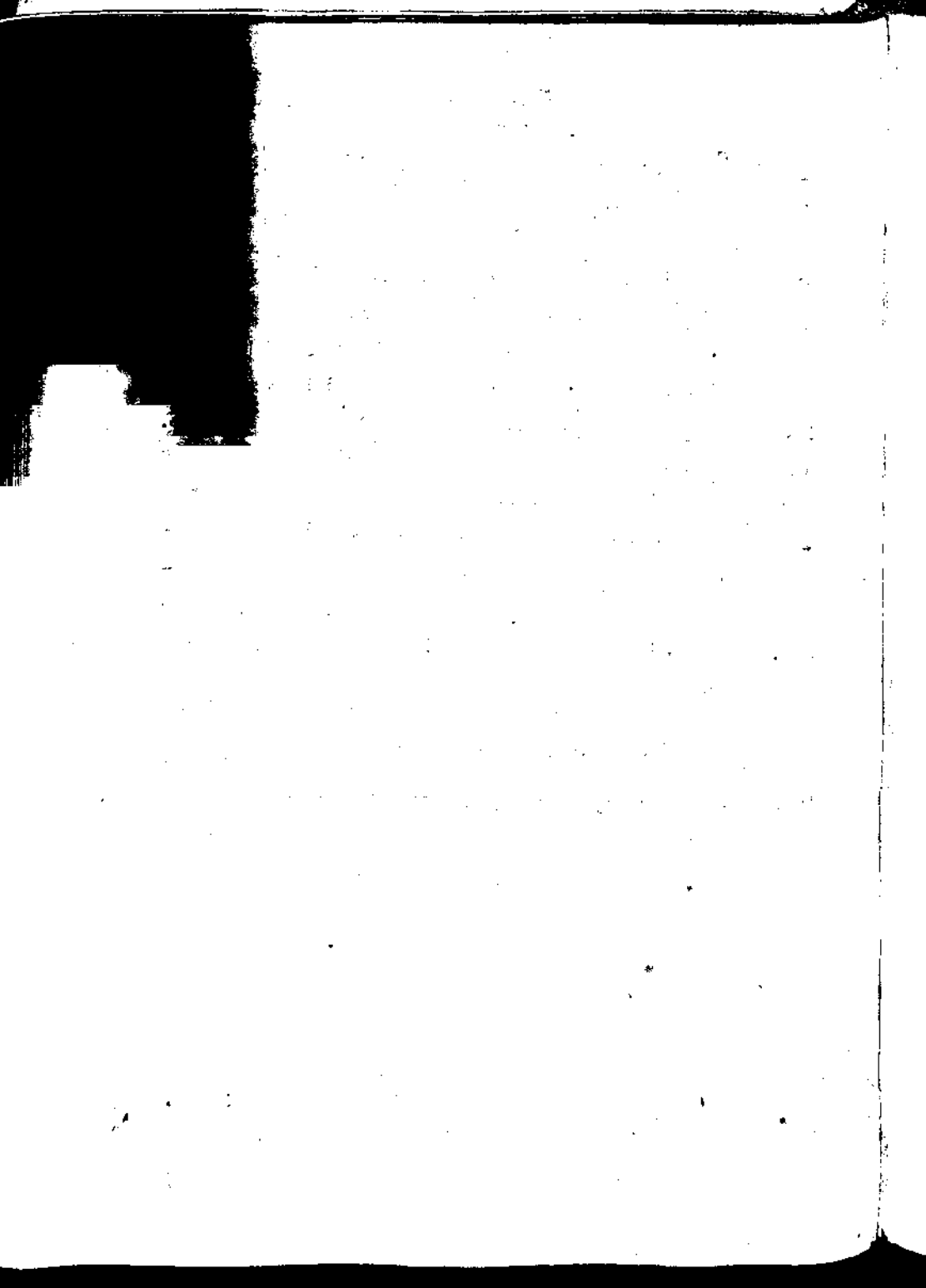
PA:

# PARECER
## DE
# D. QUIXOTE
## FRACA TRIPA.

TENHO feito isto, naõ a esta Obra, ainda que a Obra naõ necessita de censura; porque eu naõ sou homem que diga huma cousa por outra. Tudo o que o Author diz he bom, e taõ bom, que o condeno do pouco que diz: porèm como isto foy fraqueza do braço, e naõ do engenho, se naõ he culpa que se condene, naõ he defeito que se passe. Mas a que hydropico naõ pareceo o Oceano pequeno pucaro? A que goloso naõ pareceo a Confeitaria de doces huma só caixa? A que namorado pareceo a tarde de Mayo comprida; e a que taful no jogo naõ pareceo a noite de inverno breve? Com que venho a alcançar que, por ser muita a nossa sequidaõ, nos parecerá a agoa pouca; que val o mesmo que

dizer

dizer que, por ſer grande o noſſo dezejo, nos parece o papel acanhado. Bem conheço que he hum Oceano no profundo dos conceitos, ou no ſalgado dos ditos. Naõ ignoro que he eſte papel huma confeitaria, nas doçuras que guarda, ou nos bons bocados que leva. Naõ deſconheço que he huma tarde de Mayo, nas flores de que ſe veſte; e huma noite de inverno, nos divertimentos que inclûe: porèm que importa, ſe naõ ha hoje neſta Corte quem naõ ſeja taful de hum jogo de tantos divertimentos; namorado de huma tarde de tantas flores; goloſo de huma confeitaria de taõ bons bocados; hydropico de hum Oceano de tantos deleites: entaõ por iſſo o Oceano parece pequeno pucaro, porque todos eſtaõ hydropicos; a confeitaria pequena caixa, porque todos eſtaõ famintos; a tarde de Mayo curta, porque todos eſtaõ namorados; a noite de inverno breve, porque todos ſaõ tafûes. E em bom Portuguez val o meſmo que dizer que eſte papel he pouco, mas bom, ou que he muito bom, mas pouco: naõ podia ſer couſa melhor, mayor couſa bem podia ſer. Em fim, o Sol naõ ſe empenhou tanto em ter grande corpo, como em luzir muito.

Ahi

Ahi eſtaõ as Eſtrellas, que ſaõ menos luzidas, e ſaõ mais corpulentas. A taboa he pequena, mas excellente a pintura. O raſcunho he pouco, mas o raſgo infinito; e bem ſe póde dizer: *Muchos ſiglos de elegancia, em pocos raſgos de pluma*. Mas o mais certo he, que quiz ſer o Author de ſeu juizo avarento, por nos ver Lazaros. Quiz ſer Jupiter, por nos ver Tantalos. Com que, viſtos os Autos, dê-me o ſenhor Author licença, que tambem quero molhar nos Faceiras a minha ſopa, e dizer quatro palavrinhas ſobre a materia, ſem que alguem nos ouça. V. M. naõ deſconfie; porque cada hum he filho de ſuas obras. Contente-ſe, que quem dá primeiro dá duas vezes. A mim ferve-me o ſangue, em ouvindo fallar em Faceiras: trago-lhe bõa vontade a elles, que eu naõ tenho medo, mais ſenaõ de que me peguem a fome.

# ESPADANA TURINA,

OU

# PROCESSIONARIO FACECIO

*REPARTIDO*

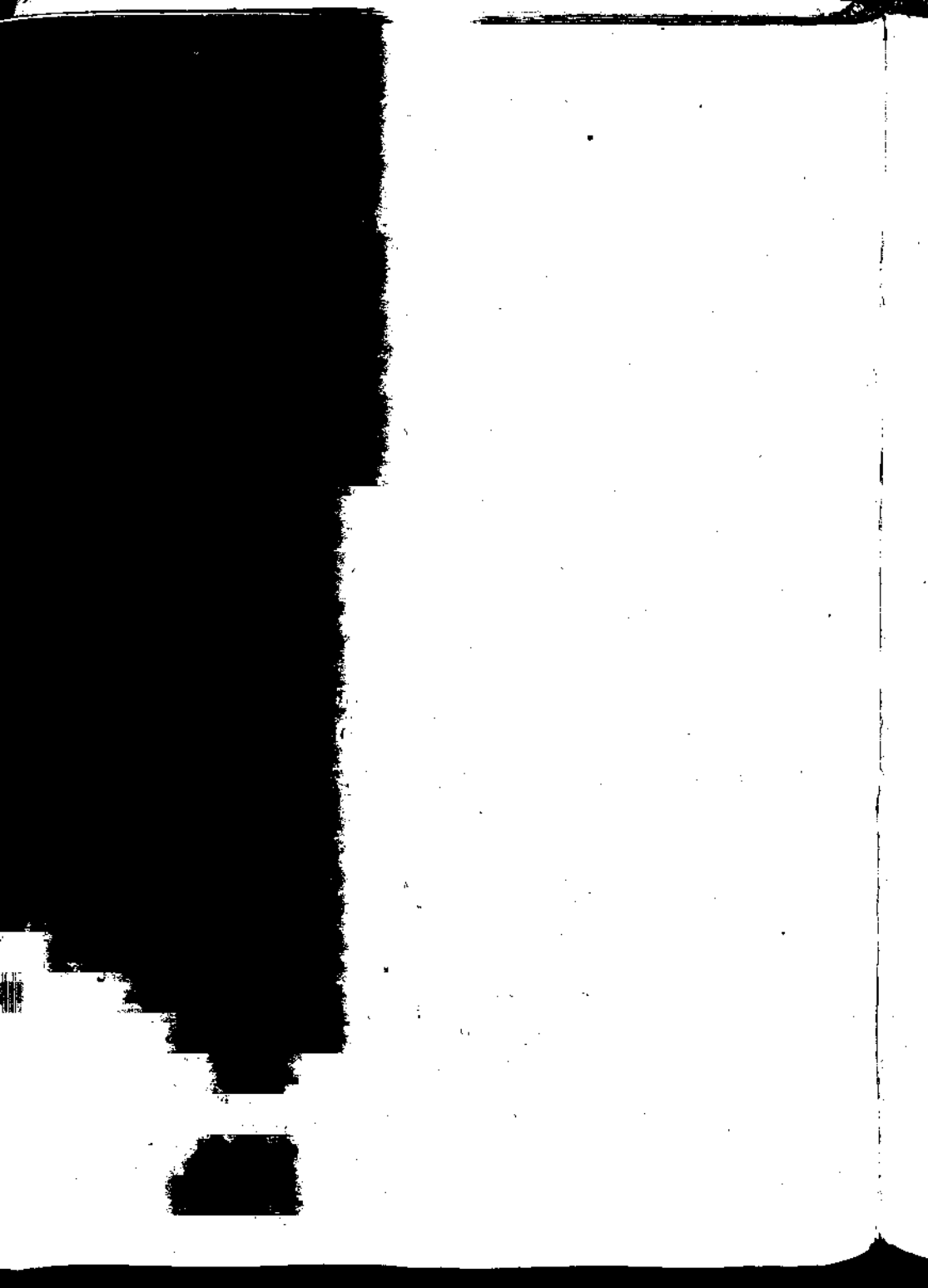
NAS QUATRO PROCISSOENS mais principaes do anno.

*COMPOSTO*

Por CERTO AMIGO

Do Licenciado *Nada lhe escapa*, para documento, ou castigo destes Confrades da Facceira, e pestes da Republica.

*Naõ tem Dedicatoria, que naõ houve tempo para isso.*

ANNO PREZENTE.

# PROLOGO.

AMigo, e benevolo Leitor: Chamote Leitor, no cabo ferás idiota: Benevolo, no cabo ferás hum burro: Amigo, no cabo ter-me-has odio: Sejas o que fores, eu faço minha obrigaçaõ. Se leres efte, he final que andafte na efcóla, fe ouvires lê-lo, he final que tens bõa orelha. O que te declaro he, que ifto, que efcrevo, naõ he pique, nem fatyra, nem apoftá, nem emulaçaõ, nem vingança, nem Faceira; he hum papel com hũas letras por cima: tambem naõ cuides que he emenda, retalho, pedaço, remendo, ou meio rofto; porque nenhũa téla fe remendou com burel: nem as Obras do Licenciado *Nada lhe efcapa* neceffitaõ delles. Deixa-me explicar, como me entendas: Paffa hum exercito por hum caminho, chegaõ quafi todos a hũa fonte fequiofos, os que naõ chegáraõ a pôr a boca na bica, bebêraõ da agoa, que eftá embaixo encharcada. A âgoa da bica he o papel do meu amigo Licen-

ciado, pela clareza com que corre, ou por discorrer com clareza; eu, ou este papel, he o charco, que nos fragmentos daquelle crystal successivo faz taça aos demais sequiosos: com esta differença, que na fonte bebem agoa clara, e no charco agoa turva; na fonte apagaráõ a seccura, no charco molharáõ sómente a boca. Se com tudo isso disseres mal, he porque naõ entendes bem; se disseres bem, he porque te naõ pareceo mal.

*Regala-te.*

C A-

# CAPITULO I.

## Da Quarta feira de Cinza.

LEvantar-se-ha da cama o nosso Faceira, (se tiver cama de que se levante) com as ceremonias acima referidas no Ritual: caminhará para S. Francisco, a tempo que se possa pôr no Cruzeiro sem encontroẽs de gente, que, sobre o risco de se amassarem as fittas, a cabelleira padece descommodos. Por nenhum caso ponha ambos os joelhos no chaõ; porque a postura de hum só denota mais espirito de caçador, que de devoçaõ. Faça todo o possivel por ficar dominando algumas raparigas, e convocar a si alguns Faceiras; e em tom de Missa de Clerigo de Aldêa, será a conversaçaõ queixando-se do estomago, affectando regimento de parco, com abundancias de rico; porque entrudando só os peitos de dous perdigotos, passára a noite em demaziados flatos.

Chegando toda a gente a tomar Cinza, elle a naõ tomará como a outra gente, por ser contra

contra o Ritual Turino todo o acto que pende para devoto; e se a Cinza, que se toma, he para conhecermos que somos terra, elle, como he aereo, está izento das pensoens do barro: se já naõ he, que cabeça, em que todo o anno ha fumos, se suppõem que tem cinza todo o anno. Aos rapazes, que sahirem com sua Cruz na testa, dirá sua graceta, com que a gente se ria; e se alguma moça chegar a esta santa Ceremonia, em todo o caso volte o nosso Faceira para ella, meio arreganhado, entre admirativo, e dirá dando com hũa maõ nas costas da outra: *Que adonde cenizas quedan, si no ay llamas, ay calor*. E daqui iraõ correndo bellamente os equivocos, que houver de cinza, seguindo a metaphora de forno, com suas pás, e varredouros. Em todo o caso, naõ lhe esqueça dizer aquella galantaria, que em Quarta feira de Cinza todos tomaõ á sua conta, cuidando que ninguem o disse: *Senhores, já naõ ha quem possa com esta Quaresma*! E dizendo que huns Fidalgos o esperaõ na Capella, sahirá pela porta fóra, e de caminho corra a Capella dos Terceiros, e metta-se em casa a dobrar as fittas, e empoar a cabelleira. E se neste dia naõ comer mais que

fei-

feijoens, naõ he pouca fortuna, porque fará melhor veſtir á caſaca.

Em ſendo hũa hora pelo Relogio da barriga, coméce a veſtir-ſe á janella, fallando com hum amigo, que o eſpera em baixo, ou em galgos, ou em jogo da noite antecedente: *Grande maõ foi aquella de ſó, ſem matador!* Se paſſar pela rua algum lacaio com algum cavallo, que leve a beber, naõ deixe de lhe perguntar de quem he, e que annos tem; com que em duas palavras lhe tire hũa inquiriçaõ *de vita, & moribus.* Viráõ á balha quantos ginetes tem eſta Corte, nomeando-os por ſeus nomes, como ſaõ Rodados, Ruços, Pombos, Caſtanhos, Tordilhos, e Alazoens. Em fim, declaro que todo o Faceira ha de ſaber de cór hũas poucas de eſtrebarias; porque em toda a converſaçaõ ha de trazer dous cavallos á deſtra: palîto ſempre na boca, a voz hum tanto rachada para conciliar fartura. Saia com o amigo, e entrados na porfia da maõ direita, acabe-ſe tudo com eſtas palavras: *Oh Senhor! Em nenhum caſo.*

Mettidos na rua da Prociſſaõ, o paſſo mais lento, e como pobre, que pede eſmóla, irá o noſſo Faceira com os olhos na janellas, aſpecto melan-

melancolico, carranquinha de anojado, chapeo na maõ, em postura de bacia das almas, cortezia a todos os lados, com cara de enjoo, como acima fica dito: brinque de quando em quando com os mostachos da cabelleira, e faça dous affagos ao topéte: irá fallando com o amigo, mas sem olhar hum para o outro, em voz alta; seu froxo de rizo, ainda que naõ venha a proposito: e desta sorte correrá todas as ruas da Procissaõ duas vezes, até topar com a escóla do Irmaõ Joaõ, com quem ha de ter hũas confianças; chamar-lhe-ha bebado em todo o caso, porq̃ isto inculca bom humor; e encostando-se para á parte onde haja casa, quero dizer alguma rapariga na janella, no canto de hum tamborete armará as redes, tirando o lenço na fórma referida: accómode as luvas aonde se manifeste a franja, e brincando com a espada entre as pernas, dando-lhe varias voltas, lhe metta toda a Holanda do lenço nos cópos. Será obrigado o pôr de meia legoa o chapeo por guardavento da cara, porque os diciplinantes lhe naõ salpiquem a cravata; e dirá que o villaõ vai bem sangrado, e que he a primeira vez, que os bebados botaõ vinho para trás das costas: e tudo isto he necessario, para que

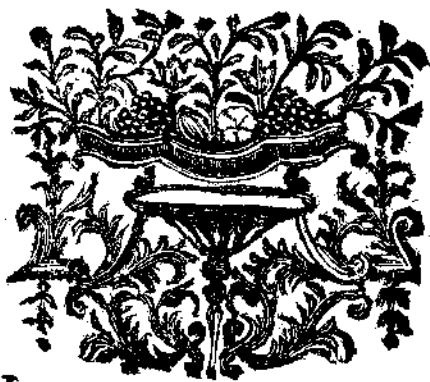
nos

nos arrojos da lingua conheça a rapariga os creditos de ſua peſſoa. Deſta ſorte irá atracando a pobre moça, ja com o lenço a todo o panno ſolto, ja com piſcaçoens de olhos, ja com mordeduras de beiços, até que a rapariga com o apiſto de qualquer agrado alimente aquelle moribundo de Cupido. Quando o tamborete eſtiver cercado á roda daquellas mulheres de bõa vida, naõ deixe de ſemear duas galantarias, com tanto, que lhe naõ venhaõ a naſcer cutilladas. Moſtre que eſtá impando com alguns arrotos de menoridade, e arrebentando de entupido; cuidaráõ os circunſtantes que he de farto. Aos coches, que paſſarem, fará ſua cortezia, para conciliar conhecimento de Fidalgos. A quantos Terceiros forem paſſando, que lhe cheirarem a officiaes, dirá as formaes palavras: *Grande dia, ſô Meſtre*! O outro fica paſmado, porèm vai andando, porque ſuppõem que aquelle homem o conhece, ou quando naõ, por eſcuzar hũa bulha, ſoffrelhe aquella facecia. E o noſſo Faceira de quando em quando ſe queixe de algum que vai longe, dizendo: Aquelle villaõ hei de mandá-lo citar pelo aluguer das minhas caſas, e o mais certo ſerá, que o villaõ o mande citar a elle pelo

aluguer das ſuas, em que viveo o Faceira.

Acabada a Prociſſaõ, veja ſe a que eſtava á janella he a dona da caſa, ou ſe he viſita de fóra: e ſe o for, em todo o caſo a irá acompanhando até ſua caſa, ou até á ſua porta, aonde pelo caminho haverá quatro ays, ao paſſar por junto della, e naõ ſe perca o dizer aquellas palavras, que tanto tem dado de ſi: *He muito linda, Deos a guarde*; e na verdade naõ ſabem os Faceiras o quanto para as mulheres he melhor eſte Portuguez claro, do que o conceito mais fundo: porque aſſim como o nome de S. Bento faz parar a aranha mais façanhoſa, aſſim tãbem o nome de *Linda* faz parar a mulher mais ſoberba. Se acaſo ſucceder ir pelas eſcadas do Carmo, infallivelmente diga que he a Eſcada de Jacob, porque ſobem Anjos; e faça muito por lhe lembrarem algumas coplas, as quaes irá lançando por todo o caminho, como buſca pés para o agrado. Se aſſim como aquelle botaõ de Roſa ſe metter em caſa, e aquella Perola ſe metter na concha, chegar á janella antes que tire o manto, bem póde dar o negocio por feito, porque eſtá cahida com eſperanças de ſer tola.

Recolha-ſe tarde, porque he contra o Ri-

to dos Faceiras o recolher com as gallinhas: casa de jogo *me fecit*, aonde será miron perpetuo; porque quem traz a barriga á Renegada, todo o mais jogo enfastia. Falle nas Comedias, dizendo que a Escamilha he a melhor mulher, que se pôs em tablas, e que representa taõ bem, que até a muita idade representa; e que o melhor papel que faz he de velha, que se isso naõ fora, ja ella lhe tivera salteado a bolsa: estes termos trará de cór o nosso Faceira, para vomitar em parte onde haja femeas; porque inculca Fidalguia o ter Dama Castelhana. Em fim, irá para casa, e deitar-se-ha na cama taõ vazio de estomago, como de casco. E o mesmo methodo guardará nas mais Procissoens, como espadana inseparavel das ruas.

## CAPITULO II.

# Da Procissaõ do Carmo.

ISto fará em todas as Procissoens o nosso Faceira, excepto na do Carmo; em aqual em todo o caso irá por Terceiro com hum cirio de arratel quebrado por duas partes infallivelmente; porque estes estragos na cera, inculcaõ colmeas na bolsa, ou porq̃ naõ pódem as vélas aturar as tempestades das Turinas. Faça muito por ir junto de hum Andor, que levar musica, e debaixo da janella da sua rapariga lhe faça cantar hum ramo de *Miserere*, cabeceando aos sustenidos, e dormindo os olhos nos bb molados; e fica o *Miserere* bautizado em amorosa, em quanto o demo esfrega hum olho. Nas paradas ha de empehar todo o resto, tirando o lenço com demaziada furia: iguale as pontas da volta, faça tres caras a modo de quem quer arrotar, e duas cortezias de mergulho; dê tres salabancos á barriga, e diga alto: Vamos andando Senhores. Grande cousa será para aproveitamento do

dia,

dia, que o noſſo Faceira buſque quem lhe leve a eſpada, porque eſte he o ultimo furo de facecia.

Aſſim irá todo o mais caminho feito D. Quixote ao Sagrado; que iſto junto de hum Senhor atado á Colũna, naõ deixa de metter muito por dentro. Naõ deixe de ter ſeus ſegredos com hum dos Muzicos, ainda que naõ ſeja couſa de importancia, os quaes ſe acabaráõ com hum rizo deſinquieto, e com hum feſtejo ſurdo; que neſtas funçoens a deſenvoltura he galla, e o deſcuido fidalguia. Chegando ao terreiro do Paço, olhará demaziadamente curioſo para as Damas, para que o tenhaõ, quando naõ por pertendente, ao menos por palaciano, e diga: Lá eſtá a Senhora Dona Fulana, filha do Senhor Conde de tal; e eſtoutra, filha do Senhor Fulano. Se chover, ſerá deſgraça do noſſo Faceira, porque os pós na cabelleira faraõ cama de tres altos, e ſahindo de caſa Papagayo louro, ſe recolherá frangaõ enſopado.

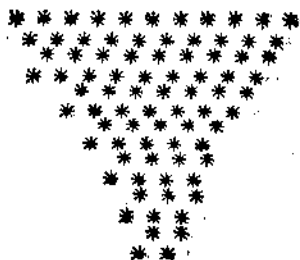
C A-

## CAPITULO III.

# Da Procissaõ do Corpo de Deos.

NEste grande dia seguirá o nosso Faceira outro rumo, e outro norte. Sahirá de casa empavesado com as fitas do primeiro ornamento: pize toda a rua, a que chegar a espadana, e vá embruxando janellas, e avaliando colchas. Chegando á Sé, espere por Sua Magestade no cruzeiro, e quando chegar diga: Lá vem nosso Amo; porque este dito inclue mil cousas bõas: faça que se esconde delle, que naõ podem deixar de cuidar todos, que aquelle retiro denota grande conhecimento. Quasi junto ao pallio, irá na Procissaõ cobrindo o peito com o chapeo, para que cuidem que vai o habito debaixo. Se a calma apertar, servir-lhe-ha de chapeo de Sol, e outras vezes de leque, como pandeiro de Fuliaõ da Arruda. Mettido a culto, chamará ao Carro dos Horteloens: Bosque movidiço. Ao dos Tanoeiros: Gru-

Gruta de Bacco, Adega enfeitada A's regateiras dos arcos: Amaltheas de obra groſſa, Nynfas do Tejo. A's tourinhas: Tritoens de couro, ou Delfins de panno. A' Serpe: Taverna portatil. Ao Alferez de S. Jorge: Kagado a cavallo. Aos Gigantes: Coloſſos de trapos, ou Eſtatuas de Polifemo. A's bandeiras dos Officiaes: Troféos mariolaticos. Em fim, a tudo irá pondo pecha, e de tudo fará galhofa; até que mettido outra vez na Sé, acompanhe ElRey até o coche: e dahi irá para caſa a pé, que de carne he, recordando outra vez as janellas aonde vir alguma couſa de ſeu goſto. Poſto em caſa em freſco, bem póde paſſar com hum paſtel, e dez reis de cerejas.

CA-

## CAPITULO IV.

# Da Prociſſaõ da Annunciada.

COnfeſſo, meu chariſſimo Faceira, que he eſte o dia, em que o teu eſpirito ha de ter o maior trabalho. Mandarás pedir hum ovo empreſtado a vizinha, para fazer a barba; que tambem ha barbas, que eſtaõ de choco, tirando a que for de Capaõ, porque eſtá de poleiro. Os çapatos no dia antecedente levaraõ huns arredores. A cabelleira levará mais beliſcoens, que hũa moça de ſoldada; e poſta na cabeça de páo, ja de cocoras, ja de joelhos, lhe fará mil affagos, e lhe dará mil piparotes, fazendo diverſas carrancas, hũas de leaõ, e outras de gato. Dará hum ſabaõ, ou hum chaſco, a tudo o que tocar a ornamento branco. Se for cabello proprio, tres dias antes lhe lerá ſentença de forca, até lhe dar garrote, e o metterá na caſa de ſegredo do ſeu barrete. Eſte tirado fóra, parece-me bem que naõ chegue ao fogo, porque

que tem ſeu perigo ao tempo que eſtá a cabeça chêa de traques. Tire os papeis fóra com toda a meiguice, arroje-ſe ao pente com todo o valor, e accommodando todo o cabello em varios camarotes, ponha eſta gadelha ſobre o hombro, eſtoutra ſobre o peito, aquella ſobre o coſtado: ou ſe naõ, faça os ſeus dous moſtachos, com ſeu rabo de porco atraz; que eſta opiniaõ he a mais approvada. Poſto na rua, rezará hum P. N. a S. Telmo, que he advogado das tempeſtades, para que naõ venha algum pé de vento, em que a galé das fitas dê á coſta, e os pós do cabello vaõ em hũa poeira. Paſſee as ruas, como fica dito, ora com cara de que tudo lhe fede, ora com goſto de que tudo lhe cheira, olfateando luvas, ou vaporando cordovas. Diga ſeus dous galanteios a hũa Cigana deſtas matriculadas nas eſtrebarîas, que tambem a depravaçaõ he credito na juvenilidade, e ha Faceira, que dará hũas bõas alviçaras a quem lhe chamar eſtragado.

Em todo o caminho me naõ ponha o chapeo na cabeça: e naõ ſaiba eu o contrario; porque as cabelleiras ſaõ taõ ſoberbas, que naõ permittem couſa, que lhes faça ſombra: vá converſando neſta Comedia nova, ou no eſtrago da

moeda. Contará hiſtorias de ſeus parentes: Meu tio o Senhor Fulano de tal: que ainda que o nome ſeja de hum Manoel Gonçalvez, todavia hum Senhor poſto atraz do nome, he hum cifraõ junto á conta de dez reis; e o nome de hum hortelaõ parece de hum Vice-Rey da India. Se algum amigo lhe fizer algum cumprimento raſgâdo em publico, e o noſſo Faceira ficar embaçado, valer-ſe-ha daquellas palavras: *Oh Senhor*! limpas, e ſeccas, que he a unica taboa, em que eſcapaõ eſtes mareantes da eſtulticia, e conhecidamente tem feito muitos milagres; e hũa das ſuas principaes virtudes he cortar os cũprimentos logo á naſcença. Gabará os andores, dizendo: Bravas mãos tem eſtas mulheres! Chegando o Senhor, ajoelhará muito contra ſua vontade, fazendo cara de moleſtado, pelo máo trato do joelho, baterá nos peitos bulindo em hum botaõ da caſaca; gabará o véo de hombros do Sacerdote para forro de hũas mangas. Levante-ſe, ſacuda o joelho, empregue-ſe todo nas janellas; porque naquelle reboliço he a força do Oceano: e veja ſe póde chegar ao Lauſperenne. Fazendo iſto o noſſo Faceira, levá lo-ha brevemente o Demo, ſem paſſar pelo Purgatorio; pois ja cá o teve neſte mundo.

TU-

# TURINA
# FEMEA.

UNIVERSAL DISPOSIC,AÕ para todo o trato Feminino, e mulheril adorno.

*DEDICADA*

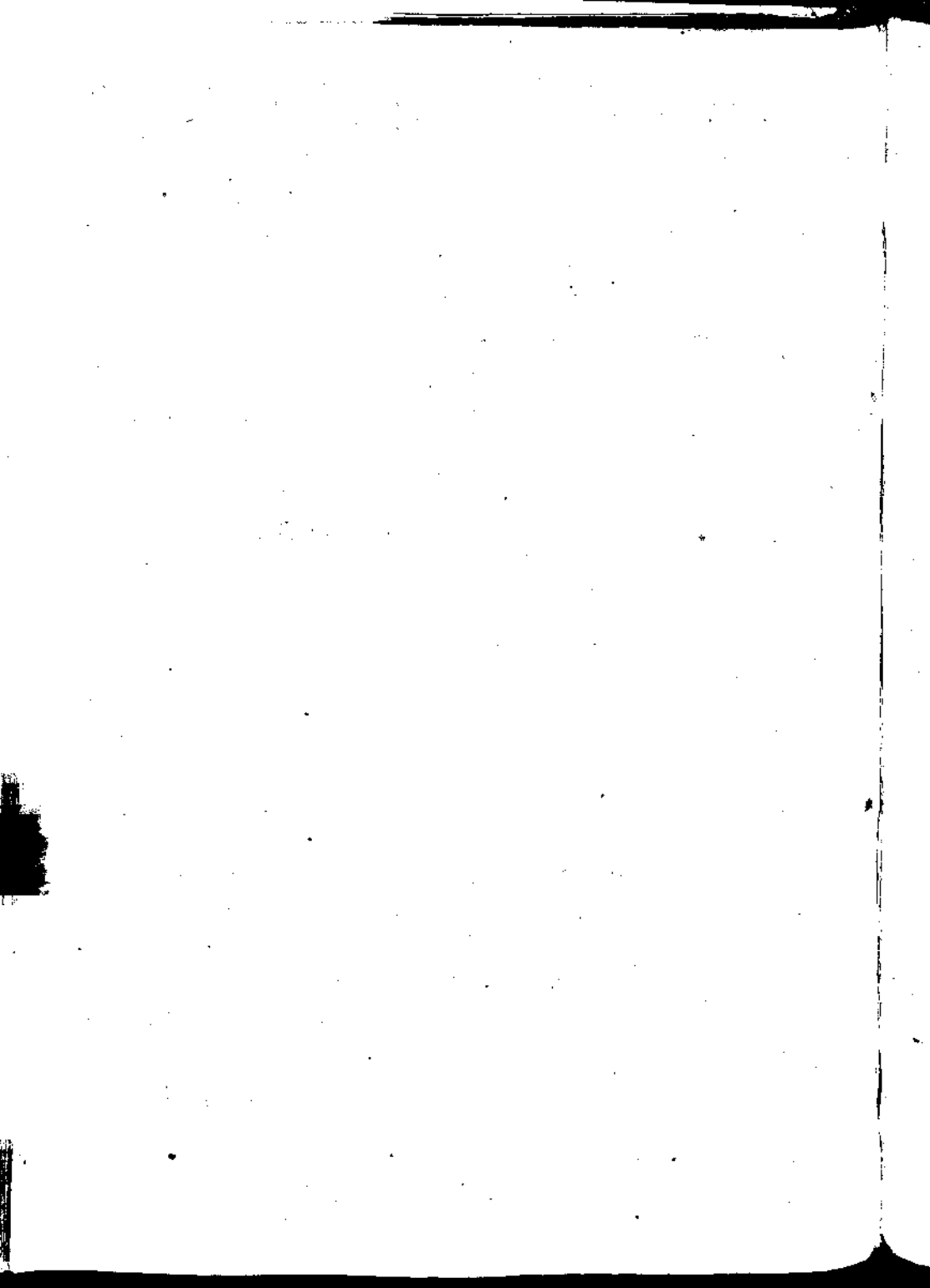
AO SENHOR

## D. TOUCADOR,

*Meſtre dos Gabinetes, Olhador dos eſpelhos, Compoſitor dos adornos, Vigilante Reparador dos concertos, Embaixador dos laços, e Penteador dos topétes mundanos.*

AUTHOR

O Dor. QUE TUDO ESPREITA.

ANNO PRESENTE.

# DEDICATORIA.

*ENHOR D. Toucador, a V. Senhoria dedico esta Turina Femea, pois só V. Senhoria mostra o que he moda, na paciencia com que atura o enfeitar-se hũa Bandarra; e por isso estas só de V. Senhoria fiaõ o ver se vay riçado hum topéte, se vai bem posto hum laço, se vai bem composto hum peito,*

*se*

*ſe vai bem atacado hum juſtilho, ſe vai bem polîdo hum roſto, ſe vai bem aſſinalada hũa cara, ſe vai bem apolvilhada hũa cabeça, e ſe vai bem compoſta toda hũa Farçóla. Soffre V. Senhoria lhe eſtejaõ fazendo carinhas, e que lhe eſtejaõ dando mil voltas; è V. Senhoria taõ benigno, que tudo ſoffre: mas tudo ſerá para maior abono de ſua peſſoa, e louvavel coſtume deſſas Deidades, que taõ deſcaradamente ſe manifeſtaõ com o concerto mais appetitoſo. Eſpero de V. S. que publique em laminas de cryſtal (quero dizer, em eſpelhos) o fervoroſo eſpirito, com que neſta Turina Femea moſtro o como devem viver todas as modas, e eſtabelecer as mais ridiculas Turinas, para louvor da verdadeira Farçóla. Guarde a V. Senhoria o mais bem adornado Gabinete, para que em chicaras amoroſas tomem eſpelho as mais aſſeadas Damas.*

Eſcova de V. Senhoria

O Doutor *Que tudo eſpreita.*

I N-

# INTRODUCÇAÕ.

HE lastima verdadeiramente conhecida, que sahindo aqui hũa Turina para aproveitamento de todos os Faceiras, naõ houvesse atéqui quem quizesse publicar outra para o estado Feminino, aonde com maiores excessos se vê a Bandarrice, a moda se conhece, e se encrespa a bizarria, fazendo-se geral em toda a casta de Dama, Senhora, e Cozinheira! E se lá no Ritual dos Bandarras houve hum Licenciado *Nadà lhe escapà*, cá agora na Turina Femea ha hum Doutor *Que tudo espreita.* E assim adverte a toda a Senhora moda, Cozinheira enfeitada, e Dama caprichoso, que se aproveite dos documentos deste verdadeiro papel, e faça muito por naõ faltar nos Estatutos delle, para hum efficaz aproveitamento da sua enfeitada vida, e bandarra consciencia. E pelo lastimoso estado em que está este seculo, naõ haverá differença de pessoa no traje da moda, porque he universal a bandarrice. E para esta ficar em melhor fórma declarada, repartirei em

em tres Advertencias esta Turina Femea; e se-
rá a primeira Advertencia, de Senhora, de mu-
lher de Contratador para baixo: A segunda, de
Dama: A terceira, de Cozinheira. Ficando
qualquer obrigada a naõ faltar de todo o seu co-
raçaõ a observar as Leis da verdadeira Turina,
e bandarrice moda, e os mais airosos donaires
do alinho, e verdadeiras palatinas dos adornos.

**************************************************

## ADVERTENCIA I.

### DE SENHORA.

A Verdadeira Senhora, para ser legiti-
mamẽte graduada na regra da Bandar-
rice, ha de ter infallivel noticia das
modas Inglezas, Alemaãs, Francezas, e Ho-
landezas, para que saiba votar na Irmandade dos
Toucados, e na Confraria dos Topétes; e jun-
tamente ter eleiçaõ no Congresso das Cores,
para que assim se approve de bom gosto. E para
que lhe seja menos custoso o saber destes enlaça-
dos enfeites, terá hũa amiga no Paço para a in-
formar

formar de todas as modas; pois he a base, donde sahe todo o genero de invençaõ da moda legitima: e toda a noticia, que der esta amiga, ha de observar-se sem controversia alguma; que o evangelho das Turinas saõ as vozes das Curapas.

Terá esta Senhora o seu Toucador do melhor modo que puder ser, e quando o naõ possa ter com todos os eres, (que he palavra tambem moda) basta ter hũa banquinha com seu espelhinho de espeque, comprado em casa da Chavalhé. E alli na banquinha terá tudo o que pertence á crena da cara: hum vidro de agoa do rosto, hũa tigellinha com brandura, outro vidrinho com oleo de jasmins, tigellinha de côr, algũas de pomadas da varias castas, hũa caixinha com sinaes, hũa caixa de pentes, que haõ de ser tres: hum de riçar o topéte, outro de desempeçar o cabello, e outro de tirar alguma caspa. (que alli como naõ morde a pulga, tambem naõ ha piolho) Tenha hum penteador de rendas, duas toalhinhas para alimpar, mais dous panninhos com que se assenta a côr, e se alimpaõ os dedos, que ficaõ untados com as enxundias do rosto; hũa escovinha de alimpar os pentes, hũa

caixa redonda para os pós, com ſua borla; baſta que ſeja deſtas de cobertor de ſerafina. Iſto aſſim preparado, cuberto tudo com ſeu tafetá.

Levantar-ſe-ha a Senhora da cama, e veſtirá hũas roupinhas, (que parecem de lavapeixe) e metterá hũas chinélas nos pés, de couro encarnado, com ſeu galaõ de prata; hum guardapé de primavera, já uſado; e, com o cabello todo emmaranhado, virá logo para o Toucador. Terá duas criadas, hũa do trato da cozinha, e exercicio da vaſſoura; e outra com vezes de aya. Eſta ſerá mui admittida na graça de ſua ama; e a maior razaõ, que a obriga a ſervî-la, he a promeſſa que lhe tem feito de a caſarem, com hum dote da Miſericordia, com hum moço official de çapateiro, que faz de calçar na dita caſa. Eſta moça em todo o caſo ſe chame Thereza Jozefa, ou LuizaMaria, ou Anna Antonia Chamá-la-ha a Senhora pelos ſeus dous nomes. Terá eſta moça bõas partes, fará bem huns bambolins, bordará aſſeadamente huns capotinhos, e ſerá muito perita nos creſpos. Saberá fazer de toda a caſta de franja, ſendo a mais eſſencial a dos aſſopros. Botará com capricho as barras nos çapatos. Saberá tambem toucar como no Paço. Terá

rá tambem os ſeus accidentes uterinos, (que he muito certo eſte achaque nas ayas) e ſeu parente, que a viſite, para lhe acudir com os remedios.

Eſta pois virá aſſiſtir a ſua Ama ao Toucador, e ja virá penteada á ligeira, com hũa fitta eſtreita, que lhe apanhe o topéte, com ſeu capotinho de droguete alvadio, com barra côr de roſa, collete branco, em mangas de camiza grandes com hum entremeio, ſua ſaia de droga de dous creſpos, e por baixo ſeu guardapé de Milaneza encarnada. Alli ſe porá detrás de ſua Ama de joelhos a penteá-la, e riçar-lhe o topéte. E ſe acaſo naõ for aquelle dia fóra, naõ fará mais que hũa trança tomada atrás, com hum pente de tartaruga do Alemtejo, que fique a modo de reſplandor de Santo de Aldêa; e os triſtes tomados em dous bocadinhos de tafetá negros, atraveſſados com dous alfinetes, e botará poucos pós. Fique com a camiza com que ſe ergueo da cama, que ſerá deſtas affogadas, com manguinhas curtas, e punhos de hũa renda feita em caſa, que fiquem cá junto ao ſangradouro, atados com dous bocadinhos de picó azul, que ja ſe naõ chama fitta de picaró.

Acabada a Senhora de toucar-se,virá logo para o estrado acabar hũa palatina, que anda fazendo de assopros; que nestas Senhoras tudo he vento. A criada terá lugar certo na casa do estrado, e de quando em quando se levantará para ir dar cousas da casa da despensa, que tem a seu cargo, enfadando-se de a fazerem levantar muitas vezes da almofada. A' criada menor lhe chamará por vossê, e ella por vós, que he mui louvavel costume na casa dos Senhores desta qualidade. A Senhora fallará por vós á aya, e por tu á moça, com voz branda, e severidade de Senhora.

Se for fóra, leve sempre comsigo a aya, e diga ás amigas, que gosta muito daquella moça, por ser criada em casa, que era filha de hum cazeiro, e que a tem ensinado a tudo, e a rapariga tem rara habilidade, e he muito honradinha. Quando fallar no marido, naõ o nomêe por seu nome, senaõ por *Elle*, que ja naõ costuma chamar-se primo, depois que os Frades tomáraõ esse parentesco por sua conta. Terá sege, em que vá á Missa; e só quando for a alguma festa de tarde irá a pé com suas criadas, e entaõ irá com todo o ornato: muito rico manto de lustro, saya de bambolins, guardapé de folhado

lhado com prizoens de galaõ eſtreito, collete á Ingleza, com palatina, broche no peito, perolas no peſcoço, em cordaõ negro Cruz de diamantes, e eſmeraldas, hum roſicler irmaõ da Cruz no topéte, luvas de pálá, e alguns anneis de bõas pedras. Vá com o andar ſevero, e quando entrar na Igreja, vá logo a moça menor darlhe agoa benta, tome-a com alguns deſcuidos de manto, e vá andando muito de manſinho, por modo de quem naõ quer acordar alguem. Naõ ſe facilite ſenaõ com peſſoas da ſua qualidade, e ſejaõ todas de Dom; e á eſtas falle-lhes por manas, com voz de falſete ſumido. E ſe a gabarem de que eſtá formoſa, finja hum riſo vergonhoſo, e diga: *Ay minha mana, eſtais galanteando! Eu eſtou ja muito velha.* E daqui ſe irá armando hũa grande converſaçaõ a reſpeito das modas do Paço, louvando muito o toucado á Alemôa, que faz airoſa a cabeça; naõ desfazendo nas cornetas, que para veſtido de roupas he couſa muito agradavel. Gabe muito os bambolins, naõ admitta donaires, que ſaõ ſó para certas mulheres. Diga que naõ ha couſa como Holanda beguina, de que anda fazendo hymas camizas affogadas para caſa. Falle em Charpas,

pas, Palatinas, Capotinhos; e nenhuma deſtas couſas diga que anda fazendo, mas que o ha de fazer, como o vio no Paço a hũa Senhora, indo ver hũa amiga: e eleve-ſe tanto neſta converſaçaõ, que lhe naõ lembre outra couſa, nem reze, nem faça caſo da Miſſa; que todas as vezes que tiver o ſentido nas modas, e nas guapices, iſſo lhe baſta para ſalvaçaõ da ſua alma Turina.

Naõ lhe eſqueça dizer, que eſteve com elle na quinta; (que eſtes taes Senhores haõ de ter quinta ſobpena de os levar o diabo) mas que aquillo lá he muito ſó, que tomára lá ter hũas amigas. E advirta que he mui eſſencial eſtar fallando, e abanando-ſe de quando em quando, e tomar o manto muitas vezes, deſorte que deixe ver o adorno. E ſe lhe gabarem a renda da camiza, diga que foi feita em caſa pela ſua criada, que tem lindas mãos. E quando ouvir Miſſa naõ ſe lhe dê de eſtar aſſentada a maior parte do tempo; que aſſim inculca Fidalguia, e ſer hum tanto achacada de flatos. Conte logo muitas couſas de que anda moleſtada, ainda que ſeja mentira, que ſempre provoca a laſtima. Faça muito por affectar melancolias, e dores de cabeça, para o que trará ſempre dous parches

nas

nas fontes. E quando ſe quizer ir, levante-ſe com tres tempos: pôr de joelhos, ao depois hum pé, logo o outro, e ficará muito direita, tomando o manto com as ſobrancelhas arqueadas, e muito ſentido na moſca. E logo a criada endireitará a ſaia, e o manto por detrás, como quem concerta gualdrapa de mula de Prior. Virá ſahindo para fóra; e ſe acaſo fizer algum vento, com melindre de Senhora, chamará pela criada, que ſe chegue a ella para lhe naõ verem os pés; mas naõ taõ chegada, que ſe lhe naõ vejaõ os çapatos, que ſeraõ feitos de veludo berne, agaloados de paſſamane de ouro, feitos pela tal criada: e ainda que veja muita gente no adro, naõ faça caſo de nada, e vá paſſando com cara ſevera, e aſpecto ſenhoril.

Chegará a caſa, affectando canceira; mas naõ ſe deſcuide de ir logo ver-ſe ao eſpelho a ver o toucado ſe vem muito amaſſado do manto. Eſte dirá logo á criada que lho tire, e lhe dê as ſuas roupinhas de ſeda. E ſe o marido eſtiver já em caſa, conte-lhe alguma couſa do que viſſe na Igreja, e diga-lhe: *Lá eſtive com Dona Violante, coitada! Eſtá acabada aquella moça, mandaõ-lhe agora tomar leites; o marido diz*

*que*

*que ainda eſtá na quinta.* Irá logo a criada menor ſacudir as ſaias á janella, e deter-ſe-ha no ſacudir do guardapé tudo quanto puder, para que o veja a vizinhança, e ſaibaõ a bõa eleiçaõ de ſua Ama. A aya tambem irá para a ſua cazinha, que fica lá emcima ao pé do eyrado, e deſpir-ſe-ha da ſua limpeza, e a guardará em hũa caixa que que tem; as ſuas fittinhas em hũa boceta, que foi de cabelleiras, e agora ſerve de lhe guardar os ſeus traſtes do enfeite. Naõ virá lá de cîma ſem a chamar a Senhora. E todas as vezes que naõ faltarem eſtas circunſtancias, póde-ſe confirmar por Senhora de qualidade.

A ſobredita terá grande valimento no congreſſo das Senhoras modas, e bandarras conhecidas. Por nenhum modo falte em ir de vez em quando á rua nova, e á Capella a correr todas as lojas, ainda que nada compre. E tambem na rua dos Ourives fará o meſmo: mas no tempo principal, que he nas anteveſperas das Endoenças, vá em todo o caſo á Capella refazer-ſe de fittas, leques, ſinaes; e ſeja tudo comprado na loja de Franciſco Cardozo, ou de Manoel de Moura, e lhes venderaõ tudo com notavel encarecimento do genero. Faça ſempre neſta fun-

çaõ

çaõ das Endoenças alguma peça nova, ou manto de lustro, ou saya de crespos de Lamego, ou guardapé de algum modo moderno; e seja a seda da loja de Manoel da Fonseca, que se naõ acha lá mais que aquelle córte de hũa peça, que foi para o Paço: e naõ deixe de dizer isto ás amigas, com quem se vizitar. Tambem a aya naõ falte em deitar çapatos novos, e hũas luvas de pallas, que foraõ de sua ama, e hum bocado de fitta de téla, ja usada, aqual porá no colarinho da camiza, que a isto chama-se bigode: que tal monstruosidade fazem as modas, que põem bigodes nas mulheres. Naõ perca a funçaõ da Semana santa: Se morar lá em baixo, vá á Capella Real; e se morar no bairro alto, vá áTrindade, ou aonde a sua bizarria tiver melhor acceitaçaõ. Naõ deixe de correr as Igrejas de noite, encostada no braço de seu Esposo, com toda a sua familia, e moço com murraõ accezo, e vá fallando alto, e dizendo: *Essas moças naõ fiquem lá atrás*. E faça por mostrar que lhe custa muito o andar a pé. Goste muito de ouvir Frey Pedro do Carmo, e conheça todos os Musicos de fama, como o Filagrana, o Borrinha &c. Saiba tambem pôr seus tonos á viola, e diga que

ja cantou no Paço diante da Senhora Infante: Seja tudo o que puder affectada no fallar, e nas acçoens, e ſempre com cara de nojo, que faz afidalgar muito. Se for ver Prociſſaõ de janella, vá toucada á Alemôa, de amarello, que he agora a côr, que anda na dança das modas: Leve broches, manilhas, finaes em quantidade, pondo-os naquellas partes, em que fizer engraçado o roſto. Preze-ſe muito de ter as mãos bem feitas. Eſteja ſempre concertando o broche, que levar no peito. Morda ſempre os beiços, com preſumpçaõ de ter a bocca pequena. Eſteja com ar de rizo na cara, que faz as feiçoens agradaveis. Na janella eſtará pegando na cortina, em meio perfil, a modo de que naõ quer que a vejaõ, mas ſempre moſtrando-ſe: e naõ falte leque com que ſe abanar; porque toma-ſe melhor ſentido.

Eſta Adverteneia ſerve tambem para as Senhoras ſolteiras, ſó teraõ demais o ſerem mui deſinquietas. E naõ faltando a eſte louvavel coſtume, far-ſe-ha confirmada Turina Femea, para conſolaçaõ das modas da ſua enfeitavel vida.

A D-

## ADVERTENCIA II.

### DE DAMA.

QUem quizer lograr os verdadeiros dictames de legitima Dama, ha de com grande efficacia naõ faltar aos deſta Advertencia, que o Doutor *Tudo eſpreita* aqui lhe faz. A Dama, ſe for ja jubilada na mafra, ha de morar em bairro exquiſito, em traveſſa, que tenha vizinhança de porta, e dar-ſe ao trato com as vizinhas. Terá hũa moça de tarracha, que ſirva de tudo, ora de manto, ora de mantilha. Eſta terá ſeus ſinaes de boſtélas na cara, e dirá que foi figado. Terá muita facilidade com ſua Ama, ſe ella for moça, que tiver partes, como bailar, e cantar o arrepia com momos, e vizagens de eſturdia. Tratará a tal Dama de lhe fazer muitos carinhos, chamando-lhe ſempre vida, ainda que ella ſeja o retrato da morte. Terá na caſa meia duzia de tamboretes, hum bofetinho, hum eſpelho debruçado na parede, hum eſtrado de comprimento de tres varas com ſua eſteira. Lá dentro ſeu leito torneado, hum cai-

xaõ, hũa banquinha, hum cabide para os veſtidos. Na cozinha hũa parteleyra com alguns pratos, hum fogareiro, algumas tigellas de fogo. Em hũa cantareira o ſeu candieiro, com a candêa da moça; que he o que baſta para Dama, que come de caſa de paſto, ou de paſtelleiro. Seja muito inclinada a furias; e naõ deixe de ter hum maroto em caſa, que ſeja bem eſperto para os recados.

********************************************************

## ADVERTENCIA III.

### DE COZINHEIRA.

BEm ſe ſabe o cardume de Cozinheiras, que povoaõ eſta noſſa terra, e vindo para aqui as mais dellas biſonhas, logo ſe fazem taõ ladinas, que podem enganar ao meſmo diabo em peſſoa. E para que melhor ſe poſſa graduar em ſer verdadeira Cozinheira, como manda a noſſa Turina Femea, veja com attençaõ ſervil eſta Advertencia, que o Doutor *Tudo eſpreita* lhe faz.

A

A bõa Cozinheira, para ſér das finas, ha de ſer trigueira, cabellos negros, olhos grandes, ſemblante reſoluto, braços fortes, o corpo groſſo, cintura curta, calçar algum tanto acalcanhado, ( mas naõ que ſeja defeito ) e condiçaõ agreſte. Quando ſe for accommodar a alguma caſa, faça-ſe muito ſezuda, olhos baixos, e aſſim como quem tem bom natural; e diga logo as ſuas partes: Que ſabe fiar, e fazer alguma coſtura, que tempera muito bem, e ſabe fazer carneiro enſopado, e tem bõa maõ para amaſſar; mas em nenhum caſo diga que he pirguiçoſa. E diſſimuladamente eſteja tomando ſentido na caſa, no trato, e modo da Ama, e da mais familia. Se lhe agradar, naõ ſe deſajuſte, e diga que tem cama, e a ſua arca, e que eſtava em caſa de hum Eſtrangeiro, que lhe dava ſette mil reis; mas que tinha muito trabalho, que era ella ſó, mais outra moça, mas que ella naõ hia á cozinha. Ficando em caſa, advirta que por hum par de dias ſeja muito diligente, e ſezuda, varra, esfregue, e ande arregaçada, com ſua coifa de entremeios, ſeu colête de ſerafina vermelha, hũa ſaya de eſtamenha uſada, com ſeu mantéo de baeta azul. Tenha ſeu par

de

de camizas, e alguma feja affogada para ir com fua Ama fóra. Terá a fua limpeza:outra faya de eftamenha fina, feu manto de farge, da melhor, dirá que o fez na cafa onde efteve; fuas contas a que chamaõ coquilhos, fua fitta ja lavada para o cabello, hum annel de ouro, que fempre o trará no dedo meminho, hũa veronica de noffa Senhora do Pilar ao pefcoço, fua veftia de droguete alvadio, com cafas negras, e feu capotinho de baeta encarnada com barra verde, ou azul. Preze-fe de ter bom cabello, mas naõ tenha topéte, fe naõ lizo. Naõ perca o feu pentinho de vintem, para levar na cova do ladraõ, quando for fóra.

Tendo mais facilidade na cafa, cante o arrepia, mas muito fem fabor, a modo de quem chora. Nunca diga: Meu Amo, nem minha Ama, fenaõ: o Senhor, e a Senhora; que he o coftume da verdadeira Cozinheira. Seja golofa em todos os modos. Traga fempre pela parteleyra feus bocados de paõ; e fe a Ama lhos vir, diga que os tem alli para os pobres. Se na cafa houver moço, tenha fempre bulhas com elle, ainda que naõ haja caufa; mas em outras occafioens converfe com elle murmurando do Amo,

Amo, e da Ama quanto puderem. Nunca accenda candêa ſem ſua Ama a mandar. Tanto que for noite, pergunte ſe ha de ir accender o fogareiro, ou ſe ha de ir fazer a celada? Reze nas ſuas contas, mas naõ deixe de dormir a maior parte da reza. Seja muito amiga de ir fóra ás Feſtas, e Prociſſoens, e amûe-ſe muito todas as vezes que ſua Ama naõ for. Quando varrer a caſa, cante em todo o caſo: mas ſe varrer a eſcada, quando chegar á porta da rua, cerre-a, mas em fórma que veja quem paſſa. Quando botar agoa pela janêlla, debruce-ſe bem, para que vejaõ que tem bom corpo. Se ſua Ama a chamar, naõ vá logo da primeira vez. Se comprar peixe á porta, reſmungue com a mulher; e ſe forem ſardinhas, eſteja ſempre trocando-as, em quanto a mulher conta: e aqui haja bulha; e diga-lhe: *Ay ſenhora, naõ ſeja taõ enfadada.* E ſe acaſo na vizinhança morar algum Fidalgo, que tenha mochîla de feiçaõ, namore-ſe delle: mas ſe tiver occaſiaõ de o ver diante de ſua Ama, diga aſſim em tom que a ouçaõ: *Como me aborrece eſte magano!* Que aſſim ſe perſuadem a que naõ ha que ſuſpeitar della.

Se na caſa houver filha, ja mulher, ſeja muito

muito ſua amiga, e diga-lhe: *Quando voſſa mercê caſar, eu hei de ir com voſſa mercê.* E a filha, que morre por iſſo, dará hũa rizada, e dirá: *Hora callai-vos tola.* Será mentiroſa, e amiga de ſaber tudo, muito falladeira, e muito preſumida. Seja muito amiga de çapatos novos pretos com ſaltos encarnadas, e folgará que lhos vejaõ quando for fóra. Terá ſeu leque velho, que tenha ſido da Ama moça. Na Igreja eſteja ſempre moſtrando os Bandarras á filha da Ama, dizendo: *A' Senhora, olhe aquelle da cabelleira, como eſtá olhando! Olhe voſſa mercê aquelloutro como he bizarro! Naõ o conhece? He aquelle, que paſſa pela noſſa rua.* Murmurará com as Amas das que vem entrando, e das que vaõ ſahindo, nomeando-lhes tudo quanto levaõ veſtido. Seja muito amiga de hum ramalhete. E ſe acaſo o Amo eſtiver na Igreja, diga para a Ama: *Ah Senhora, lá eſtá o Senhor com aquelles homens.* E faça muito por naõ eſtar calada, ſalvo a Ama a mandar callar.

E todas as vezes que tiver eſtes requizitos, ſerá o paſmo das Cozinheiras Turinas, admiraçâm das chaminés, abyſmo das vaſſouras, elevaçaõ das parteleyras, e verdadeira mantenedo-

ra

ra dos fogareiros, com univerſal deſinquietaçaõ dos abanos, e amoroſos fuzìs, que em duas pederneiras eſpirraõ as faiſcas, e ja a abrazada iſca com as vizinhanças da mécha ſe atêa levantada, e fica na candêa vivendo chamma pela maõ da mais accendida Turina Cozinheira.

O Doutor *Que tudo eſpreita.*

# DEFINIÇAÕ
## DA
# SAUDADE,
### *Que, para tirar aos Amantes o faſtio, eſcreveo ſeu Author em eſtylo jocoſo.*

IDolos de eſtamenha, milagres obſervantes, Ceos pardos, e nublados Firmamentos da tempeſtade da ſetta, e do trovaõ da chamma. Perguntaõ voſſas Divindades que couſa ſeja iſto, a que chamaõ Saudades no Babel dos amantes? Erraſteis o Oraculo; porque eu mais depreſſa vos direi que couſa ſejaõ dores de eſtomago, que o que ſaõ penas do peito. Saudades, lá ſaberá bem dellas quem por ahi ſe anda fartando de auſente, e naõ quem cá anda tratando da ſua ſaude. Eu por ventura ſou Rabî das finezas, que val o meſmo que Meſtre das loucu-

loucuras? Sou Parocho dos auſentes, que bautize Saudades? Sou Anatomiſta dos ſolitarios, que anda eſcarafunchando triſtezas, e esfolando melancolias?

Ora viſto ſuppôrdes que tenho em meu poder o Calepino dos auſentes, a Proſodia dos triſtes, e o Vocabulario dos pezares, que val o meſmo que a carta dos nomes de toda a couſa humana, bem, e verdadeiramente, como lhos puzeraõ na pia; direi na materia das Saudades o que ſinto, e o que ſentî quando andava por eſſe mundo vadîo do ſentimento. Permitta Cupido que aſſim percebais ſeus nomes, que vos ſirva para aproveitamento de voſſas ocioſidades, e ſeja para maior honra, e gloria de ſuas louquices.

Que couſa ſaõ Saudades? Materia he eſta eſcabroſa, e emmaranhada em taõ altiſſimos ſegredos, que faria ſuar o topéte ao meſmo inventor dos nominativos. E finalmente, em Caſtella naõ ha Saudades, e ſe remedeaõ com aquella palavra Deſejos, que he o meſmo que fazer das tripas coraçaõ; porque o deſejo tambem he dôr de barriga, e Saudades hum ſentimento d'alma.

Saudades he o caõ ruivo do ſentimento,

porque naõ ha algum mais conhecido. O nome he mais velho que a Serpe; é a Serpe muito mais branda que o nome: mas que importa que lhe ſaibaõ o nome, ſe lhe deſconhecem o achaque! Saudade he hum Feniz das penas; o Feniz todos ſabem como ſe chama, e eu naõ ſei quem lho diſſe ainda.

Ponhamos iſto á viola. A Saudade he vióla de cinco; ou porque nas cordas do coraçaõ ſoaõ os zunidos da Saudade, ou porque nos cinco ſentidos ſe percebe o ſeu toque: a vióla de cinco naõ ha quem a naõ toque, e he raro o que a ſabe. Toca a vióla o barbeiro na tenda, o official na loja, o lacayo na eſtrevarîa, o mochila na rua, o pagem na ſála, o faceira na janella, o negro na dança, o agoadeiro na taberna, o pajóla na romarîa; e finalmente, no ſeraõ a dama, no eſtrado a donzella, na grade a Freira, na galhofa a beata, o eſtudante no preſepio, e o marióla diante do pallio. E pergunto eu: ſaberá algum deſtes bem, e verdadeiramente, que couſa he vióla? Lá ſerá para algum abelha meſtra como ſegredo da harmonia: embrechemos o exemplo nas Saudades; ahi as achareis tantas como praga, mas iſſo ſaõ Saudades das duzias, e ſenti-

ſentimentos de farta velhacos. O chaſquinho de peruca, digo, o Narcizo á Franceza, com lançol por cravata, duas botas viradas por mangas, por pernas duas linhas, por cotó hũa agulha, hum chapéo amaſſado, a cabeça peneirada; aſſim bonéco de Cupido, com ſeus dous retalhos de namorado, deo em ter Freira por vicio, eſtafermo do pateo, centurio do Templo, eſcarrando-ſe ao vulgo por Cavalheiro de bom goſto: eſte eſcreve á ſua Freira, que tem Saudades; em eſte ſaõ as Saudades bexigas doudas, que, ſem frio nem febre, lhe ſahem alli de repente.

A Freirinha criança, que ja ſe ſolta nas cartas, mas ainda engatinha nas finezas; que ainda lhe naõ naſceo o dente do ſizo, e ainda a naõ criſmou o deſengano; tambem eſcreve que tem Saudades ao ſeu Francez de refugo.

A donzella fiambre tambem eſcreve que tem Saudades ao ſeu titere; finalmente o micho á raſcôa, o lacayo á chula, o pajóla á regateira, o maroto á mulata, o ratinho á ſaloya: ora tomai-vos la com eſtas Saudades de algibebes, que eſtaõ alli feitas, e naõ ha mais que comprá-las, e vem a todos como naſcidas; como ſe fora a Saudade momo para a dama, paſtilha para a Freira,

Freira, mo la para o bandarra, cachimbo para o pajóla, farna para o micho, esterco para o lacayo, burra para a saloya, e rapozinho para a mulata.

As Saudades, minhas Senhoras, he a quinta essencia das ancias, a pomada das penas, a cassoula das magoas, e hũa alma racional amassada em pastilhas, derretida nas brazas do desejo, e exaltada nos fumos dos suspiros: pois achase ahi a cada canto?

Tem a Saudade por coraçaõ o suspiro, porque o suspiro he todo o alento da Saudade; por olhos os pensamentos, por boca a queixa, por alma a ancia, e por vida a memoria: He o suspiro a respiraçaõ da Saudade; e quem sabe dar hoje hum suspiro? O suspiro hoje nas Freiras he momo, nas damas mimo, nos toleiroens remedio, nos simples soluço, nos patifes roncos, nos salvagens bocejo, nos villaons arroto.

O suspiro foi para gente de entendimento, e proposito: o suspiro, para ser legitimo, ha de concebê-lo o pensamento, e animá-lo o cuidado; crescê-lo o desassocego, despedî-lo a alma, e proferî lo a ancia: o suspiro ha de dar-se com quem se desaffoga, e ha de acabar-se de

dar

dar com quem ſe deſmaya : ha de chegar humedecendo os olhos , e ha de ſahir abrazando os beiços.

O ſuſpiro he o pulſo da Saudade , a ſangria do coraçaõ , a lingua da alma , e a voz da ancia : he o ſuſpiro hũa faiſca deſatada da levareda do deſejo ; hum eſpirro ſolto de abrazados cuidados ; hum relampago , que rompe a nuvem da triſteza ; hũa conſtellaçaõ , que corre na noite da eſperança ; e pergunto eu : Saberá coalhar hum ſuſpiro , com todos eſtes ingredientes, a Freira, que anda eſtudando donaires ; a dama, que anda com a tarefa da ſua caſa ; o Adonis , que anda com o trabalho da ſua cabelleira , e o ſalvagem com o deſvélo da ſua pança ? Naõ póde ſer.

Pois , como haõ de entender das Saudades os idiotas dos ſuſpiros , zotes do ſentimento , que , irregulares dos deſaſſocegos , ſaõ excommungados de Cupido ? A Saudade he o golfinho das ancias , que bulha na tempeſtade das lagrimas ; he o morcego da viſta , que vôa na noite da auſencia ; he a maripoſa dos deſejos , que vôa a morrer no lume dos olhos ; he o carrapato da triſteza , que morre talvez na laã da eſperança : he finalmente coruja da memoria , e he gralha

lha da alma. Eis-aqui o que ſáõ Saudades.

Gera-ſe, e naſce por varios caminhos a Saudade: da viſta naſce a fineza, da fineza a deſgraça, da deſgraça a diſtancia, e da diſtancia a Saudade. Saõ logo as Saudades filhas da diſtancia, netas da deſgraça, biſnetas da fineza, e tátarenetas das viſtas. Eis-aqui como a viſta as reconhece parentas, mas mui affaſtadas; por iſto ellas por ella ſuſpiraõ, porque lhes ficaõ muito a perder de viſta. Eis-aqui o que ſaõ Saudades.

As Saudades ſaõ a tormenta do coraçaõ: nos olhos, agoa; no peito, fogo; na boca, vento: o primeiro he pranto, o ſegundo deſejo, e o terceiro ſuſpiro. Saõ as Saudades milhares de couſas, que eſtaõ eſpalhadas por eſſe mundo; ſaõ a enxovia do goſto, o cemiterio do allivio, a furna da alegria, o cadoz da lembrança, o viveiro das ancias, o charco das lagrimas, o vicio das penas, o eſcabeche das deſgraças, e a ſalmoura das queixas. Eis-aqui o que ſaõ Saudades.

Pois ſerá couſa facil engendrar-ſe no coraçaõ de hũa peſſoa hũa Saudade com toda eſta barafunda? E que pouco que ſabem eſtes anneis de agoa doce o quanto cuſta navegar lá no mar

lar-

largo das Saudades! O ſaber ſer ſaũdoſo, dá-o Cupido a quem he ſervido. O legitimo, e verdadeiro ſaudozo ha de ter as tres potencias da alma lá com outro modo de vida; ha de ter o entendimento alquimiſta, que de tudo faça memoria; hũa memoria vidraceira fazendo oculos de ver ao longe, e hũa vontade de algibebe, enganando lutos, para fazer galla de triſte. Ha de ter hũa imaginaçaõ continua, aonde naõ chegue allivio, nem por imaginaçaõ; tolhida para os paſſos, azáda para os voos: porque aquelles nunca cheguem ás viſtas, e eſtes nunca paſſem das penas. Ha de ter mais o verdadeiro ſaudozo olhos para as lagrimas, e naõ para as viſtas; boca para as queixas, e naõ para as doçuras; voz para os ſuſpiros, e naõ para os deſaffogos; coraçaõ para os martyrios, e naõ para os alentos; e finalmente, hũa vida eſtafermo de dores, e a pé quedo ſoffrendo pezares: quem lhe naõ parecer bem iſto, naõ tem que vir cá metter-me a ſaudozo.

Viraõ vv.mm. o que ſaõ Saudades? Eſcutem agora a ſua vivenda: hum boſque ſolitario, hum arvoredo ſombrio, hum cypreſte que creſce, hum alamo que bóle, hũa fonte que chora, hum

arroyo que se queixa, hum silencio que pas.
hum rochedo que escuta, hum zefiro que cor:
hum mocho que geme, hum écco que respon ,
hũa madrugada quieta, e hũa tarde trombuda;
e no meio de tudo isto hum coraçaõ esquelêto
emballsamado de melancolia no ataude da ancia,
rodeado de esperanças vivas, e memorias car-
pideiras.

Eis-aqui o que saõ Saudades: e quem naõ
as souber fazer, naõ se metta em ausentar-se;
porque andaõ por ahi saudosos, que mereciaõ
açoutados. Mas lá se avenha cada hum com o
seu sentimento, que eu naõ sou missionario: lá
o haja Cupido com o seu mundo; e vos dê gra-
ça para fazeres muitas Saudades em seu serviço.

BAN-

# BANQUETE PREPARADO, E DEFINIDO: *DESCRIPCAÕ* DOS PRATOS DA OLHA

## *Para direcçaõ dos golozos, e conſolaçaõ dos buchos.*

Ó Creaturas, ó homens, ó gentes, ó ditozos alarves, que ahi vos fartais por eſſas meſas, empanzinando eſſas barrigas, e fazendo como huns tambores eſſas pan-ças. Tambores digo, porque tocais a marchar, naõ com vaquetas que tocaõ, mas com vacas que ſe maſtigaõ: pois vaquetas fieis ſaõ aquelles páos, com que ſe tocaõ os tambores. O' vósoutros, torno a dizer, lobos da olha, cegonhas do preſunto, e corujas do caldo, que andais por eſſe mundo, vivendo na eſturdia da contingente fartadella; ja na ſála do bautizado, ja na meren-

da do amigo, ja na romagem do devoto; ja nã caã fóra do divertido, e finalmente, ja no cirio, em que coſtuma arder tudo.

Vós, que aſſim vos fartais, abrindo tanto eſſas bocas para o bocado, ſem nunca as abrires para o agradecimento; oh progenie ingrata, lambazes á tripa fôrra, e comiloēs a *gaudere*, ſem a mais pequena attençaõ, ſem a menor cortezia com as perſonagens; que vos pōem comſigo á meſa! Aſſim ſuccede (quanto ao principal da galhofa) aſſim ſuccede á pontual Sopa, ao diligente Aſſado, ao infallivel Preſunto, e ao veneravel Vinho; que ſaõ os quatro elementos, com que reſpira, vive, e dura o eſpherico mundo da voſſa barriga: e por ventura abriſtes algum dia a boca do eſtomago para lhes agradecer eſte beneficio? Ora, para confuſaõ voſſa, eſcutai o que deveis a eſtes nobres, e benevolos elementos, e ficareis com a boca aberta paſmados, como ſempre o eſtais de famintos; e vamos

## A' PONTUAL SOPA.

POntual ſopa? Sim; porque ella he a que nunca falta: ella na meſa a primeira, ella no banquete, e ſempre terna. E que ſuccede á ſopa para vir a cumprimentar-vos na meſa? Ora vede: para naſcer, ſe ſepulta na terra; a pedra da ſua campa he a bota do villaõ, que a enterra. Vive enſopada do Inverno; morre chamuſcada do Eſtio: dalli paſſa, a maneira de cadaver, a ſer piſada na eyra, moida na atafona, ralada na peneira, eſpancada no alguidar, queimada no forno, encarcerada no armario, até que finalmente, deſpedaçada na ſopeira, triunfa de tanto martyrio coroada com a capella do cheiro.

Vêde o que cuſta a eſta pobre ſenhora o vir a ſervir-vos de pratinho na meſa, e a generoſidade, e preſteza, com que ſe offerta: por mais que a maõ a eſquarteje, o caldo a eſcalde, o preſunto a pize, nada a atemoriza: ella he a primeira, que chega. Oh ſoberana ſopa! Tu es o guiaõ da meſa; tu es o pregaõ da olha; tu es o ſargento dos guizados; tu es a primaz dos gor-

gorgomîlos: tu finalmente es o poſtilhaõ do paladar, que deſces ao paço do eſtomago a dar a nova de que o banquete he chegado.

Pois o que tem, he o ſer ella em nada ariſca: alli eſtá ſem reſiſtencia, ou a machuque a golodice dos dedos, ou a eſpiche a impertinencia dos garfos, ou a ameace a mordacidade dos carrilhos; ſem que atemorize a garganta com a eſpinha, o dente com o oſſo, ou o melindre com a pelle. Alli ſe offerece toda branda, toda macîa, a peſar da roda do payo, que a piza, e do villaõ do repolho, que a amaſſa. Oh pacientiſſima, e ſaboroſiſſima ſopa, que talvez cahes no mel ao goloſo, convidas temperada ao lambareiro, e eſperas aboborada ao politico! Mas em fim, aſſim devias ſer, pois te reconheço o guizado mais diſcreto, porque quaſi toda es miôlo. Mas paſſemos

## AO DILIGENTE ASSADO.

DIligente digo, porque nenhum chega com mais fogo, ainda que naõ ſó o traz no rabo, mas tambem ſe lhe ſentè no peito. Grande prato, meus commilitoens, que em

ẽm Latim quer dizer companheiros! Grande prato! Porque aſſim como para os Aſtrologos ha conjunçaõ maxima de Planetas; aſſim para os lambazes he eſta a uniaõ maxima das viandas. Alli vem a perdiz a peito deſcuberto; alli o perû, que, a pezar do nome de velho, nenhum mais bem córado; alli a gallinha offerecendo o recheio do bucho para o cheio do prato; alli o cazal de frango, e franga, deixando talvez faminta a enfermaria, por augmentar a fartadella da venturoſa pança: alli finalmente a rola ſem gemidos, e a pomba ſem arrulhos; porque iſſo foi paſſar da penna dos poetas á navalha das cozinhas.

Mas affaſtem-ſe todos, que chega o general dos aſſados; chega o lombo, taõ nobre, que tem por epîteto o branco: chega o lombo, que, ſahindo da Porcalhota, intenta dar comſigo na Fonte da pipa. Mas oh deſgraça do prato limpo, e do guardanapo dobrado, que naõ merecemos a generoſidade deſte cavalheiro, mais que o tempo de dous mezes quando muito! Porque, eſtudando a brevidade da roſa, perde tambem entre as eſpinhas a vida, com a laſtima de o vermos triunfado da bateria do feijaõ ſaloyo, do aſſalto

do

do bacalháo Hiberne, e, quando he mais nobre o adverſario, do ſavel reumozo; inda melhor, do ſalmaõ Genovezino: mas alto, naõ haja lagrimas, que dos ſeus fogos paſſamos a melhor cinza.

Viſtes vós mais formoſa eſquadra! Quem naõ ha de render a praça do eſtomago a taõ bem guarnecido terço: lombo, perû, perdiz, franga, pomba, rola, e o frangainho capaõ em agraço, e gallo de futuro? Que ſejaõ taes eſtes emplumados individuos, que, ſem attenderem ás ſuas proprias pennas, naõ ſó os traz ainda em pelle a preſſa, mas ainda vem aſſados por chegarem a ſer iguaria! Que ſe offereçaõ á eſpingarda do caçador aſtuto; ao cutélo do algoz cozinheiro! Que conſintaõ na eſtripaçaõ do ſeu proprio bucho, e vaõ ainda emcima a ſervir em hum forno! Que a nobre perdiz venha a cahir rendida na eſtanhada flamenga, quando ainda agora a viraõ taõ eſpetada na cozinha! Que o perû, que ainda agora ſe eſteve rindo do veraõ, com as pernas para o ar no eſpaçoſo campo do forno, venha render-ſe no corpo da guarda do prato, onde o apanhou a guarniçaõ do meio! E finalmente: que as mais aves, que viviaõ em

ſau-

ſaudavel elemento, na larga, e eſpaçoſa regiaõ do ar, logrando os favores do Favonio; ſe venhaõ metter no abafadiço elemento, e encalmada vivenda da regiaõ do fogo, onde eſtaõ experimentando, e ouvindo as ferramentas de Vulcano; e que nem aſſim mereçaõ a voſſa attençaõ! Oh alarves do aſſado, e papagentes do forno, ſem fazer mais que aſſaltá-los logo no cerco do prato; ja mutilando-os com os golpes das facas; ja prendendo-os com as fiſgas dos garfos; ja deſpedaçando-os com a carniçaria dos dedos: ſem que no enterro daquelles goſtoſos cadaveres ſe vejaõ mais luzes que as de hum copo acceſo; nem ſe ouçaõ mais vozes, que as gargantas, que os vaõ engolindo: barbaro deſagradecimento! Oh deſgraçadas rezes, que do purgatorio da braza cozinheira aſſim paſſais ao inferno da pança deſagradecida! Mas acabe ja de entrar neſte laſtimoſo theatro o infallivel repreſentante do

## PRESUNTO.

INfallivel Preſunto digo, porque elle he a alma da meſa, o coraçaõ da boda, e a vida da galhofa, deſde o Cavalheiro mais ca-

prichoſo, até o mais mofino ſerralheiro; huns o compraõ, outros o acclamaõ, e finalmente todos o ſuſpiraõ: inſeparavel companheiro do divertimento mais eſcaſſo, da merenda de menos eſtofo, e do almoço de menos vulto, o levaõ ſempre comſigo, o bandarra no lenço; a guapa no guardanapo; o eſtudante no papeliço; o official na algibeira; a beata na manga; a regateira na giga: ſem haver alma Chriſtaã, que naõ reconheça as grandes virtudes, e ſingular preſtimo, que a natureza depoſitou naquelle original bocado. Oh amado, oh bemquiſto, oh guapo, e eſtupendo preſunto! Mas ide vendo o que deveis ao ſeu cuidado.

Naſce eſte parto precioſo entre os coeiros de bacorinho, paſſa com o tempo ás virilidades de porco: alli começa a empenhar-ſe no contrato, ajuntando os cabedaes do toucinho; ſendo que nunca tira o pé do lodo: mas aſſim que ſe vê ja engroſſado, a tudo faz focinho, e por mais que imite ao Elefante na prudencia, naõ deixa de ter ſeus dous dedos de tromba: induſtrioſo, ainda que bruto alquimiſta, das mais deſprezadas, ou mais aſcoroſas immundicias fabrîca, e coalha o delicioſo de ſuas entranhas. Mas oh

o mais

o mais infausto dos quadrupedes viventes, que, naõ sendo a tua diligencia mais que hũa contînua tarefa da tua gordura; quanto mais avultas no corpo, tanto mais te convidas ao cutélo! Essa gordura, com que suppões eternizar a vida, he a com que escorregas a cahir nas crueis mãos da Parca. Oh acaba de conhecer que essa opulencia suginada, com que enriqueces na ceva do lodo, essa he a que desperta a ambiciosa cobiça do que te suspira na golosina do prato.

Assim passa a vida este enganado, e gostoso individuo; e sem ter melhor morgado, que o dos Monturos, passa a acabar seus dias em Mata porcos: dalli passaõ, ou dalli levaõ seu cadaver á chamusca, de donde se traslada ao deposito da despensa, até que finalmente, feitas as exequias nos apparatos da cozinha, passa a sepultar-se nos jazigos, ou do prato ainda em lombo, ou da olha ja em presunto, ou do estomago em guizado.

Assim acaba, assim se sepulta, ou assim se eterniza aquella vida glotona; mas ainda naõ ouvistes o que lhe deve a mesa: infausto para elle, e sua prosapia, he o inverno até o formidavel termo do entrudo. Os gemidos roucos, e

defentoados, por eſſes praças, por eſſas ruas, por eſſes açougues, por eſſas cozinhas, onde perece aquella innocente parentéla debaixo do cutélo do Diocleciano cozinheiro. Que vedes a instantes, ſenaõ fumaças de ſeus queimados corpos? Que vedes ſenaõ enterros dos meſmos, ja deſcabeçados, ſobre as nervoſas coſtas de reforçados galhudos, naõ de ſaltimbarca preta, mas de lona groſſeira, e dura, com guarniçoẽs de páo, e corda, ſem que o luto daquellas viventes andas ſeja authorizada exequia daquellas deſcabeçadas vidas.

Agora ſim, e agora ja: ſim, e ja aos golpes da crueldade eſquartejado, paſſa de porco a preſunto; porque ſacrificado á maſmorra de hũa chaminé eſtreita, e eſcura, ainda alli tem fumos, fortalecendo-ſe contra a corrupçaõ dos tempos, e deſtinando-ſe ao precioſo emprego dos guizados: moſtra-o melhor a experiencia, porque ja dalli em diante eſpurio preſunto, he contrapezo *in cunctis* do cozinhado.

E que ſendo eſtas as prendas, que ſendo eſte o generoſo genio do preſunto, ſendo eſtes os deſvélos para vos ſervir, e para vos tratar; ſejais vós taes, ó lambazes deſcortezes, que naõ

ſó

ſó naõ feſtejeis com eſtrondos, e alaridos a chegada, e aſſiſtencia do preſunto, mas ainda o trateis como a hum porco, ja deſde o berço enxovalhando o com eſte epíteto! Grande caſo! Porco? Porco chamo eu a hum homem com as mãos mal lavadas, as unhas creſcidas, o cabello por pentear, a barba por fazer. Porco chamo eu áquelle, que, na pojadura do pingo, muge com os dous dedos o nariz do tabaco; e fazendo lenço da parede que topa, ſabe tirar os eſcrupulos com a ponta da capa. Porco chamo eu ao que com o focinho ſobre o prato, reſonando como ſe eſtivera dormindo, manda bugiar os garfos, com a ambiçaõ de lamber os dedos. Porco chamo eu ao que arrota repotreado, eſcarra na parede por goſto, e deſentulha o nariz com o dedo. Porco chamo eu ao que por uſual deſcuido deixa que o remoque do eſcarpim ſe lhe lêa na meia, o do ſovaco na cravata, e do tabaco na veſtia, eſtendendo-ſe na maſcarra á manga da camiza. Porco chamo eu a hum donato roliço; a hum eſtudante choquento; a hum carvoeiro deslavado; a hum futre de cachimbo; a hum bicho de cozinha; a hum galhudo de tumba; a hum maroto de ceira, e a hum ribeirinho
de

de carne. Mas porco ao mesmo porco, que naõ tem em todo aquelle precioso corpo migalha, que lhe naõ aproveite a golozina? Diga-o o sarrabulho na tigéla; a forçura na frigideira; a orelheira na panella; os pés no contrapezo da olha; os miólos na industria do cozinheiro, e a lingua no recheyo do payo: e que direis de toda a corpulencia? Dalli sahe a delicia do lombo para o seu tempo, a providencia do toucinho para todo o anno; a supervivencia do presunto para melhorar o prato, e a singularidade da manteiga para naturalizar o tempero: só do rabo se naõ póde aproveitar o pratinho, porque ahi torce a porca o rabo; ficando aquella unica, e pequena porçaõ sem utilidade, porque nunca do rabo do porco bom virote.

E a isto chamais vós porco? Manday bugiar a Prosodia, e tratai de estudar pelo livro da cozinha. Porco! Ditoso, o que comendo-o passa o nome ao guardanapo. Oh portentoso porco! Oh delicioso bocado para o paladar mais discreto, que ainda os mesmos authorizados chocolates inclinaõ a cabeça até aos teus fiambres! Tu es o adubo da olha; tu o contrapezo da sopeira; tu a alcaparra da cozinha; tu a reliquia da despen-

despensa; tu o padraõ da ucharia; tu finalmente,ainda em hum salchichaõ, posto á ginêta,montas mais, que os Faetontes da cozinha mais fidalga: ditoso o bucho que te serve de relicario; feliz o ventre, que te guarda gaveta; fortunada a tripa, que te recolhe bolsa; e finalmente, glorioso, e desarriscado o copo, que te encontra por colchaõ no estomago.

Fallámos em copo? Alviçaras, ó lambazes do prato, que he chegado o veneravel Vinho! Veneravel? Sim; porque, sem o estranhar o Tribunal mais sezudo, posto que nem sempre veste o roquete nativo, ainda atéqui o naõ viraõ sem bago; mas esta materia pede mais alto cothurno, para o nosso assumpto só o quero leigo. Oh se para ponderar o seu credito estivesse agora de vez o discurso! Porque faltar ás glorias do seu timbre, será grosseira inurbanidade, quando sempre se costuma fazer a razaõ com elle. Mas trabalhoso emprego descrever as circunstancias natalicias de hum Principe taõ generoso, que talvez veste a purpura no berço, quando forçosamente ha de tropeçar a penna nos desdouros da sua Nobiliarchia; sendo o seu Nobiliario taõ notorio, que tem parte de bastardo,

e parte

e parte de mourifco,baftantes a inficionar algũa, que participa de gallego.

Nafce em fim o vinho florecente, mas ja taõ robufto, e forte, que em fua mãy fe explica o parir, por arrebentar; affim para o dar á luz fe encofta em hũa cana, como fe ja o foffe affeiçoando á canada: de primeiros coeiros lhe ferve a parra, donde parece que ja fe deftina á parrilha: ja encorpado começa a fer perfeguido, a que refifte como o mais pintado: mas por mais que fe guarneça em Caftello de Vide, ahi o alcança o mais maroto, e defmedrado canivete, adormecidas talvez na barraca as cautélas da menos aftuta fentinella: affim crefce defgraçado, que os que mais o trataõ, faõ os que mais o cortaõ; paffando taõ affuftada a vida, que ainda eftando no feu parreiral, eftá á dependura: mas a pezar do arrifcado vai crefcendo ligeiro, affim na corpulencia, como nas forças, taõ certo como ha vinhas; promettendo-fe taõ induftriofo, que fe lhe conhece o preftimo ainda no decepado: paffa affim povoador dos campos, até que cahindo em mãos dos rufticos, fem haver quem lhe valha, ao paffar pelos pégoens acaba a vida. Mas oh Feniz dos licores, que

a don-

adonde agonizas morto, reſuſcitas vinho; e paſſado á urna da pipa, naõ te faltaõ os aromas panchayos na mexa!

Mas mais largo campo me pedem as traveſſuras de ſeu esforço, e as eſturdias de ſeu genio: deſafiado, eſtá logo corrente; nada recuſa a dar ao competidor na cabeça; deſtro nas venidas, ſe mette com quem o deſafia, livrando nos copos toda a eſpada; grande camarada para hũa furia o tem certo em vaza borrachas, e na fonte da pipa, prompto para dar hũa merenda: naõ terá elle cozinheiro, mas copeiro nunca lhe falta; poſto á meſa com os amigos, naõ ha mais graça que vê-lo fallar em todos: com os mais familiares aſſim trata, que naõ ha maior amigo de cama, e meſa; porque naõ ſó os obriga a comer, mas ainda os convida a dormir.

Mas oh infeliz qualidade das grandes prendas, que, como engeitado da ventura, e reo da deſgraça, o vem por eſſas eſtradas em couros, e ainda por muitas partes em quartos! Mas que importa, ſe os que melhor o conhecem, em carro triunfante o conduzem, onde tocaõ á pipa os arcos da entrada, como ao louro as acclamaçoens do triunfo? Oh que rendida, e prompta

contemplo aqui a veneraçaõ devota; que repetida em ſuas ermidas a romaria, onde huns lhe compraõ as medidas, outros lhe beijaõ as vidraças! Finalmente, bemquiſto das attençoẽs publicas, como particulares; deſde a mais preciosa taça da nobreza, até o mais ſarrento cangeraõ da bota; deſde a mais caprichoſa fraſqueira, até a mais çurrada borracha: aſſim ſe faz ſenhor do humano agrado, que, perſeguindo todos a Veneza para cryſtallino relicario da ſua peſſoa, o mais fidalgo o põem á meſa comſigo; a mais ſenhora ſe naõ eſquece delle na merenda; o homem particular o hoſpéda na garrafa; o villaõ farto o apoſenta na adega; a beata ladina o conſerva na cabaça; a donzella momenta o leva como pîrula diſſimulado na manga; o donato providente o aproveita na capacidade da bacia: e finalmente, os lacayos o acompanhaõ de continuo, e os mariolas o levaõ em pezo.

E que ſendo eſta a veneraçaõ, que ſabe grangear eſte generoſo Principe; ſejaõ taes os lambazes do banquete, que o trasfeguem do copo ao eſtomago, entre hum lá vai de entrada, e arrôto de deſpedida! Que ſem conveniencia o andem paſſando á caſa da ſaude, malquiſtando-o

como

como ferido de peſte ! Que ſejaõ taõ deſcortezes , que , para o recolherem em hũa caſa , andem buſcando primeiro hũa adherencia ! Que ſendo elle taõ divertido , aſſim o injuriem de pezado , que ſejaõ neceſſarios dous para empurrar hum copo ! Por ventura peza elle tanto na taça , como na pipa ; para que ſejaõ preciſos dous para a carga ? Naõ beberá cada hum o ſeu vinho que lhe preſte ? Taõ máo trago he elle de paſſar , que ſe peça ajuda para o beber ? Se os ſangrados haõ de ſer os fracos , para que he andar tomando os pulſos aos companheiros? Por ventura a ſaude do meu vizinho ha de obrigar-ſe ao cozimento do meu eſtomago ? Ha de expôr-ſe á grande deſgraça de morrer de ſede em hũa enfermaria ? Para que he dar a outros o trabalho de pegar nas armas , quando bebo ? Por ventura , he o meu copo algum Coronel , que vai paſſando ? He bravo caſo ! Que ſe naõ attreva hum homem ſó por ſó a hum copo , quando o copo ha de ſer o primeiro derrubado !

Eſtas as deſattençoens intruzas , com que o vinho he recebido , e tratado nas deſagradecidas meſas , naõ paſſando o applauſo mais eſtrondoſo á ſua aſſiſtencia , mais que de hũa vozeria

amotinada: teimoſo, e barbaro idioma; para o que os meſmos fraſcos abriraõ as bocas, e o fogo do meſmo licor moveo as linguas: vede lá ſe he eſte o congruente agaſalho, com que ſe deve receber hoſpede taõ politico? Naõ fallo na chuſma plebea, em que os paladares depravados, ou pela poltronaria, ou pela penuria, tal vez o hoſpédaõ com hũa ſardinha de eſpicha; tal com o aranque de fumo; e muitos com a indecencia do rabo: mas a docilidade daquelle genio què aſſim ſe accommoda com todo o eſtomago! Taõ riſonho o acha o fricaſſé na meſa, como o mondongo na cozinha; tanto lhe pezaõ as trouxas de ovos, como os molhos de carneiro; tanto o accommodaõ as precioſidades do ſonho, como a ſanta pobreza do feijaõ fradinho; taõ bõa cara faz ao mexilhaõ orgulhoſo, como ao caramujo encolhido: e finalmente, até hũa pobre côdea de paõ, e hũa azeitona çapateira o deſinquietaõ da garrafa, em que eſtava reduzido á gotta. He verdade que mettido com a gente ſaõ varios os effeitos que influe: neſtes ri, naquelles chora; neſtes emmudece, naquelles palra; neſtes ateima, naquelles deſconfia; neſtes tropeça, e naquelles falta: mas ſempre taõ activo,

que

que em todos trepa. Que precioſo parto da terra ſe fora ſempre pagaõ por vida! Naſce debaixo de Libra, que lhe infunde os pezos, os mais Signos ſaõ para elle fabula; e nem Aquario com ſuas inundaçoens lhe enche as medidas: ingrato, o que o adultera; por elle muitas vezes ſe vay á fonte da pipa, mas nunca a fazer agoada.

Mas oh acabem ja elles lambazes do prato, e confrades do brodio, acabem de aprender o que te devem eſtimar, vendo que o cirio te feſteja; o bautizado te convida; a galhofa te agaſalha; a feſta te logra, tendo tu ſempre o melhor lugar na meſa; juiz ſem controverſia, porque ſempre he mais avantajada a tua eſmóla: a tua vivenda he a parochia dos freguezes ſequioſos; a tua caſa a eſtalajem dos romeiros canſados; a tua terra he Arruda dos fulioẽs humanos; tu es o bordaõ dos velhos; o pandeiro dos moços; a gaita dos divertidos; a folia dos branduzios; o chocolate dos lacayos; a angelîca dos agoadeiros; o ſorvete dos caminhantes; o caxundé dos lavradores: tu finalmente es o para todos da natureza, o veneno da melancolia, a erva doce do flato, o pimentaõ do frio, a columna do eſtomago, e até a melhor receita para os doentes,

porque

porque tambem ſerve de fazer ſaudes.

Ja ouviſtes, ó curioſos, as relevantes qualidades do vinho: reſta agora hum importante conſelho para as ſanguixugas do prato, ſarnas da meſa, e frieiras da toalha. Meus irmaõs, no vinho naõ ſe ha de pôr boca, ſenaõ tocado como a delicadeza de hũa gaita, pois ſe naõ ha de paſſar com elle da chança da galantaria; porque o mais he peccado, e dará com tudo de aveſſo: galanteá-lo, mas naõ perſeguî-lo: ir-lhe aos quartos, mas com induſtria, por naõ cahir na madorna: e finalmente com elle advertido, naõ lhe dar muito que trabalhar no bucho; porque ſe naõ for bom Alfaiate na tripa, ſahir-vos-ha depois máo ferro velho na boca. Mas paſſemos ás mais

## DROGAS DO BANQUETE, e allivios do appetite.

A Vaca, que he a Matuſalem das olhas, a quem naõ tenta com a maçaã do peito? A quem naõ ſatisfaz com os miólos da diſcriçaõ; e finalmente com as galantarias da lingua? Que aſſado naõ faz bemquiſto, alombando

bando o prato com o pezo do lombo! Que graças lhe deve dar o comilaõ concurſo; quando naõ tivera outra couſa mais que ſer mãy daquella donzella delicada, taõ modeſta, e taõ bem procedida, que todo o ſeu genio he o recolhimento da empada! a vitella digo, ainda que tambem ás vezes alenta o matrimonio com o mais generoſo aſſado; ouvindo na guarniçaõ dos pratos as deſcahidas que ſe coſtumaõ dizer aos noivos: talvez leva por madrinha a fulana leitôa, e de taõ bemquiſto procedimento, que naõ tem mais que os couros pardos. Oh delicioſas crianças, leitôa, e vitella! Aquella, ainda com os beiços com que mammou, eſtá ſempre com o nome de mammar. Oh ditoſa conjunçaõ de duas tenras meninas! Que o naõ faz o Geminis no Zodiaco, como vós ambas o fazeis no prato! Bons olhos vos vejaõ, bõas bocas vos comaõ, bom cozinheiro vos enfeite, bom vinho vos bautize, e bons eſtomagos tomem em vós parte. E que faraõ os noſſos alarves com eſtas duas tenras creaturinhas, que, deixando ás mãys o peito, vem liſongear-lhe o goſto! Oh crueldades com hũas innocentes; que, ſem mais cortejo, ou piedade as deſpedaçaõ Herodes,

des, para as comerem papagentes!

E as azeitonas, e alcaparras, hypocrizias da mesa, ou adherencias da cozinha, porque naõ fique guizado a que naõ prove o gosto, evitando-lhe o dezar de reprovado. Mas ditosa, e abençoada a funçaõ, aonde estas duas drogas naõ entraõ mais que a testimunhar a abundancia, e a authorizar a mesa; e mais ditoso o gorgomîlo, onde estas chaves naõ servem de abrir as portas do estomago! Oh fortunados lambazes, oh glotoẽs felices! Só vós nascestes para deixar ociosas, e vadîas estas appetecidas, e desejadas favandijas do paladar humano, tirando-lhes o pernicioso exercicio de alcoviteiras dos manjares, e mercieiras dos estupores. Aqui entra o tomate peregrino, e o rabo cazeiro, ambos vermelhos de envergonhados: aquelle de se lhe adiantar o já decano, e antigo alho, a que nasceraõ os dentes no exercicio do tempero; sendo ja remoque arrotar áquèlles na panella, de convidar a todos para esperá-la: vermelho o rabo, porque malquistado do arroto, he hum pobre escudeiro desvalîdo, de que só se serve a celada, que he hũa chicoria em tempo de inverno. Chicoria digo, e taõ miseravel, e pobre senhora, que por

mui

muy pouco efcapou de alporquenta; porque o melhor que tem, he de alporcada: he verdade que ja hoje está mettida a filha da folha, e naõ mal acceita na mefa; porque álèm de multiplicar os pratos, tambem com fuas verduras defínquieta os defejos: tendo hum goftofo fainete com que fe entretem os bocados, e toma o paladar novos efpiritos para aturar a teima dos novos guizados.

Fulano carneiro tambem entra a fer jazigo do mais honrado corpo, que talvez com as tripas nas mãos o vem a hofpedar no bucho. Naõ deixe o noffo confrade de o cortejar repetidas vezes, que elle naõ corre perigo no affogado: talvez lhe achará graça, ainda que para fahir da mefa naõ ferá máo, picado na cozinha.

Mas corôe ja a noffa mefa aquelle quotidiano, mas fempre bem acceito confanguineo da olha, o veneravel arroz; hũas vezes com parentefco mais chegado á fopeira, nunca remoto da vaca. Mas que groffaria! que por mais que a fua pontualidade o bemquifte, talvez o defpreza a colher enfaftiada: fendo que nem por iffo volta para a cozinha menos airofo, foccorrendo os eftragos dos pratos ja fallecidos, e favorecendo

as toalhas de algumas panças viuvas. Oh, ainda que naõ o hoſpéde, o naõ moteje o noſſo confrade, reconhecendo nelle aquelles grandes preſtimos, de rolha dos eſtómagos, e furriel dos guizados!

Chega o doce todo melindroſo, e todo Narcizo da agoa do pucaro; mui principal nas eſtimaçoens da taça, mas ſem paſſar da garupa da meſa; o bom naſcimento nada o avantaja, porque ainda os deſcubertos por grandeza pertencem á confeitaria; o pay teria muito engenho, mas o filho naſceo enſoſſo: porèm ſabe muito bem; a liſonja he todo o ſeu chiſte, que ninguem faz melhor a boca doce: grande politico para cortezias, nada para galhofas, que naõ tem ſal algum para ellas. Os noſſos confrades, ſe lhes parecer, o regeitem por deſvanecido, tendo-o por couſa de vento, porque puxa por agoa, que he a ſua ſympatîa, aſſim o podem relaxar ás freiras por contrato; aos pagens por genio; aos eſtudantes por galga; ás damas por goloſina; aos nobres por grandeza, e aos particulares por ceremonia: fique finalmente excluido por pernicioſo, que no corpo cria lombrigas, na caſa convida moſcas; e neſte ponto ſe diſpen-

ſa

ſa com os alarves o enfaſtiado, que he menos enormidade que o goloſo.

Aqui entra o flamengo córado, e o alentejaõ baboſo, e nem com menos agrado o ſaloyo freſco, todos filhos de fulano leite; e ainda que diverſos nos naſcimentos, iguaes nos bautiſmos: o flamengo gran côdea, o outro todo miôlo; com todos faz fulano Trigueiro grande pádinha, ſempre acceitos ao auditorio, ainda que vem no cabo traveſſos. Saõ o diabo para os ratos. Baſta galantear hũa migalha ao mais vinhote ratinho, para o fazer cahir na ratoeira da pança: vaõ bugiar os queijos de ouro, que ſeraõ mais ricos, mas naõ mais engraçados; aqui naõ ha que advertir, porque aos noſſos lambazes naõ lhes eſquece o codear.

Mas chegando o carro dos horteloẽs entra mui confiada a fructa, porque ſempre acha amigos na meſa; mas ainda que ſe põem toda ſobre ella, naõ he para ſobremeſa toda. Para q eſtomago lambaz ſe colha aquella, que for de regadîo de nora de borracha, e tanque de copo; a pera entra com o remoque de ſeu adágio. A laranja com o remoque de laranjinha, que inculca horta, a lambuje de tigéla. Uvas vem fóra de

proposito, porque está o lagar impedido. Castanhas, e nozes saõ para estomagos menineiros; se os lambazes se tentarem com ellas, recolhaõ-nas nos buchos, como mosquitos: mas sobre tudo chegue o penitente cardo com toda a ardente sede de seu sequeiro, para a atear nos estomagos ja froxos, e descahidos: venha, ainda que despido do silencio de seus espinhos, e com sua nativa aspereza provoque a lagrimas aquelles encarniçados olhos. O' lambazes do genero humano, (diz o campestre, e veneravel cardo) e cuidaveis vós que havia de ser eterna esta vida comilona? Ja o banquete deo a alma nas mãos de vossa glotonarîa, ja desceo ao inferno do vosso bucho: mas, sem acceitar o *nulla est redemptio*, ainda espera passar ao purgatorio.

Ja se sepultou aquelle corpo taõ carnudo, a que serviraõ de mortalha as toalhas desta mesa; mas vós o desperdiçastes, vós o consumistes, e vós o enterrastes, dando-lhe tanta pressa, que a unhas, e a dentes lhe tirastes a vida: ainda com estes olhos estou vendo as armas, com que o perseguio o vosso odio; essas facas, com que lhe dissipastes os membros; esses garfos, com que lhe arrancastes as carnes, e essas colheres,

com

com que lhe bebestes os humores: ainda ahi vejo armado nessa mesa o cadafalso, em que lhe tirastes a vida; ja o naõ posso repetir sem lagrimas, que, ainda nos eccos de hum cheiro suave, estou escutando os gemidos, que repetio a cada golpe. Mas oh lastima de nenhum chorada, e de poucos advertida; que aqui estalou, e se consumio em duas horas aquella formosa corpulencia, que se compôs, e organizou em tantas! Já a porçaõ do presuto, e a do assado no perû em mezes, na leitôa em semanas, no frango em dias: mas aqui expirou, e desappareceo em duas horas, aquella compostura, que gastou hũa manhaã inteira; aquella tarefa, em que se desvelou a industria do cozinheiro, a presteza do fogo, a impertinencia do tempero, e a diligencia do forno: mas o que custou tanto a compôr, que pouco gastou em se consumir!

Alto pois, ó lambazes reformados; ja que fostes herdeiros de suas forças, entrai a celebrar suas exequias: aqui estou eu cardo, que vos incito com a minha persuasaõ, e podereis despejar de almas o purgatorio de hũa adêga: chegay, chegay ás apagadas tochas desses copos, ás accezas alampadas daquelles frascos, e começay a allu-

allumiar esse cadaver despedaçado; que jaz no mausoléo espaçoso de vosso estomago.

---

## DISCURSO FUNEBRE

## *Na morte do algoz da humanidade.*

LA' dizem as carpideiras Sibyllas de tamanca, e de mantilha, que morre quem morre: mas eu digo agora, que morre quem mata. Morre a abelha, que levou á fisga a bonina; porque, se lhe metteo o ferraõ mordendo, tambem lançou o ferrado expirando. Morre o mosquito trombeteiro, que perseguio a calva do velho desvelado; porque a mesma trombetinha, com que lhe agonizou a orelha, foi a que lhe desafiou a manopla. Morre a pulga, que desinquietou a velha mercieira; porque quantas mordeduras lhe deo na perna, tantas lhe pagou cahindo-lhe na unha. Morre finalmente o pio-

o piolho, que se metteo na costura do veneravel donato; porque quantos pinos lhe tomou no cachaço, tantas mataduras lhe repete no dedo.

Pois se tudo que mata morre, quem mais morredor que Cupido; porque quem mais matador que elle mesmo? He Cupido hum taõ grande matador, (se ha verdade nas cartas) que com elle he a mesma espadilha ás de copas: he taõ grande matador, que naõ fazem com elle vaza, nem os Reys pela grandeza, nem os Condes pela fidalguia, nem as mesmas Sotas pela formosura: ganha aos ouros, porque aonde entra os desperdiçaõ; ganha ás copas, porque muitas vezes as deixa empenhadas; ganha ás espadas, porque mais ferem as suas settas; e ganha aos mesmos páos, porque o seu fogo os póde reduzir a cinzas: assim he o amor hum matador, que de tudo triunfa, e quem dissera, que ainda mais triunfa, quando se mette na baralha!

Mas oh desgraça dos matadores; se quantas feridas deixaõ abertas no inimigo, tantas sepulturas se abriraõ a si mesmos! Que importa que Cupido seja o sangrador do genero humano, de quem he estojo a aljava, lanceta a setta, e a venda fitta; se elle nos incuraveis da inconstan-

cia

cia ha de morrer de morte subita? Morreo logo o amor: que nem os privilegios de divino, o isentaraõ das pensoens de galhudo. Mas oh inconstancia feiticeira, que assim soubestes embruxar hũa criança!

Sabeis, senhores, qual he o alimento de Cupido? He a conrespondencia de hum peito amoroso: naquelle peito chupa o leite com que se cria. Mas oh desgraça! Que se he a sua mãma a conrespondencia, he o seu côco a mudança: e quem duvîda que he arriscar-lhe a vida, o desmammar hũa criança tenra?

Que ditoso vivia o Cupido de Fabio, a quem elle dava continuamente o peito! Elle o pensava nos coeiros de seus pensamentos; elle o envolvia no volvedouro de seus recatos; elle o animava com o ró ró de seus suspiros; elle o entretinha com a bonéca de sua memoria, e elle o criava com os dispendios de sua fineza: mas que importa, se, desmammado da desgraça, teve por ama secca a inconstancia!

Clori, serpe de nata, basilisco de alcorça, Tigre de filagrana, occupando o regaço com outro Cupido, naõ quiz mais tomar o de Fabio ao collo: assim agasalhou o outro no berço dos mimos,

mos, e deixou o de Fabio na roda dos engeitados; eſmoreceo a criança, e morreo de paſmadinha.

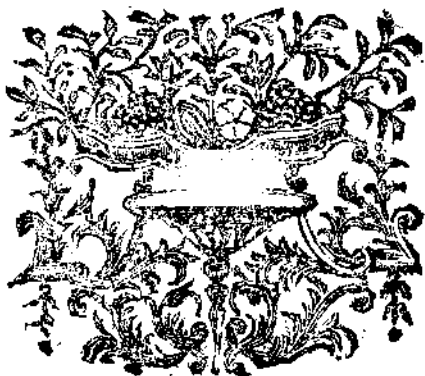
Ah Fabio, Fabio! E que má mãy déſtes a voſſo filho! E que enganado viveo Fabio; pois quando mais lhe faziaõ pontas de prata, entaõ lhas traçavaõ de tataruga! Mas que muito que naſçaõ gallos na téſta a quem deo tamanha cabeçada! E quem lhe diſſera a elle, com aquellas barbas, que ainda havia gemer doente de achaque de madre!.

Mas voltemos ja os olhos ao cadaverzinho de Cupido, que na mortalha de hum deſengano eſtá eſtendido no ataûde do deſconhecimento: cobrem-ſe as baetas de triſteza, as paredes de conſtancia; e alcatifa-ſe com os lutos da deſgraça o pavimento da paciencia: cercaõ-no as eſperanças carpideiras, que ja naõ tem mais officio que as lagrimas; e ardem finalmente ao redor os brandoens dos deſejos, mortificando o lume no murraõ do deſprezo: aſſim eſtá morto Cupido; aſſim eſtá de nojo Fabio.

Mas, ó mortaes amantes, alerta, alerta com a caveira deſta criança. Niſto ſe torna Cupido, quando lhe damos mãy em Caſtelhano: eſte he

o lucro do pay embasbacado, que o mettem nos Mosteiros por Monacilho. Seja Lisbõa vossa mestra, e descobrireis no campo do curral o cemiterio, como quem diz: Aqui venho dar a ossada, porque acolá puz a mira.

Amor de telhas abaixo mais se cria ás lambugens do estomago, que nos deleitos do peito. Cupido? Só onde a setta saiba ser espeto, que antes vos metta hũa perdiz no bucho, que hũa braza no seyo. Cupido? Só onde a aljava saiba ser alforje, de que antes tireis duas gallinhas assadas, que elle duas settas. Cupido? Só onde a *venda* saiba ser compra; e se dais o vosso dinheiro, vos dem cousa igual por elle: e naõ dares-lho em cruzados, e pagarem-vo-lo em ossos, de que Deos vos livre.

DIS-

# DISCURSO
## SOBRE AS PALAVRAS DO
# SEROLICO
## BEROLICO,
## *Quem te deo tamanho bico!*

SAõ eſtas palavras muito mais antigas, que a cartilha do Meſtre Ignacio, porque com ellas nos embaláraõ no berço. Saõ palavras myſterioſas, que ſe dizem doutiva, que val o meſmo, que ſem deſcubrir, ou eſcarafunchar o conceito, o ſentido, e o miolo, que ou ſe occulta na avelaã da Grammatica, ou chocalha no caſcavel da Rudimenta. E que ſerá Serolico Berolico? Oh occultos ſegredos da calça imperial, do bigode ao ferro, da volta enroſcada, e da manga perdida, que tantos aviſos com caſca, ou tantos documentos de ſerapilheira deixaſte ao vindouro ſeculo, que ainda duraõ meyos comidos do caruncho!

Em fim, ſabeis o que he Serolico? Naõ he lugar do Mappa, Congregaçaõ da broa, Patria da parrilha, Emporio da çapata, ou hum aggregado de caſas cahidas, e paredes ferrugentas; como arrabaldes do monturo, forca, e pelourinho, como lugar antigo do Reino; que eſſe será o Serolico de vulto, mas naõ he o Berolico do documento. Sabeis o que he Serolico? He todo o genero humano; he todo o individuo do tempo, e com elle augmentado, a quem pergunta a curioſidade, ou o aſſombro: Serolico, quem te deo tamanho bico?

Serolico, he o Bandarreta, atégora com a ſua caſaquinha velha, ſobre curta; ſua peruca de bolſa ja poſta no engaço do cabello; do joelho para baixo poſto no calçado velho: agora ja todo peruca Ingleza; todo luva branca; todo galaõ de prata; boneco de Cupido; titere de Venus; Capitaõ das manas; Alferez das bizarrias; Ajudante das faceiras; talvez atrás com ſeu penitente de eſpadas, a quem ás vezes no deſcalço ſe dobraõ as penitencias. Serolico, quem te deo tamanho bico?

Serolico, he aquelle colerico profeſſor de Marte, atégora ſoldado por quebras de dinhei-

ro;

ro; já poſto de cavallo, em que monta outro tanto: atégora infante no pequeno; e agora ja no valor todo cabo: atégora centurio da guarda, forcado da ronda, mordomo da tarima, confrade do calabouço, licenciado da golilha, forquilha do moſquete, e eſtafermo da fome; agora ja horror da milicia, eſtrondo das ruas, motim das praças, chairel dos eres, ayraõ dos guapos, perna á Ingleza, chapeo á malbruca, cravata á corſaria, rayo da guerra, trovaõ da paz, coriſco do esforço, ameaço do mundo, com ſeu contrapezo a cavallo, Sancho Pança á garupa, e rabo leva á Cavalheira. Serolico, quem te deo tamanho bico?

Serolico, he aquelle Galeno embriaõ, Hippocrates empellicado, e Averroes em fermento: ha taõ pouco no berço da Aula, nos coeiros da poſtilla, na cartilha da pratica, no B. A. Bá da receita, orfaõ de mula, deſpojado de gualdrapa, e eſcaſſamente cumprimentado de luva; que eſte de hum dia para o outro appareça na praça Doctor de mula ruça, com dedo Pontificio, graduado de verdugo, ameaçando enfermos, amolando boticarios, arrotando viſitas, empéſtando receitas, recommendando

mor-

mortalhas, e apalavrando tumbas; e ſobre tudo, que ſe chame hoje Doctór, o que hontem naõ ſabia ſer Bacharel! Serolico, quem te deo tamanho bico?

Serolico, he aquelle zote tonſurado, *ciſne de profundis*, corvo da ſepultura, mocho da enfermaria, pay dos gigantes da tumba, arrieiro da parca, e corretor da outra vida: atégora com a ſotana, antes porca, que loba, jogando á choca com a capa, ſobrepelliz á deſtra, eſpreitando as Santas Unçoens da Freguezia, milhafre da véla, e cegonha da Miſſa; dentro em dous dias ja feito Naire de hũa mula elefante, arraſtando gualdrapas, e arrotando Abbadias; diante o barrete no vazio da bolſa, para onde veyo do da cabeça; Doctor de borla, e Letrado de burla, moſtrando-ſe por eſſas ruas ao povo, engolindó pacifico as barretadas do Doctoramento, ſem perceber a pirula de teſtimunho. Serolico, quem te deo tamanho bico!

Serolico, he aquelle Futre da marca, bautizado na pia da cervèja, matriculado no romelares, da congregaçaõ do cachimbo, o cû breado, pelas ruas alcovitando meias, vendendo a unçaõ das perucas, Parocho das Inglezîas, jubaõ

baõ de petrina, e chapéo de agulha: eylo de improviſo para a ſua quinta na boléa, no eſcaler para o ſeu navio, na ſege para o ſeu negocio, creſcendo, e engordando ſanguiſuga do Reyno, mordomo da bõa meſa, fricaſſé inſuſo, lardeado quotidiano, ſua cara feita ao torno. Serolico, quem te deo tamanho bico?

Serolico, he aquelle ratinho obſervante, minhoto deſcalço, para o terreiro correndo com o ſacco, para o açougue com a gamella, para o chafariz com a quarta, de encamizada em Janeiro, de Temporas todo o anno, vazando a barriga na bolſa, pagando o eſtomago de vazio, mialheiro humano, e dizimeiro de ſi meſmo: eylo ja racional gafanhoto, eylo ſalta a caixeiro, eylo pula a negocio, eylo trépa a contrato, eylo ſe pranta de cabedal na praça, de cabedella na meſa, de galla na rua, e de regálo na ſua quinta. Serolico, quem te deo tamanho bico?

Serolico, he aquelle official eſpurio enxertado em Cavalheiro; ainda hontem aprendiz fazendo tornos na loja, levando o filhinho á ſenhora meſtra, indo buſcar os adubos á tenda; ao chafariz a quarta de agoa; ja official de capote, e adéreço, ao Domingo á tarde ou no machinho

chinho o arrepia, ou na horta a bóla: eisquè vos sahe de peruca apolvilhada, irmaõ dos Passos, e da Misericordia, ja mettido no Senado com seu retalho de governança; eylo á cortezaã do lemiste para o crepe, luva branca, volta de canudos, machia de polvilhos, e na mesma loja com barrete de mourisca. Serolico, quem te deo tamanho bico?

Serolico, he aquelle Filosofo de milagre, sabio de repente, que nem tudo o que tem composto o livra de simplez, para quem o Latim foi Grego, a arte lagar de azeite, os authores hereges, as livrarias coutadas, o estudo perspectivas: e que este saya á praça do mundo, podendo ficar na da palha! Occupado em obras mortas, como carpinteiro da ribeira das Náos, esfalfando revedores, deflorando imprensas, beleguim dos Mecenas, e pedinte dos pios leitores! Serolico, quem te deo tamanho bico?

Serolico, he aquelle Poeta de farta velhacos, mochîla de Apollo, maroto do Parnazo, créca do Pindo, que naõ tem em que atar dez reis de cominhos de conceito; atégora lavando o pé descalço nos charcos de Aganipe, em que escassamente o tira do lodo, por ficar sempre

atola-

atolado; Narcizo de cryſtaes d'alma, arrieyro de triſtes, algibebe de conſoantes, remendaõ de conceitos, e plumaceiro de equivocos: eylo já juiz do officio, ou com taboleta de Soneteiro, mijando-ſe com Romances no ourinol dos ouvintes, chamando a Sá de Miranda ſaloyo, a Camoẽs groſſeiro, a Bernardes inſulſo, a Montemayor fraquinho, a Rodrigues Lobo raſteiro, e a Paulo de Andrade charro; e ſobre tudo, podendo aproveitar os papeis em adubos, querer levá-los ao cadafalſo dos tablados! Serolico, quem te deo tamanho bico?

E porque nos naõ cancemos, todo eſte mundo he hum theatro de Serolicos. Serolico tolo, como o que ſe quer metter a diſcreto; como ſe eſtivera na ſua vontade o ſeu entendimento. Serolico bizarro, como o que, com fucinho de corvo, ſe mette a ciſne pelo apolvilhado; como ſe a farinha naõ fizeſſe antes atafoneiros, do que arminhos. Serolico gentil-homem, como o que, com careta de arveloa, ſe colêa com preſumpçoẽs de arara; como ſe o lindo foſſe macha-femea entre as palatinas, e as cravatas. Serolico de ſege, como o que hontem em huma canaſtra, hoje em huma tribuna com

dourados, molduras, e cortina. Serolico de nobreza, como o que hontem centurio da ſála, hoje já Capitaõ da mouriſca; hontem rabiando á liteira, hoje já com chambre, e barrete na janella.

A todos eſtes, e aos mais Serolicos da moda, que pela praça deſte mundo ſe vaõ Serolicando, cada hum em ſeu eſtado, póde dizer o reparo contemplativo: Serolicos, quem vos deo tamanhos bicos? Reſponderáõ huns que a fortuna: outros que a diligencia: outros que a aſtucia: eſtes que a velhacaria; aquelles que a aſneira. Mas entre todos reſpondem melhor eſtes ultimos, porque quanto mais tolo, mais Serolico.

Mas ainda que na Proſodia, e no Calepino nos enſinaõ que Serolico he do genero neutro, eu tenho alcançado que tambem he do femenino: pelo que, venhaõ tambem as Serolicas, e façamos hermofrodita o adagio.

Serolica, he toda a femea empolada, que no alguidar deſte mundo creſce como maſſa com fermento. Que cuidais vós que he? A panella, que poſta ao lume levanta fervura? Ainda agora a panella ſó meya de agoa, e já lançando por fóra!

ra! Oh grande Serolico a panella!

Serolica, he aquella donzella nominativa, atégora com a sua saînha de estamenha, pardal da modestia, seu mantinho de sarja, viuva de Lamego, espuria de palatina, escassamente em roupinha de droga, de adorno nada; o pé em couro, a maõ em pelle, o rosto em carne: eyla que apparece hum dia com saya de alfacinha crespa, movendo-se em som de campainha, o pé de perdiz no vermelho, de chamariz no reclamo, a maõ tomada de luva, na cabeça levantando a grimpa; assim tudo em feitio de boneca. Serolica, quem te deo tamanha bica?

Serolica, he aquella Venus hypocrita, sezuda de engonços, modesta de estudo, e arisca de momo; hontem com a sua saya esguia, seu manto sem lustro, seu leque sem rabo, sua cara sem sello, seu cabello escovado: eyla já com saya de bambolins, e donaire; nelle com roda para correr, nelles com colchoës para se deitar. Tonel da bizarria; cuba de enfeite, mais para talha, toda inteira campanario humano, sino na saya, relogio na algibeira, mostrador no manto, grimpa no cabello, horas na formosura, mas sem pezos na madureza; e finalmente os repiques ao

fogo da viſta, e os ſinaes á flor da cara. O leque, ou borboleta dos enfeites, ou favonio dos melindres; a luva antes eſtojo do nevado, que eſcudo do frio; o çapato todo veludo, ainda que nada razo: e ſobre tudo, ao mover charóla, e ao parar eſtatua. Serolica, quem te deo tamanha bica?

Serolica, he aquella rôla humana, coruja com ſaya, viuva cartucha; atégora no canto da ſua caſa deſconſolada vaſſoura, no canto do ſeu eſtrado ſolicita rendeira, capotinho tingido, lenço ſoqueixado, ſaya redonda, manto de velha, Miſſa de cozinheira, e recato de homiziada; no mais, a janella interdicta, a porta entaipada, a rua ſem ſahida: eiſque huma vez ſe põem na rua, cara de gloria, e atavîos de pena; eça humana cuberta de baeta, ſobre que a toalha he a tira branca; no capello ayroſo Serolico, com tamanho bico; tafetá grande, em feiçaõ de charpa ao peſçoço, como molhelha de ſeda para levar a carga da viuvarîa; ſaya de raſtos, em ſuffragio dos defuntos de rabo; hortelôa do ſentimento, em que ſe ajuntaõ na alma o fiqueiro, na baeta o rabo; luva de rede com que a maõ peſca, leque de graça com que a bizarria voa: e finalmen-

te,

te, movendo-ſe como o guiaõ das anguſtias, mas com franjas de alelluya, e borlas de galantaria; mas neſta he macha-femea a pergunta. Serolica, quem te deo tamanho bico?

Serolica, he aquella regateirinha nova; ſeu renguinho eſpurio, ſua mantilha encourada, ainda eſguia de ſaya, pouco ajuſtada de cintura; ſimplota de adagios, medroſa de Ajudantes, ſurda a pecuinhas, e ſacudida a bandarras: eiſque apparece na praça, tranſparente de toalha, pendente na orelha, cadêa ao peſcoço, coraes no pulſo, cachucho no dedo, que he o peixe que tem pilhado; abotoadura de prata, como caſcaveis de coleira; cinturinha juſta, ſaya peccadora, capotinho pardo, çapatinho preto, alpercate branco; e ſobre tudo, mais enſayada que comedia nova, mais redonda que a meſma eſparteira, e mais rebolada que hum oitavado de chula. Serolica, quem te deo tamanha bica?

Tambem ha Serolicas de contrapezo, que ſaõ as que vaõ ſahindo pouco a pouco. Serolica de manto, he a que paſſa da ſarja ao lamego. Serolica de ſaya, he a que paſſa ao crepe da eſtamenha. Serolica de toucados, he a que paſſa dos naſtros aos cornichos. Serolica de orelha, he a que

que paſſa do azeviche á cabaça. Serolica de çapato, he a que paſſa do cordovaõ veterano ao marroquim garrido. Serolica de palmo, he a que paſſa na luva de pelle ao couro. Serolica por dentro, he a que paſſa do collete á roupinha, do lenço ao capotinho Serolica de pompa, he a que continûa o ſolo de ſi meſma com o acompanhamento da criada. Serolica precioſa, he a que com o broche reſgatou a teſta da humilde prizaõ da fitta. Finalmente, Serolicas de deſpropoſito ſaõ as que, ſem guardar as regras do compromiſſo, ſahiraõ de freſco com hum pente empinado na ilharga da cabeça, como penacho de tal tartaruga. A iſto chamaõ eres de cabello, e ares do caſco. Saõ eſtas Serolicas de alto bordo, que fazem feſta ao toucado, e ſobre o pente do arreburrinho lhe levantaõ outro de maſtro. A eſtas, como apoſtatas do uſo, naõ lhes he permittido o formulario do adagio, e aſſim naõ ſe lhes pergunta: Quem vos deo tamanho bico? Mas: Que faz aquelle alli poſto?

Mas porque nos naõ cancemos, as Serolicas naõ ſe reduzem a numero, porque coſtumaõ augmentar-ſe com qualquer trapinho. Porèm a todos, e a todas, aſſim paſſados, como ainda

ainda frescos; assim presentes, como vindouros, pergunta adrede o mesmo Serolico, e o mesmo adagiõ: Serolico, quem te deo tamanho bico? Respondeo o Serolico, mas, conforme os antigos, muito tolo: porèm hoje ficará emendado, e responderá mais humano por este estylo.

Serolico, quem te deo tamanho bico? Responde: Quem mo deo? Deo-mo o Anti-Christo. Sim. O Anti-Christo he o que com o seu pasto engorda os Serolicos do mundo. Elle he o alfayate, que corta a galla; elle o bofarinheiro, que vende a colonia; elle o Inglez, que alcovita a peruca; elle o maroto, que vende os polvilhos, e elle o algibebe dos corpos humanos: elle com tudo augmenta, e com qualquer cousa engana, que para tudo, como Anti-Christo, he a pelle de si mesmo, e manda bugiar ao diabo.

Eis-aqui os Serolicos do mundo, eis-aqui como lhes cresce o bico; e os que nelle levaõ agoa, he que tem mais que lavar com ella.

Naõ fallemos nos Serolicos savandijas, que ao calor da Corte, e da immundicia della, saõ mosquitos no pequeno, formigas no goloso, moscas no importuno, sapos no feyo, escaravelhos

lhos no çujo, perſovejos no nojento, piolhos no entremettido, e pulgas no immenſo.

Todos eſtes por eſſas ruas, e por eſſas praças engordaõ, e inchaõ, mas ſaõ Serolicos de má morte, de que ſe naõ faz caſo que creſçaõ. Aſſim o maroto com os çapatos, o mochîla com os polvilhos, o grumete com capote de barregana, o preto deſcalço com cravata, o lacayo com luvas, o mariola com meyas, e o pagem com os ſobejos do amo.

O' Serolicos Berolicos, que agora no Mayo da voſſa ventura, ou da voſſa inadvertencia, eſpigais entre as folhas da voſſa bizarria, lá virá o Agoſto do deſengano, que vos troque o grêlo em raſtolho; e, ou ſereis lixo na pá do deſprezo, ou ſereis carqueja no forno do caſtigo.

Alerta pois, meus deſcuidados, e meus ſurdos Serolicos, naõ deixeis eſtirar o voſſo bico, bem como o perú eſtira o ſeu pinguélo, antes, encolhidas as azas de preſumidos, começay já a tratar-vos como perús velhos; porque, e reparay niſto, em riſcos augmentados, mais val ſer trombeta dos reparos, que Furriel dos riſcos.

FE-

# FELICISSIMO TRANSITO DO SEGUNDO TARALHAÕ de Lisbõa,

## *Melancolico Occaso do escondido Sol da India, e funeral Obelisco, ou Mausoléo carvoeiro,*

Erigido ás zangaralheiras memorias, e recordaçoens fuliôas do Poeta Monicongo, moço de mulas do Pegazo, escravo de Apollo, atégora verde-negro nos charcos de Parnazo, e ja hoje carrancudo çapo nas enlodadas margẽs do cocito.

*ESCRITO*

PELO BACHAREL

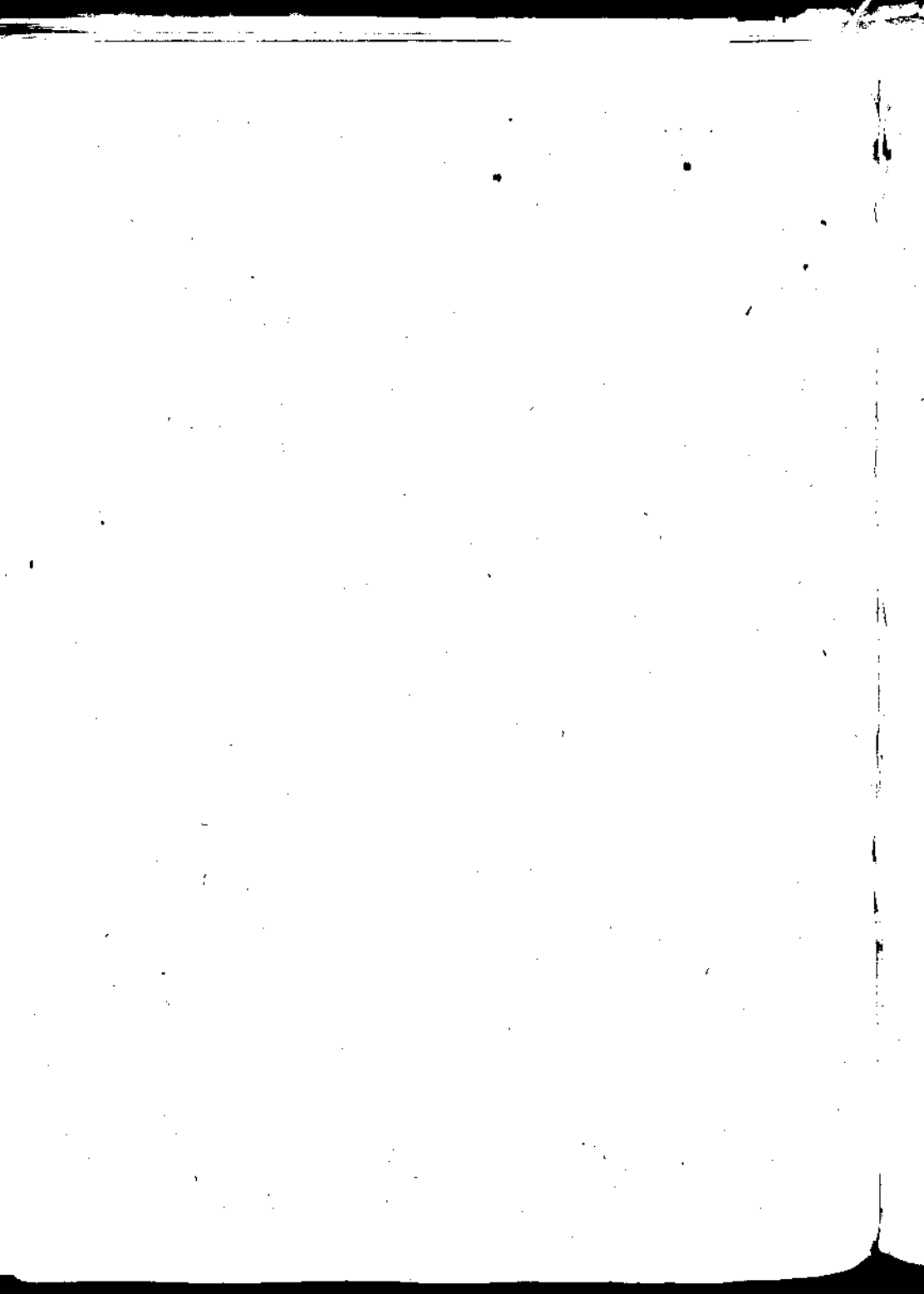
# SETTE LINGUAS,

*Fiscal da gandaya, Almotacel das savandijas, e lograrador solapado nesta Corte de Lisbõa.*

(✠)

ANNO PREZENTE:

# PROLOGO

## DA OBRA

## *Ao pio, e mavioso Leitor.*

MOrre o Zangaralheiro, amigo Leitor, e tanto á maligna dos sentimentos, tanto á secca das lagrimas, e tanto á peça das memorias, como se aos Corvos de Lisbõa, e aos Cisnes de Castalia, ou por negros descubertos, ou por negros disfarçados, lhes naõ competisse o desentranhar aquella vida dos cemiterios do descuido, ou resgatar aquelle cadaver da trafaria do esquecimento. Mas ja que ás Musas Lusitanas ou se lhes goráraõ os discursos, ou se lhes seccáraõ os tinteiros, ou lhes apodrecêraõ os poedouros; naõ estranhes que, aonde a rhetorica se faz tartamuda, se faça a ignorancia espivitada. Naõ te prometto elegancias, convido-te ás lastimas; naõ te busco circunspectivo, quero-te carpideiro; naõ te re-

queiro benevolo, pertendo-te endiabrado; porque, para a intelligencia deste panegyrical responso, antes te quizera muchachim, que Mestre Ignacio. Escrevo recopilado, porque a ignorancia sempre tomou os refegos á rhetorica: discurso verdadeiro, porque o desinteresse nunca popou as algibeiras ao applauso; e acabo o Prologo, porque já me parece grande para sobrescripto. A Deos, amigo, que he hum vale trocado em miudos

*Vale.*

FE-

# FELICISSIMO TRANSITO,

## MELANCOLICO OCCASO,

## *Negra Eça, e boçal teſtamẽto do Poeta Monicongo, ja defunto Zangaralheiro.*

QUe morra o Sol, he muito bem empregado; porque elle he o que pega a maleita, elle he o que aſſanha a canicula, elle he o que atiça a calma, elle he o que gera a ſavandija, elle he o que cathequiza os perſovejos, elle he o que augmenta as pulgas. Que morra a Aguia, ſeja muito embora, ſe naõ ſerve de mais, que de pay de velhacos, e atrevidos; de Almotacel dos rayos, de furaõ das luzes, e de pirata dos Ganimedes. Que morra o Feniz, *vade in pace*, ſe naõ ſerve de mais que de fazer mentiroſa a Poezia, de empobrecer de aromas a Ara-

a Arabia, e de eſtancar de annos a natureza. Que morra o Ciſne, ſeja muito que lhe preſte, ſe naõ ſerve de mais que de agouro das harmonias, de gato pingado das endechas, e de Orpheo das mortalhas. Que agonize finalmente a Filomena, eſtá bem agonizado, ſe naõ ſerve de mais que de motim dos romances, matraca das flores, inveja das ſereas, e ladraõ das magoas: mas que morra o Zangaralheiro, a quem devia eſta Corte a galhofa, âs feſtas, as bulhas, as prociſſoens, a eſpadana, os A' que delReys as regateiras, triſtes chiſtes as damas, perrexil as bandarras, catimbáo os preſepios, berimbáo os concurſos, alma a dança, fomento a folia, e finalmente trovas a Europa; ou foy aſneira da Parca, ou pirguiça da fortuna, ou perraria da deſgraça. Do cedro dizem os naturaes que he incorrupto, porque tem côr de mulato: do azeviche moſtra a experiencia que he quebradiço, porque tem côr de negro: valêraõ com a natureza mais as baſtardîas do pardo, que as legitimidades do preto. Quem havia de dizer, que ſendo amarella a côr da morte, *pallidà mors*, ſe havia de attrever a hũa côr de azeviche! Mas como havia de eſcapar do amarello o Zangaralheiro,

lheiro, ſe ſempre vay na dança o amarello! Os Malavares pintavaõ a morte em figura de Camaleaõ; porque ſe eſte toma as côres em hum ſopro, aquella muda as côres em hum ſalto: no Camaleaõ a aza he pincel dos ventos, na morte he a fouce o lapis dos humanos: alerta, alerta azeviches da vida, que tambem para o preto tem tintura a Parca. Morreo em fim o Zangaralheiro, que algum dia havia deſembarcar a morte no cáes do carvaõ: morreo em fim, que tambem tem ſeu occaſo as ſombras quando ſe acaba o officio das trevas. Naõ ſó na nadega da tarde ſe mette o dia *in culis mundi*, tambem ſe deſpede em Latim a noite, quando a Aurora lhe gongoriza os luſques fuſques: naõ ſe fizeraõ os deſmayos ſó para a candidez do arminho, tambem caſtiga a morte as negligencias do morcego; tambem ſe queima o branco cabrito nas aras de Plutaõ, aonde ſe ſangrou o negro carneiro: na caſa da morte mais ſerventia tem o campeche para as paredes, que a cal para os arredores; morre verde-negro o mono, que naõ periga ſó por louro o papagayo: e finalmente naõ ſe inventou ſó a tumba para Italia, tambem ha galhudos em Angola.

Come-

Começou a titubiar aquella grande vida ás perguntas da morte, em o abrazado idioma de hũa febre: quem ignorou a febre ateada naquelles annos, duvidou o fogo bem ateado nos cepos: mas que muito que a febre trocasse em braza aquelle corpo, que encontrou carvaõ a doença! Naõ respondiaõ as tripas aos remoques do catholicaõ, surdas aos avisos do crystel; quiçá se tinhaõ retirado ao mais alto aposento, por querer fazer das tripas coraçaõ o esforço: mas que importava que fosse o crystel ajudante, onde era funil o desastre!

Foi crescendo o mal, e augmentando-se o desamparo; que sempre as prendas se acharaõ viuvas de assistencias, ainda quando visitadas da misericordia das lastimas. Qual mariola, ja nas escadas do rocio, ja na porta do terreiro, ou se estira acarrado, ou se desmancha enfermo, ou se espirguiça dorminhouco; alli o deixa o dia, alli o visita a Aurora, alli o cresta o Sol; alli o secca o vento, alli o enfarinha a poeira, alli o cobre a palha; alli o persegue o mosquito, examinando o olfato; alli o pica a mosca, alegrando-lhe na perna a ferida: elle he o valhacouto das pulgas, elle hê o alambre das arestas, elle

he

he o eſcarro das moſcas, movidiço monturo, ou racional eſterco: gritaõ-lhe as regateiras, empurraõ-no os camaradas, perſegue-o a rapazia, cerca-o a turba multa, e elle, levantando manſamente os olhos, ja ſomnolentos, ja encarniçados, cabeceando ao auditorio, ſe torna a ſepultar em ſeu meſmo ſilencio, cadaver do deſamparo; tal o noſſo Zangaralheiro, jazia eſtirado, callava-ſe beiçudo, movia-ſe morno, e amadornava-ſe enfermo: ſendo o mais aſcoroſo eſpectaculo, que nas taboas de hũa enfermaria repreſentou tragedias da fortuna. Quem havia de dizer, que aquelle Polifemo enfarruſcado, de quem foi Galatea toda eſta Lisbõa; Athlante ferrugento, aonde cavalgava a eſphera da galantaria; aquelle Tipheo eſcuro, que ſe atrevia ao meſmo Olympo de Apollo, havia de recopilar-ſe em as eſtreitas margens de hũa mãta de retalho, ou de ourelo, hum enxergaõ palhiço, e hum apoſento palheiro! Ja era zorra para as galantarias aquella boca, que fora oraculo das trovas: ja era ſordina dos deſenganos aquella lingua, que ſervio de clarim para os feſtejos: eſtava com a gralha na alma aquelle corpo, que tantas vezes pedio a folîa: e finalmente, ja naõ

tugia travesso, nem mugia embaraçado, aquelle, que tantas vezes esturgia Zangaralheiro.

Aquelle, que tantas vezes festejou a Corte, admirou o arrabalde, acarretou a Villa, suspirou a Aldêa, affamou o Cirio, e adubou o bautizado; agora estropalho da febre, apollegado dos fisicos, esmechado dos barbeiros, enlabuzado dos apistos, resmungado dos enfermeiros, citado dos agonizantes, apalavrado da mortalha, e requestado da tumba! Oh vais, e vens da fortuna! Oh trocas baldrocas da vida!

Alli estava o Xerxes dos Fulioens, o Ciro dos muchachins, o Cezar das danças, o Mario das galhofas, o Belizario dos desenfados, e o exemplar dos Zangaralheiros: nem sempre anda por cima o prego da roda, nem sempre está cheyo o alcatruz da fortuna: a candeia, que foi luz acceza, he murraõ apagada: a arvore, que no campo foi tronco, na chaminé he cepo: a hortaliça, que talvez respirou nabo, agonizou rastolho: a flor, que nasceo valîda de Mayo, secca veyo a parar no monturo: o ramalhete, que inculcou ornato, foi em poucas horas para a vassoura lixo: e finalmente, o lagarto da Penha de França nasceo bicho, e hoje he palha; e a ser-

pe

pe viveo fantaſma, e hoje he mariola

Jazia noitibó, o que algum dia foi Zangaralheiro: jazia mono o que algum dia foi papagayo; e era ja ferro velho dos mortos, o que tantas vezes foi peneireiro dos vivos: alli eſtava a galantaria amuada, alli a trova beiçuda, alli a graça cabisbayxa, alli a traveſſura mofina, e alli a galhofa moribunda.

Sobre a pena mortificar a vida, tinha o deſaſtre de lhe enrouquecer a falla, e naõ lhe piar a Muſa. Dizia Tacito que as deſgraças eraõ como as bexigas; porque, começando a ſahir, começavaõ a apparecer: o meſmo he emperrarſe a deſgraça, que tomar o folego a ventura: os deſaſtres naõ eraõ bons para jogadores, porque nunca paraõ; e os infortunios naõ eraõ bons para callos, porque ſempre topaõ: os Corinthios pintavaõ as deſgraças com a cara de azougue; eſte em ſe vendo ſolto naõ ſabe ter ſocego.

Do bicho carpinteiro, diz Filiſteo Carpazio que baſta metter-ſe na barriga, para deſinquietar qualquer creatura. Comparava hum ſabio os deſaſtres, em o mundo, com os forcados, e o touro; em hum levando boléo, todos

cahem no terreiro: atreve-ſe a morte ao Zangaralheiro; e naõ baſtando ameaçar-lhe a vida com a fouce, como ſe foſſe lanceta, lhe aſſombrou a arteria da Muſa: e quanto melhor diſſera agora o carpideiro dos perdigoens:

*Zangaralheiro perdeo a vêa,*
*Naõ há mal que lhe naõ venha!*

Calava o Zangaralheiro, que he a morte mordaça da cantiga, e rolha da trova; bem diſſe Plataõ, que o Ciſne naõ cantava quando morria, porque naõ eſtaõ obrigados os Ciſnes a ſerem ſalvagens: adonde vay alli a galhofa, para vir alli a muſica? Iſto de gargantear a mortalha, he muito bom para hum tumbeiro da miſericordia. Queria Solon aprender a cantar depois de velho, para morrer conſolado: tinha ſua graça fazer hum alforje de muſica para a jornada da Lagôa Eſtigia! Devia cuidar eſte ſabio idiota, que para morrer com bõa conſciencia baſtava apertar a maõ á ſolfa. A hora he bem divertida! Naõ tinha mais que começar a copla no coro, e ir acabá-la no cemiterio.

Bem entendeo eſta politica o noſſo Zangaralheiro:

ralheiro: fora Cisne do refugo nos charcos do Parnaso; mas chegando ás melancolicas prayas do mar morto, mais que Cisne para os quebros, era Corvo para os roncos. Bem alcançava aquelle esprayado entendimento, que pelas estradas da sepultura naõ se caminhava com pé de cantiga: cantem muito embora ás portas da morte esses sabios antigos, musicos do ataûde; que depois que se usaraõ carpideiras, naõ andaõ as caveiras taõ alfarias: o Zangaralheiro naõ cantava, porque morria; e sua Musa era viuva rôla de sua vida.

Começaraõ os desenganos a serem missionarios dos brios: começaraõ os desmayos a serem lacayos dos desenganos: começaraõ os algozes da consciencia a serem fiscaes da mortalha: preparou-se para o testamento; e pegando na penna hum negro escrivaõ, que deo fé de tudo, em tartamudas, e balbucientes vozes lhe dictou o seguinte

TES-

# TESTAMENTO DO *ZANGARALHEIRO.*

EM nome de mim Zangaralheiro. Saibaõ quantos quizerem, que a tantos do mez deſte preſente anno, eſtando em meu juizo imperfeito, e como ſe em qualquer folîa fora deitando pulhas em trova, eſtirado na palha deſte enxergaõ, como fructa de cama; por temer que a fouce da morte queira ſegar o raſtolho de minha velhice, ou por naõ querer que a minha alma, envelhecida na matadura da culpa, ſeja lançada á margem da Lagôa Eſtigia; quero endireitar minha conſciencia, por naõ morrer corcovado.

Primeiramente encommendo minha alma nas mãos do meu Deos Apollo: porque ainda que contra elle pequey, por penſamento, e trova, violentando a linguagem caſta, deflorando a elegancia donzella, e atrevendo-me á endecha viuva; com tudo, eſpero ſalvar-me como verdadeiro

dadeiro fiel trovador que ſou, bautizado na pia de Aganipe, freguezia de Hypocrene.

Em ſegundo lugar, peço, por ſerviço do meſmo Apollo, ao chariſſimo irmaõ Joannico, e ao impertinente cego Marcos, queiraõ ſer meus teſtamenteiros, para que mereçaõ neſte ſeculo, depois de mim Zangaralheiro.

Meu corpo ſerá ſepultado na eſtrevaria de Apollo, como moço de mulas que fuy ſempre do cavallo Pégazo: a minha mortalha, o meu meſmo chiote, que naõ ſei ſe encontrarey na ſepultura algum guzano de bom goſto, que me queira ouvir alguma trova, com todos os mais atavîos de minha vida.

A tumba da Miſericordia deixe-ſe eſtar em ſua caſa, que naõ quero dar eſſe deſgoſto aos galhudos; que para eſquife de hum cepo, baſtaõ os carvoeiros: naõ me appareçaõ os meninos orfaõs de alguma maneira, nem a pé, nem a cavallo; porque de dentro do eſquife lhes deitarei hũa pulha.

Por minha alma deixo hũa dança de corpo prezente, a que aſſiſtiráõ os arrieiros das mais adubadas linguas, todos com pulhas accezas.

Deixo mais hũa galhofa quotidiana no pagode

gode dos muchachins: para o que lhe deixo dous chiotes de meu uſo, com bonetes, bugalhos, voltas, e polainas, de que ſó o ſeu Reytor, ou Preſidente da mogiganga, poderá uſar, em ſinalado dia de feſta.

Item, lhe deixo o pandeiro, a cujas ſoalhas aſſoalhey as trovas: e o pente, por cujos dentes diſſe as graças.

Item, o ſaquinho de ligeirezas de mãos, e o alforje dos aviamentos; porque, quebrada a caixa, naõ fique o muchachim mór ſem inſignia: e ſobre tudo lhe deixo a minha bençaõ, e muito do meu eſpirito, para que Apollo os faça bons muchachins, como cathecumenos, que foraõ de minha graça, e aprendizes de minha chança.

Declaro, que ſou da gemma de Guiné, negro, cambayo, beiçudo, emperrado, magro, natural, maciço, eſpurio, ſem liga de mulato, nem ourelo de branco, filho de negro, e negra, como de hum caſal de corvos: ſempre fuy ſolteiro, ainda que nem ſempre fuy ſolto; porque, pelo ſer de lingua, talvez o naõ fuy da peſſoa. Meus herdeiros forçados ſaõ os theſoureiros das Confrarias, os juizes das feſtas,

os

os procuradores dos Cirios, e os pays dos bautizados: porque tudo quanto possuo, a elles lho devo.

O monte de minha fazenda he todo o comprimento de minha cara, aonde as fazendss de raiz saõ os dentes, e carapinha: e o precioso de tudo sou eu, e as miudezas saõ alguns cabellos, que ou se mostraõ nos peitos, ou se lobrigaõ nos sovacos,

Ao charissimo Joannico, meu principal Testamenteiro, deixo, em mostras de amor, o chapeo ja adulto, e pelas abas ja bem encebado, para que em suas missoens lhe sirva de companheiro; com o encargo de que para os suffragios de minha alma se desfaça logo da capa. A Marcos meu amigo, e Testamenteiro segundo, deixo hũa capa de baeta ja alleviada da friza; porque, minha, ou sua, sempre será capa de velhacos.

A restitüiçaõ que devo he á Poezia, fazendo em toda a minha vida, que os officiaes a tivessem por trova, as regateiras por chança, e os bandarras por ridicularia. Pelo que eu me desdigo, e eu me abrenuncio, e protesto, que nunca foy minha tençaõ que fosse verso a minha

trova; fenaõ hũa frialdade bem affortunada, e hũa parvoice folgazona, com propofitos por ligeira, e com eftimaçoens por continuada. Finalmente, aos diabretes deixo a minha pelle de diabo, por reftituiçaõ; por me dizerem fempre as regateiras que era a pelle do diabo. Efta he a minha ultima vontade, efte o meu eterno codicillo, onde, por naõ faber efcrever, peço que por mim fe affine o chariffimo Joannico meu amado Teftamenteiro.

Eftes foraõ os finaes arrancos, e ultimos bocejos daquelle ultimo legado, e boçal Teftador; aonde o veneravel Joannico, por naõ faber efcrever muito melhor que o moribundo, pôs o final da Cruz, como Ermitaõ que era defta devota infignia.

Começou nifto o negro Tabelliaõ com o feu: Em nome de faibaõ quantos, eu, prefente mim, e al naõ diffe; palavras guardadas em efcabeche defde noffa primeira idade: rematando-fe toda efta tabelliôa trabuzana na authorizada affinatura das teftimunhas, que foraõ: o Mudo do Sacramento, o Annaõ do Duque, e o Donato da Penha de França, efcolhidos contrapezos para efte judicial parocifmo. Ja nefte

tem-

tempo, encorporando-se com o enxergaõ, arregalava o Zangaralheiro os olhos, como algum tempo fizera aos ouvintes: e querendo, com sinaes de vivo arrependimento, apertar a maõ do assistente, e devoto Joannico, lha achou occupada com a fresca herança; mas nem por isso affroxou a fé, antes agarrando-se com muita aos cabellos daquella Ermitôa, e capuchina barba, lançou no cólo da eternidade a criança de sua alma, com o ultimo puxo da sua vida.

Expirou em fim o Zangaralheiro, e ficou hum dos mais feyos mortos, que desamparou a natureza, e festejou a lastima. Morreo o Zangaralheiro, grande espantalho para a vida; grande côco para as chanças; grande caveira para as prendas. Oh como saõ atrevidas as Parcas! Parece que tomáraõ por assumpto aquella negra, e pasmosa vida. Pôs Clotho na roca a estopinha da desgraça; Lachesis, Maria fiandeira, fiou delgado por hum fio desmayos; Atropos cortou o calabre dos alentos: quem havia de dizer que, sendo estas filhas da noite, e mais das sombras, e de Erebo Deos nocturno, haviaõ de escalar hũa vida, promontoria da eternidade, digo da enormidade, sendo as tres as sanguisugas do

 seu

ſeu meſmo ſangue! Para que he chamar esfóla caras ao deſtino, quando até o parenteſco ſabe ſer carraſco?

Morreo em fim o Zangaralheiro; que nem o ſalgado de ſua chança, nem o freſco de ſua trova puderaõ embalſamar aquella vida contra as corrupçoens da deſgraça. Tambem morre quem zomba; tambem expira quem zangaralhêa. Sofocles morreo de hũa alegria: naõ devia haver febres malignas na ſua terra. Do prazer ao pezar, he hum ſalto de pulga. Ninguem falla em Heraclîto, que naõ falle em Democrito, ſaõ os forçados dos exemplos, e os cadeados dos diſcurſos: hum era Fuliaõ da Arruda, o outro choramigas da natureza; e por mais que os deſcomparou a ſorte, veyo a grudá-los a contrariedade. Para fazer deſgraçados ja ſaõ da meſma freguezia a alegria, e a triſteza: Volupia, Deoſa da galhofa, tinha o ſeu nicho no templo de Angerôna Deoſa da mofina: ja o ſentimento he contrapezo do goſto, depois que a deſgraça ſe fez corcovada da ventura: o meſmo dia dá ancias á noite, porque da meſma ſorte as ſoffre ao deſaſtre. Era plauzivel o Zangaralheiro: mas quem lhe diſſera, que aquelles momos, que fazia a

ſua

ſua chança, eraõ acenos, com que ja o chamava a mortalha!

Começaraõ os Teſtamenteiros a dar ordem ao enterro; porque, ja feitos os ſinaes na freguezia do Parnazo, mandara Apollo offerecer hum authorizado jazigo. Aqui foy a laſtima das vizinhas; chamavaõ-lhe malogrado as regateiras; chamavaõ-lhe abençoado as velhas: ſó os rapazes com rancor nativo o ſavandijavaõ, chamando-lhe cachorro. Naõ andava ocioſo o Teſtamenteiro Joannico; porque, com hum covado arvorado, era Capitaõ da guarda do terreiro. O Marcos, Teſtamenteiro ſegundo, era Centurio do defunto, lamentando o deſamparo dos rapozinhos, que, chorando a perda daquelle pay, ja ſentiaõ a falta de ſe verem embalados no berço do ſovaco, penſados no coeiro da camiza, e alentados á lambugem da teta.

Ja neſte tempo ſe apagava a lanterna das Eſpheras ao ſopro das ſombras, deſenrolandoſe o pavelhaõ das eſcuridades ſobre o catre das luzes; e no cemiterio do Occidente enterravaõ as Eſtrellas o cadaver brilhante: reſonavaõ as corujas, gemiaõ os morcegos, e aſſobiavaõ os cucos: quando medrozo o Zefiro, deſcorren-

do

do os verdes dormitorios da ſelva, embalava as flores em berço de eſmeralda; ſe naõ he que no tenro corpo de ſeu meſmo botaõ lhes repartia o natural ſocego: os regatos, mais que corriaõ, parece que entre as eſpadanas ſó ſe eſpirguiçavaõ; as arvores, mais que alabardeiras do prado, eraõ eſtafermos do ſilencio; e em hũa muda ſuſpenſaõ ſepultada a terra, ou era hum natural theatro do ſomno, ou hum proprio cadafalſo do ſentimento.

Começaraõ ja os poetas formigueiros, que, celebrando academias á ſordina, tem minado toda a Lisbõa; e ſendo eſcondidos faroes nas esburacadas faldas do monte Pindo, ſaõ buzios de conſoante no charco de Apollo. Eſtes pois poetas de ſegredo, e compoſitores de manſinho, introduzidos a porteiros de Apollo, abriraõ as cancellas, e franquearaõ as portas ao boſque do Parnazo.

Ja chegado ao pavoroſo ſitio o authorizado enterro, em lugar de meninos orphaõs, começaraõ as tourinhas, de que adiantadas duas eraõ ſalafrarios aos diabos das bexigas, que fazendo guiaõ dellas, trocavaõ em exequias ſuas antigas traveſſuras: ſeguiaõ-ſe as Communidades das

danças,

danças, cavalgadas em os cavalletes de ſuas meſmas viólas, a quem a lenha miniſtrava accendidas achas. Oh maravilhoſo eſpectaculo! Trocavaõ-ſe os mouriſcos turbantes em mulatos capuzes; e deſpojadas dos volantes velhos aquellas cabeças, que authorizou o caduco penacho, gemiaõ nas eſtreitas prizoens do negro ourelo.

Alli ſe viaõ os muchachins fezudos, que, trocando a conſonancia do gral, da caſtanheta, e da caixinha, pelo deſuſado eſtrondo da groſſa, e bugalhada camandula, amortalhavaõ o cadaver de ſeus ſucinhos em os çujos capuzes de ſeus ſalpicados chiotes. Alli ſe viaõ os negros das frechas, que, cubertos das baetas triſtes de ſuas meſmas pelles, trocavaõ os eſtrondozos rebates de tambor guerreiro nos ſaudoſos gemidos do birimbáo ſentido: até os meſmos Reys Davides, eſquecidos do creſpo volante de ſuas capinhas, e da ferrugenta folha de Flandes de ſuas coroas, trocada a garrida tiorba em hũa pállida, e penitente véla, mudada a eſtopenta cabelleira em hũa melancolica, e carregada gorra, quando ja foraõ racionaes gaſanhotos do pallio, eraõ agora lamentaveis bizouros do tumulo. Era eſte hũa eſtreita mas proporcionada paviόla, a que

ſervia

de manto hũa negra manta: pegavaõ em os varaes quatro nervosos, e possantes carvoeiros, que a vontade do defunto destinara galhudos: seguiaõ o esquife com passo lento, e semblante melancolico, os naturaes, e os estranhos: do porto faceira, estrangeiro dos Catholicos, o charissimo Joannico; dos arreganhados, o Marcos cego; dos sezudos o Mudo do Sacramento, o Annaõ do Duque, o Donato da Penha de França, e outras pessoas de conta.

Seguia-se nas regateiras a lastima carpideira; despovoava-se o terreiro do Paço; despovoava-se o Rocio, e em hum grunhido lamento estendiaõ o rabo leva ao defunto: seguiaõ-se os piadosos aprendizes, cujo curioso sentimento esqueceo no chafariz as quartas, o tirapé na tenda, o torno na loja, e o trinchete na ceira: o remendaõ pio deixou meya cosida a tomba; o mariola devoto na taberna naõ bem extincto o copo, e o agoadeiro bem inclinado despovoada a cangalha: os rapazes, cuja lastimada travessura, com o estorvo de alguns beleguins vinha atrazada, por ignorarem os funeraes idiomas da musica, entoavaõ com piadoso grito o celebrado arromba, que para hum Fuliaõ cadaver

ver ſó a galhofa ſabe ſer exequias.

Seguia-ſe finalmente a toda eſta funeſta barafunda, o celebrado frija Lisbonenſe, primeiro deſte nome, requerente do primitivo negocio, bacharel protector do ſaloîſmo, naire das damas de nó nada, e milhafre dos pleitos da Trapizonda; armado de Reo, e Author, como de ponto em branco, com dous embargos no bucho, e duas reviſtas no eſtomago, frigindo a torto, e a direito; mas vendendo-ſe em fórma funeſta de capa cahida, e cabeça baixa. Entrou em fim todo eſte funeral concurſo pelo boſque do Parnaſo; porque movido o Deos Apollo da humildade de ſeu ſervo o Zangaralheiro eſcolher ſepultura na eſtrevaria do Pégazo, lhe fez erigir bem no embigo da Parca o Mauſoleo mais corpulento, que admirou Rodes, e louvaraõ as Artemizas, para Urna de ſeus eſcuros oſſos, Pyramide de ſuas negras cinzas, e Padraõ de ſuas eſpezinhadas memorias.

Rodeavaõ o terreiro os compridos, e melancolicos Cypreſtes, ou como vegetativos Archeiros Tudeſcos, ou como penitentes Centurios: ao redor do tumulo, em proporcionada diſtancia, ſe levantavaõ groſſas, e bem lavradas co-

lumnas de finos jaſpes, peanhas de algumas imagens Gentilicas, que faziaõ o caſo mais feyo, mas para o ſucceſſo tinhaõ ſeu propoſito.

Para a parte do Norte, onde elle corria mais direito, ſe levantava o encorpado, e medonho Deos Saturno, que dos ſette Planetas ſahio o lobishomem, ſemblante carregado, corpo nervoſo, e cabelludo, com mais geito para demo, que para Deos; comia hum filho, como fazem os Saturnos do mundo, que talvez os tragaõ, ſem ſaber de donde lhes vieraõ: influe eſte Deos nas melancolîas, eſtendendo-ſe-lhe a juriſdiçaõ até ás tumbas; e com eſſa deſculpa tinha aos pés a tarja, que, alludindo á preſente tragedia, expreſſava eſte

## SONETO.

MOrres Zangaralheiro, que offendida
A ſorte, de q̃ o mundo eſſa côr preza,
Deixando limpa a galla a natureza,
Foy greda a morte á nodoa deſſa vida.
Córta o calabre a Parca, e já convida
O mortal Sagittario á viva empreza,
Que para a ſua ſetta em vaõ defeza

Tam-

Tambem o preto he alvo da ferida.
Que os Deoses o quizeraõ, naõ te espante,
Nem a tua dôr a semrazaõ escarve,
Que saõ má casta os Deoses, isto sente.
Eu cá tambem corri; porêm avante,
Que era razaõ na morte de hum alarve,
Que influisse hum Planeta papagente.

Para a parte do Nordeste avultava em outra peanha a pirguiçosa imagem do funesto Morfeo, Deos do somno, que, como Parocho de toda a Freguezia do Inferno, molhando na caldeirinha do rio Lethes o hysope de sua barbada providencia, lançava agoa maldita aos dormentes da Parca, quando entre os achaques, gatos pingados da natureza, entoava as exequias da humana vida: encasquetava o barrete carrancudo, sobraçava a sobrepelliz enfiado, e zote do inferno expressava na sua tarja este

## SONETO.

MOrre o Zangaralheiro, oh como corre
O volante vivente a ſorte impia!
Já deſde agora paſſa alegre o dia:
Alviçaras, ó luz, que a ſombra morre.
Já meu borriſo pallido o ſoccorre
Cadaver negro na mortal coxia,
Onde o ſomno molhado em cama fria
Qual fogo os membros de carvaõ diſcorre.
Corôe o alto Pindo a ſorte amiga
De tiçoẽs, em que o fogo accezo vaga
Ficando ardente braza a ſua viga:
E qual paſtilha, a quem o fogo eſtraga,
Seja exequioſo fumo a jeropiga,
Onde hum cirio de pez a morte apaga.

Para a banda do Sul ſe levantava hũa negra columna, ſervindo de throno ao grande Mercurio, Deos recoveiro, fundador dos ſantiamens, e Graõ Meſtre dos antiquantos: eſtava com o corpo erguido, e com poſtura de péſapê-lo; na cabeça hum galerio bem azádo; na maõ eſquerda hum bicheiro por ceptro, que caducêo lhe

cha-

chamaõ os cultos, e cobrêlo lhe podiaõ chamar todos: com a maõ direita levantava o dedo para o ar, como que fazia promeſſa de ſe naõ metter em outra: o corpo em pelle como ſua mãy o pario; que a Gentilidade naõ teve Deoſes do Inverno, e a nenhum fez veſtido: duas azas por tornozelos, e duas ventoinhas por çapatos.

He eſte Deos mexilhaõ de todo o univerſo; porque naõ ha funçaõ, aonde naõ entre Mercurio: os armadores querem que ſeja ſó ſeu advogado, por ſer o Deos volante: mas o mais ſeguido he que depois daquillo de recoveiro, que nelle he como proprio, tambem de tumbeiro tem ſua laſca; porque, como diz o noſſo amigo Mantuano, para encaminhar ao bom retiro dos campos Elyzios aos que ſahem deſta vida, fazia o tal Deos do caducêo aguilhada: com eſta licença, tomava parte no Zangaralheiro defunto, e na ſua tarja dizia o ſeguinte

SO-

## SONETO.

NAda já do Cocîto na corrente,
O' Foliaõ, trocando a vêa impura,
Cisne ás avessas, que a tua vida escura
Para morrer cantaste eternamente.
Feniz se de Plutaõ, seja urna ardente
O pego Estigio, eternamente dura
Na chaminé mortal, que fogo apura,
Ferrugem racional, carvaõ vivente.
Agora em quanto o Pegazino porto
Cortez recolhe o teu enterramento
Lamentando este bosque o teu fracasso;
O' canzarraõ discreto, ó perro morto,
Sejaõ na duraçaõ do sentimento,
Anubis tu, e Memphis o Parnazo.

Alludia o discreto Mercurio ao Idolo Anubis, que, em figura de caõ, era adorado no Egypto; foy travessura de Mercurio, que ainda que fazia bem os versos, talvez era morcego do conceito, que era hum Deos muito velhaco.

Para a parte do Sudueste se levantava huma peanha sustentando o Idolo do Desengano, cara de

de poucos amigos, feiçoẽs de artieiro, aſpecto atrevido, e deſcarado, corpo agigantado, com hũa tunica de volante por onde ſe via todo: ſem chapéo, por naõ fazer a ninguem cortezia; ſem capa, por ſe naõ dar com rebuços a ſua natureza; no demais, luvas, annel, e golilha, como da confraria dos carraſcos de Galeno, Recipe baſilicaõ: tinha na maõ direita hum eſpelho; porque a elle ſe enfeitava a mortalha na ultima hora: lamentava o Zangaralheiro na ſua tarja em o idioma deſte

## SONETO.

SOffreſte, ó negro, á Parca o revez torto
Taõ inflexivel a ſeu golpe eſquivo,
Tanto, que, ſe eras negro em quanto vivo,
Negro ficaſte até depois de morto.
Tal teu animo foy, tal teu conforto,
Que poſto no combate mais nocivo
Da eſpingarda da morte feito hum crivo,
Naõ te vio amarello o mortal porto.
Mas ah! Que brio tanto o fado enterra.
Negro eras, morres negro, e naõ ficaſtes
Ao cuidado da morte no tinteiro.

Os

Os homens nafcem barro, expiraõ terra:
Sombra foftes, em fombra te tornaftes,
O' caduco, ó mortal Zangaralheiro.

Para a banda do Lefte fe levantava a lavrada columna, Athlante de todo o Ceo, da Europa, que era hũa galharda mocetona, alva, e loura, carnuda, agigantada, e fobre tudo robufta, que nem fempre do bello ha de fer manqueira o melindrozo: ropa de figura de Lôa, cothurnos como Ninfa de Egloga, elmo plumado, o eftandarte volante, como he louvavel coftume das Europas: e porque no feu territorio fuccedeo efte defaftre ao Zangaralheiro, á inftancia de Apollo, reprefentava a Europa o feu fentimento, que poderofamente conftruido valia tanto como efta

## O Y T A V A.

ESfe, que ves rendido á mortal forte,
Adverte, ó caminhante, que fe o vifte
Bobo da vida, he taralhaõ da morte,
Mortal folguedo, e ja defunto chifte:
Naõ fó orfaã do gofto deixa a Corte,

Mas

Mas até toda a Europa deixa triste,
Sendo para a memoria a toda a gente,
Se campeche mortal, carvaõ vivente.

Para a parte de Oeste avultava a Alabastrina columna, sendo honroso tanho ao simulacro da Folîa: era esta hũa estravagante femea, e minotaura creatura, com cabeça de cigana, e corpo de regateira, braços de engonço, e pés de saltarêlo; trajava á mogiganga, mas ao prezente em figura de carpideira, em cuja crespa, e franzida cara se lia bem o pranto na rubrîca do laibo: aos pés, bem como funesto despojo de seu contentamento, se via a viola murcha, a castanheta secca, a gaita com fistulas, e o machinho com mataduras: entre estes escaveirados instrumentos se fazia lugar á tarja, aonde a Folîa desaffogava a magoa neste desesperado

## SONETO.

OH mofina de mim mil vezes mil!
Quizera me enforcar, dem-me hum cordel,
Pize a couces a dôr ao cascavel,
E vá a magoa ao couro ao tamboril.

Troque o pandeiro a voz sempre subtil
No tinir sempre rouco de pichel,
E o pente, n'outro tempo Bacharel,
Falle por entre os dentes qual gomil.
Manoel Trapo, o Xainha, e outros bens,
Que eu estimava mais que os Xarafins,
Tome-os embóra a Parca por refens.
Já naõ irey ás danças, nem motins,
Que naõ posso viver com taes vaysvens;
Busquem desde hoje mãy aos muchachins,

Seguia-se outra columna avultada, e soberba, por se deixar pizar da Poezia: era esta hũa galharda moça, mais que parto da natureza, milagre da vida: as feiçoẽs do rosto taõ proporcionadas como feitas em verso; o cabello, sem alcaide de fitta, ou beleguim de Colonia, solto sem ordem ao Zefiro, que, à petiçaõ de hum Poeta, era pente daquelle ouro em fio, ou occaso daquelle Sol em ondas, e templo daquelle milagre em cadêas: taõ ricas as roupas como as de qualquer Poezia, aonde he mercador o entendimento, alfayate a elegancia, e tizoura a penna: estendia duas graciosas azas para o voo, como Aguia que era do Sol de Apollo: em cada maõ

maõ tinha figurados em dous Globos o Ceo, e a terra; porque tudo cahe na maõ da Poezia: estava com aspecto raivozo, com os olhos no tumulo, ao que parece, expressando contra elle este

## SONETO.

Ó Lutero de Apollo, a Averna cova (antes;
Naõ cubra naõ teus versos, queime-os
Pois cõtra a Ley do Deos dos cõsoantes
Assoalhastes ao pandeiro a seita nova.
Ja de Plutaõ o cemiterio prova
Se barbaro alquimista em teus descantes,
Sem respeitar os miseros toantes,
Que eu fiz em verso, tu trocaste em trova.
Ja de nosso Pay ruivo naõ te aquente
O Sol, seja Tifeo tua ousadia
Chamuscado exemplar á Phebea gente.
Torne-te por castigo em cinza fria
De algum Poeta culto a pyra ardente,
Por fazer moeda falsa na poezia.

Seguia-se na sua columna a Fama com todos

dos os atavîos, com que a antiguidade a enfeita, ar nas bochechas, fogo nas azas, terra nas plantas, que só o elemento da agoa lhe escapou a coleira, o enroupado Comico, com seu sendal voando, ainda que naõ tinha bafo de vento, com hum alforje de noticias correndo o universo, e ao presente suspirando na trombeta esta

## O Y T A V A.

DOrmentes do universo, ouvi meu grito,
Despertay, as orelhas estirando;
Ouvireis que da dança o negro espirito
Jaz nos braços da morte palpitando:
Deixou bramindo as agoas do Cocîto
Mortal Zangaralheiro venerando,
Que era moço comprido, negro, e feyo,
Das procissoẽs trombeta, e seu correyo.

Seguia-se em a sua columna o Idolo do Destino em fórma de hum villaõ ruim chapado, na postura de Hercules, com os braços arregaçados; como fazendo força, encanado entre quatro aspectos para se naõ dobrar nunca: huns oculos de ver ao longe; hũa rolha em cada orelha,

dando

dando razoens de cabo de eſquadra: tinha ſido arrieiro na morte deſte defunto, e eſgaravatava os dentes com o aſſumpto de hũa tarja, aonde dizia eſta

## DECIMA.

MOrtaes, hoje vos exhorto,
Que o voſſo Zangaralheiro,
Se foy bugîo de cheiro,
Ja féde como caõ morto;
Matey-o a direito, e torto:
Agora addivinhe a ſorte,
Qual foy a pena mais forte
Neſta laſtima ſentida,
Se perder hum negro a vida,
Se dar eu hum perro á morte.

Cerrava-ſe em fim o eſpaçoſo circulo das columnas em hum gracioſo, e bruto penhaſco; (ſe he que no bruto ſe póde achar o gracioſo) levantava-ſe ſobre hum largo tanque, ſobre cuja alabaſtrina taça, deſde a ſua eminencia, o airoſo murzélo, ou alazâm Pégazo, ja aſſoava o cryſtallino monco, ja eſpirrava o nevado eſtallicidio:

dio : as nove Irmaãs formavaõ o jogo da bóla da poezia, de que o Pégazo era o vinte da estaca; e sahidas de seus crespos, e limosos nichos, eraõ pelas bordas do tanque crystallinos sobejos : vestiaõ ligeiras tunicas de volante roxo, que aonde he Coronel o sentimento, naõ passa da quaresma o luto : nas discretas cabeças se arqueava em capellas o louro, para recolher o Idolo do cabello : quem vio jamais que o louro idolatrasse o louro! Choravaõ todas juntas como hũas crianças : qual esfregava com o punho os olhos, e qual de chorar tinha os olhos como punhos : qual se assoava na manga da camisa, qual se alimpava na ponta da saya ; formando todas juntas hũa taõ lastimosa caramunha, e lastimada arenga, que podiaõ ensinar ás raparigas da Pampulha a lamentar o marinheiro pay, que morreo na frota.

Enxugavaõ os soluços, calavaõ os prantos, e a medidos espaços ( por naõ estar o vulgar responso recebido entre os defuntos do Parnazo) cantavaõ ao som de roucos, e encatarrados instrumentos as nove este

RO-

## ROMANCE.

SAtyros deſtes contornos
Deixay frautas, e pandeiros,
Que eſtá viuva a galhofa,
Se he morto o Zangaralheiro.

Que mayor magoa, Zagales,
Que ver na orfandade os verſos,
As trovas ao deſamparo,
Como as pulhas ſem remedio!

Ja Monſieur Paciencia
Naõ ha de alugar aos neſcios
Com alquilé o Pegazo,
Se he morto o ſeu arrieiro.

Ja noſſo amigo Toante
Deſcançará, que ha mil tempos
O alforje deſte defunto
Com elle andou dado a perros.

Ja noſſa madre a Poezia,
Quando naõ donzella, ao menos

Vivirá

Vivirá mais recolhida,
Que era de brancos, e negros.

Mas ay de nós! que ja agora
Quem nos festeje naõ temos;
Porque nos deixou embranco
Quem nos festejava em preto.

Ja pois nossos tristes olhos
Sejaõ da magoa tinteiros;
Porque nossas negras magoas
Com tinta negra se escrevaõ.

A fonte do Pindo, a fonte
Do Parnazo a quantos vemos
Derretidos crystaes sorvaõ,
E tinta de chocos vêrtaõ.

De muchachim vista os rayos
Apollo, nosso pay velho:
Seja Guiné o Parnazo,
E rapozinhos os versos.

Se ja os canos das fontes
Dizem que rapozos eraõ,

Te-

Tenha o Pindo rapozinhos,
Que ſaõ rapozos pequenos.

Ja naõ tem noſſos Poetas
Que invocar-nos neſte tempo,
E quem quer ſer inſpirado
Metta-ſe a zote tumbeiro.

Choray, mulheres, choray,
Muſas amigas, choremos:
Pois que fará hum trambolho
Se faz chorar hum argueiro?

Ja Apollo naõ tem camenas
Antes nos acha cá menos,
Que em vez de boſques paſſamos
As feſtas nos cemiterios.

Ja ninguem nos ouvirá
Com equivoco traveſſo
Fazer cocegas ao tolo,
Metter raivas ao diſcreto.

Ja nos naõ verá ninguem
Andar c'o Feniz no eſpeto

Aſſando aqui, e alli aſſando,
Sendo Arabia fogareiro.

A Filomena ja póde
Sahir com nome paterno
De rouxinol, que naõ eſtamos
Para embrechar epitétos.

Venhaõ baetas compridas
Porque, ainda que nos çujemos,
Naõ he máo, que para hum nojo
Tem virtude hum deſaceyo.

Cuſte-nos o que cuſtar,
Sayas de rabos queremos:
Para hum cadaver monturo
O luto ſeja ſequeiro.

Lancemos fóra grinaldas,
Encaixemos os capellos,
Será ſequer cada hũa
Dona do ſeu ſentimento.

Levãtava-ſe finalmente no meyo do eſpaçoſo circuito, como eſtafermo de todo eſte ſentimento,

mento, o funeſto tumulo, alteado ſobre alguns degráos, de que era alparavaz hũa grande tarja, aonde ſe lîa eſta

## O Y T A V A.

AS filhas do Parnazo a morte eſcura
Longo tempo chorando ſe ſentaraõ,
E por memoria eterna em fonte impura
Os remeloſos olhos transformáraõ:
O nome lhe puzeraõ, que ainda dura,
Cadaver de azebiche lhe chamáraõ;
Com que foy o Parnazo neſte dia
Deſte hereje de Apollo a Trafaria.

Na face direita do tumulo, ou para melhor dizer na téſta do ſeu frontiſpicio, mandára gravar a laſtima de Apollo eſte honroſo

## E P I T A P H I O.

*Aqui jaz o fatal Zangaralheiro*
*Celebrado no pente, e no pandeiro;*
*Foy foliaõ, foy negro, e foy Poeta,*
*Hoje dorme cadaver de baeta*

*Em hũa escura paz,*
*Aqui expirou carvaõ, cinza aqui jaz.*

Estas eraõ as honrosas divisas do funesto tumulo, em cuja urna se depositáraõ as cinzas daquelle Feniz jocoso, e carpido Zangaralheiro, cuja mortal historia espantará o sentimento na pagina do universo, para que ao seculo vindouro seja exequioso gemido, e suffragante Epicedio.

************************************************

# NOTICIA
## DO PURGATORIO
## DE
# CUPIDO,

*Em que com estylo jocoso critica em si hum amante o que succede aos mais loucos desta Classe.*

MInha mulher de perspectiva, ou minha esposa de estado: eu vos naõ respondi em quanto estive no Purgatorio; porque, com a força das levaredas, mil vezes se

ſe me creſtou o papel, ſe me chamuſcou a penna, e ſe me queimou a eſcrivaninha: mas agora, que ja me vejo mais deſaffogado, (quero dizer fóra do fogo) vos quero lembrar as razoēs de me eſquecer. Eu diſto, a que chamamos mal de amores, (bendito ſeja Cupido) me acho ja ſaõ, e eſcorreito: porque aos que adoecemos de auſencias, ſó o tempo he verdadeiro medico de noſſas almas: iſto de amores padecer auſencias, minha filha, ſe cura com largas auſencias; que como he achaque, com que os namorados nos damos a perros, he como mordedura de caõ, que fere com os dentes, e cura com os cabellos: em hum homem ſe vendo auſente, naõ ha mais que ter tezo, e deixar malhar o tempo, aonde he bigorna a vida, e malho a memoria, e no cabo do anno ſahe hum homem feito de ferro, que póde ſer Alferez de S. Jorge: eu, como vós ſabeis, por naõ faltar ao uzo da terra, adoecî da minha memoria, (que ninguem adoece do ſeu entendimento) ſuſpirey, gemi, retirey-me a hum boſque; fiz hum Soneto á minha ſaudade; carteey-me com as Parcas, diſſe couſas a hũa fonte, que fariaõ chorar as pedras; pedî ao tempo, que ſe fizeſſe a Náo em hum inſtante,

ſtante, e nelle embainhey hũa eternidade; a Cupido naõ lhe ficou oſſo ſaõ com o ſacco de arêa de meu queixume: chamey-lhe Deos cego, Divindade criança, e lince com venda; chamei-lhe barbeiro por amor das ſettas, e morcego pelas azas, e finalmente vieraõ ſeus pays á bailha, Vulcano ſahio com os epîtetos do coxo, e mais o manco; e a Venus, que ſempre neſtes caſos foi peccante, deſauthorizei de amotinadora deſtes eſtragos. A toda eſta barafunda dei vazaõ de ſeis mezes: eu ainda naõ vi auſencia tomada de empreitada mais bem ſuccedida; eſtou certo que o naõ havia de fazer melhor o mais deſapegado, que he o que ſe tira deſtes brincos de auſencias: que ſuppoſto que o cadaver da fineza ſempre buſca a tumba da magoa; poſta aos hombros do cuidado, levada a enterrar nos funeſtos cemiterios do retiro, por ſer taõ grande a enfermidade da memoria, que he matadora como a meſma eſpadilha; tratei de fazer das fraquezas forças, para poder com eſtes trabalhos, que me naõ cuſtou pouca moleſtia.

Eiſ-aqui em que andei occupado atégora neſte Purgatorio, por cuja cauſa vos naõ buſquei atéqui: pois hum vivente mettido nelle, julgai

julgai o reboliço, que cada hum terá no aposento, em que vive desterrado.

As cautas, mulher, de me passar do Purgatorio do cuidado para a bemaventurança do descuido, sobre ser estravagancia da escolha, foi achar algum commodo na vivenda: tive as achegas de me enfastiarem as meninices escholasticas de Cupido, a tempo que andamos a ferro, e fogo; nem eu esperava menos da sua aljava, e de sua setta, ou natureza: logo lhe deo na manîa, sendo os elementos quatro, o querer ser fogo; que se fora agoa, fora mais corrente; se fora terra, fora mais humilde, e se fora ar, fora mais leve; mas elle se metteo a fogo, para o pôr a todos a pouco custo: pelo que haveis de saber que qualquer elemento vive á sua custa, só o fogo se sustenta pela alheia: perguntai-o no seu nascimento á isca, e na sua duraçaõ á materia; diga-o na tocha a cera, na candeia o oleo, e na chaminé o cepo: ora sustentai lá a Cupido, e sahir-vos-ha caro, como fogo; está o carvaõ muito caro para se sustentar hum homem no Purgatorio de amor. Pois que cuidais vos? Que fui algum ausente de agoa doce? Pois morri como hũa pessoa grande, que assim

ſim o herdei de meus antepaſſados; e ſe naõ, perguntai a Franciſco Rodrigues Lobo, de que morreo o ſeu Paſtor peregrino? A Jorge de Monte-mayor, de que ſe finou o ſeu Sireno? E ſobre tudo perguntai aos Chryſtaes d'alma, como matta a memoria, e reſponder-vos-ha com eſtas formaes palavras: (diz o douto) He a memoria ruim cozinheiro: e daqui tira o ſeu Commentador, que mata com hum bocado.

Mas perdoe Deos aos ourives, que para engodarem as almas com as memorias, as fazem como a hum ouro, tendo ellas cara de aço.

Agora cá na bemaventurança, que he o Ceo da bõa vida, anda alfarîo o eſpirito, e ocioſa a alma; e como para divertir-ſe tomo por leve a penna, deſta carta farei prologo deſſa relaçaõ, que ahi vos eſcrevo, para que ſaibais que talvez as almas do Purgatorio de amor acordaõ em relaçaõ para o dia de ſeu divertimento. Vede ſe quereis alguma couſa deſta bemaventurança, que vaõ aqui as galhofas a rodo, e ja as comemos com alcaparras; e ſe as quizeres, no meſmo inſtante vo-las mandarei no cavallinho da alegria, ou no cavallete de hũa vióla.

Niſto de amor naõ fallemos, que depois

que

que tive amor em Thomar, tenho medo de me tomar com elle. O Ceo vos guarde delle, pois que a mim me guardou de vós, que naõ haverá mayor bemaventurança: mas ſempre achareis em mim hũa caveira de eſpoſo, e hũa morte de affeiçoado. Deſta noſſa quinta dos Prazeres, Palacio do eſquecimento, e morada do bom retiro.

Voſſo bemaventurado, depois que deixou de ſer voſſo marido.

## *O Redemido.*

### S O N E T O.

Ó Lá, ó lá mulher, ó lá, que ſayo
Do forno de Cupido aſſado humano,
Onde tive o ſuſpiro por abano,
E onde eſtive ao fumo como payo.
Fugindo dos tormentos ao ſoslayo,
Vou dentro de hũa nuvem por tutano;
E Feniz renaſcido de hum guzano,
Dou crêna á urna de alcatraõ Pancayo.

Hum marido Abulenſe he quem vos falla,
Que ja biſcouto ao fogo peremptorio
Torrado ardeo, calado como zorra.
Ja nada me faz mal, nada me aballa,
Que ja ſe me acabou o Purgatorio,
E deſde hoje ſou alma á tripa forra.

Sabereis pois, minha mulher de Alicante, ou minha eſpoſa Sequilho, (que paſſada vem a ſer o meſmo) que eu me acho a eſtas horas ſem hum ceitil de Purgatorio, convaleſcendo da memoria, e engordando da auſencia: ja ſe me acabou o inverno das lagrimas, ja o Janeiro das deſconfianças, ja o nublado das ſuſpeitas, e ja o bruſco das diſtancias. Pois què, ſempre haviaõ de ſer de eſcabeche as deſgraças; ſempre de conſerva as penas, e ſempre embalſamadas as ancias! Nem ſempre na chaminé da fortuna ha de ſer tronco o deſtino para eternizar o incendio; nem ſempre na boca das Parcas trazem alcatraõ as eſtopas, tambem o ſantiamen tem ſuas levaredas; talvez ſe acaba hum inferno deſtes, em quanto o diabo esfrega hum olho: acabou-ſe em fim o meu Purgatorio; porque ſe tem bombardas o fogo, tambem tem bombas o deſtino;

aca-

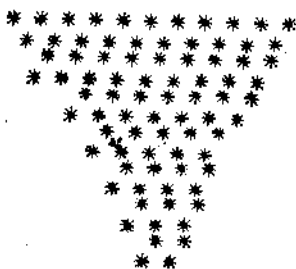
acabou-ſe o Purgatorio do cuidado, e ſahi a tomar o freſco á varanda do deſcuido: cahio-me a memoria por entre os dedos; e ainda que ſou alma, eu me contento ſem eſſa potencia.

Pois ſabey, mulher mortal, que quando eu fazia papel de tiçaõ no borralho de Cupido, mil vezes dezejei hum annel de agoa, para largar hũa memoria de fogo; mas ja agora ſaõ para a minha alma luminarias, as que eraõ para o meu coraçaõ levaredas: ja me eſtou rindo do veraõ dos dezejos, que me naõ lembra ja o fogo, nem por fumos. Ja ſou Garça no Rio do eſquecimento, ſe paguei o pato no forno do ſuſpiro; ja ſou gaivota no mar do divertimento, ſe ardi Feniz na urna do cuidado; ja me vejo adejando nos pégos, ſe ja me vi padejando nos fórnos: e finalmente, ſe ja fui moſquito no licor dos ſentidos, agora ſou moſca no leite dos regálos.

Eſta he, mulher, a diſtancia que vai dos que amamos aos que eſquecemos: quando eu era amante, perneava padecente; agora, que ja zingro das finezas, eſtou de perneta nas ancias: quando eu era choramigas da auſencia, era pappa arroz da magoa; agora que ſou o gandum da pirguiça, ſou o arromba da conſtancia.

Era o meu Purgatorio
Soluçar aufencias,
Sentir amores,
E curtir ciumes.

Mas ja hoje, nem eftas foffro, nem aquelles finto, nem aquelloutros choro; porque eftes, aquelles, e aquelloutros, faõ humas favandijas, que o calor do appetite gerou no feyo da ociofidade: e hũa alma com barbas no rofto naõ he bem que ande com bugiarias no peito. Alto pois, fóra das madraçarias do Purgatorio: alerta, mortaes, alerta, que vos falla hũa alma com bigodes até á cintura. Quem quizer fahir do Purgatorio de Cupido, peça os fuffragios ao Parocho do efquecimento.

PRI-

## PRIMEIRO GRA'O
de bemaventurança.

# Eſquecimento da auſencia.

QUe outra couſa he hum auſente, mais que hum ſolitario cypreſte, que, neſte valle de lagrimas, creſce giraſol das triſtezas, avulta eſtafermo das plantas, chuço das ervas, eſpeque dos ares, e grêlo das flores? Aſſim, que outra couſa he hum amante, mais que hum tolo do ſentimento, hũa eſtancia de ſuſpiros, hum alimento das magoas, e hum basbaque das penas? E que ſendo hum auſente deſta ſórte, haja quem ſe gave de ſaber ſer auzente! Quem diz auſente, diz cabisbaixo, bocicodio, ſatyro, bronduzio; falla de cuco, paſſêa de morcego, veſte de galhudo, come bringellas, eſcreve com tinta de cibas: já viſta he hum eſqueleto em carne, no traje he hum ſuſpiro em pelle; amanhece ſolitario, paſſêa o dia cigarra, e anoitece coruja: he em fim hum auſente eſtropalho da vida, frangalho da natureza, e hũa rodilha da fortu-

fortuna: he hum engeitado da vida, e hum defpedido da morte, que nem morre, nem vive; porque morre do que foy, e vive do que ha de fer: morre da memoria, e vive da efperança. E que tendo hum aufente eftas qualidades, naõ fe envergonhem os homens de ferem aufentes! Eftes faõ, mulher, os aufentes em profa, que em verfo faõ muito peyores; porque, fobre ferem Fabios, Heonios, e Silenos, nomes que fó cheiraõ a vinho, faõ para as lamêdas troncos, para os rios penedos, para o fogo Salamandras, para a luz maripofas, montes para a conftancia, valles para a trifteza, e fobre tudo affumpto para os Poetas. Pois que vos direi da aufencia? He o beleguim da fantazia, a enxovia da lembrança, o potro da fineza, o arre burrinho da alma, o real d'agoa de Cupido, a Ilha da Madeira do defejo, a Ilha dos Lagartos do deftino: mas melhor que tudo a defcrevi eu, quando no outro mundo paffeava Centurio do fentimento, no portico do retiro, authorizando-a com o epîteto de inferno nefta

OY-

## O Y T A V A.

HE pois a auſencia temporsl inferno;
Onde para a caldeira do retiro
Lhe traz fogueiras o cuidado interno,
A lagrima alcatraõ, fogo o ſuſpiro:
He alma o coraçaõ gemendo terno
No calabouço eſcuro, em que anda em giro;
E para fomentar-lhe o ſeu tormento
He demo atiçador o penſamento.

Vêde vós agora ſe eſtarei eu contente vendo-me livre deſta maſmorra, e longe deſta caldeira; e iſto ſem mais artificio, do que naõ me lembrar de vós, nem pouco, nem muito: digo-vos que no inferno de Cupido ninguem eſtá mais que por culpa de ſua pirguiça; porque he fogo, de que ſe póde livrar hũa peſſoa com hũa bochecha de agoa.

SE-

## SEGUNDO GRA'O.

de bemaventurança.

# *Esquecimento da fineza.*

A Fineza mortal, mulher, he o delirio da alma na febre da ternura; e adoece hum homem de sua fineza, como se fora de hũa febre maligna: a fineza he o *totum continens* dos ausentes, e a botica dos amantes; naõ faz acçaõ hum corpo amante, que naõ seja fineza; paralytica a natureza, para qualquer cousa, ou qualquer outra acçaõ humana he fineza: se vive, fineza; se adoece, fineza; se morre fineza: se vive, porque quer que dure o tormento, fineza; se adoece, porque sabe sentir o cuidado, fineza; se morre, porque naõ quer deslustrar o martyrio, fineza: e finalmente, sabe hum amante fazer requebro até de hũa tosse; e até hum arroto saberá vender por suspiro.

Disto dizem lá os mortaes que tem culpa o amor, porque he hũa criança muito travêssa, que despeja a aljava, que aponta a setta, que cur-

curva o arco, e fez tiro; e isto, mais que pendencia de namorados, me parece a dança dos pretos: e qual he o homem barbado, que soffre estes atrevimentos a hum bugio? Desorte que hum homem mata hum mosquito, por lhe naõ ouvir a trombetinha, e naõ açoutará hum fedelho pelo esmichar com hũa setta? Desenganaivos, embasbacadas creaturas, que se o amor, como dizeis, he criança, mais depressa se fartará de castanhas, que de feridas: metta cada hum a maõ no seyo, e verá que naõ acha mais que os naturaes cabellos, sem arranhadura de setta, nem laibo de ferida. Discretamente dizia eu no meu Herodes, discursando a extirpaçaõ de Cupido, em estas duas grandes, e desmedidas

## OYTAVAS.

CRêde, mortaes, que amor he só criança
Alva, loura, roliça, grossa, e nûa,
Que em duas grandes azas se embalança
Lançada a tiracol a aljava crûa:
Logo vendando a vista em som de dança
Sem avental sobre a piquinha sua;

E fizera melhor fe fem refolhos,
A piquinha vendara, e naõ os olhos.

POis naõ he tal, mortaes, que Venus peco
Teve o ventre, e Vulcano feu marido,
Como ao fogo toftado, era pay fecco;
Com que ao feu lume naõ fahio Cupido:
As Freiras o geráraõ de hum boneco,
Pelo verem a hum trapo reduzido,
E a fer criança tal taõ inquieta,
Jogará a bilharda, e naõ a fetta.

Vêde agora lá fe conhecendo eu que a fineza, e o amor naõ faõ mais que hũas velhacarias da vontade, hũas trapaçarîas do difcurfo, e hũas rapazias do gofto, deixaria de efcoar a coleira do Purgatorio do pefcoço do cuidado; e rapando a finéza á navalha, tirar as minhas barbas de vergonha, pois com dous reis de efquecimento comprei efta bizarria: alerta pois, defuntos aufentes, fe naõ quizerdes ter vontade, naõ tenhais memoria, que faõ potencias encangalhadas.

TER-

## TERCEIRO GRAO de bemaventurança.

# *Esquecimento da duvida.*

A Duvida de hum amante vem a ser o ciume; o melquetrefe das potencias, o xisgaraviz das memorias, o contagio das suspeitas, o cancer das duvidas, o furaõ do desengano, o malsim do susto: e finalmente, se o pudermos fazer femea, he a pulga da desconfiança no ouvido da fineza; mas melhor no lo dirá hũa Oytava, onde eu lhe medi os mal medes quando me consumia.

## O Y T A V A.

HE mostarda ao nariz da paciencia,
He pimenta ao paladar da vida,
He sevadilha á venta da advertencia,
He poz de Joannes da alma na ferida:
He fumo á chaminé da consciencia,
Que ao olho traz a lagrima vertida;

He o ciume a briga do ſentido,
O bicho carpinteiro de Cupido.

Comichaõ da fantazia, e côco da eſperança lhe chamou a Antiguidade, e os modernos o reduziraõ a amoroſo Purgatorio: mas he taõ facil o ſuffragio, que reſgata deſte patibulo, que naõ conſiſte mais que em naõ querer. He o amor a ſemente do ciume, e para ſeccar o grelo ao ciume, naõ ha mais que arrancar as raizes á vontade: vêde lá ſe, eſtando na minha vontade o remedio, era bem deixar-me morrer como carrapato na laã do Purgatorio; e ſe naõ, pergunto: Deos deo a vontade á alma, para tiçaõ, ou para potencia?

Dizem que naſce o ciume de quererem os outros o que eu quero: pois tenho eu mais, que naõ querer o que querem os outros? Se eu tenho ciume por elles quererem, tambem porque eu quero teraõ elles ciumes: pois ſe todos eſtamos pagos, porque naõ hey de eu ficar ſatisfeito? Ora olhai, mulher, como diſcorremos os defuntos, quando nos vemos bemaventurados! Pois naõ vale mais ſahir do Purgatorio, que mettermo-nos no inferno? Só por evitar razoẽs
ſe

ſe póde ſer bemaventurado. Finalmente, para que naõ entendais que nem por hũa unha negra eſtou ja no Purgatorio de Cupido; eu daqui vos dou licença para ſeres querida, em teſtimunho de que de vós ſe me naõ dá couſa algũa: queiraõ-vos a torto, e a direito; queira-vos o negro, e o branco; e ſede vós linda, muito que vos preſte, e vá bugiar o ciume: ſe o ſer deſconfiado he de necios, o ſer cioſo de quem ſerá? O' lá pois, cioſos do mundo, arregalar o olho do eſquecimento, e eſtender a orelha do diſcurſo. Eiſ-aqui o ciume, contemplai a caveira da parvoice: naõ vo-lo ponho veſtido de azul, que a ſaltimbarca da campainha da miſericordia naõ ſe accõmoda ao chocalho da queixa: o ciume naõ he no veſtido azul, ſenaõ no enfeite; ſe naõ, vede-o na iſca da ſuſpeita, e vereis na mecha do diſcurſo arder o ciume no enxofre do cuidado: naſce o ciume da ambiçaõ com que ſe adora a formoſura; pois he a formoſura hũa linda preya. Sabeis, profeſſores do ciume, o que he a formoſura; he hũa pelle bem pintada, e he ſem duvida a pelle do diabo, pois elle vos tenta com ella: he a formoſura a minhoca do dezejo no anzol do perigo, para a peſca dos peixotes no lago deſte mundo:

ay

ay do peixote, que come a iſca, quando lhe cuſta a mecha! He a formoſura o labyrintho dos ſentidos, o chaos dos cuidados, o aljube dos dezejos, a enxovia dos ſuſpiros: e finalmente, por naõ levarmos a rhetorica á arreata, he a Venus humana, que vale o meſmo que deſaforo femea. Começou a formoſura a ſer mulher, depois que Saturno deixou de ſer homem: Jupiter, que foy carneiro, o fez a elle capado; e do ſangue, que cahio daquelle golpe, miſturado com a eſpuma do mar, ſe gerou a formoſura: vede o que quer dizer o ſucceſſo neſta

## O Y T A V A.

SE da eſpuma do mar embravecido
Entre a lapa naſceo o caramujo,
He Venus, na panella de Cupido,
Eſcumadeira, que recolhe o çujo:
Do ſangue de Saturno derretido
He murcéla vivente, mas que eſtrujo?
Que ha de querer já de Venus quẽ ſupponha
Que lhe deo vida a morte de vergonha?

Eſta vem a ſer a formoſura, ponde-vos a ſoffrer

frer ciumes por ella : aquelle he o ciume , ponde-vos a ſer amante por elle. Naõ , mulher , naõ he o Purgatorio de Cupido vivenda para hũa alma honrada. A minha bençaõ lançarei ás levaredas ; matem-me com as bemaventuranças : ora deixai-me fartar de eſquecimento , e dê-me embora hũa apoplexia de deſcanços. Muitas graças ſejaõ dadas ao eſquecimento , unico redemptor das almas deſte Purgatorio. E para que conheçais os adubos de ſua mezinha , e as facilidades de ſua cura , apparai lá no collo eſta

## O Y T A V A.

O Eſquecimento hum medico ſe fez ,
Cuja eſtranha golilha aſſim ſe faz ,
Que entezado o peſcoço, em que lhe pez ,
Jámais voltar o póde para traz :
Naõ quer luvas , que he medico cortez ,
E por naõ ter memoria, annel naõ traz ;
Por mula hum dromedario, em que ſe diz:
Todo o mal ſem lembrança curar quiz.

E com iſto , mulher , a Deos luzes do Purgatorio dos amantes : a auſencia que ſe vá para hum

hum bosque; Cupido para a escóla, o ciume para o Hospital, e a formosura que me venha pagar pelos calcanhares ao arrependimento; ou para me fazer escorregar, que se unte com cebo de cabrito: e vós, mulher, ficai como espargo no matrimonio, e buscai outro marido; que eu neste mesmo fogo, em que dei ja dous estouros, dou agora dous trincos, e desappareço em a nuvem desta carta pelo ar da fantazia.

********************************************************

# SATYRA
## A HUM HOMEM BEBADO.
## *ANONYMO.*

OH desventura de bebado! Buscas o vinho, que a cada passo dá contigo em terra! Naõ te fora melhor hum fexe de herva, pois que posta em terra te fica a pedir de boca? Queres ver o teu idolo? Adoras a hũa borracha: Repara, que se nella achas pé, em ti ja

naõ

naõ acho pés, pois naõ pódes erguer cabeça; jamais em ti se achou vergonha, tendo sempre as faces muy vermelhas; buscas as boticas das medidas, e nunca com medida se acha tua borracheira; se para o vinho te achas sempre azado, nem por isso deixas de o beber aos potes, quando o naõ gastas tambem ás quartas; buscas os ramos, e vais-te como hum passarinho, que para ti as varas da vide foraõ sempre as varas do visco; eu naõ sei que casta de passaro tu sejas, só te vejo andar mettido a taralhaõ; naõ te posso chamar pintasilgo, pois nunca o fostes no beber; se es pardal no monturo naõ o es de bico amarello; porque sempre o tens vermelho: naõ sei como bem te entendes, pois quando ás tabernas corres, bem vejo que em todas paras, pois sei que a todas topas; posso considerar-te como o pombo, pois do ventre lanças com que podias sustentar os filhos, se os tivesses: vejo-te pescador da terra, porque nella sempre buscas as redes; sei que sabes muita letra, porque tens sciencia enfuza: muitos sei que passaraõ o mar vermelho, e só que o mar vermelho passou por ti sei, ficando tal de suas agoas, que com o bafo podes temperar hũa panella de carneiro.

Es pimento de conſerva, azeitona curtida, borracha de campanha, porco de vinho e alhos, quartel de bebados, o mayor forte do vinho, Torre de paſſa de arcos, Caſtello de Vide, guarda de borrachas, ſentinella da pinga, eſpingarda de torno, que, por te ver neſſes pontos, ſempre te pões á mira: pique de vinagre, forquilha de parreira, eſpada de arco, folha de parra, e copos de vinho; que eſtas foraõ as armas, com que ſempre ſe achou eſta praça da palha: quizeſtes ſer moço daquelle cego, por lhe tocares a gaita, pois com o dinheiro lhe aſſobiaſtes ás botas, que ſempre foſtes magano de aſſobio; tambem ſabes tocar em inſtrumentos de couro, que pelo teres curtido, em algũas roturas deſſe odre, te puzeſtes eſpelho, pois ſó te revês em garrafas de vidro: es funil de cryſtalleira, boca de fraſco, nariz de cangeraõ, mas naõ olhos de agoa, pois ſempre os tiveſtes de vinho; acho-te com dentes de alho, lingua de pena, pois ſempre a cauſaſtes com tua lingua; dous braços de corda, porque ſó concorda quem póde ſervir de mariola; duas maõs de rabos, pois com ellas te acho a todo o tempo; duas pernas de coral, porque as botas ſaõ de vinho; dous pés de cravos, que, por

por ſeres beſta, te vejo com cravos nos pés; es eſcudella de adegar, eſcumadeira de botica, Rey dos xaropes, Principe de bebados, Conde de copas, e Titere do preſepio; pois a tua dança ſempre foy cauſada da cabeça.

Entra ja em ti por hũa vez, ja que tantas fóra de ti te tenho viſto; deſengana o teu appetite, refórma a tua vida, veſte a teu pay, paga á tua ama; que ſe em todos tres ſe achaõ as tres idades, uſas das tres Virtudes Theologaes: para teu pay haja a Caridade de o cobrires; na tua ama a Eſperança de lhe pagares, e em ti a Fé de naõ faltares a ambos; e naõ ſejaõ os tres inimigos da alma: em teu pay o mundo, pois em todo, a teu reſpeito, corre quantas tabernas tem; na tua ama o diabo, como a Serpente do Paraizo; em ti a carne, que tens neſſe cortiço, porque os oſſos ſupponho que ficaõ para as dous. E ſe iſto te naõ deſengana, mette-te em hũa ſecreta, e cobre-te com hum telhador: e Deos me dê auxilios para naõ poder ver-te; e te guarde de beberes vinho.

# RESPOSTA
## A HUMA OBRA DE PORTUGUEZ Grego,
## DISCURSO HEBRAICO, e eſtylo Armenio:
## *E finalmente, com hũa noticia mettida na caſa do ſegredo, taõ incapaz de romper-ſe como digna a carta de raſgar-ſe.*

CONSTRUIC,AM A'S APALPADELLAS.

VOſſa mercê me mette eſte diſcurſo carpideiro, ou eſte galhudo diſcurſivo, que na tumba do deſtino conduz huns certos cadaveres da belleza aos cemiterios da laſtima. Iſſo cuido que quer dizer o letreiro, que vem no principio, que introduz as carpideiras do Caſtello, e muitas mais, como inculca a lar-

gueza

gueza daquelle & cætera. Aſſim ſe podia eſcrever no frontiſpicio da Obra, para melhor expreſſaõ das lagrimas, e ſuas donas.

## EPITOME DAS CHORAMIGAS

AGora indo apalpando mais o diſcurſo, encontro grammatico delirio, onde ſe lê que o ſilencio rompeo as clauſulas do ſentimento: Porque para os ſentimentos, e gemidos, o ſilencio naõ rompe; antes rompe ao ſilencio o ſentimento articulado: com que neſta materia o ſilencio he o rompido, e o esfrangalhado; porque o deſatino do ſentimento, arrebatado com as vehemencias do motivo, faz do ſilencio hum eſtropalho, e quando o ſilencio ſe vê inveſtido, ou atracado de hum impaciente gemido, lá poderá dizer de ſi para ſi com hũa vóz muda, que ahi achará em qualquer Poezia, o que diſſe aquelle diſcreto Poeta, e naõ ha mais dizer: Que eſtou para me romper, em pontos de me raſgar.

O ſilencio, meu ſenhor, he hum brondузio emmudecido, qne naõ diz chus, nem bus. Alli eſtá a pé quedo com a ſua boquinha calada, ſem dizer: Eſta magoa he minha. A lingua ſim; eſſa

essa he a que rompe o silencio, como se fosse o seu vestido: essa he a que bota de pernas arriba as clausulas do sentimento, que saõ as dissimulações da magoa, e os disfarces da tolerancia; e com os desaffogos do grito dá dous trincos á aposentadoria do sentimento.

Eis-aqui como se rompem as clausulas do sentimento: está soffrida a constancia, começa a apertar os cordeis a pena, desespera a tolerancia, e começa a gritar A' que delRey a queixa. Porque aquillo de abrir porta franca ao discurso para lamentar, naõ sey como possa ser: porque he suppôr o discurso fechado em hũa casa; o discurso sahindo por hũa porta, e o discurso fóra de casa: coitada da casa sem elle! O discurso andando por portas! Que fará hum discurso pobre? Naõ he necessaria toda esta bulha, para lamentar. Quem tem motivo, alli póde chorar logo: porque se para hum sentimento fosse preciso hum discurso; que ditosos seriaõ rapazes, e mulheres, ignorantes, e salvagens! E de que nasce isto? De que o racional he muy distincto do sensivel: e póde hum homem ser hum Cicero, sem lhe doer hum dedo; e ser hum balbaque, e viver como hum Lazaro.

Final-

Finalmente, eſte ſeu ſentimento diſcurſado naõ ſey como ſeja diſcreto; porque elle naõ ſe entende bem. Vamos á morte, que v. m. aqui mette, para eſtragâr hũa flor. Senhor, flor morta he flor murcha, naõ he flor eſtragada. E ſe v. m. quer (que eu bem lhe addivinho o dezejo) eſcrever empolado, porque naõ introduzio aqui para eſte laſtimoſo floricido hum eſtio rigoroſo, hum ſol intenſo, e hum vento embravecido? Porque aquella ſécca, aquelloutro abraza, e eſtoutro desfolha: e eſcuſava v. m. de occupar a morte, que anda lá procurando a tumba, e chamando os gatos pingados para povoar os cemiterios; e naõ entretê-la com hũa florzinha, mais caduca quanto mais delicada, que, como diz o reſponſo dos Poetas, naſce mimo da aurora, e morre laſtima da tarde; (porque as tardes ſaõ grandes carpideiras das flores) ſem haver febre que a enferme, nem medico que a mate; porque ella morre á ſua cuſta, ſem gaſtarem com ella nem hum ceitil de diligencia: e para que nos naõ cancemos, ſe v. m. para tirar a vida a hũa flor faz tanta bulha, e mette tanta força; que deixa para quem matou o lagarto da Penha de França?

Ora

Ora dou que esta sua morte seja erbolaria. Vamos áquelle desmancho, de naõ fazer distinçaõ das Corôas ás çamarras. E v. m. vio algum dia matar çamarras? C,amarra he hum surtum dos Judeos, que está zombando da morte, porque dura hũa eternidade. He hum vestido, que naõ sahe senaõ em dia do Auto da Fé; e assim he taõ duravel, que o naõ excede nem a mesma coura do Alferez de S. Jorge.

Se v. m. queria frazear *de profundis*, e descrever a morte, sem lhe escapar isto, nem aquillo, porque os aquillos, e os istos querem dizer tudo; dissera que a foice da morte assim cortava as espigas, como as rosas; assim os repolhos, como os pepinos; assim o morango na quinta, como o nabo na horta: e quando quizesse passar ao racional indifferente, podia dizer que a morte assim se attrevia aos coeiros, como aos gabinardos; aquelles que embrulhaõ meninos, estoutros que agazalhaõ barbados.

Ora ainda quero que quizesse embutir o seu equivoco. Tinha mais que dizer: A foice da morte he écco da sua transcendente crueldade, como *verbi gratia*: Chega a foice da morte ao grande, e o grande foi-se. Chega a foice da mor-

te

te ao humilde, e o humilde foi-ſe. E deſta ſorte, foi-ſe tudo o a que chegou a foice; porque quanto a fecundidade da natureza regá, tanto a foice da morte ſega; e vem a ficar cega rega. Eis-aqui como neſte particular da morte ſe diſcorre com novidade elegante; porque a morte, ainda que naõ guardou fé a couſa viva, nunca veſtio, nem inveſtio çamarra. De que infiro o pouco conhecimento, que v. m. tem de mortes diſcurſadas, eſpecialmente dizendo eſtas notaveis palavras: Que a ſua juriſdiçaõ he commũa a todos; que val tanto como dizer, que todos podemos matar.

Agora do que v. m póde eſtar deſvanecido he do creſpo daquella fraze, com que explica o rayo ferindo as arvores mais robuſtas no engroſſado, e no mais obſtentoſo do ſeu elevado. Naõ ha mais dizer de adjectivos: porque o engroſſado eſtá fino, o obſtentoſo ridiculo, e o ſeu elevado aereo. O certo he que v. m. naõ ſe adjectiva bem com ſubſtantivos arboreos.

Porẽm naõ poſſo negar o exquiſito daquelle antiphraſi, com que v.m. ſegue, e diſcorre no indifferente golpe da morte, como deſcarregado, (ſaõ palavras ſuas entre outras que deixo)

fem fazer diftinçaõ do gentil, ou carrancudo; de feno fecco, ou planta viçofa; da rofa de Abril, ou dos mentraftos de Dezembro.

Quando v. m. naõ trouxera mais que efta diftribuiçaõ difcurfiva na fua carta, fó por ella era digniffimo dos piparotes do reparo, dos fopapos do gracejo, e das pateadas do bom gofto. Porque, com fua licença, aquelle difcurfo vay por contrarios, e naõ havia de dizer: gentil, ou carrancudo; mas gentil, ou deforme: porque o gentil, quando eftá enfadado, tambem he carrancudo.

Mas o feno fecco, ou planta viçofa, que tem com a morte? V. m. vio ja feno morto, ou planta amortalhada? E fe os vio, diga me: onde os enterra? Mette v. m. aqui a rofa de Abril, os mentraftos de Dezembro: e naõ preftava a rofa de Mayo, e ainda a de Fevereiro? Naõ preftavaõ os mentraftos de todo o anno? Porque naõ metteo v. m. alli os cravos de mortos, e entrava a morte com flores de fua repartiçaõ, fem haver jardineiro, que lhe fechaffe a porta, que a rofa lá tem feu dominante, que ja v. m. ouviria dizer: Rofa-folis?

Os mentraftos pudera v. m. efcufar de trazer

zer para exemplos, que harto tem que fazer com os Boticarios: ſalvo ſe os quiz ſujeitar áquella foice inexoravel, em obſequio das lombrigas; porque, conforme os naturaes, deſtas ſaõ matadores aquelles.

Paſſemos por tudo: mas aquelles retalhos de Latim, a que propoſito? O ſagrado naõ ſe miſtura com o profano, veja o que fará com o ridiculo! E iſto para que? Para explicar o poder da morte com muita propriedade, dizendo: Porque naõ ha docel, que guarde as altivezes do pó da morte: *Memento homo quia pulvis es.* Naõ ha mais expoſiçaõ! Naõ ſe diz mais ao pé da letra! Seguindo-ſe della por bõa conſequencia, que o homem feito em pó ſe trepa no docel da altivez. Seguindo-ſe que os doceis ſervem de guarda pós. Seguindo-ſe que a morte, para deſtruir as altivezes, naõ faz mais que dar-lhe c'os pós. Seguindo-ſe a pouca cauſa, com que v. m. levanta aqui eſta poeira. Seguindo-ſe a facilidade, com que v. m., depois de chamar á morte Rainha, põem ao homem por terra, que iſſo dizem os retalhos alli juntos, e totalmente diverſos: *Regnavit mors. Memento homo quia pulvis es.* Sendo contra os dictames da folhi-

nha, e da Igreja, ajuntar o dia de finados, e o dia de cinza. Digo que na Torre de Babylonia naõ houve mais confusaõ, que nesta notavel carta.

Mas voltemos o rosto a ver o retrato de flores, que se encerraõ em hũa, e de que a discriçaõ de v. m., antes que pintora, foy ramalheteira. Diz v. m. que a morte tirou a vida á tal fulana, que era hũa açucena no puro, hum jasmim no candido, hũa rosa no bello, hum amor perfeito no affecto, e hũa angelica no suave. Atéqui estamos conformes; mas continûa o retrato: e hũa bonina no purpureo. O purpureo naõ he predicado das boninas, quero dizer: as boninas naõ saõ todas purpureas, salvo se v. m. quer que todas as boninas sejaõ papoulas: mas este retrato he original de quem quizer; porque bem póde hũa moça ser hum tigre de cara, e ser pura de consciencia: Eyla açucena no puro. Ainda que feya, póde ser branca, como os negros brancos, que saõ enormes: Eyla jasmim no candido: Póde ter máo focinho, e bello natural: Eyla rosa no bello. Quanto mais, que a hũa cadellinha chamaõ rosa, e he cadellinha. Amor perfeito no affecto, he parvoice; porque o amor perfei-

perfeito ha de ſer grande, e a flor, que tem eſſe nome, he hũa areſta florecente. Com que todas eſtas flores podem enramar o retrato, e a belleza da moça andar pela rama; porque muitas mais flores compunhaõ o carro dos horteloẽs, e, a pezar do florîdo, naõ ſahia do ruſtico de carro.

Aſſim me parece, que quando v. m. quizer retrato de ſardinheiro, eſtude primeiro por Dioſcorides; elle lhe dirá as flores, que ſaõ pintadas para iſſo, e naõ pôr a dama em perigo de que as pinturas ſe lhe troquem em pintas.

Em fim, a eſte retrato florecente pôs de morte côr a morte; nem do ſeu pincel ſe podia eſperar mais que as ſombras da pintura, e os longes da vida. E por iſſo chama v. m. á morte ladra? Que mais diſſera v. m. fallando com a canicula!

Ladra, he ſubſtantivo, que naõ ſerve para a morte. V. m. meſmo tem dito que a morte he Rainha; que a morte he dominante; que a morte he ſenhora, que a tùdo chega, que tudo abarca, que tudo ſe lhe tributa. Pois como he ladra! A morte, quando mata, leva, naõ furta; arrecada, naõ arrepanha. Se v. m. me diſſera quando mata hũa ſogra, ahi ſim he ladra; por,

que-

que na ſogra leva couſa que naõ acaba : e couſa que naõ acaba naõ he ſua. Ora, ſenhor, deixe v. m. viver a morte; deixe-lhe matar que lhe preſte, naõ ſe metta á arrezoar-lhe ſobre o ſeu governo; olhe que ella logo vay ás do cabo.

Agora diga-me v. m. : que quer dizer, que a morte he avara da ſua juriſdiçaõ? O avaro da ſua juriſdiçaõ, he o que com ninguem a reparte, he o que a ninguem a permitre : e por ventura, faz iſto a morte? Naõ andaõ ahi os algozes enforcando delinquentes? Naõ andaõ os Medicos matando os enfermos? Os magarefes naõ mataõ as vaças? As gallinheiras naõ mataõ as gallinhas? O donato naõ mata o piolho, que lhe ferrou no cachaço? A regateira naõ mata a pulga, a que andou á caça? E finalmente, até no jogo das cartas a eſpadilha naõ mata o ás de copas? E ſe naõ; porque chamaõ matadores ao baſto, e á eſpadilha? E pergunto : põem-lhe a morte algum embargo? Antes os ajuda ao morticidio.

Pois logo, a que vem aqui a avareza juridica; e com ella entra a morte pelo pomar do mundo, e deixa os fructos maduros, e leva os verdes? V. m. naõ devia de ver o cabaz da morte : ella colhe, naõ eſcolhe; antes, ſem differen-

ça,

ça, vay hũa verde em hũa madura.

Diz v. m. que leva a morte o fructo ainda prezo na flor. Se v. m. ſe chamára Fructuoſo, tivera mais noticia deſte conceito. Senhor, ſe he fructo, ja ahi naõ ha flor; ſe he flor, ja ahi naõ ſa fructo: o fructo mal ſazonado, iſſo ſim; o fructo ainda prezo na vara, iſſo ſim: mas ja fructo, e ainda na flor, iſſo naõ; porque duas fórmas naõ informaõ a meſma materia, como diz hũa gente, que v. m. naõ conhece, que ſaõ os Philoſophos. Ora, ſenhor, eu ja naõ tenhõ paciencia leitoral. V. m. cuida que o meſmo hé ir eſcrevendo, que ir diſcurſando? Digo-lhe que eſcreva hũa materia, como ſe a eſtivera eſcrevendo na eſcóla: pega no aſſumpto, e antes o deixa abocanhado, que digerido: cuida que continûa, e ou repiza, ou desbarata: as palavras todas em peccado mortal, porque, por mais que vaõ juntas, tem odio hũas ás outras: ſó o que ſe lhe póde eſtimar he o ſegredo, porque aqui nada querem dizer. A fraze, bem ſe vê o como he pobre; porque naõ tem nem ſe quer hũa propriedade. No diſcurſo, mal póde ſer eſte nome genuino, pelo nada, ou pouco, que ſe lê adiantado.

E com

E com estes materiaes se resolveo v. m. á fabrica de hũa carta mandadeira, que havia de ser lida, e examinada por hũas gentes, que tem os olhos do discurso abertos, e os da critica assanhados? Ora v. m. naõ entendeo o que fazia, no que fez; nem sabe o que fez, no que diz. E se naõ, diga-me v. m.: esta defunta, de que trata esta carta, de que naçaõ era? Pelo sitio, em que falleceo, a supponho Portugueza. Pois como diz v. m. que levou a morte nella hum Ruiseñor na melodia? Quem a fez Ruiseñor, que saõ os Rouxinoes em Castella? Morreo em Portuguez, e vivia em Castelhano? Isto he saber fallar?

Diz v. m. que, depois de morta, estará no Ceo conceituando musicas de angelico cisne o mais candido. Candido, ou he erro da impressaõ, ou do entendimento. Estará conceituando musicas? Quem canta, naõ conceitûa; porque o primeiro he harmonico, o segundo discursivo: este pertence á cabeça, aquelle á garganta. Cantar cisne na gloria! O cisne emblema de harmonica suavidade, he quando canta em vesperas da morte. Pois como depois da morte canta suave este cisne? E se for certa a opiniaõ de alguns, que

que naõ ha taes cisnes, como fica a defunta? O cisne, que está no Ceo, he hũa constellaçaõ, que naõ abre boca. Vejaõ que bõa musica com a boca callada! Isto he fallar com propriedade?

Diz v. m. que está obstentando fragrancias de bonina. Pois lá naõ ha fogareiro, para caçoula: as fragrancias naõ se ostentaõ, só se exhalaõ: a ostentaçaõ he objecto dos olhos; as fragrancias, dos olfatos: salvo se v. m. algum dia cheirou com os olhos. E porque regra diz v. m. obstentar? Aquelle B. que faz alli? Ora mande bugiar o B. Isto he fallar de gente?

Diz v. m.: Imprimindo-se no coraçaõ o caracter de tal perda. Se tem caracter a perda, está de melhor partido que a primeira tonsura. O caracter he cousa que se naõ tira; o sentimento he cousa que acaba. Bem aviadas estavaõ as pobres viuvas, que, passando ao gosto do segundo matrimonio, naõ se poderiaõ ver livres do primeiro sentimento. Perda, e caracter naõ se ajuntaõ; porque ella diz o que desappareceo, e elle diz o que alli ficou. Isto he fallar a proposito?

Agora quizera saber a que veyo aqui a sepultura de Apis? Quem metteo a v. m. a Mi-

thiologico? Diz v. m. que estava hũa estatua do Silencio mostrando as cinzas; e parece que quer v. m. dizer: que se naõ podia fallar naquellas, nem em estoutras cinzas. Senhor, o que foy, que he o que v. m. naõ sabe, he que em hum Templo famoso de Alexandria, em que estava sepultado Serapis, grande Rey dos Egypcios, havia hũa estatua do Silencio, com o dedo na boca, como advertindo a todos que naõ dissessem que Serapis fora humano, e assim se pôs pena de morte a quem o dissesse. Isto o para que se pôs a estatua.

Este Serapis, para que v. m. saiba, era o mesmo Apis; mas quando tinha esse nome, se mostrava em figura de bezerro, que he o que quer dizer na lingua Egypcia. Agora pergunto: E a que proposito veyo aqui este bezerro? Entendo que veyo á funçaõ desta defunta, e como bezerro, que vinha fazer companhia, chora ja tambem a morte da bezerra.

Ora depois de todo este gasto do funeral da sua defunta, com que se fez aquella estatua muda, diz v. m. que vay ideando hũa, que publique o que neste caso se sente. Pois da estatua muda faz v. m. idéa para hũa falladora? As idéas,

idéas, ſaiba v. m., ja que o naõ ſabe, ſaõ prototypos do que ſe tira por ellas; *Verbi gratia*: Reſolve-ſe v. m a idear lá no ſeu entendimento hũa idéa de hum macaco, depois cá fóra forma hum bugio; eſte bugio, que cá eſtaõ vendo noſſos olhos, he a imagem do macaco, que v. m. tem lá nos ſeus caſcos: e eſſe tal, que ſe anticipou no ſeu caſquilho, ſe chama prototypo do bugio, que *à parte rei* eſtamos vendo. Logo como póde hũa eſtatua muda ſer idéa de hũa eſtatua palradeira? Deſorte que o ſilencio he a idéa, e a imagem naõ tem pevide na lingua? Eis-aqui como o diabo tentou a v. m., para ſe moſtrar noticioſo, e veyo a teſtimunhar-ſe deſpropoſitado.

Agora, em lugar daquella eſtatua, que v. m. mandou fazer para teſtimunha da ſua pena, diz v. m. em hum conceito, que ja ſe naõ póde ter com caruncho: que parecerá deſdouro da fineza divulgar a pena, que ſe ſente. Eſſe diſcurſo, além de eſtar ja cahindo de velho, he muito bom lá para hum delirio namorado; porque, fallando a gente em ſeu perfeito juizo, ſe a pena naõ for publica, quem ha de conhecer a pena? Logo como póde ſer deſdouro, o que he teſti-

munho do ſentimento? Mais: Sentimento, com que o coraçaõ ſe cála, naõ he muito grande, pois lá dentro ſe accommoda: quando elle he rijo, quando elle chega ao vivo, logo elle ſahe esfuziando; nem ha cebola, que faça vir a lagrima ao olho, como hum ſentimento, que dá de rijo.

Sabe v. m. como ſe encarece a dor do azorrague, e a pena do açoute? No grito do açoutado; no vergaõ, que ſe lhe vê na nadega; na lagrima, que ſe lhe vê no olho: que iſſo de abafar, ou atabafar, he muito bom para milho de pretos, ou ſopas aboboradas. Quem quizer acreditar a ſua pena, antes a deve levar ao pelourinho, que metê-la na caſa do ſegredo; porque em quanto o coelho eſtá na cova, naõ ſe ſabe ſe he laparo, ſe coelho velho: traga-o o foráõ para fóra, logo o caçador eſtimará, ou deſprezará a caça.

Outro conceitozinho, que eu naõ entendo, e o dou por addivinhaõ. Diz elle: Diſſimular o incendio, he ſacrificar alimento á chãma. Sacrificar alimento á chamma! Senhor, diſſimular o incendio, he lançar-lhe hum colchaõ emcima; he metter as brazas debaixo das cin-

zas:

zas : e , fallando como gente , incendio naõ se dissimula , porque , se se naõ apaga , arde Bayona.

Quererá v. m. dizer, que o fogo dos amantes se dissimula , quando se calla. Mas isso entaõ naõ vem cá para a defunta ; he lá hũa filacteria namorada , e seja para o que for : se v. m. quer dizer , cá muito fóra de proposito , que o fogo amoroso cresce dissimulado , onde vay aqui o sacrificio ? E sacrificio de alimento ! Será bom dizer que he sacrificio ao forno lançar-lhe lenha dentro ? Ora ensinar-lhe-hey como havia de dizer isto : quem dissimula a levareda , faz sacrificio da tolerancia ; entaõ, com alluzaõ ao sacrificio , he a paciencia a victima , e a dissimulaçaõ a que lhe accende mais a fogueira.

Porèm nada disto vem para estas exequias , em que os sentimentos naõ estaõ com elles trincafios. E como está fino este , com que v. m. fecha a abobada do seu discurso ! Saõ as profundas palavras : Mas oh que errado vay quem se funda nos dictames da razaõ ! Parece ignorar as semrazoens do affecto. Que dizes homem irracional , com codea de humano , e miolo de bruto ! Nos dictames da razaõ póde haver erro ? Elles

Elles naõ ſaõ dictames da razaõ; porque implica erroneo, e arrezoado. E naõ ha hum diabrete traveſſo, e de bom goſto, que venha pôr hũa mordaça em hũa penna blasfema, e dar de caminho hum ſupapo em hum eſcrivaõ heretico! O que v. m. queria dizer, mas naõ ſoube, he que as ſemrazoens do affecto naõ ſe regulaõ pelos dictames da razaõ; porque eſtes ſaõ acertos, e aquelles deſatinos. Mas errar quem ſe funda nos dictames da razaõ, he temeridade no uſo racional. Agora cerro o meu diſcurſo. Quem eſcreve iſto, ſabe o que faz? Quem affirma iſto, ſabe o que diz?

Mas o peyor he que cuida v. m. que tem eſcrito hum papel, que o póde fazer no tablado da rhetorica, e naõ faltará quem o mande recolher ao veſtuario da eſtulticia; porque, cuidando que lança a relaçaõ do ſucceſſo, ſó expõem o entremez para o rizo. Tomára eu que v. m. entendera eſta metaphora, e veria a ſua carta eſculpida. Mas para que ſe inteire della, ſaiba que os Rhetoricos chamáraõ á proza oraçaõ ſolta; e eſta de v. m. merecia atada, e nada diſſo ſe vê nella: e ſendo que ſe chama oraçaõ á proza, a eſta ſua chamo eu heregia; e por iſſo me reſolvo,

vo, em que antes devia ler queimada, que lida.

Porèm, porque naõ pareça que ſó a proza he a ſua culpa, vamos tambem ao verſo, advertindo que ja de cançado deixo, ou perdoo na dita carta muitas regras, ſem alguma; muitas palavras, que ſaõ palavradas; muitos reparos, que antes parecem ruinas; muitas razoens, que antes parecem das que ſe fazem, que das que ſe eſcrevem; muito eſtylo de frazes, que antes o parecem de frizoens: e finalmente, muitos pedaços de carta, a que ſe devia ler a cartilha; porque ja eſtou cançado de riſcar, e entenderá o eſcrivaõ della taõ pouco o riſcado, que faça galla do riſcadilho.

Mas venha o Soneto a juizo, ainda que naõ poderá lá chegar, e falle-nos no Author, por terceira peſſoa; porque em verſo, fica a perder de viſta. Introduz elle o Soneto funebre feito por D. Quixote; porque diz que ja o ouve nos eccos de hũa triſte figura, que o relata: e triſte figura, ſabem os eruditos que foi, e he D. Quixote, na penna de Cervantes, e no applauſo das gentes.

Mas hum grande reparo! Que ſe atreveſſe o Author da carta, aqui tremem as carnes do diſ-

diſcurſo, a fazer naõ menos que hum Soneto!
Hum Soneto, que he o Coriſeo da Poezia, com
os materiaes daquella ſua proza! Hum Soneto!
E naõ morreo de ſuſto, ſó de intentá-lo! Hum
Soneto, que he o coco das Muzas, o ſantan-
taõ dos Poetas, papagente das Poezias, com
quem as Oitavas rimas ſe pōem ao canto, o Ro-
mance anda mui quedo, as Decimas naõ paſſaõ
de foro, as Redondilhas ſe fazem n'um novel-
lo, as Endechas ficaõ tamaninas, e as Cançoẽs
cahem de cançadas! Hum Soneto, que he Nar-
ciſo de Caſtallia, Garça de Aganipe, Ciſne de
Hippocrene, e finalmente, *Vade in pace* da tra-
veſſura, que naõ he ſó neto do Pégazo, mas
filho de Apollo! A eſte tal ſe atreve o Eſcrivaõ
antes das notas, que das cartas! Com hũa pro-
za naõ ſó pedante, mas pedinte; com hũa fra-
ze naõ ſó raſteira, mas arraſtada; com hum
eſtylo naõ ſó irregular, mas cenſurado; e com
eſte cabedal ſe reſolve hum Tabelliaõ encartado
a entrar no contrato dos Sonetos! Mas appare-
ça o meſmo Soneto, e veremos tudo por junto.

No frontiſpicio do Soneto faz o Author
eſte proemio.

O que ſuppoſto, me parece ouço já os la-
menta-

mentaveis eccos de hũa funebre, e triſte figura, compoſta de adornada architectura de ſua machina, de luctuoſa côr, e funebre apparencia. Eſpere o Soneto, que temos aqui que averiguar. Figura compoſta de adornada architectura! A architectura he compoſiçaõ: logo a figura era compoſta. Adornada architectura de ſua machina! A architectura tambem he machina: logo eſtava a figura compoſta de ſua adornada architectura. Finalmente, acaba de raſcunhar a figura, e diz: de luctuoſa côr, e funebre apparencia. Tudo improprio, porque o luctuoſo naõ he para o colorido, he para o lamentado; o funebre improprio na apparencia; havia ſer: funeſta apparencia. Venha o Soneto.

## S O N E T O

*De D. Quixote, que he o Cavalleiro da triſte figura.*

*1*

O Morte, ſempre foſte infauſta, e dura,
Tribulenta, cruel, e deshumana:
Naõ perderás ja agora o ſer tyranna,
Pois levaſte hũa flor, ay, á ſepultura.

O Soneto logo neſte primeiro quarteto parece do Author: Primeiramente, a morte naõ he a infauſta; he infauſto aquelle, que naõ tem bõa morte. Tribulenta, naõ ha tal palavra na carta de nomes, devia dizer: Turbulenta. Levar hũa flor á ſepultura, he improprio; nem ainda ſe vio tal enterro: porque a flor morta, ou murcha, vay para a pá do lixo. E ſobre tudo, o quarteto eſtá errado com aquelle ay, a que ſe póde dizer: Huy!

*Segundo quarteto.*

Privaſte-nos a nós da formoſura
De Maricas de Caſtro: dize, inſana,
E que ſemrazaõ foi o ſer humana
Para privar-nos, ay, deſta ventura?

Eſte ſegundo quarteto he ridiculo: Privaſte-nos a nós; o a nós eſtá de mais, porque ja o tinha dito o verbo. Privar duas vezes, pobreza de frazes; e o ay, de termos para encher o verſo. Mas ſobre tudo, o nome de Maricas de Caſtro. Os ſobrenomes naõ eſtaõ em uſo no verſo; muito menos no Soneto, que he hũa Poezia mui ſeria. Maricas, he muito bom para cãtigas, e Romances ligeiros; mas em Soneto, nunca viſto, onde até Maria ſe diſſimula em Marcia,

cia, e, entre os Castelhanos, em Amarilis. Maricas naõ he nome, que authorize a personagem, para assumpto de hum Soneto. Maricas, he a rapariga da vizinha; Maricas, he hum homem, que se recolhe com as gallinhas para casa; Maricas, he hum moço affeminado; Maricas, he hum homem, que leva hum murro, e fica mui enxuto: finalmente, Maricas he hum apodo dos bananas, chasco dos bandarras, e anexim das regateiras. Ora injuriay lá hum Soneto com hum Maricas de Castro!

De que tenho deduzido, que o Author, na mayor apojadura de Poeta, podia quando muito sahir com hũa trova, e essa ainda mal arrunhada; que o Soneto dá-o Deos a quem he servido. Mas vá o Soneto do Author por junto, em que se vê melhor o desatado; e naõ perderáõ os tercetos a sua reflexaõ.

## SONETO.

I

O Morte, sempre foste infausta, e dura,
Tribulenta, cruel, e deshumana:
Naõ perderás ja agora o ser tyranna,
Pois levaste hũa flor, ay, á sepultura.

Privaste-nos a nós da formosura
De Maricas de Castro: dize, insana,
E que semrazaõ foi o ser humana,
Para privar-nos, ay, desta ventura?

Teu poder, ó cruel, executastes
Nesta candida flor, que o campo tinha;
Ay, que cruel, ó Parca, te obstentastes!

Deixa-nos pois sentir desta avezinha
A falta que nos faz, pois a matastes:
Sendo a gloria hoje sua, ay, a pena he minha.

Açorda em verso, só neste Soneto. Feito ás apalpadellas, naõ se faz mais desmanchado. Feito em Genebra, naõ sahiria mais á sua vontade; porque elle está zombando das leys de Soneto. Os ays, ainda que interrompem o sentido, reforçaõ o sentimento; mas he parvoice, que naõ está em uso. O que tambem entendo he que o Author tem muita confiança com a morte, e he seu amigo de tu, e de vós, como se vê no primeiro quarteto; o tu, no sempre fostes, e o vós, no primeiro pé do terceto, cruel executastes.

O que

O que tem grande emphasi, he ser a defunta primeiro flor, e logo avezinha. O Author devia de alludir a hũas aves, que nascem de folhas, e o podiaõ fazer de flores; mas quem havia de ensinar isto ao Author?

Reparo em que diz aqui, que a morte executou a sua crueldade na flor candida, que o campo tinha. De que se segue que mentio quando disse que a tal Maricas morrêra no Recolhimento, como se colhe muitas vezes do contexto; e agora diz que vivia no campo: com que entendo que naõ devia morrer no Recolhimento do Castello, mas no terreiro, que ahi tinha campo para morrer.

Ora agora vá hum Soneto tambem tolo, porque naõ pode deixar de ser consoante, sendo pelos mesmos consoantes; mas para mostrar ao Author que, ainda seguindo os mesmos despropositos, podia o Soneto cheirar a discurso.

SO-

## S O N E T O.

*Pelos mesmos consoantes.*

O Morte em tua ossada sempre dura,
Que sempre com o humano es deshumana:
Hoje sim mais te prezas de tyranna
Destinando o melhor á sepultura.

De tua fouce tributo a formosura
Foi; porèm no seu golpe andaste insana,
Que ella he privilegiada, ainda que humana,
Como morgada em fim que he da ventura.

Mas a belleza he flor, tu a executastes,
Se inda no pouco ja durado tinha,
E nella a breve ephîmera ostentastes.

Ella ao alto subio como avezinha,
Tu cuidastes que a ella só matastes,
E tu cortastes na sua vida a minha.

Aqui agora era o romper a carta; porque o Author (conservando o respeito á sua pessoa, mas savan-

ſavandijando os delirios, e as basbaquices da ſua penna) depois de acabar a obra deſte Soneto, quando devia ir deſcançar ſequer do trabalho do tinteiro, e ſacudir a Muſa do deſaceyo da poeira, torna, como ſe fora vaca, á morte fria, e a repizar os paradoxos, os deſtemperos, os delirios, taõ ſucceſſivos como diſparatados, que continuou neſta ſua endiabrada proſopopeya, neſte dialogo entre o ſeu diſparate, e a morte, ſem conhecer as palavras de que uſa nelle; com que finalmente fecha a abobada da carta com eſtas ſentencioſas, e profundas palavras.

E por ultimo vemos a primavera amortecida; porque ainda que ſeus verdores foſſem unicos todos, depois de muſtios dependeráõ de que a noſſa amizade lhes diga cada hum hum *Pater Noſter*, e no fim hum *Requieſcat in pace, & cætera.*

Naõ acabaria com menos Chriſtandade hum Officio de defuntos: mas ainda aqui nos deſinquieta algum preciſo reparo a conſciencia do diſcurſo. Aquelles verdores unicos todos, eſtá bem frazeado; depois de muſtios, eſtá bem proprio: ſe entenderia o Author que ſe naõ pódem murchar as hervas em Portuguez? Eu me

con

convenço que elle (como ſe póde ver nella) naõ fez a carta ſem Proſodia Caſtelhana. E que dirá o homem das almas, quando ouvir que para eſtes verdores multios ſe pedem os Padres Noſſos? E ſerá poſſivel que com todas eſtas ponderaçoens diſcretas, explicaçoens nativas, e frazes tezas, e creſpas pertenda eſte Author o privilegio das cartas? E ſem dûvida lho podem dar no ás de copas.

Eſtá concluida a cenſura, que, ainda que comprida, naõ dá nem pelo artelho á ſobre eſcrita carta, em que ultimamente reparey, que ſendo a morte a ultima linha, de que ſe naõ paſſa, ainda, depois do *Requieſcat*, vejo nella hum *& cætera*, em que ſe moſtra a grande piedade do Author, confeſſando a reſurreiçaõ das cartas, que he o *& cætera* depois das mortes. Mas a mim me aſſuſtou horrendamente o *& cætera*, cuidando que ainda continuava a carta, de que Deos livre a todo o fiel Leitor.

PA-

# PATOS BATALHOẼS,

## ESCARAMUÇA FESTIVA;

Encamizada diurna.

*COMPOSTA EM SIMPLEZ*

POR CULPA DE SEU AUTHOR.

** ** ** ** ** ** ** **

## SALA EXTRAVAGANTE,

## *Que o Leitor fará Prologo quando lhe parecer.*

1

O Tu, quem quer que es: aqui te ponho eſtes Patos diſcurſivos como na roda dos engeitados. Parto he do meu diſcurſo expoſto ao teu voto: iſto naõ he pagarte as pareas, nem querer dever-te as cenſuras; ſuppõem que he hum arroto do entendimento, bocejado nas ventoſidades do juizo, por naõ ter

ainda a modeſtia feito cozimento no ſezudo: ſe es nojento, tapa os narizes: ſe es tolo, fecha os olhos; que eu a tudo te prometto cerrar os ouvidos.

*Vale.*

## *Que os Authores, inda que Gregos, ſempre nos deſpedimos em Latim.*

PA-

# PATOS BATALHOENS,

## ESCARAMUCA FESTIVA, Encamizada diurna.

### *CELEBRADA*

Na Praça da palha da muito velha, arruinada, pequena, e melancolica Villa da Batalha em dia do Bautista a tantos de Junho de 1685.

## CAPITULO I.

*Dá o Author larga conta da estreita Praça: descreve-se hũa sabida da Camara, sem intervençaõ de ajuda, com outras miudezas dignas da obra.*

ERa hũa vez huns Patos, hũa tarde depois do jantar, (fallo com as pessoas que jantaraõ nesse dia) fazia calma, inda que era por Agosto; e ainda que naõ era a gosto do Auditorio, foi à petiçaõ do tempo, que ja neste (por nossos peccados) se usava a

Canicula rabujando febres, e ladrando ſuores. Mas como aſſim! He poſſivel introduzir hũa hiſtoria taõ corpulenta á ſurdina da elegancia! Poſſivel he que hei de purgar o eſtillicidio do meu diſcurſo no eſtendido lenço de todo o Univerſo, ſem que primeiro, ſubindo-me o tabaco da locuçaõ ao nariz da rhetorica, dê hum eſpirro culto, que eſtremeça em alegrias, e eſtruja em metaphoras! Ora Deos me ajude.

ERa o tempo, em que eſſa nacarada cifra do Olympo ſommava os reſplendores na cerulea taboa das luzes, em que eſſe Feniz de ouro da celeſte Arabia refazia os alentos em Urna meridiana, em que eſſe abrazado dobraõ de Ophir na moeda dos Pólos trocava aos Aſtros a luz em miudos, de que á Lua ficavaõ os quartos, e ás Eſtrellas o que ſe achar na verdade, que eu naõ eſtou hoje para cirzir metaphoras, forcejar epîtetos, e levantar teſtimunhos a eſſe miſeravel Planeta, que jamais apparece com o nome da pia: hũas vezes he Coraçaõ de nacar, outras Olho do Olympo, outras Nariz do firmamento, Bolatim das nuvens, Veraõ das flores, Alexandre das luzes; e eu digo a Deos minha

nha culpa, que, ainda que indigno Chroniſta, eſtive ja tentado a chamar-lhe Embigo celeſte, ou diurno Cagalume: mas eu me acolho a hũa introducçaõ eſcoteira, que he locuçaõ de volta enroſcada, e barbas até á cinta, e me livro quando menos do hiſtorico barranco de hum exordio culto, de que Deos livre a todo o fiel Author.

Eraõ pois paſſadas as horas do meyo dia, quando appareceo a Praça triangular da Batalha, ſendo volta de tres cantõs no peſcoço da Villa, que era hum lacrado Pelourinho, que, por ſervir de matar gente neſta batalha, lhe podemos chamar pelouro: levanta-ſe eſte em hũa ilharga da Praça ſobre quatro degráos, donde moſtra ao Povo que ſe guardou para verdugo. Tenha maõ o Leitor neſta deſcripçaõ Geometrica, ou Comoſgrapha: Olha eſte Pelourinho para a parte Septentrional com hum olho, com outro eſtá olhando para o Norte, ſe corre direito; eſtá inclinado para o Meyo dia, parece que por ter vontade de jantar; tem as coſtas no Occidente, porque quer morrer de coſtas, que de bruços podia abafar a criança; com que a ſuperficie fica em tantos gráos de Libra debaixo da interlineal Equinocia, pela parte Antartica, ou Zodiaca:

Os

Os Geometricos dizem que procedendo nesta primeira regiaõ do ar, fica na parte Austral por hum angulo recto, ou circulo syncopado: nesta altura pois fica o Pelourinho da Batalha. Dirás, amigo Leitor, que naõ entendes o estylo, eu digo o mesmo, e mais estou-o escrevendo.

Accommoda-se este Pelourinho com hum cepo, talvez para fazer fogo por se achar muy velho: fora nas verduras de sua idade hum mata sette; hoje emendou a vida, e metteo-se Confrade da Cadêa. Povoou-se em fim a circunferencia de seus degráos de toda a savandija racional, que pelos contornos da Villa gerou descuidada a natureza: alli estava a communidade da parrilha; alli era professo o vinho; alli era recoleto o alho; alli era leigo o arroto; alli se viaõ as botas, ja nas barrigas das pernas, ja nas barrigas das pessoas; alli fluctuavaõ ás violencias do Sol, no dilatado mar do suor, aquelles rusticos baxeis de carne breados da poeira, e calafetados de barba: alli estava em fim o Pelourinho Cathedral de bigodes, e Collegiada de parrilha.

A Praça he hum terreiro syncopado, (que seria de patacoens a ser redondo) mas estreitase engenhosamente em tres cantos, hum delles

pare-

parece de orgaõ, por ſe dilatar nelle hum cano, que ſerve á Camara de deſpejo, ſoltando-ſe por elle os humanos fóles, como em lugar de ventozidades. Terá de largo hũa maõ traveſſa toda eſta Praça; pertendera, conforme os Padroens da antigualha, o titulo de beco, mas ficou-lhe o de Baco; porque em ſua recopilada circunferencia conſagrou a devoçaõ ſequioſa a eſta divindade velhaca tres, ou quatro Ermidas feitas devotamente ao torno, em cujas cruentas aras ſe ſangraõ quotidianamente as victimas dos odres nos holocauſtos das ſedes.

Eſtava em fim a Praça viſtoſa a todos, ainda que a grande povoaçaõ dos circunfuzos moradores, avantajando a feſta, moſtravaõ que vinha nella o fato á rua, e até a minima rodilha ſe eſtendeo cortina na minima janella; e janella houve, que trabalhou tanto na feſta, que veyo a cahir na cama, que val o meſmo que deitar-ſe a cama á janella: alli dava o lançol o panno de Rey, o cobertor o Papa, a cortina a Duqueza, que naõ concorreraõ menos perſonagens para eſta feſta: pelas janellas de menos valia ſe eſpalhavaõ os mais raſgados paramentos da Trapiſonda; naquella ſe eſtendia a rede taõ çuja, como

mo ſe fora barredoura; neſta ſe enxugava a toalha, que, por ſer velha a janella, naõ quiz apparecer em garganta: janella houve, que veyo aſſiſtir á feſta de encamizada; e janella, que por amor da calma eſteve nûa: finalmente, ninguem houve que duvidaſſe que a Batalha era o verdadeiro domicilio de Algibarrota.

As Damas, que povoavaõ as pequenas tribunas, (ja de ſuas galhardias acanhados theatros, ou de ſuas divindades eſtreitos nichos) era hũa miſcellanea de femeas entre lavandeiras, e ſaloyas, onde talvez era a formoſura embriaõ, talvez a monſtruoſidade aborto, e commũmente a fealdade parto; tirando a filha do barbeiro, Diana de obra groſſa, e Ninfa de meya tigéla, a quem o almagre fez a face vermelha, a brandura deixou a barba teza, e o ſufulie namorou com muita galla: era naquelle tempo ſavandija ſuſpirada de toda aquella Comarca, perigoſo cambapé das liberdades, adorado mataporcos dos eſcudeiros, e affortunada trafaria das aldeanas. Em fim, eſtava o concurſo em hũa pinha; porque era gente, que ao pinheiro faz concurſo.

Eis-que eſtando aſſim a Praça taõ bem diſ-

poſta,

posta ; quãndo sem frio nem febre lhe começaraõ a sahir sette cavallos , e hũa mula ; acudio logo o Medico da terra , e disse que os taes inchaços naõ passavaõ de corrimentos : e assim era, por serem os cavallos da Camara , que vinha a correr a Villa ; pelo que has de saber , amigo Leitor , que ha nesta terra hum estylo com poderes de Ruibarbo , que , introduzindo-se neste dia nos Ministros da Camara , dá infallivelmente em correnças.

Sahiraõ pois os rocins camareiros meneando-se vagarosos , e estirando-se somnolentos , que , por lhe cahirem bem as séllas , se inclinaraõ a dormitorios : apezar dos arcos vinhaõ em osso , porque eraõ cavallos recoletos , e naõ sabiaõ que cousa era carne ; mas para accommodar as pessoas da Camara , que podia ser cada potro mais que hũa canastra ? Levava o Alferez a bandeira de Algibarrota , e pudera fazer bandeira da capa : era este hum saloyo curado, e ruivo; com a cara entre duas cortinas , que eraõ duas gadelhinhas , a que o cabello por cima franjava a çanefa pela testa ; os bigodes corcovados , formando hum sitial na boca para agazalhar a magestade da barba , que] trajada de suas mesmas se-

das ſe oſtentava, e encoſtava ao beiço, qual Patriarcha dos ſedeiros, e Monarcha dos frocos. Enroſcava-ſe no páo da bandeira eſte quarteto, que lhe pôs a traveſſura:

Quer a quadrilha em primores
Que, dando na teima hum nó,
Sendo hũa Camara ſó,
Tenha tantos corredores.

Os outros da cavalgadura eraõ quatro enxertos de eſcudeiros em troncos, que foraõ ſaloyos, onde hia amuada a nobreza, e boçal a galla: com ſó tres voltas, que deraõ, ficou corrida a Villa, e foi de ſe ver chêa da Camara; eſta ſe eſcondeo no cû de Judas, e acabou-ſe o Capitulo.

## CAPITULO II.

*Deſcreve-ſe a armadilha: dá-ſe principio á Feſta: Entra o primeiro Cavalleiro na Praça, e dá-ſe larga noticia do deſaſtrado progreſſo de ſuas grandes Cavallerias.*

ATroavaõ, eſtrugiaõ, zuniaõ, e retumbavaõ as vozes do emmaranhado concurſo, e deſmanchado ajuntamento; era o mordomo,

mo, que para a argolinha levantava dous páos, e hũa corda: bradavaõ-lhe os outros que tiveſſe maõ; mas elle, como era fraco jogador, hiaſe com dous páos abaixo: chegou niſto o Juiz, e mandou entezar a corda. Senhor Joaõ Simoẽs, (reſpondeo o mordomo) eu eſcuzo reitoricas, entende v. m., deixe v. m. eſtar a corda. Acorda ſê-lo-ha elle, outrem ninguem naõ; (diſſe o Juiz, que naõ era daquelles que ſe deixaõ alporcar) e quando fallar veja o que diz, que elle ſerá o que acorda, pelo que tem de accarrado; que quem ſe queima alhos come: e pelo Santo Santuario, onde elle mais verdadeiro eſtiver, que lhe faça ver as orelhas; e por aqui foi o dito Juiz aos Santos Evangelhos: veyo-ſe em fim a acabar eſte nublado de ameaços em hum chuveiro de murros; acudio a eſta tempeſtade hum Iris de Parrilha, matizado de hum ferrador, e dous arrieiros, que, com irem no meyo da pendencia, foraõ ja no couce da bulha; e ultimamente appareceo por Santelmo da tormenta hum barbeirinho graduado em guitarra, com hum veſtidete enxertado em Turina, o cabello apanhado em dous lacinhos nas ilhargas, como ſe lhe deraõ dous nós nas tripas, hũa cravatinha

taõ criança, que lhe jogava as efcondidas com a barba; fuas luvas em todo o cafo, a quem ja o tempo tinha ido ao couro, como elle a todos hia ao cabello: chegou pois o tal barbeiro aproveitando hum ditozinho, que eftava cuidando havia tempo, e vinha a fer: que bem fabia elle que com aquellas cordas havia de haver algum deftempero.

Celebrou-fe o dito, focegou-fe o concurfo, porque ja nefte tempo, acalmando os murros, fe facudiaõ os veftidos; e appareceo logo a argolinha pendurada, como quem fabia que com taes Cavalleiros eftava á dependura.

Pôs-fe logo na Praça hum cavallo com hũa peſſoa emcima, que, por fer o cavallo praça da palha, era palheiro a peſſoa. Começou a levantar-fe hum uniforme fufurro no auditorio. Efte he Martinho? Sim fenhores, efte he Martinho. Efte era hum cabra forrado de mulato, que, por naõ fer cativo, fazia galla do forro. Era cortador da Villa no açogue vizinho, e vinha alli a correr, porque dizem que tambem era marcado: no gefto era hum tanto carrancudo, pendendo para mal inclinado, que naõ faõ menos que remoques de enforcado, e paſſaportes

de

de prescito; na côr verdenegro, no capricho cabelludo, na disposiçaõ gordo, no trato çujo, e finalmente com esperanças de arrenegado: o cabello era hũa avultada carapinha, porque lhe nascera em hũa pinha sobre a cara; os olhos, como tinhaõ casta de cabra, botou-os a natureza fóra das capellas; as meninas sahiaõ ao pay no pardo, e parece sahiaõ aos olhos no vesgo; as alvas naõ tinhaõ nada disso, antes presumo que por çujas as furtára á sacristia da Misericordia; as lagrimas eraõ dous botafogos, sendo as pestanas miras, e lhe servia a reméla para bálas; o nariz escarranchado no beiço, sarapalhento, grosso, e chato, como he louvavel costume nos mulatos, que pende para negros; a boca hũa beringéla partida, e a barba hũa tubara inteira: as as mais lavandijas do seu corpo ficaõ no tinteiro, e só ahi lhe dará côr natural o descuido: só direi das mãos, que, como o mulato era cortador, hũa dellas era cepo, e outra de maõ passou a machil, por trazer mais á maõ os aviamentos de cortar. Vinha bufando crueldades, e arrotando mortes; o Graõ Turco com elle era criança de mamma, Neraõ hũa cantimplóra, e toda a Gentilidade inhumana hũa recoleta.

O ve-

O veſtido era parrilha, que quiz remoquear-ſe por fóra a parra, que vinha dentro a uva; em verdade odre vivente lhe podia-mos chamar, ſe aſſim como ha odres de touros, os houvera tambem de patos: cavalgava em hum potro alazaõ, quero dizer lazeira, Paladiaõ que era de toda aquella Comarca, onde introduzia eſterco em vez de ſoldadeſca; Babieca que fora dos ribeirinhos campeadores, que foraõ daquella batalha, depois de ſervir de Rocinante aos Dons Quixotes da Villa. Vinha pois o noſſo Cavalleiro com menos bizarria que azafema, e ainda que naõ vinhaõ com a ſélla na barriga, pareceo barriga tudo o que vinha ſobre a ſélla, carregado de eſpaduas, curto de pernas, e finalmente ſuſtentando o ſeu cavallo com o ſuor do ſeu roſto.

Aqui houve pois conſideraçaõ de algum aſſiſtente devoto, que (com licença do Leitor) meditou nos ſobacos deſte mulatal Cavalleiro, conſiderando aquellas ſitias de lendeaços, onde o rapozinho vaporava contagios, e o ſuor ſubmergia laparilhos, que fazendo do braço peſcoço, faziaõ cova de ladraõ do ſobaco; e ſendo ladroens diſſimulados nas virilhas, eraõ ja bandoleiros deſcubertos nas tetas: em fim, no dilata-

do

do campo de suas costas se lhe engenhava hũa tarja, onde dizia a letra:

Este arrogante sendeiro,
Que para correr se engrîlla,
Hontem carretou ligeiro
Para o açougue carneiro,
Hoje cabra para a Villa.

Ey-lo posto a cavallo no meyo do terreiro; ey-lo pica o cavallo; ey-lo joga de maõ com a manilha, mas a argolinha deixou-se estar lá emcima muito encartada, como dizendo que naõ era obrigada a salir nem á manilha, nem ao cavallo: vozeava o Povo que désse segunda triunfada, descartou-se o Cavalleiro que a argolinha estava pela polha; mas vendo que com o curso hia perdendo os abonos, tornou a fazer-se na volta do sendeiro, foi á cascarrilha com seu ás de copas, e cavallo guardado, acudio-lhe o jogo, e dando com a manilha levou a argolinha na primeira triunfada: chegou-se aos Juizes mirones, que estavaõ em hũa janella rasteira, como bonifrates em caixa de flamengos, a quem o vulgo chama *Quien quiere ver*, e gritando o concurso que estava bem jogado, pedia o Cavalleiro as entradas da argolinha: mas os Juizes, co-

mo

mo eſtavaõ ſenhores do bolo, ateimavaõ que a repuzeſſe; porque a levara com trapaça. Tornou o Cavalleiro: Que elle naõ renunciára para perder, mas que o fazia a outra carreira; pelo que ſe metteo a argolinha na baralha. Parece-me, amigo Leitor, que tenho ſeguido a metaphora do jogo com toda a inſufficiencia, ſe verdade ha nas cartas; mas perdôe Deos ao equivoco da manilha, que elle me metteo eſta tentaçaõ em caſa.

Pedio logo o Cavalleiro que vieſſem os Patos; appareceo hum na corda, deſembainhou o Martinho a ſua Loba. Dizia o Povo: Que mal ſe haverá a Loba com o Martinho! Mas elle trazia toſquiado o alto da mona, e cahio-lhe lindamente a Loba com prima tonſura.

Brandia o valoroſo Turco a barbara cimitarra; mas, como luzia pouco, duvidava o concurſo ſe era ferragem, ou era ferrugem. Galopeou em fim a ſua carreira, mas naõ ſe metteo no Pato, porque o achou crû: ainda aſſim deo hũa deſaforada cutilada no ar, de que o pobrezinho ficou aſſaz moleſtado por lhe dar no vazio. Volta ligeiramente o cavallo, deſata as redeas, e faz ſegundo curſo: chega ao Pato, e indo dar hum

hum revez, esqueceo-lhe que era cortador, e errou o talho, dando na alcatra do potro. Oh perigoso caso! Eis o potro enfadado de que lhe fizessem pagar o Pato, sem ser mordomo, quiz pôr á pata o Cavalleiro, e a seu modo de folgar, mostrando as ferraduras, fazia tambem festa de patas.

O lamentavel Cavalleiro, como era cortador, pegava-se muito, e com muita fé ao cepinho; mas o potro, como estava com o sentido no talho, naõ consentia que ninguem lhe tomasse o cepo: o Martinho descuidado ja do arçaõ da sélla, por lhe parecer que o que apertava era cepo, e naõ cepa, á segunda curveta do pòtro, fazendo no ar como Martinho sua cabriola, deixou-se estender como hum caçaõ no meyo da Praça. Aqui se levantou hum açogue de vozes, que estando aparelhado para pregoeiro da carreira, o desmanchou a desgraça em carpideiro da quéda.

Oh piedade Batalhesca! (exclama aqui o Author) Gritay esganiçada, esganiçay-vos rouca, enrouquecey estrondosa, que só hum açogue de vozes saberá lamentar de hum cortador os desastres: ou porque he bem que vos

 córre

córte o coraçaõ no desastre, o que tantas vezes vos cortou a carne no açogue. Levanta-se nisto o Cavalleiro sacudindo os calçoens, porque o susto o deixou taõ morto, que se levantou com mil cousas de enterrado. A mulher do dito Cavalleiro, que era hũa saloya com laivos de regateira, com huns pertos de taberna, e huns longes de alcofa, no coraçaõ gorda, nos olhos gázia, nas faces verdenegra, e no nariz atabacada, com os atavîos de rengo, chinéla, e mantilha, occupava o sitial de hum tanho, rodeada até entaõ de invejas, e agora perseguida de lastimas: esta pois mulher assistente ao esponsal especťaculo, vio com generoso socego a cabriola do marido estirado; e voltando-se para hũa amiga, que tinha cara de o ser de outrem, lhe disse estas taõ discretas como enternecidas palavras: *Naõ vos disse eu que andava este lascarim cabindo de cavallos*; e tornando-se ao marido com os olhos esbarrigados, e voz rouquenta, exclamou assim: *Oh, má grado, má postemaria, má punhalada fria, lançada de Mouro esquerdo. O vestido, que te comprey ha dous dias, por ahi se ganhou? Esse, inimigo da limpeza, que eu ganhey com o suor do meu corpo, estragas*

*tu com o ſuor do teu cavallo? Deixa os Patos, infame: que te mettes tu com as vidas alhêas? Mas eſtraga moſino, que daqui á manhaã veſtirás hum corno.* A iſto reſpondeo o Cavalleiro, que ſe vinha chegando com o cavallo pela redea, com tom deſagradavel, e voz carregada: *Se eu hei de veſtir hum corno, voſſê lhe tomará a medida.* Aqui reparou, e bem, o Author deſta grande Hiſtoria naquelle modeſto eſtylo, com que eſte Cavalleiro ſe houve com ſua Eſpoſa, chamando-lhe por voſſê em publico, conſtando a todos as facilidades que havia entre ambos: em fim, animo ſoffredor, marido temporal, e Cavalleiro cabeçudo. Mandáraõ os Senhores Juizes que viſto ter quéda com os Patos, lhe foſſe concedido: e naõ foi fóra de Juſtiça, que levaſſe o Pato, quem tinha levado a pateada.

Ja ſe içava na corda hum carneiro taõ martinho como o meſmo Cavalleiro, que, montado no cavallo, nem o parenteſco o obrigou: que muito ſe era cortador! O carneiro naõ ſe queria metter em feſtas, que por ſer pezado naõ era para graças, bradava o Cavalleiro que o deixaſſem eſtar baixo, que era cortador arrezoado, e naõ goſtava que ergueſſem o carneiro. Pôs-ſe

em fim no meyo da Praça, e picando a sua, se foi assim, sem caminho, nem carreira, e chegando ao carneiro lhe mostrou que tinha parentes cortadores. Estalou nisto a corda, e o mulato como a castanha na boca; porque o Juiz da festa, e os mais mordomos da meza decretaraõ o dito carneiro para o seu jazigo.

## CAPITULO III.

*Dá-se conta de quem foi o segundo Cavalleiro: Descreve se o successo de seus cursos, de que ficou saõ, e escorreito.*

Á Petiçaõ do Povo tornou a apparecer a Argolinha, que, sem ser de la Reyna, foy a golodice desta festa: pôs-se nisto no meyo da carreira hũa cavalla, que por ser dia de carne vinha de estar ás moscas; era assim côr de egoa, alta das pernas, esbrugada de ancas, longa de pescoço, secca de focinho: o corpo era delicadissiamo; porque (como logo se soube) era o Cavalleiro alfayate, e para trabalhar naquella festa a trazia por agulha: e na verdade o era, porque vinha o pobre por hum fio. O Cavalleiro cui-

cuidou que era obrigado a entrar pela argolinha a cavallo, e trazia besta para tudo ao intento: vinha elle por certo muy bem cavalgado, porque era hum mamóte, vestia hũa gálla de retalhos com hũa letra, que dizia:

*Isto me basta, e isto me sobeja.*

Eraõ estes retalhos reliquias de alguns córtes, que, como entrava no perigo das carreiras, quiz vir todo cuberto de reliquias: onde quer que era levava hũa Tarja, e dizia a letra:

*Direito como hũa linha*<br>
*Queno a argolinha levar,*<br>
*Que he meu direito enfiar,*<br>
*E hei de enfiar a argolinha.*

Mas elle de assustado só a si se enfiou primeiro: fez-se nisto ao largo, iespor eou a cavalla, e aguçando-se o pirguiçoso, pôs o fogo á carreira: chegou á argolinha como se tal naõ fôra; diziaõ alguns que passára por alto, e he mentira, porque por baixo lhe passou: repetio outra carreira, repetio segunda, e terceira, e nem com

tercei-

terceira pôde conquiſtar a argolinha. Ria-ſe o Povo, mas elle, como era Alfayate, de tudo fazia galla; porèm diga o Auditorio o que lhe parecer, que o Cavalleiro, quanto a mim, andou diſcreto a pezar das ſortilhas, que quando eſtaõ no ar as couſas, naõ he de prudentes metter-ſe nellas. Em fim elle ſe deſempenhou com hũa eſcaramuça, onde eſtiveraõ taõ favoraveis os Zefiros de ſua fortuna, que lhe chegáraõ a tirar o chapeo em ſinal de cortezia. Pedio-lhe a egoa, que, pois era Alfayate, tomaſſe medida á Praça, e elle eſteve para fazer-lhe o goſto; porque duas vezes chegou a ſahir da ſélla para iſſo. Finalmente foi o mais venturoſo, porque embainhou cothurnos, e amançou bucefallos, vindo a coroar a calva de ſeus triunfos com o verde laurel de ſeus deſenganos. Oh Cavalleiro guapo, que entrando Alfayate na feſta, ſahiſtes çapateiro na Praça!

CA-

## CAPITULO. IV.

### Sahe saleiro, serás Cavalleiro.

*Dá-se noticia de quem seja, entra por hũa parte, sahe pela outra.*

APpareceo hum cavallete, que pelo magro o devia ser de algum tisico, e pelo secco machinho de algum barbeiro: alli estava bestial a abstinencia, bruta a parcimonia, e em osso a temperança; era na idade velho, na andadura manco, nos sinaes estancado, nas manchas faminto: fora algum tempo a mula ruça de alguns Doutores agoadeiros, ao presente se achava citado á margem daquelles contornos; em fim, foi o primeiro cavallo, que appareceo neste mundo em espirito. Cavalgava nelle hũa viva aresta, ou hũa racional formiga, que, como era dormente o cavallo tinha-lhe dado o formigueiro: a galia parecendo calçoens, a cazaca naõ era mais que mantilha; porque tambem a cavalgadura, parecendo potro, naõ era mais que berço: o certo he que inda se naõ deviaõ usar

ufar os côcos, e vinhaõ a defmammar ao Cavalleiro nos Patos. O pajem de S. Jorge era com elle o Filifteo, o Capitaõ do Gallo podia fallar-lhe de poleiro: Naire pareceo em ancas de Elefante; mofquito fobre zimborio, e periquito fobre campanario; era em fim lafca de algum Cavalleiro, que, eftallando em outra parte, veyo a cahir alli na Praça: a todos pareceo coufa de vento pelo leve, e coufa de rizo pelo traje: vinha donde fe achar na verdade a Tarja, e dizia a letra:

*A correr vem por picá-lo,*
*Efte rapaz no fendeiro,*
*Pois melhor que Cavalleiro*
*He a mofca do cavallo.*

Ja a efte tempo começava o Pato a adejar na corda, feito volatim de penna, ou grumete de aza; quando defembainhando o noffo Cavalleiro fettemezinhos hum canivete por alfange, deo fua carreira de guarniçaõ, paffando generozamente o Pato, como quem corria mais que elle: logo differaõ todos que o Cavalleiro naõ lhe queria dar cutilada, mas que vinha a metter-lhe a taquinha; mas naõ era por tanto, antes, por

por ſer o canivete de aparar pennas, andava alli ao ſocairo das azas. Sorteou ſegunda carreira, e chegando vagaroſamente ao Pato, lhe deo hũa ſangria de que naõ cahio pinga de ſangue, por lhe aſſombrar a arteria. Amuou-ſe niſto o concurſo, e exclamava que déſſem Tutor ao Cavalleiro: pelo que, por mandado do ſenhor Juiz, e Mordomos, que ſe achavaõ em Conſiſtorio, foi o rapaz remettido, e entregue ao braço ſecular do ſenhor Meſtre, para que, açoutado na ſua eſcóla, foſſe Cavalleiro da Porta nova.

## CAPITULO V.

*Faz-ſe Anatomia do Cavalleiro por eſtylo embrechado: eſpraya-ſe o Author em rhetorico brutêſco, agoniza em parociſmos a feſta, e eſcaveira-ſe em arrancos a obra.*

JA, ſe naõ cahia, ſe inclinava da vaga campina do Globo, Phaetonte de ſi meſmo, Icaro de ſi proprio, eſpedaçado em faiſcas, eſquartejado em chammas o Sól, cadaver do Firmamento no funeſto Eridano do Oceano, cujas ondas prateara para tumba, cujas prayas eſmal-

tára para alcatifa, organizando nas entranhas de ſuas penhas o aljofarado das perolas, para que, diſtilladas dos parpados das conchas, foſſem finas lagrimas em ſuas exequias. Enlutava-ſe a terra para aſſiſtir ao *Subvenite* de ſeu defunto Monarcha, a quem nos caſtiçaes das esferas ardiaõ em finas Eſtrellas infinitas achas, que ja andadores os cagalumes começavaõ a accender a cera; porque as nocturnasSereas em choro de eſmeralda davaõ indicios da lamentada muſica: Era arpiſta hum Falcaõ, que tinha o officio na unha, teraõ baixaõ a Cigarra, contrabaixo o Corvo, tenor hum Pintarroxo, falſete hum Pintaſilgo, e contralto hum Melro garrayo, que podia aſſobiar ás botas ao mayor Muſico: começou niſto o Francelho a fazer com as azas o compaſſo a dous Cûcos, que principiaraõ o Invitatorio; e finalmente encommendaraõ-ſe as liçoens de Job a hum Solitario. Atéqui a metaphora, agora entra a hiſtoria.

Entrou a ferrolhar o dia, e a eſtancar a feſta hum cavallo de Neſtor, a quem mandára bugiar a idade, de que lhe ficaraõ dous callos nas alcatras: fóra outras bugiarias, laborava a viva matadura, cuja cruenta brecha, facilitando o paſſo

paſſo á bellicoſa moſca, chorava ja rendida aquella antiga Praça: matava-ſe ſanguinolento o potro, eſpirguiçava-ſe no paſſo, alongava o peſcoço, e eſtirava o focinho, como ſe ſe diſſera por elle:

*Tendimus in altum digo*
*Me mirais tendido amigo.*

Era em fim hum ſequioſo Tantalo de palha, fora em fim hum adoptivo cathecumeno de cevada; pois tinhaõ ſido brutas mantilhas de ſua infancia hum arrieiro taõ alambre, que lhe tirava a palha no ar, e lhe dava commummente hum ar de palha: Aſſim apparecia o miſero rocim qual mauſoleo dos ſendeiros, pondo a caveira do focinho ſobre a armadilha dos oſſos; ſe ja naõ he que penitente eſqueleto prégava o deſengano das fomes: eſtas lhe trocaraõ em queixas todos os dentes, ſendo qualquer hũa eſcarnada queixa de cevada, como todo o corpo hũa entificada copia de ſavandija. Cavalgava ſobre eſte oſſo vivente hum racional moſquito: era hum rapaz taõ enfronhado nos cueiros de ſua meninice, taõ enroupado nas mantilhas de ſeu oriente, que ſem duvida o parira ſua mãy ſobre aquella ali-

alimaria para ir pagar as pareas á feſta. Vinha em corpo, e vinha no que ainda lhe faltava; trazia hũa carapuça taõ corpulenta, que ainda ſendo o rapaz todo cabeça lhe ſobejara carapuça: quem vio jamais que a que ſe encaſquetou gorra na cabeça do Cavalleiro, vieſſe a eſtender-ſe chairel na anca do cavallo!

Começou todo o concurſo a tirar oculos para ver o Cavalleiro; e inda aſſim, debaixo de palavra ſe creo que ſobre a ſélla andava alguma couſa. Que muito, ſe era o Cavalleiro hum animado graõ de moſtarda, hũa vivente areſta, hum ouçáõ humano, hũa virgula de carne, hũa plica de pelle, hum quaſi nada incarnado, e hum tudo nada Cavalleiro! Lia-ſe-lhe na Tarja eſte

## E P I G R A M M A.

*Saibaõ quantos aqui eſtaõ*
*Que he eſte mal percebido,*
*Cavalleiro concebido,*
*E eſcaſſamente embriam.*
*Se entre os outros naõ faz vaza*
*Será que, a meu entender,*

Co-

*Comó aqui veyo a correr ,*
*Eſqueceo-lhe o corpo em caſa.*

Pôs-ſe no meyo da carreira , foi-ſe roçando até debaixo da corda ; e como lhe ficava taõ diſtante , pedio hum oculo para ver o Pato: celebraraõ todos a curioſidade do Cavalleiro , tornou elle a dar dous paſſeyos ao Pató , mais como quem o requeſtava , que como quem o corria ; finalmente , houve-ſe o rapaz deſorte , aſſim na abſtinencia dos Patos , como na retençaõ dos curſos , que ſe aſſentou andára aquella tarde ſem a degraça de mata cavallos.

Veyo-ſe retirando raivoſo a hum canto da Villa , como quem fugia aos perſeguidores applauſos da Praça ; porque hum ribeirinho , que era dono da em que cavalgava , lhe pedio que naõ lhe eſtancaſſe a beſta : e na verdade ao pobrezinho ſó iſſo lhe convinha , porque para pateiro faltava-lhe o capucho, para corredor o comprido, e para ſer de dura o encorpado. Reſolvido finalmente no peſcoço da Villa o inchaço da mula , e o corrimento da criança , começou a bocejar a feſta nos braços da tarde , e a adormecer o dia no collo da noite , em quanto á roda do

ma-

maſtro, com equivalencias de arreburrinho, fervia o murro no calor do rapaiſmo: começaraõ as paramentadas janellas a metter a roupa na canaſtra; eſcureceo-ſe o congreſſo lavandeiro, e deſappareceo o firmamento ſaloyo: as divindades de refugo, arremangadas de ſuas debruadas mantilhas, reſtituiaõ ao terreiro o acalcanhado de ſuas çapatas: varreo-ſe a Praça de toda a racional eſpadana, em quanto no Pelourinho ſe ſacudia o cothurno de parrilha; e ſem chûs, nem bûs de coches, ſem trapezape de ſeges, reduzida toda a amoroſa traveſſura a dous beliſcoens de çaragoça, trasladado o applauſo do concurſo aos vizinhos templos de Bacco, eſcoou-ſe a feſta á caláda, retirou-ſe o dia pela ſonſa, e trasfegou-ſe a bulha á ſurdina.

FES-

# FESTAS HEROICAS

*DA SOBRELEVANTE IRMANDADE*

D A

# VERA CRUZ

DOS POYAE,

*Sita junto ao Regio Cenobio do Heremitico Monarcha S. Bento.*

DIRIGIDAS, E ENDIREITADAS

Ao muito Authentico, Venerabundo, e Esdruxulo Senhor

JOZE' DE ANDRADA BARRETO, E CARAPUCO,

*Ouvidor mór de hum só ouvido, porque no outro teve naõ sey que; e assim ouve naõ sey como: Almirante disto, Arrochéla de estoutro: Senhor das Villas encubertas algures, e nenhures: Encommendador das almas, Mestre de meninos, Conde de paos, Cavalleiro de presepio, que cativou muita gente com seu modo, e pregou muitas bandeiras de papel em certa parte; e hoje rico de cuidados goza da cara patria com os mayores premios de contas, e veronicas, que se viraõ em nenhuma Doutrina.*

ANNO PREZENTE:

# DEDICATORIA.

*INclyto Heróe, cujos merecimentos está cantando em tiple a fama, e em contralto a ventura: Como a vide, que em descampado se planta, ou o vento a arrasta, ou a féra a devóra; eu, que quero no terreno do mundo plantar esta vide de meu engenho, porque o vento da murmu-*

*Façaõ a naõ eſtrague, ou a boca da inveja a naõ devóre, á voſſa ſombra a planto; porque quem a bõa arvore ſe chega, bõa ſombra o cobre. Cobre nome eſte parto de meu engenho nas azas do voſſo amparo. Paro, e naõ peço mais. Ays dará a inveja. Veja pois o que póde o voſſo braço. Aço daraõ os tempos a eſta Obra, que comvoſco naõ he eſquiva. Viva, ſem ver do eſquecimento a maſmorra. Morra o temor, e a fama a favoreça. Eſſa gloria admirará o mundo, como de vós procede. Sede commigo liberal, vereis como voſſos preceitos obſervo.*

Servo.

*Fulano.*

AO

# AO LEITOR

## ADVERTENCIA,

*Por naõ dizer Prologo.*

LEitor pio, ou miáo: Este Livro he hũa bem acabada Obra; mas naõ metta a tua calumnia mordaz o dente neste papel: que estes Patos ninguem os póde tragar; porèm se roêres, direi que estás mal compleicionado do estomago, pois mastigas papel. Monte, por naõ dizer

*Vale.*

## NOTICIA.

I

O Tu, quem quer que sejas, que lês este papel, porque he lastima, que talvez sejas C,apateiro, ou Alfayate, e te chame Leitor, occupando em idiotas o nome, que se gasta nas Au-

Aulas. Tu pois, que he palavra Portugueza; naõ culpes a ociosidade desta Obra, porque o seu motivo foi o seguinte:

Quando vamos para S. Bento, á maõ direita, virando para acolá, está hũa Cruz naquelle canto; e está no canto parece que de amuada por esquecida: a fabrica he carunchosa, e ainda agora na architectura se lhe diviza bem a traça. Das ilhargas tem duas taboinhas, onde se advertem duas almas em meyos corpos: Hũa terá seus vinte annos, e he de mulher; e a outra de homem, que foi nesta vida Barbadinho: ou he taõ antiga a pintura, que tal homem ja de velho tem hũas barbas atéqui. Pende em holocausto, (naõ está má a palavrinha) em fim, para que melhor se entenda, tem diante hũa lanterna, que por modestia chamamos alampada, a qual, sem ser das virgens loucas, nunca esteve acceza. Estes saõ os sinaes, que pódem conduzir o teu conhecimento.

A esta Cruz pois quizeraõ restaurar a estimaçaõ, sepultada ja nos ataûdes do tempo, huns certos moços daquelle bairro, cujos nomes quero accreditar com o silencio, por naõ desdourar com o abono.

Acon-

Aconteceo pois que hũa tarde, assim ja quasi á bocca da noite, entre outras practicas que houve, se resolveo que fizessem hũas festas, em que se desempenhasse a memoria da esquecida Cruz. Sim senhòr, (disse hum) vá a festa, e seja de Patos, porque nos naõ chamem Patinhos. Accrescentou outro: Que fosse a festa de cavallo para parecer sua. Diziaõ os outros: Naõ obstante. Em fim, concluio-se o negocio, e houve festa no caso.

Era pois a vespera do estrondoso dia: ardia o lugar em tarefa. Armaraõ o canto para estafermo do festejo. Ja se havia levantado o arreburrinho, que andava entaõ annexo ás festas da Vera Cruz. Fazia-se em pedaços sobre a tranca o Manoel da taberneira, e o Antonio da vizinha, patóla de bõa marca; e sobre o dar desgarraõ, houve murros ás punhadas.

Pois que direi do tráfego, e do apparelho! As taberneiras do circuito punhaõ suas redes lavadas. As tendeiras faziaõ seus arredores nas portas: qual basculhava a casa, qual barria a rua, qual punha á janella seu cobertor de serafina, e como em dia de bautizado sua cortininha encarnada; qual pendurava sua toalha de mãos sobre o seu

o ſeu eſpelho, e outras particularidades, quẽ deixo por naõ ſer moleſto.

Entretanto fervia na taberna do Meirelles hum truque apichellado com a repetida petiçaõ da gorita na meſa, e ó lamber-lhe os cûs meu parceiro, com hũa algazarra de agoadeiros, e lacayos, que rodeavaõ a noſſa ama a taberneira, que frigia huns bofes, onde laborava o penetrante alho.

Junto á Cruz andavaõ os mochîlas ao foscairo com o ſeu gandum por pontos. E mochîla houve, que naquella noite quebrou dous machinhos a puro cobango: nem he de admirar; porque neſta funçaõ eu vi mulato, que de cantar a amoroſa, ſem tomar folgo, eſteve com a candêa na maõ. Todo eſte foi o motivo deſta Obra, cuja relaçaõ de poppa á proa lerás adiante: em fim, paſſou a gritaria por galhofa.

Entrou a noite: que te direi das luminarias? As Beatas vizinhas puzeraõ ſua candeinha da banda de dentro da janella, e ellas da banda de fóra em alta contemplaçaõ a ver o que ſe paſſava na rua. As guapas, e faceiras accendêraõ ſuas bugias; e pondo-ſe á janella parecia o bairro hum Braſil com bugias, e papagayos.

An-

Andavaõ os rapazes da vizinhança com ſeus capacetes de papel, em cavallos de cana; e correndo eſtrugiaõ a rua com o ſeu vitaró, vitaró: naõ havia quem ſe entendeſſe, e era couſa de grande goſto.

Hũa tendeira, que morava mais abaixo, mulher de hum bem eſtreado cocheiro, havia conduzido aõ redor do balcaõ quantidade de damas alacayadas, cujos corpos dalli a dous dias foraõ dar a oſſada no Hoſpital. Chegou niſto o Peta com a ſua companha, que era Manoel Jorge o Tripa, e Franciſco Simoẽs o Carrapata, e o Zanga. Havia vióla na dita tenda, e Antonia do peixe repicava o pandeiro. Largaraõ os capotes, e fizeraõ roda com hũa atrapalhada chacoina. Alli ſe ouvia o: *A Deos bairro alto forte*, que o cantava hũa das ſardinhas com todo o corpo; e logo reſpondia o Peta com a celebre cantiga do: *A iſſo reſponderey.*

do

# FESTAS HEROICAS
## *DA SOBRELEVANTE IRMANDADE*
## DA
# VERA CRUZ
## DOS POYAES.
## *Eu me benzo, e começo.*

BAixava a banhar-ſe nos ceruleos tanques do Monarcha das agoas eſſe nacarado coraçaõ do Olympo, Barbarroxa das nuvens, e pirata dos vapores, que, trocado em miudos, he o Sol; quando junto de hum limitado canto ſe ouviraõ vozes, e ſe juntaraõ gentes. Levantavaõ-ſe maſtros, atavaõ-ſe cordas, e ſubiaõ-ſe vélas: iſto cheira a Navio; pois naõ he ſenaõ a feſta da Vera Cruz.

Chegou em fim eſſa adoptiva mãy do azeviche, quero dizer a noite; povoou-ſe o canto

can-

de ſentinélla, que feſta taõ celebre havia de ter vigilia; e depois que a boca da noite chamou as Eſtrellas para eſmaltar as ſombras, e entre os brados dos ſilencios começou a dormir o cuidado, quando de animadas conſtellaçoens ſe povoaõ os ares, quero dizer relampagos terreſtres, por naõ dizer cagalumes; quando naõ ha janellinha ſem dama, paſſeyo ſem galan, e eſquina ſem lacayo; quando todo o mochîla ſegue pelo faro a chuleta; todo o mulato arma ſua briga, e todo o barbeiro toca ſua bandurra; a eſte tempo pois ſe adereçava generoſa hũa eſquadra de Cavalleiros, que ao ſeguinte dia, para abono da dita feſta, intentavaõ fazer couſas, que naõ eſtavaõ na cartilha. Oh que ſe provavaõ de botas! que iſto era vinhaça; cingiaõ-ſe armas, ajuſtavaõ-ſe couras, e empavezavaõ-ſe plumas.

Ja a nuvem matutina deſde o purpureo Orizonte ſe deslizava em perolas, affugentando as ſombras, e eſmaltando as plantas; quando a Feniz de ouro ſahio a preſidir no Hemispherio; eis-que (oh nome de Jeſus!) ſe vem o Ceo abaixo: ataraõ-ſe certas cordas em certos maſtros, mediraõ-ſe carreiras, e aſſeguráraõ-ſe galhofas. Chegou a tarde: (aqui he ella) tinha conduzi-

do a fama extravagante concurſo; vinhaõ-ſe eſtragando huns guapos, e vinhaõ como huns cães, porque ſeguiaõ as ſuas damas, que as taes bem pareciaõ couſa de caça pelo fino: aquelle torcer de manto! aquelle menear de corpo! Eu vi a hũa ſenhora deſembainhar hum garfo de cryſtal de hum eſtojo franchopanno, e nelle levar cinco coraçoens nas pontas, ja ſe entende que dos dedos; iſto em bom romance quer dizer: que deſcalçou hũa luva. Havia fogareiros de nacar, com abanos de ambar, que eraõ faces, e leques, em cujas ſcintilantes brazas, de cujas animadas fogueiras, os coraçoens como ſardinhas ſe aſſavaõ, e as almas como coraçoens ardiaõ. Oh pezada metaphora!

Diziaõ os Turinos, que alacayavaõ melindres por merecer favores: Aqui naõ ha coraçaõ ſem febre d'almas, que anda muy baixo o ſol da belleza. Em fim, todos os fieis amantes ſentiaõ ſuas quartaãs de affectos, e ſeus ſarampos de deſejo; qual levava a ſarna dos cuidados, e qual a tinha dos deſejos, e deſprezos: iſto he acerca das conquiſtadas bellezas daquelle Paiz, q̃ concorreraõ ás feſtas: melhor lhes chamára exequias, pois tiraraõ ſuas caras taõ baratas vidas.

Alca-

Alcatifou-se em fim a rua de racionaes boninas, e naõ faltaraõ espadanas, que eraõ huns soldados que traziaõ as suas lobas. Em que virá isto a dar? Quando, em taõ bõa hora o façaõ todos, chegaõ, de que Deos nos livre, quero dizer se embocaõ pela travessa, se naõ como hũas bólas, como hũas bálas os nossos aventureiros; quando se lhes viraõ os gestos, disseraõ todos: temos festas de cavallos.

Se vossê vira as posturas! Valha-me Deos que pernas! Vinhaõ huns á gineta, outros á bengala; huns á brida, outros á fechada. As armaçoens eraõ de boy, os peitos de perdiz, as folhas de louro; porque mais abaixo as botas eraõ de vinho.

Os cavallos eraõ de cartas, como de pâos, e copas; os corpos eraõ brancos com nodoas de azeite; as cabeças de alhos; os rabos de hortaliças, e os cascos de cebolas. Bella vista! Oh heroicos peitos, aonde ha cabellos, e outras miudezas! Vá-se pôr Valdovinos para hum canto, e amue-se D. Quixote. A graça estava junto ao campo de Santa Clara, e a bizarria onde Deos era servido.

Solemnizaraõ as damas as bem estreadas

posturas: Este das plumas côr de carapuça he mais bem posto, disse hũa. Naõ senhora, a este côr de Lua está-lhe melhor a sélla. Ay minha mana, naõ tem razaõ, que este de furta cores olhe como se dá com o freyo; este moço nasceo para cavallo. Naõ he. Sim he. Socegou-se o melindroso apodo das damas, porque se atavaõ os Patos, e se desatavaõ carreiras.

Pôs-se o principal Cavalleiro no meyo do campo, minto, naõ era senaõ rua; e antes de começar a correr, lhe começou o coraçaõ a saltar, que este moço nunca se vira nestas limpezas, e duvidava de fazer a sua limpa: picou o cavallo, e o bruto, como naõ sabia jogar os centos, começou de jogar os couces, e esteve para o botar fóra do couce, depois de lhe pôr a força por portas; mal encaixada está a metaphora, mas paciencia: em fim, o moço fez interiormente o sinal da Cruz por naõ cahir em tentaçaõ, e livrar-se de todo o mal. Ah sim! Chamava-se este Cavalleiro Joaõ de Leaõ, sendo de Lisbõa. Coutadinho como vem amarello! primeiro que a hũa ilharga, em hũa Tarja, sobre campo côr de ar, se lia esta letra:

*Este,*

*Eſte, que com forças vaãs*
*Corre ridiculamente,*
*He força vir taõ doente,*
*Que he Leaõ, e tem quartaãs.*

Ora acabe. Em fim deo a ſua carreira, mas naõ topou no Pato por certa deſgraça, e teve milhares de razaõ, por eſta, e eſtoutra cauſa: nem elle ſe pôs lá com vagares de lhe dar, ou naõ lhe dar; porque hia a correr, e naõ teve tempo.

Seguio-ſe logo outro de melhores bofes, e vinha muito aforçurado, mas logo embaçou. Quem he? Quem naõ he? He o filho de hum ferrador: trazia o veſtido taõ forrado, que lhe naõ cuſtou real, antes ſe ſuſpeitou que fora eſmóla; porque o tal moço era taõ nû, que ſe alugava naquelle tempo nas Comedias, para repreſentar a figura da Verdade. Deo pois a ſua carreira ſem empecilho, nem rinchar de cavallos, pelo que com letras de almagre, como Cruz de S. Lazaro, levava nas coſtas eſte letreiro:

*Eſte*

*Eſte moço, que ſem fallos,*
*Correndo alcança o louvor,*
*Como o pay he ferrador,*
*Conheceraõ-no os cavallos.*

Jeſus que deſgraça! Por certo que leva o Pato ſe lhe naõ erguem a corda. Ora he bõa a galantaria! diſſe o Cavalleiro. Bõa peça, gritou o Auditorio, e ficou o papel bem feito.

Ay Virgem do Pilar! Guarte Antonio deſſe cavallo. Verbo caro! Mana, achegue-ſe; olhay iſto! O' velha, naõ me empurre: ay ſenhoras, affaſtem-ſe, que eſtá eſta moça prenhe. A' Senhor Joaõ Pires, vê-me dahi o meu Manoel? Ah que delRey, que abafa hũa criança! Que bulha he eſta? Eraõ hũas Regateiras, que, por verem o terceiro Cavalleiro, jogavaõ os empuxoens. Ay como vem galante, ó mãy, eſte Mouro! Calte moça, q̃ vem á mouriſca. Trazia a cara deſcuberta, mas naõ deſmentia do traje. Como ſe chamará eſte moço? Eu naõ ſey. Nunca tal vi, ninguem lhe ſabia o nome, pelo que em hũa Tarja de folha de Flandes, por letra de carvaõ, ſe lhe lia eſte quarteto por hũa ilharga:

*Naõ*

*Naõ tem nome, e deſculpar-ſe*
*Muy bem póde eſte deſdouro,*
*Que eſte moço, como he Mouro,*
*Nunca póde baptizar-ſe.*

Eſte Cavalleiro era chachara, fez ſua eſcaramuça, diſſe ſua graceta, e deſpedindo a carreira, chegou ao Pato, e levou a cabeça, que era o que eſte moço havia miſter. Victor! Victor! Grandemente! exclamaraõ os politicos. Fidalgo Pato, pois morreo degolado, diſſe hum chicoria. Que tinha eſte Pato de reo para o matarem? diſſe hum frija. Mandou-o a Parca á ribeira de Acheronte, diſſe hum eſtudante. Bõa folha! diſſe hum deſalmado. Corta como hũa navalha, diſſe hum barbeiro. Galante revez! diſſe hum mulato.

Por tu eſpada, y por tu trato
Me has cautivado dos vezes,
*Diſſe hum Poeta.*

Amaina, amaina. A quem hemos de dar o Pato? Aqui eſtá o mochîla do Cavalleiro, guarda rapaz, venha o Pato de meu amo, que elle pagará o Pato. Botou em fim a correr com elle rodeado de marotajem. Ja

Já o outro Cavalleiro mordia os beiços, e apertava a espada. Desça mais essa corda sô Antonio Joaõ; puxe por esse cabo, cresça: desse modo estava o outro? Assim está bem, exclamou o concurso.

Eis o Cavalleiro empinado. Aperta-lhe as redeas, disse hum ferrador. Tem a boca muy doce, respondeo hum entremettido. Eu o amançarey, disse o Cavalleiro, e pôs-se no meyo com suas tentaçoens de bem posto; naõ houve pessoa que o conhecesse. Diziaõ que naõ era do bairro, e o magano de retrincado, para fazer rir, trazia hũa Tarja nas costas; era de papel, e com letras rebatidas tinha escrito esta galantaria, que he bem galante.

*Sabeis vós quem aqui vay?*
*He hum moço, que se achou*
*Que he neto de seu avô,*
*Sendo filho de seu pay.*

Riraõ-se todos, e elle correo como a moeda marcada, e ainda que naõ cortou a cabeça ao pato, cortou-lhe hũa orelha. Formosa mentira! Naõ he, senaõ verdade. Patos com orelhas? Sim,

Sim, que estes Patos foraõ de orelha.

Abalizou-se em fim a festa com hum Cavalleiro á ridicula; sendo que qualquer dos outros pudera fazer o papel. Trazia hum barrete fóra, e o capote de centos, sobre hũa roupa de Francezes, com guarniçaõ de soldados; vinha sobre hum cavallete de vióla, inda que alguns Authores querem que seja de nariz: a postura era meyo cruzado, sendo que se naõ entendia o como cavalgava, mas pelos gestos, que fez, adverti que vinha á meya redea: as do Cavalleiro eraõ de uvas, e os estribos de coche; a cella era de Franciscano pelo ensucada, e de Arrabido pelo estreito. Que extremada figura! Pelo que em hũa ilharga levava hũa aranha, que mostrava hũa Tarja de olandilha, e em campo grande se lia este quarteto:

*O que aqui vedes entrar*
*Veyo para divertir;*
*Porque este he para se rir;*
*E os outros para chorar.*

Miáo, miáo, fu, fu, miáo! Assopra filho da puta. Era hum gato, que pendia na corda,

fazendo o papel de Pato : pôs-se o Cavalleiro na postura, fez suas curvetas ; deo suas voltas cahidas, e dizem alguns que cahio nas voltas: foi-se em fim ao Pato mourisco, e naõ lhe fez nada, porque foi o revez á gatesga : assobiavaõ os marotos, larga a gata, e o Cavalleiro estava feito hum caõ : desconfiou em fim, e atou-as.

Houve diluvios de rizo nas bocas, e arêas de admiraçaõ nos olhos de todos ; mas era ja tarde, e queriaõ recolher-se os soes, que estavaõ assoalhados pela rua : pelo que sahiraõ de repente dous córos de moscas, e outras savandijas, onde era contrabaixo hum Bezouro, fazia baixaõ hũa Cigarra, hum Cûco tangia corneta, hũa Abelha tocava hum cravo, hũa Aranha tangia arpa, e hum Francelho fazia o compasso com as azas ; com que todos juntos confundiaõ grasnada taõ harmonica, que todos com as mãos lhe lançavaõ embargos á audiencia. Repartio os papeis hũa desinquieta borboleta, e ao desaffinado som dos instrumentos, cantou hũa mosca de cavallo com admiravel susurro este quarteto :

*Taõ lindamente se houveraõ*
*Estes Espanhoes luzidos,*

Que

*Que os Patos ficaõ corridos*
*De ver como se correraõ.*

Outra mosca de casa lhe respondeo o seguinte com tiple de pipîa:

*E taõ bem lhes pareceo*
*A jangada por seus modos,*
*Que ainda que correraõ todos,*
*Nenhum delles se correo.*

Chegou este córo brutal ao meyo do terreiro, e repartido com toda a desordem teceraõ hũa dança, que na verdade foi cousa que teve muito pouco que ver. As moscas bailaraõ o trocado; sahio logo hum Gafanhoto ruivo a fazer o saltarêlo; a Aranha fez volatim dançando em hum fio: nisto chegou hum Mosquito muy bem disposto cheyo de azafema, tangendo gaita de fóle, por trazer o odre junto á boca; aqui foi a galhofa. Rio-se infinito, e mais de cem homens arrebentáraõ com rizo pelas ilhargas. Isto parece mentira! Mentira! Naõ he senaõ verdade por esta Cruz. ✠

Para cortar o discurso, veyo hum Morce-

go anciaõ, aſſim de meya idade, fazendo papel de cego; e depois de tanger algumas peças de fita, e fazer algumas poſturas de loſtra, bailou o trocado em miudos: e como o concurſo ſe queria ir, pediraõ-lhe os circunſtantes que cantaſſe alguma couſa. Eſtou roucó. Iſſo naõ importa. Ora faça-nos mercê, ſenhor cego, diſſe hũa Regateira. Sente-ſe aqui neſta tripeça. Oh quem me déra ouvir-lhe o apartamento da alma, exclamou hũa tendeira!

Em fim, o Morcego, obrigado de tanta cortezia, arrimou-ſe aò páo de chaves, e temperando as viólas da botica, cantou pela boca pequena, em voz de povo, eſte quarteto:

*Eſtas feſtas ſoberanas*
*Com tantos eſpalbafatos,*
*Inda que foſſem de Patos,*
*Por certo que foraõ canas.*

Victor! Victor! Toca tarára, toca tarára, faziaõ rachas as trombetas, e os rapazes, vendo concluida a Feſta, corvejavaõ no arreburrinho. O' filho da puta, naõ dês garraõ. Ay, minha mãy do Ceo, que me quebrou hũa perna!

Ma-

Manoel guarte do coche. Ó' lá, recolhaõ as trombetas. Minha mana, fique-ſe c'os Anjos. A Deos minha Maria Antunes. O' Brazia, olha eſſe coche. Nome de Jeſus, que poeira! Ah Senhora D. Violante, eſta caſa he muito certa. O' Rodrigues, day cá o manto. Senhora, vamo-nos que he noite. Ficai-vos embora meu ſenhor. A Deos amigo. GuardeDeos o Senhor Policarpio Borges. Meu ſenhor, ſou ſeu criado. O' Manoel, chega o ſege. Guarda diante. Eſtá ahi Mello?, Chegay, Coutinho..

Valha o diabo tanta bulha! Senhor meu, que remedio? Como havia eu deſpachar eſta gente? Entrou niſto a noite, ſocegou-ſe a terra para deixar dormir o Sol, que ſobre os colchoens de cryſtal ſe reclinou na Corte do Occidente. Aqui cabia agora hũa digreſſaõ ſobre ſe he o mar urna cryſtallina, ou pyra undoſa deſte Feniz Planeta, ou ſe he mauſoléo da tarde, o que berço da manhaã? Alguns Poetas coſtumaõ dizer neſtes caſos, que he o Oceano apagador de vidro deſta tocha do globo. Outros porèm, em metaphora mais monſtruoſa, dizem que a eſta alampada diurna lhe faltou o oleo de ouro, em que ardia, e que chega á agoa, onde ſe apa-

apaga : outros, que por andar o Sol na Canicula, ſe damnou, com que foi ás ondas : affirmaõ outros, que foi ás Caldas por ſer muy calido; porèm eu ſou hum ſimplez Sacerdote, que ſeja aſſim, ou aſſim, lá ſe avenhaõ, que eu nem me metto, nem me tiro, ſenaõ fico aſſim, ou aſſim, ou deſtoutro modo, que he melhor, ou como me dá na cabeça; e aqui fenece a Obra.

*****************************************************

# O PRONOSTICO
## MAIS CERTO, OU LUNARIO
do anno de 1754.

Para o Meridiano de Lisbôa, tirado dos melhores obſervantes, com o Juizo geral do anno, e ſuas eſpheras.

*Eſcrita pelo Licenciado*

## NADA LHE ESCAPA,
*Natural da ſua Terra, nella naſcido, e criado.*

## PROLOGO.

LEitores, e amigos, tanto ſe me dá do voſſo amor, como do voſſo odio. Aqui vos offereço eſte Pronoſtico, que achareis mais cer-

to,

to, que os que escrevem os Mathematicos, que naõ sabendo medir os passos da terra, em que haõ de ser enterrados, se cançaõ muito na mediçaõ das Espheras celestes, e seus movimentos; de que os Anjos, que subiraõ, e os diabos, que desceraõ, naõ poderiaõ dar cabal informaçaõ: mas como os Anjos naõ saõ gentes, a quem se façaõ similhantes perguntas, e os diabos saõ mentirosos, e alguns mudos, como diz o Evangelho: *Erat mutus*, nunca vos poderiaõ fallar verdade: com que naõ podereis acreditar aos taes Astrologos, que fallaõ por figuras errantes, que parece que as apalpaõ.

## *Titulo das Festas mudaveis.*

AS Festas mudaveis, saõ todas aquellas que naõ saõ fixas: e as que naõ soletraõ os proprios nomes dos Santos.

A Cinza, se achará em toda-a parte, em que se fizer fogo.

A Paschoa, será ao outro dia depois do Sabbado de Alleluya.

Todas as mais se acharáõ nas folhinhas, como tambem a letra Dominical no A. B. C.

Jui-

*Juizo universal do anno, e Jurisdiçaõ do Tema.*

O Senhor universal deste anno he o verdadeiro Sol de Justiça: assim lhe chama a Igreja: *Sol Justitiæ*, por entrar no Ventre ditosissimo de sua Māy Santissima; e naõ só nos promette, mas nos assegura todas as felicidades, se nós as soubermos merecer: porèm como nos deixou liberdade, e alvedrio, naõ impedirá as causas segundas nas operaçoens; e assim verás neste anno tudo o que vires.

*E Deos sobre tudo.*

Entra este anno, confórme o nosso modo de contar, o primeiro de Janeiro, e acaba no ultimo de Dezembro.

Todas as Luas novas começaráõ acabadas as velhas, e teraõ seus quartos crescentes, e mingoantes; por cujo respeito será o anno muito humido, aonde houver agoa, e por isso morreráõ todos aquelles, a quem se lhes acabar a vida; e virá a morte por diversos successos, e enfermidades.

*E Deos sobre tudo.*

E porque Baco se acha em guerra aberta com

com Neptuno, pronostica que haverá este anno muitas mortes, e sangues junto do Natal, procedidas de suas malignas conjunçoens. Os partos seraõ perigosissimos; porque toda a mulher, que delle morrer, naõ tornará a ter mais filhos; e o mesmo succederá nas burras, que neste caso saõ similhantes ás mulheres.

E porque Mercurio se acha dominante de algumas cousas, em conjunçaõ de ser tal, e qual; pronostîca que haverá grande baixa no officio de sua protecçaõ; e por isso, havendo menos quem incite, haverá menos desgostos: o que naõ succederá naquellas pessoas, de quem falla o nosso Poeta:

> Ditosa condiçaõ, ditosa gente,
> Que naõ he de ciumes offendida.

Tambem por andar Saturno á caça do dragaõ; naõ faltaraõ inchaçoens nos soberbos; febres catharraes nos tysicos; tremores nos que tiverem maleitas. E nenhuma pessoa nascerá, que naõ tenha bexiga; nenhum Judeo poderá ser Christaõ velho, e todas as Judias velhas seraõ Christaãs novas: naõ faltaráõ desgostos entre os casados, que tiverem sogra.

*E Deos sobre tudo.*

Mas porque naõ ſejaõ todos os ſinaes infauſtos, e os pronoſticos triſtes, alegre-ſe o amigo Leitor, que ha de ſer o anno muito farto para todos que tiverem que comer; naõ faltaráõ vinhos aos que ſe emborracharem; naõ ſerá pobre quem tiver muito dinheiro, e os que ſe affogarem naõ morreráõ de ſede: nenhuma embarcaçaõ ſe perderá no mar, chegando a ſalvamento, ainda que tenha tido tormenta: haverá mais mel, onde houver mais colmeas; como tambem mais azeite, quem tiver mais oliveiras.

*E Deos ſobre tudo.*

*Das quadras do anno.*

A Primavera entrará primeiro em Lisbôa; naſcerá na Serra da Eſtrella, e por iſſo ſerá mais freſca que o Eſtio. O Veraõ começará primeiro no Alemtejo, que na Beira; e por iſſo ſerá mais quente que o Inverno.

*E Deos ſobre tudo.*

*Eclipſe deſte anno.*

EM treze de Junho haverá hum eclipſe do Sol, e começar-ſe-ha a eſconder ás ſette horas da tarde, e naõ apparecerá ſenaõ ás quatro

da

da manhaã ſeguinte: ſeus effeitos ſeraõ fecharem-ſe as tendas; dar-ſe-haõ as Ave Marias; recolher-ſe-ha a mais da gente ás ſuas caſas para cearem, os que tiverem que: e deitar-ſe-haõ na cama com azeite os que tiverem candeya; e os que naõ tiverem molho, ás eſcuras.

*E Deos ſobre tudo.*

************************************************

# LAMENTAÇAÕ SAUDOSA,

## *Chorada nas trevas da auſencia, pelo Jeremias da diſtancia.*

QUem ſó fino ſe aparta; amoroſamente ſe auſenta; e ſe na Saudade ſuſpira, a diſtancia o magôa: o mocho, que no outeiro chora, no valle ſuſpira; o cûco, que de

noite vozea, no monte aſſobîa; a coruja, que no campanario reſona, a alampada requeſta; a arraã, que no charco grita, na pôça mergulha; a chicoria, que na horta ſe rega, no canteiro ſe murcha; a flor, que no alegrete naſce, no ramalhete morre; o pomo, que na arvore ſe ſazona, na tenda ſe vende; e finalmente, a luz, que na candeya arde, no murraõ fenece.

Mas que fará quem em Salvaterra he mocho ſem oiteiro, he cûco ſem noite, he coruja ſem campanario, he arraã ſem charco; he chicoria ſem canteiro, he flor ſem alegrete, he pomo ſem arvore, e he candeya ſem murraõ; pois do murraõ lhe naõ dá o fumo, nem do pomo o goſto, nem da flor o cheiro, nem da chicoria o ſabor, nem da arraã o grito, nem da coruja o ſomno, nem do cûco o ſocego, e nem do mocho o ſolitario; e aſſim anda a ſaudade taõ encangalhada com eſta auſencia, que fica a pena ſahida ainda com o gozo da magoa, e tudo porque ſe dá a perros a diſtancia.

E que fará quem no deſerto de hum ſentimento naõ encontra ſenaõ carraſcos para o ſupplicio? Que fará quem na charneca da ancia ſe faz mouta ao ſoffrimento? Que fará quem nos tojos

do

do ciume naõ encontra mais que carqueja para o desasocego? Que fará quem he podengo de affectos, sendo sacador de cuidados? Que fará quem he sabujo de carinhos, indo pela tréla do gosto? Que fará quem he galgo de affagos, sendo perdigueiro de mimos? E porque estes naõ tenho, aquelles naõ acho, essoutros naõ encontro, ja de ti me despeço, Lisbôa tyranna, ja de ti me aparto, Cidade vingativa.

E assim a Deos Apollo do Terreiro do Paço, que, pelo teu achaque de dôr de pedra, naõ estás corrente para a prizaõ dos meus suspiros: a Deos ribeira, que, por estares posta na espinha, sempre fostes magana de escama; a Deos couveiras, que, por seres lagartas da hortaliça, vos naõ escapa tallo de alface; a Deos casa dos bicos, pois atais muy bem os vossos molhos; a Deos mal cozinhado, cadóz das mulhelhas mais famintas, e das cangas mais esfaimadas; a Deos Pelourinho, onde o pregaõ faz vir o fato á rua, pois em ti se naõ vê mais que Justiça; a Deos calçado velho, onde a tomba botas em rosto, porque te vaõ ao couro de hum salto; a Deos bairro, throno das deidades, onde o filis se manêa com o usual alinho da bandarrice, sendo Par-

naso

nazo amoroſo, onde as Venus, e Dianas mettem Pallas ás mais eſtrondozas bellezas. Ah bairro! Quem te conhecer que te compre; mas tu já eſtás vendido, porque a todos trazes vendados: e para eſtas compras, e aquellas vendas, lá tens a rua das partilhas, para melhor te ajuſtar a conta; tens a rua da trombeta, por onde a fama as tuas proezas publîca; tens a rua das flores, onde as fragrancias de tuas bizarrias reſpiraõ aromas amoroſas; tens a do Sol, que como Monarcha das luzes, reparte contigo reſplandores; tens a do Norte, onde ſe vê ſe elle corre direito, tens a das gáveas, onde o gajeiro do appetite ferra o velame do deſejo; tens tambem a rua formoſa, onde os teus alinhos ſaõ enfeites do melhor adorno: e finalmente, tens a bica, por onde a Cabalina diſtilla os cryſtaes da alma, para que ſejaõ allivio de triſtes, e conſolaçaõ de queixoſos; e aſſim me deſpeço dos mais bairros: dos rengos da pampulha, das mantilhas do mocambo, das ſayas de alfama, e dos capotinhos da mouraria, que neſte ou aſſiſte a bella Turca dos meus olhos, ou mora a Coſſaria da minha vida.

OBRA

# OBRA APOLOGETICA, OU TANHO DISCURSIVO

## *Contra a esquivança, e tyrannia feminina,*

### A HUMA SENHORA,

*Que abominou o nome de Seringa.*

OS nomes, minha Senhora, ha de v.m. advertir que hũas vezes saõ letreiro, outras parecem pasquim; hũas vezes gálla, outras alcunha; hũas vezes epîteto, e outras sambenito. Vay isto de que na grande freguezia da vaidade he Cura o capricho, e Pia a affeiçaõ do gosto; e entaõ sahe-vos hum Periquito com estrondos de Polifemo. Que se chame Rosa, a que o Ceo á maõ tente fez linda, faça-lhe muy bom proveito; mas que se chame Paschoa a que nasceo com cara de Quaresma,

nun-

nunca lhe elle preſte. Eu conheci Maria da Luz, que podia ſer cirio de pez; e Maria Angelica com cara endiabrada: e finalmente, quantas baptizadas em Bellas, eſtaõ hoje vivendo em Turpim!

Naõ he iſto ſó nas mulheres, que eſta praga he macha-femea. Eu conheci homem galhardo, que ſe chamava Fulano Camello; e conheci homem Camello, que ſe chamava Fulano Galhardo: chamaõ-lhe a iſto teſtimunhos da pia, e traiçoens da natureza. Por iſſo ponderava bem, quem bem ponderava, que traveſſa rapazia chamava ao dizer injurias, chamar nomes; porque ha peſſoas, que o meſmo he chamá-las pelos ſeus nomes, que dizer-lhe injurias. Ha homem, que ſe chama Fulano Cavallo, e talvez ſe póde contentar com o Cavallo, ſem occupar o Fulano. Fulano Leitaõ ja eſtá recebido, como ſenaõ pudera vir a ſer porco. Fulano Coelho, tambem ſe pudera chamar Fulano Macho, viſto acharem todos que o Macho naõ tem melhor apodo, que Coelho. Fulano Sardinha he o meſmo que Fulano tolo; porque Sardinha ſem ſal he o meſmo. Fulano Lamprêa, he quaſi o meſmo que Fulano Quareſma; porque, acabada a Quareſma,

teſma, acaba a Lampréa, e fica hum homem pelo carnal com hum ſobrenome de eſcabeche; e tanto pelo tanto pudera chamar-ſe Fulano Roſmaninho, que tambem da Paſchoa por dianre começa a ſer raſtolho.

Agora com Fulano Perdigaõ eſtou bem; que inculca bom termo, e Cavalheiro, e he epîteto, que parece taõ bem ſobre nomes, como ſobre meſa: e finalmente mais hey de pôr pelo Perdigaõ ſó com hum eſpeto, que pelas Aguias do Imperio com todas ſuas armas; os Fulanos Borralhos, e os Sicranos das Neves, lá tem ſua ſerventia: eſtes para a Sytia, aquelles para o Noruega.

Com os Fulanos Pereiras, e com os Fulanos Carvalhos naõ eſtou mal; porque os primeiros tem frucța, e os ſegundos lenha: ſó o que naõ ſoffro he o Fulano Figueira, que com o meſmo cuſto ſe podia chamar Sicrano Cinnamomo; que, ſobre ſer arvore menos commũa, he mais bem aſſombrada.

O que póde tolerar-ſe ſaõ os ſobrenomes de adubo, como, *verbi gratia*, Antonio Pimenta, que naõ he de todo deſtempero, por aquella parte que tem de adubo. E dando por eſcrita

eſta carta de nomes, procede a inconformidade delles, de naõ hazer Juiz da Pia neſtes Reynos, havendo Juiz dos enforcados, que inda que he de mais honra, naõ he de tanta importancia. Daqui naſce o andar a libré enxovalhando o Tavora; a parrilha o Gouvêa; a molhelha o Silva, e o chocalho o Mendoça: que quando hum Principe quer pôr hum ſobrenome de ſua caſa, ha miſter mandá-lo primeiro á barrella.

Nem mais, nem menos, ſuccedeo a Seringa. Apatifaraõ-lhe o nome no entrudo, e depois puzeraõ-lho por epîteto: veja v. m. que tem que ver o inſtrumento da patifaria nas inquiriçoens da belleza! Quem fez hũa moça Seringa, e formoſura? O certo he que quem fez Seringa a formoſura, pudera fazer cryſtel o cryſtal. Mas he muito para advertir, que iſto de nome he talvez hũa ligeira carépa da peſſoa nomeada, que ainda que altere a pelle, naõ desfigura a carne; que aſſim cuido que o definio o Allivio de triſtes na primeira parte do ſeu cemiterio amoroſo, e deſaſtre diſcurſado, verbo: *Arrieyro de cryſtal*, com que a pezar do epîteto póde ſer o ſujeito luſtroſo. Seringa naõ ſerá nome, ſerá teſtimunho: e eu me convenço, que

quem

quem a eſta Ninfa chamou Seringa; era magano de eſguicho. Mas para que v m. veja que debaixo de hum ruim nome jaz hũa grande Ninfa, ſupponha que aqui acaba o Prologo, e começa a Obra.

NAſceo Seringa filha de hum homem taõ branco, e taõ claro como agoa, corrente como ella, e limpo como areado, porque naõ menos que o Rio Nabam era o pay da moça. Ella Ninfa de todos os quatro coſtados, com ſeu cothurno pór çapata, ſeu arminho por mantéo, ſeu deſdem por galla, ſua modeſtia por mantilha, com ſeu bocado de Zefiro, que lhe penteava o cabello, e ſeu Cupidete, que lhe andava ao rabo: e ſobre tudo iſto era ſuſpirado impoſſivel, e idolo de carne, e oſſo, naõ menos que do Deos Paõ, que era hum Fauno, Sátyro mór dos Deoſes, e Vice-Demonio dos bodes.

Deſde menina aſſim foy Beata de Diana, como conſta de ſua lenda, profeſſando a abſtinencia de cabrito, deſde aquelle dia, que a ſeguio o Sátyro: e foy hũa tollinha; porque ſe ſe deixa cazar com o bode, tem dalli paõ para a velhice.

Tomou o eſtado de Convertida, por fugir de peccadora; feſtividade, em que houve canas: correo-as o Sátyro, pagou-as Seringa; mas nem por iſſo mal parada, que naõ ſaõ as canas de taõ pouca valia ao menos em Caſtella, onde ſaõ uſadas dos mais velhos, e dos mais venerandos; e coſtumaõ jurar por eſtas canas, como ſe juraraõ pelas barbas. Naõ as reconhecem menos as Conquiſtas Portuguezas, onde os homens de melhor engenho fizeraõ açucar das canas: que deſta eſpecie foſſem as de Seringa, naõ he novidade para os entendidos; porque quem diz Ninfa, ſuppõem melindroſa, e açucarada. Pois que mal veyo com Seringa à confeitaria? Que mal a Caſtella; onde eſtavaõ bem aviados os páos de chocolate, ſe naõ houvera canas de açucar? A meſma canéla tem reſpeito á cana, e ſe naõ pergunte v. m. á natureza, porque pondo-nos nas pernas as canélas, nos quiz pôr nos braços as canas? E reſponderey eu por ella: Que naõ merece deſprezos couſa que todos trazem em braços.

Bem aviados eſtavaõ os ſenhores, ſe naõ houvera canas; porque mal pelo linho, ſe naõ houvera rocas: com hũa cana ha de ir-ſe muito a tento, porque com hũa roca fia-ſe muito delgado:

gado:

gado: com hũa cana naõ ha gracejo, porque em hũa roca ſe falla de ſizo: e ſe a methaphora tivera mais equivocos, ainda a cana tivera mais creditos. A cana no encaniçado, he throno das flores; na parreira, fitial das plantas, e na vinha almofada das uvas. A cana até nos eccos da pronuncia grangea creditos de avantajada. Canario, he o melhor paſſaro; das Canarias, he o melhor vinho; de canudos, he o melhor ovo; e ainda ſobeja o canario á viola, que tambem podia entrar na dança: pois que mal eſtá Seringa em cana? Taõ máo he pertenderem a cana de açucar os confeiteiros; e prezarem a cana fiſtula os boticarios? Se a deſprezaõ por Gentia, ja convertida he cana Cathecumena: ja naõ ha doutrina, a que naõ aſſiſta, e até os mais traveſſos rapazes a trazem ſobre a cabeça. Quem tem malquiſtado Seringa, ſaõ as cryſtalleiras; por ſua culpa a traz muy atrazada o contrato de Sodoma: naõ he ſenhora de ſi a pobrezinha, porque todos andaõ com o olho nella; mas naõ he ſó ſeu o delicto, que, a lhe naõ darem ajuda, nunca ſe mettera neſſe debuxo.

O que tenho contra ella he aquillo de fugir aos requebros, que baſtavaõ ſer de hum bode

au-

authorizado com barbas no rosto, para que hũa Ninfazinha de agoa doce lhe naõ perdesse o respeito: he verdade que a formosura he o Ceo da terra; mas ja que no Zodiaco celeste habita hum carneiro, bem podia hum ceo de carne accommodar-se com o signo de hum bode.

Mas em fim, naõ quer o amor que, por mais que se esbrabeje a fineza, tome com as mãos o Ceo da formosura. Diz v. m. que elle foi hum Satyro, que se naõ atreveo; como se dissera que as ousadias saõ degráos da ventura: e eu digo melhor que saõ polés da desgraça: na escada do atrevimento está talvez o alçapaõ do destino; lá se avenhaõ os affoutos, que o escorregar tambem se fez para o subir, e o destino atraiçoado mudou a calçada da gloria para o lagar do cebo.

Por estas ouzadias andaõ ahi os livros cheyos de cambadellas. Pergunte v. m. a Faetonte, quem o fez torresmo das fabulas, e vinte e hum queimado das historias, senaõ o querer ir dar hum passeyo na sege pelos arrabaldes do ceo, como se naõ morara para aquelles bairos Madama Zona torrida, que logo dalli o mandou bugiar á Chamusca.

Pois

Pois ſeu contemporaneo Icaro, Patriarcha que he hoje dos deſazados, bolatim que foi entaõ dos cerieyros, tambem devia de trepar namorado, conforme o vimos deſcer derretido. Pois veyo elle lá de cima bem depreſſa, porque ſe lhe gaſtava a cera: quando aqui chegou, naõ trazia ja mais que hum coto. Para o vento fora de véla, para a quéda fora de aza; e finalmente a tal ouzadia lhe naõ deixou nem a cera na orelha.

Naõ me aconſelhe v. m. mais atrevimentos, que eu, ainda que para me atrever ſou hũa braza, tambem para me derreter ſou hũa cera. Finezas atrevidas ſaõ hereges do amor, que confeſſaõ o Santo, mas perdem-lhe o reſpeito ao vulto. O Amor naõ he pay de velhacos, ſerá enfermeiro de potroſos; porque os ſeus ſubditos mais devem ter de rendidos, que de affoutos.

Iſto de querer quer geito, que a força ſerve para os murros, e naõ para os carinhos. Amor por força, he amor á gateſga; e he contra os mandamentos do anno andar deſflorando Mayos em Janeiro.

Enſinua-me v. m que a fineza ſe quer com golpes, e deſvios; aſſim ſey eu que ſe joga a eſpada

pada preta, e naõ que se requeste hũa mulher branca. Ahi naõ ha fazer as finezas malhadeiras; que as finezas poderáõ ser fornalhas, mas naõ bigornas.

Se a fineza, na opiniaõ de v. m., morre de mimosa, e acaba satisfeita; morra que lhe preste, que naõ estaõ obrigadas as finezas a morrerem ás pancadas, nem os polvos a serem finezas. Isto de morrer farta, naõ se fez só para Martha; que as apoplexias naõ saõ morgado, nem a fineza come em vaõ de Cupido.

O ponto he que a esquivança trate de se apear do poleiro, que naõ hemos de soffrer hum capaõ com imperios de gallo. Metamo-nos todos em hum andar, e onde o humano he foro, naõ seja desafforo o inhumano. Ás ariscas sey eu que, nascendo no Palacio de Nero, vieraõ a morrer no hospital do mal trapilho. Estas, que andaõ impando de queridas, vem talvez a entisicar de deixadas: vem comummente a morrer daquillo, com que queriaõ matar. Por isso hum moço chamado Ovidio, velhaco de gentil entendimento, pôs a tyrannia de pedra miuda, que naõ he outra cousa hũa travessura, por nome methamorphoseos, mais que hũa discursada aveira da esquivança.

Aglau-

Aglauros, Ninfa, que val o mesmo que agreste, (filha de Fulano Cardozo, e Sicrana Alcachofra) que vendia reynol de espinho, e ainda que era a Chéfe das Silvas, por naõ querer emendar-se de preciosa, morreo de dôr de pedra.

Anaxarte, dizem que tinha hũa negra condiçaõ, pôs hũa muda, e ficou como hum jaspe. Naõ sey que se diz de hum certo mocete, que lhe pedio hum favor: ella mandou-o pôr n'uma força, elle encolheo os hombros, mas estirou o pescoço; ella foy o carrasco, que naõ tinha outro genio: elle era obediente, deixou-se enforcar en el aire; só levou o pezame de naõ achar hũa regateira, que o gabasse: em fim, elle morreo em tres páos, e ella em hũa pedra.

Scylla, que he o contrapezo de Carybdis, (ou de quem Carybdis he contrapezo) Ninfa, foy arranha cavallos de Glauco, que era hum Deos Marinho de pouco momento, cousa assim de Alfamista de Cupido; assentaõ outros que era Pampulheiro. Scylla vendia sem sal, mas pô-lo na moleira a Glauco: elle dizem que foy ter com Circe, por naõ achar outro Cirurgiaõ mais perto. A Circe, que era hũa feiticeira, de puro carinhosa, fez sobre isso taes conjuros, que deo com

a pobrinha de Scylla em Pedrouços: como era ainda rapariga, dizem que morreo em cachopa. Deixaraõ-na os fados em herança á rhetorica culta para defcripçaõ do rifco, que em Caftelhano he penhafco.

Niobe, belleza jactanciofa, (vejaõ fe feria tyranna) com cabedaes de foberba, muy prezada de piaõ de filhos, fem rebuços, nem medos, tomava para fi toda a gloria dos Partos; porèm levou-lhe o diabo as crianças com a Deofa dos latoeiros, (digo a Deofa Latona) que, indignada do feu atrevimento, a pôs no Pedrado: fentio isto infinito a Deofa Niobe, e ahi veyo a morrer a miferavel no Seixal, ainda que dizem outros que em Alpedriz.

Naõ quero trazer mais exemplos ás arifcas, porque naõ cuidem que para emendá-las lhes metto pedreiras: lá fe avenhaõ com as fuas efquivanças, mas faibaõ que Cupidilho, em lhe chegando a moftarda, deixa final nas pedras. E fe no Amor fe póde achar odio, elle o tem a eftas bugias de cheiro, e fedorentas de genio, que vivem no bom retiro com carinhas de nojo, e beicinho de efturro, com o eftomago embrulhado, e o defvio defenvolto; que em certa occafiaõ, pa-
ra

ra ensinar hũa destas, foy Cupido, e mandou bugiar a aljava, e elle mesmo se entezou no arco por setta, e deo comsigo em Clori; por sinal, que como se frechou com a cabeça para a corda, foy, e deo-lhe á moça cos pés n'alma, depois de lhe ter feito no estomago hum buraco, que lhe caberia este punho.

O diabo leve a Diana, (e naõ faria nada de novo) que ella foy a Luthera da esquivança, e a Arria da inteireza; que em tempo de Valdevinos andavaõ ás donzellas pelas estradas mais desvalidas que carne de porco em Turquia, e mulheres em Sodoma.

Isto quem? Diana, depois de jurarem duas Corujas que mais de hũa noite a viraõ occupada com Endimiaõ, hum certo Pepino racional. Esta tal foy a que prégou a abstinencia dos homens, Missionaria dos melindres: e neste caso vay o pobrezinho de Pigmaleaõ, e sahe-se namorado de durezas, como louco de pedras, esmorecendo pela sua estatua, que cada hum he louco com a sua criança: e a naõ ser a abençoada de Venus (que nunca lhe a maõ dôa) está o pobre a estas horas mettendo os dentes em hũa pedra.

O certo he que estes, que tomaõ o arco de

Venus, a quem hum prégo pareceo hum cravo, saõ as alquilés de Cupido. Por isso disse bem hum certo Nones de França, vendo andar os outros aos pares rabiando por Madama Flor de Liz, (que era duro bodoque da bésta de Diana) o preclaro, e tenebroso Apollo Castelhano:

Dixo bien Dudon un dia
Viendo darla tantas bueltas:
Basta señores que andamos
Tráz la paja muchas bestias!

Tenho-me eu commigo, que sempre tratey a tyrannia como hũa Podenga. Foy Postilha, que me deo a natureza. A' Rosa, que he jeroglyphico de formosura arisca, pintou a natureza affogueada; e aquillo, a que os Poetas chamaõ purpura, chamo eu çamarra: com que no cadafalso das flores sahe de fogo revolto a esquivança. A belleza, que picar de Rosa, naõ ha mais que fazer-se amante de botica. Naõ ha para a Rosa purgatorios, como os Boticarios: alli purgaõ os espinhos os máos humores da crueldade na estufa do lambique.

E para que demos hum nó no quebrado fio deste discurso, se v. m. tem contra Seringa o nome, eu tenho contra ella a crueldade. Aqui assento

fêto à catana Apologetica, pedindo ao Deos Cupido que reparta com os fieis muito deste meu genio; para que, propagada esta proveitosa seita do desprezo, extirpadas as herezias do melindre, se extinga nas Mercieiras de Nero a confraria da crueldade.

Mais: para que os homens, naõ se deixando albardar do descortez arrieyro da formosura, vivaõ sem o freyo da tyrannia, zombem da espora da esquivança, campeem sem a vara da inteireza; antes espojados no terreiro do gosto, dem hum couce nas estrellas de Cupido.

RES-

# RESPOSTA
## A HUMA OBRA,

*Que escreveo, sobre as Festas que se fizeraõ em Cintra a 10., e 11. de Settembro do anno de 1720.*

## O VENERAVEL IRMAÕ
# BANDALHO
## DO DEZERTO,

*Ermitaõ da Peninha.*

## ESCRITA PELO HUMILDE IRMAÕ
## PEDRULHO DA CHARNECA

*Ermitaõ da Penha de França.*

### VENERAVEL IRMAÕ

LI a vossa carta, por hum privilegio, que tenho da escóla; porque, ainda que Ermitaõ indigno, sey ler taõ bem cartas, como vós escrevê-las, e de entre ambos, venha o démo á escolha. Digo-vos, que nella vos está sahindo a ermitanice pela penna, como a outros

outros á falvajaria pelos olhos : até ahi Ermitaõ! Porque nem mais rombo, nem mais charro, nem mais infulſo ; epîtetos todos de hum Ermitaõ legitimo : o que tem , que vos aponto eu com Povos em França. Naõ me deixará mentir a voſſa carta.

Tomára ſaber que tentaçaõ foi eſta, que vos paſſou da ſáccola á eſcrivaninha ? Para pegares em taõ bem aparada penna , deixaſte da maõ a bacia ? Naõ era para vós mais propria , mais trataveI , e mais accommodada a almotolia , que o tinteiro , e a poeira ? Mettéis-vos a compôr Mercurios , que mais vos ferviráõ de borrar papel , que de eſpalhar noticias ? E que dirá agora a veneravel recua de corpulentos , roliços, e bem curados Ermitães , que obſervantes auſteros de ſeus ſaudaveis inſtitutos , naõ ouſaõ ſahir da pirangueira derrota de Pechelingues devotos , andando a corço da eſmóla pelas enſeadas de Lisbôa , e fazendo agoada no porto da Piedade regateira?

Que diraõ aquelles, que, eſtrugindo os populares ouvidos com ſeu ſonoro brado , gaſtaõ ſua ronceira vida por eſſas praças , e por eſſas ruas , ratos da ſáccola , e corujas da almotolia ?

Que

Que diraõ os que com a capa curta, a ſotana cebenta, o chapeo feito corcova, vaõ armando ás paſſagens ao mais recatado real e meyo, no ramo da bacia, com o reclamo do: Quem ſe eſtrea?

Que diraõ todos eſtes occupados em ſeus proveitoſos exercicios, em perpetuo, e incanſavel giro, requeſtando na colareja a fructa, na ſaloya a cebola, na couveira a chicoria, na pexeira a ſardinha; ſem mais diverſaõ, que a que lhes permitte a ſympatîa originaria de Ermitaõ á Ermida, recorrendo á mais retirada, aonde o campanario do louro convida para a oraçaõ de hum quarto? Eſtes ſim, eſtes, ſem adulterar os obſervados eſtatutos de ſua vadiarîa recôleta, vos eſtaõ condenando a empreza peregrina, em que deſnaturalizais o nome Eremitico, occupando-vos nas noticioſas tarefas de gazeteiro.

Meu Irmaõ, tende entendido que a hum verdadeiro Ermitaõ, em materia de cartas, naõ ſe lhe permitte mais que o truque. Iſto ſuppoſto, venha a voſſa carta a juizo; que eu, poſto que indigno deſte balandráo recoleto, tambem ſou dos Ermitães, que deſejaõ abrir as cartas de ſeus Irmaõs, para ver a orthographia leiga, e a Latinidade charra; e cumprio-me Deos meus de-

ſejos

ſejos com eſta voſſa carta, que ainda que na orthographia virá juſtificada, tambem deo com hum Ermitaõ de conſciencia, curioſo de fazer a ſua anatomîa em bom Portuguez, como vós no máo Latim.

Mas advertira-vos eu de caminho, que, ja que ſois Ermitaõ, como o moſtrais na carta, vós naõ mettais a Proſodia, nem a orthographiſta; que o mundo he hum corpo a modo de gente, que tambem vive com máos humores: e ſe naõ houver eſta licença, bem aviada eſtá a voſſa carta. Deixay a critica para outros, que tem mais fogo; que por eſta carta o que ſe infere, he que eſtais baldo do naipe.

Meu amigo, hũa carta jocoſa ha de ter o gracejo por frontiſpicio; logo a introducçaõ divertida, por pateo, até paſſar á fála do aſſumpto, em que todo o ornato ha de ſer jocoſo. E vós ſahis com hũa inſcripçaõ fóra de tempo, ſezuda, e Catholica, de que uſaõ para edificaçaõ os ſervos de Deos, e os de bõas conſciencias, em ſuás cartas; e desbaratais logo com a critica das cartas Ermitôas, que ſem dûvida ſeria hum preludio engraçado, ſe todos tiveraõ o voſſo voto. Meu Irmaõ, muy eſquecido eſtais do Preſepio;

ſepio; em corpo de palha, naõ ſe põem cabeça de Anjo. Ou eſta voſſa carta he jocoſa, ou ſeria? Se he ſeria, para que he aquelle principio jocoſo? Se jocoſa, para que a deixais taõ eſpuria de graça? Jocoſeria naõ he ella, que eſſe methodo dá-o Deos a quem he ſervido.

He o voſſo primeiro emprego copiar a Imagem da Senhora. Arrojaſte-vos ao raſgos, mas fraqueou-vos a valentia no raſcunho.

Muitas vezes vi eu aquella Soberana Imagem, que ao mais perito Phidias deveo o avultado; ao mais primoroſo Apelles o colorido. Vi, e admirey todas as patéticas expreſſoens da magoa mais profunda, e taõ vivamente expreſſada, como ſe a meſma dôr tiraſſe ao Artifice da maõ a goiva, para que ſó ella a imaginaſſe, ou o Artifice fizeſſe da dôr goiva, para que ſe exprimiſſe. Ficando taõ animada a repreſentaçaõ doloroſa, que os que a ſeu altar chegaõ devotos, ſahem delle compaſſivos. Supponho que eſte era o conciſo deliniamento, com que querieis propôr a Imagem á contemplaçaõ dos leitores, mas cahio-vos o tento, e perdeſtes o retrato. Mas ficay advertido; nunca com pincel de pinta momos vos atrevais a copias peregrinas.

Naõ

Naõ poſſo deixar de condenar a voſſa penna ou de eſcaſſa, ou de eſcoteira, quando vendo toda eſta Corte trasladada a Cintra, ſe deixa ficar muy enxuta, dizendo eſtas poderoſas, mas eſpurias palavras: *Houve hũa taõ eſtrondoſa ſolemnidade, que vi a Terra de Cintra convertida em Corte.*

Com que mais ſahira Franciſco Rodrigues Lobo, ou que menos, e mais novo, diſſera o Author do Auto de Maria Parda? Aqui, Irmaõ, he que ſe aperta a penna, para reforçar a elegancia: que para ſe igualar com o aſſumpto, ha de voar remontada. *Verbi gratia*: Ja a Serra de Cintra, vendo-ſe admittida a Palacio da mais eſclarecida Nobreza, parece ſe elevava de ſoberba, antes que de empedernida; querendo fazer ſynonymos a grandeza do ſoberano, e o material do elevado. Agora parece que alcançava o ſegredo de a veſtir a natureza de taõ numeroſa, e avultada penedîa, como offerecendo-lhe, para a noticia que devia dar á poſteridade de taõ feſtiva grandeza, ſe para obeliſcos o avultado, para inſcripçoens o numeroſo.

As copioſas, e repetidas fontes de freſcas, e ſaboroſas agoas, cryſtallinos Phaetontes da-

quellas penedîas, que precipitados no verde E-
ridano de viçosas plantas, fecundaõ para suas
exequias frondosas alamedas. Trocando o viço-
so sitio de Cintra em Portugueza Thesalia, po-
dieis dizer: Que nellas anticipara a natureza
cryſtallinos eſpelhos para os Narcizos da genti-
leza, e tranſparentes tanques para as garças da
bizarria. Fechando a deſcripçaõ de terreno taõ
bem occupado, como theátro do feſtejo, ſem
invejar a Roma a gloria de ſeus Circos, e Am-
phitheatros; theátros de ſeus feſtivos jogos, e
paleſtras para ſeus pugnadores brutos.

Depois que deſcreveſtes á gineta o tabla-
do, e puzeſtes á curta o terreiro, eſtá galante a
propriedade com que introduzis por inſpectores
a curioſidade, e a devoçaõ! A devoçaõ, bem
podieis vós deixá-la ficar em caſa, que ella alli
eſtava ocioſa; porque vir ver feſtas, naõ he cor-
rer Vias-ſacras. E quem vay com devoçaõ buſ-
car hũa Senhora milagroſa, naõ ſe lhe dá lá que
façaõ tourarias na Praça. Aos freguezes pios da
Senhora da Piedade, meu Irmaõ, naõ lhes he
neceſſaria a adherencia da feſta para a ſua Roma-
ria; porque antes querem achar a Ermida occu-
pada com devotos, que o adro com touros: e
naõ

naõ vaõ fóra de propoſito; porque vay muito de correr touros, a correr paſſos. Aſſim podieis mandar recolher a figura da devoçaõ para o veſtuario, e confeſſar que naõ acertaſtes com o nome ao auditorio. Que vieſſe a curioſidade, ſeja embora; mas era neceſſario enfarinhá-la, nos Cavalheiros, de taſulharia; e nos plebeos, de eſturdia.

Vamos á narraçaõ da veſpera. Ainda naõ vi fogo taõ frio. Dizeis que houve algum do ar; quanto ao eſcrito, todo eſtá raſteiro: elle lá duraria muito, que quanto aqui, tudo ardeo logo. Eſte, ſem dûvida, foi o unico fogo ſem linguas, porque nada diz; elle me pareceo fogo ſalvagem. O Prégador, que prégou pouco, he que prégando vos remedou os periodos eſcrevendo: eſtá livre, e abſolto de deliᶜto, que foi alto ſegredo da Divina Providencia o ſer Caetano, para ſahir predeſtinado.

Confeſſo-vos que ſobre tudo me exaſperou a incapacidade Ermitôa, com que vos arrojaſtes a eſcrever a entrada do noſſo Monarcha, acompanhado da mais eſclarecida Nobreza, quando de Mafra (Egypto Luſitano, em que vay creſcendo a ſagrada Pyramide de ſua Real beneficencia,

cia, e piedade) passou a Cintra. E naõ pintais vós a Cintra estremecida, e ensiada de se ver elevada ao desvanecimento de Real hospedaria, com privilegios de Palacio, e magestades de Throno? Pasmado o incançavel vulgo de sua penedîa, aos eccos da saudade invejosa de Lisbôa; e as povoaçoens crystallinas de suas numerosas agoas, ou emmudecidas do respeito, ou coalhadas do assombro? Mas assim entrais com pés de lãa, assim com a calada da escritura no catalogo da Nobreza, que parece que antes ides a furtar, que a expôr a noticia.

A q̃ dais do Cavalleiro deste dia, me pareceo hũa exhalaçaõ da penna. Assim estreitastes o miseravel no aperto de duas regras, q̃ me parecia está-lo vendo na sélla, antes como capucho, q̃ como Cavalleiro. Ainda assim vos está muy obrigado, porq̃ correo por vossa conta o sahir á gineta. Mas seria contra as regras da Arte, se elle sahio taõ curto de estribos, como vós de encomios.

Ainda naõ vi festa de cavallo com narraçaõ taõ escoteira: em fim, ficou o pobrezinho na vossa penna sendo ephimera da cavallaria; eu supponho que atégora ninguem tem dado fé delle pela escritura, e entendo que devieis vós de algu-

alguma ſorte, que ſempre faria alguma, encorporá-lo em mais larga, e plauſivel noticia, eſtendendo-lhe nas vozes da penna o victor da garrochada. Mas vós o ſyncopais de modo, que, graças ao adagio, ſe ha quem faça de hum argueiro hum Cavalleiro, vós fizeſtes agora de hum Cavalleiro hum argueiro. Meu Ermitaõ, ſe vós havieis de tomar taõ mal o refego ás figuras, quem vos metteo a alfayate das feſtas?

Agora na desfeita della, acabado o dia, fizeſtes bem em alinhavar a eſcritura na Real retirada; porque o reſpeito faz abater os voos á penna, por mais que favorecida da elegancia, ſempre pobre de pleonaſmos para Mageſtoſos aſſumptos. De hum Monarcha, baſta dizer-ſe que fez aſſiſtencia; iſſo ſobeja para ennobrecer a noticia: mas naõ vos havieis de ir tanto atraz do choro do ſilencio, ou metter-vos tanto na roda do recopilado.

E ja que, ao montar o noſſo Monarcha a cavallo, fizeſtes reflexaõ no bruto ſoberbo, porque a naõ eſtendeſtes ao mais heroico periodo? As horas vos lembravaõ o carro do Sol, de que podieis tirar hum cavallo, para o melhorares de exercicio. Quinto Curcio vos offerecia o Bucefalo,

falo, para o adiantares de Cavalleiro. Os Poetas vos punhaõ diante o Pégazo, em que podieis fazer a mayor lizonja a Apollo, apeando delle a Perſeo, Principe da Aſſiria, e pegando no eſtribo ao Monarcha da Luſitania; e ſahis no cabo com as creſpas palavras: *Soberbo por taõ grande Cavalleiro*: ſem advertir, que o grande, para o noſſo Monarcha, ainda vem curto; e que na Grammatica Portugueza naõ exprime o nome de Cavalleiro mais que a prenda de andar a cavallo. Meu Irmaõ, naõ vos mettais em reflexoens heroicas, com elegancias cerceadas.

Mas vamos á veſpera do ultimo feſtivo dia, e á viſtoſa eſcaramuça, com que o mais eſcolhido da Nobreza authorizou a praça. Digo-vos que tendes hũa proza muy timorata; porque, por mais que lhe grite o aſſumpto, nunca bota as mãoszinhas de fóra. Tomara ſaber para que ſe fez o Labyrintho de Creta com o tecido, e engenhoſo de ſuas voltas, ſenaõ para apoyo, e encarecimento de deſtras eſcaramuças? Sendo cada Cavalleiro hum Thezeo induſtrioſo, que, mettido em hũa continuada volta, naõ perde o fio da ſua eſquadra, tendo a melhor Ariadna na ſua deſtreza. Eis-aqui para que ſe fez o Labyrin-
tho

tho de Creta, porque o mais he fabula.

As contoadas, e alcanzias deſpedidas de mãos robuſtas, e reparadas de vigilantes adargas. que outra couſa era mais que hũa figura da paleſtra de Marte, em que elle ſe eſtava vendo, naõ ſó multiplicado, mas excedido? Para que ſe fizeraõ as methaforas, ſenaõ para raſcunhos de acçoens luſtrozas?

Que outra couſa era aquelle Marcio jogo, ſenaõ hũa inventada tormenta, offerecida aos olhos do goſto, e naõ do ſuſto? Os Cavalleiros, relampagos no aſſalto; os cavallos, ventos no movimento; as alcanzias, trovoens no eſtrendo, e os meſmos brutos, banhados em eſcumas, montanhas cubertas da inundaçaõ das agoas. Eis-aqui o eſtylo aſſimilhando-ſe ao aſſumpto: e vós ſahindo com hũa narraçaõ em oſſo, em que a noticia antes ſabe a açoutar envergonhada, que a eſpalhar novidades bem ouvida.

Mas naõ me póde eſquecer hũa expreſſaõ encarecida, em que imaginaſtes que tinheis eſtancado a rhetorica; e dizeis: Que na deſtreza, com que corriaõ os Cavalleiros, antes parece ſe cançava a viſta dos que reparavaõ, que a ligeireza dos cavallos, que corriaõ; e em bõa

confequencia, fegue-fe: ( perguntay-o aos Philofofos ) que os cançados eraõ os cavallos. Irmaõ, aquelles cavallos naõ podiaõ cançar taõ depreffa, porque, antes que dromedarios com féllas, eraõ exhalaçoens enfreadas. Nem eu fupponho que entraffe alli cavallo oppilado, para vos offerecer o conceito: que mais differeis vós de hum murfélo do tojo, e de hum quartago de ribeiro? Que mais do rocinante do Quixote, que em duas vezes de galopeado fe eftendia defengonçado no terreiro? Meu Ermitaõ, nas cavallarices dos Grandes naõ ha ciatica, nem gotta: e até os pombos fe criaõ para aguias; porque em virtude do Pégazo, para Cavalleiros remontados, nafcem com azas até os potros. Sou de parecer que, para outras efcaramuças, vos naõ mettais nas voltas. Eis a vefpera do ultimo dia. Alli com admiraçaõ vi o fogo, difcipulo do fumo, porque como o fumo defappareceo o fogo. Eu naõ eftou muito nos meteoros, mas todo o fogo foi hũa exhalaçou. Algum fantiamen devoto devia fer o fogueteiro. A eftoupa do Papa naõ arde mais de preffa. Grande homem perdeo em vós a Noroega, para zombar das fuas fombras diuturnas, na induftria que ten-

des

des de fazer as noites pequenas. Bem podeis ter a gloria de lograr hũa penna com virtude de eſtancar fogo: e bem póde Lisbõa comvoſco mandar bugiar as bombas do Senado.

Bom ereis vós para Miſſionario das Veſtaes: lá hia n'um ſopro o fogo ſempiterno. Sou de parecer, que nas Feſtas naõ ſejais o mordomo do fogo, viſto ſe vos acabar taõ depreſſa a polvora da proza. Mas vós podieis chegar-vos áquelle adagio, que eu naõ entendo, de que deixar ás eſcuras, he deixar ás bõas noites; e dizer que, por melhorares de noite, abbreviaſtes de lume.

Chegou o dia: Toureou o Duque, reduzindo a valentia, e a deſtreza a todas as regras da Arte. Eis-aqui como vos havieis de acolher ao laconico, ja que vos faltava o frazeado. Mas vós mui affouto de conceituoſo, e de rhetorico, entrais com o Duque na Praça, e ſahis com hũa fanada, e encolhida ethopeya, que quer dizer expreſſaõ de acçoens da peſſoa, debuxando as virtudes, as forças, as deſtrezas, e as cavallarias do Duque D. Jaime.

Quanto ao jogo equeſtre, meu Ermitaõ, aquellas prendas, ainda que as cultive a paleſtra,

ſaõ bem empregados diſpendios da natureza; e ſaõ neceſſarios todos os primores do artificio rhetorico, para lhe exprimir o natural, e o adquirido.

O Duque he hum Alexandre Luſitano em mandar os cavallos, e hum ſegundo Theſeo em domar os touros. Deſtro, e robuſto. A valentia lhe inſpira os arrojos, e a deſtreza lhe conſegue os acertos. Quanto ao genio, aſſim redundaõ em ſeu eſpirito as generoſas qualidades da grandeza, que até ſe lhe participaõ ao exterior da eſtatura; tendo neſta hũa tal proporçaõ, e harmonia, que bem parecem recommendaçoens da natureza; querendo eſta que ſe lhe deva a induſtria de fazer avultar no corpulento as oſtentaçoens do Soberano..

Vede vós lá agora, com o Pigmeozinho da voſſa fraze, como tomaſtes as medidas a hum eſpirito duas vezes gigante! Meu amigo Ermitaõ, de gigantes, o pincel mais affouto naõ paſſa de hum dedo; e vós naõ vos atrevieis a menos, que a todo o corpo. Pois ſe lhe tomaſtes mal a medida, vede como lhe cortarieis bem a galla. He verdade que quizeſtes pôr aquelle Principe de vinte e quatro, pondo-o de golilha, a que

eſtaõ

eſtaõ mui obrigados os Meſtéres primitivos; porque com aquella eſcuſada advertencia lhe authorizaſtes a ſua antiga móda.

Meu zotiſſimo Ermitaõ, aquellas, e ſimilhantes menudencias, aonde ha tanto heroico, em que exercitar a penna, deve eſtudá-las o deſcuido, porque ſe naõ mettaõ a occupar o reparo. E porque o foi igual o eſtylo, com que fechaſtes o periodo do retrato naquellas taõ elegantes palavras: Porque ao meſmo tempo, em que era mageſtoſo, pelo agigantado da eſtatura, era tambem ſummamente ayroſo; digo que havieis de dizer: Segurando o mageſtoſo no agigantado, nem o agigantado lhe malquiſtou o ayroſo. O que ſuppoſto, deixay a deſcripçaõ dos Auguſtos para os Ciceros; e naõ vos mettais com o coto de hũa penna a medir o Coloſſo da Fidalguia Luſitana.

Quanto aos golpes, que deo no touro, ja ſe tinha anticipado o ſeguro na robuſtez do braço; ſendo os que repetio taõ deſmedidos, que naõ podia negar a eſpada o pulſo, de que fora inſtrumento. O equivoco das ſortes, em ſimilhante caſo, ja eſtá çafado com o uſo; e era neceſſario engenhar outro, em veneraçaõ da novidade do

do assumpto: discreteando que, como sorte he o mesmo que fortuna, estava o Duque com tanto dominio nella, que, a pezar do incidente da sorte, naõ podia ter dûvida o lográ-las, como estava na sua maõ o fazê-las.

Acabaraõ-se as Festas, vamos agora ás mangas. Eu as vejo taõ vazias, e taõ superfluas, que me parecem perdidas. Por certo, que aqui me puz parado a ver a que proposito cirzistes alli aquelle remendo, cozestes aquella quartapiza, e alinhavastes aquella cauda. Allí o que se seguia, eraõ duas palavras ao Duque sobre o seu zelo, e sua devoçaõ, promettendo-lhe, na Piedade da Senhora, hũa fausta posteridade para a sua Casa. E acabou-se a Festa.

Mas introduzires hum Dialogo depois de fechada a Igreja! Metter-vos a estadista de burel, com recordaçoens do antigo, como çapateiro velho! Muy satisfeito de que se renovasse o tempo, em que os nossos Monarchas honravaõ as casas dos vassallos com a sua presença; como se neste nosso seculo o naõ estivessemos nós vendo praticado! Pois a que proposito buscastes esta adherencia, para introduzires a vossa lisonja com sua comitiva de ignorancia?

Naõ

Naõ ſabem muy bem, ainda os Reynos eſtranhos, que ſaõ Pays os noſſos Soberanos Monarchas, que olhaõ para os vaſſallos, como para filhos? Pois de Pays taõ beneficos, que honras naõ eſperaõ huns filhos vaſſallos? Eſſa voſſa prova ja vem tarde para fazer vaſſallo de diſtinçaõ ao Duque, quando outros tem logrado eſſa benignidade. Nem no noſſo Inclyto, Soberano, e humaniſſimo Monarcha ſe póde fazer novidade o entrar em caſa do Duque; porque entra nella como por ſua caſa. Pois ſe iſto he couſa aſſentada, para que he apontar argumentos, que inferem duvida?

Vamos agora ao additamento, ja que quizeſtes acarretar para o aſſumpto eſte taõ improporcionado contrapezo, em vez de cerrares a abobada deſta voſſa deſcripçaõ encartada, dando graças á Senhora, a que ſe conſagrou a Feſta; e naõ metter-vos com tanta traveſſura hiſtoriada a encontrar aquelles amigos, que lograraõ o delicioſo da voſſa practica, e o exemplar da voſſa companhia, introduzindo aquelle Dialogo da Real, e eſclarecida Nobreza do Duque, e ſua Caſa, authorizada com a Real preſença, como ſe iſſo naõ pareceſſe ja foro na ſua Caſa, e

hou-

houvesse neste ponto alguma duvida na Nobiliarchia Portugueza; podendo, sem ires com licença de máo Filosofo a buscar outro meyo, seguir o primeiro assumpto, dizendo: Que naõ era muito que o Duque alargasse a maõ no culto das Imagens, e Casas Sagradas, quando toda a sua vida, sem susto dos Padres Bernardos, he o Esmoler Mór de Portugal.

Nunca o buscou a necessidade, que o naõ achasse com a porta, e a bolsa aberta. He o seu Palacio o celleiro dos pobres, filhos de Santo Antonio; e no Duque achaõ o segundo Jozé, para lhes encher aquelles saccos: e naõ contente cõ ser o seu Jozé para a fome, he o seu Abraõ para a hospedajem; pois no seu mesmo Palacio lhes sustenta hum Hospicio. Deos lhe immortalize a vida, como Feniz da caridade Portugueza, que assim arde em hũa taõ invencivel chamma, que nem na cabeça lhe divisa a cinza.

Com que, meu Irmaõ, o que havieis de dizer para gloria do Duque: Bemquisto, amado de Deos, e dos homens, como exemplar de Principes esmoleres: era o que talvez muitos naõ sabem, que todos os annos dispende em esmólas mais de doze mil cruzados, assistindo a

Con-

Conventos, e Mosteiros de Frades, e Freiras pobres, mandando-lhes trigo, azeite, legumes, e cera para o Culto Divino. Aos Religiosos, que estaõ no Hospicio, dentro do seu Palacio, dá cem moedas cada anno para seu sustento. Na roda do anno veste muitos pobres; acode ás Almas com continuos suffragios de Missas, fóra a quotidiana esmóla dos pobres vergonçantes, que nunca sahem vazios da sua porta, como costumaõ sahir de muitas, e ainda com más respostas.

Pouco tempo ha que deo aos Padres Loyos de Evora hum throno de prata, e hũa Custodia, que se avalia tudo em doze mil cruzados. Finalmente, he o Duque taõ esclarecido, como Catholico; taõ liberal, como Soberano, e taõ bemquisto, como tratavel, e humano; e tem o mais honrado chapeo, que descobrio cabeça de Principe. E porque alcança com a profundidade, e clareza de entendimento, de que todos o conhecem dotado, que a sua cortezia ha de ser como a sua riqueza, que se se naõ dispende, naõ serve: essa he a razaõ, porque hum politico reparou, que na sua liteira naõ se achavaõ corrediças de vidro, mas hum encerado de panno; porque nas cortezias he mais prodigo, que vidren-

to. Grande quináo para Cavalheiros novos, que cuidaõ que a fidalguia he andar de eſtatua, mettendo-ſe a divinos, á cuſta de babozos: que paſſaõ por hum Sacerdote, como por vinha ſvendimada; e por hũa carroça, como por hũa tribuna. Meu Ermitaõ, ficay niſto, que o Duque eſcuzava o voſſo Dialogo para ſeu pregoeiro; porque ſabe todo o mundo que he Grande para ſi, e Grande para todos.

A ſua oxaria he a meſa dos famintos; a ſua bolſa o theſouro dos neceſſitados; a ſua caſa o couto dos perſeguidos, e a ſua grandeza o eſcudo de todos. Aſſim, ſou de opiniaõ que naõ tornєis a cahir neſta tentaçaõ de diſcreto, com alparavazes de noticioſo, e naõ vos mettais a fazer Relaçoens; que noſſos primeiros amos eraõ taõ diſcretos, como grandioſos, e naõ fizeraõ mais que duas, (ſe a hum Ermitaõ he decente hum equivoco) hũa em Lisbõa, outra no Porto. Naõ ſe vos metta em cabeça que a curioſidade Lisbonenſe he tôla, para lhe offereceres aos olhos hũa narraçaõ de todo o eſtofo, que era capaz de deſinquietar a eſcrivaninha a hum Tullio; e no cabo pondes-lha de eſtylo de refugo, e de fraze enſoſſo: o que importa he emendar, que naõ

ſois

fois vós taõ grande, que vo-lo naõ possaõ fazer, e attender, que em outra materia naõ sey que possais dar dias santos; mas nesta sey que naõ podeis fazer folhinhas, porque naõ acertais com as festas.

E tornando-nos a enfronhar no nosso burel, o meu lagarto, daqui da cova da Penha de França, se vos faz lembrado. Elle atégora aqui estava entrevado de velho, sem lhe servirem quantas mulêtas aqui o estavaõ convidando: mas com hũa piedosa maõ de unto, que lhe deo algum official mezinheiro, sahio como de novo; com que nelle, quando menos, temos o Feniz dos lagartos. Tomára que o vireis, que parece hũa criança, e ha bem poucos annos que era hum lagarto mais velho que a serpe. Naõ faltaõ curiosos a fazer-lhe visitas, e dizer-lhe graças. Elle dissimula tudo, que he graõ lagarto. Aos Domingos he a sua çafra. A Alfama em pezo o visita em romaría; e elle alli está como hũa besta de páo, de quem disse hum discreto o outro dia, que só agora se lhe podia applicar aquelle axioma da escóla: L. lagarto, P. pintado.

Dou-vos esta noticia, porque naõ cuideis que os lagartos da Penha saõ lá como as osgas da

Peninha; e para que tireis daqui hũa proveitosa cautéla, que vem a ser: que vos naõ affouteis a pôr-vos em campo com pernas de lagartixa; porque vos póde sahir hum lagarto. Deos vos guarde, q̃ naõ falta aos bichinhos da terra.

Desta minha bruta, tosca, e empenhascada gruta da Penha de França, vosso, antes barato, que carissimo, o Ermitaõ solapado, Pasuncio do Desterro. Naõ ja Braz Jorge da Amargura, que mudou o nome na Crisma, por achar este com pouca graça.

MA-

# MANIFESTO, E ESCANCARADO

Para quem quizer, puder, e tiver: quizer ler, puder votar, tiver pouco que fazer.

## NOTICIA ABSTRACTIVA

## *Do voluntario Erector da Palestra, Contendor intruso da disputa, e engenhoso Dedalo de hũa estupenda critica.*

HE este individuo hum Diogenes reproducto na diuturna Dorna do seu retiro. Affectados fundos de Sabio, e superficies nativas de Bronduzio. Povoaçaõ de noticias, com alguns arrabaldes de ignorancias. Obelisco de literaturas, e em partes Cenotaphio das mes-

mesmas. Pregoeiro das comprehensoens proprias; algoz das alhêas. Oraculo *ad libitum*, com séquito leigo. Doutor *à posteriori*, na veneraçaõ da simplicidade. Pithagoras de remedo, a que facilmente se póde derrubar o culto, por naõ caber nelle o que no prototypo, em que os dictames, sem mais qualificaçaõ que a de ditos, se escutavaõ como acertos. Foi reparo de Cicero: *Tantum opinio præjudicata potuit, ut sine ratione valeret authoritas.*

Naõ se tira com tudo, q̃ este individuo seja sciente lá por dentro; que cá fóra até o presente naõ ha fiador abonado: porque alli naõ ha livro; alli naõ ha quaderno; alli naõ ha cartilha; alli naõ ha carta, ou vejamo-la, que, ou no prélo, ou no traslado tenha apparecido neste mundo, a que possa a opiniaõ entrar arrimada, ou em que appareça a capacidade exposta: razaõ porque se affouta, seja inveja, ou simplez maledicencia, ao impresso, ou escrito alheyo, com o seguro de que para similhante golpe se lhe naõ achará proprio.

Este pois individuo, assim effigiado, lendo casualmente hũa carta, sem que o sobrescrito lhe dissesse que era sua, lhe fez alli logo hũa criti-

critica, como ſe trouxeſſe os aviamentos na algibeira. Eſcrevia hum amigo a outro, e dizia-lhe: Que, a pezar das diſtancias, lhe ſegurava aſſiſtencias; porque a optica dos deſejos fazia dos longes pertos. Iſto aſſim em paz, e em ſalvo, ſem pedir ao ſobredito voto, ou conſelho. Pega elle na penna, e põem o miſeravel do conceito no Pelourinho do ſeu voto, decepando-o com a catana deſte papelinho.

Segue-ſe o tal papelinho, que foi a faiſca deſtas levaredas, e agora he a mecha, que lhas conſerva accezas.

*Nota á Carta do Padre Frey Lucas.*

DEſejos da optica, ja eu o vi nos curioſos; mas optica do deſejo, eſta he impoſſivel, e ſó a vi agora no Reverendiſſimo Padre: e a razaõ natural, e infallivel he; porque o deſejo he hum acto da vontade, e eſta he hũa potencia cega, e a optica he hum rayo de potencia viſiva, que ſe naõ compadecem na Republica das letras: e como he hum grande crime, por iſſo ſou de voto que vá para Mazagaõ.

Eſta he a amoſtra do panno no principio da car-

carta, e o mesmo succederá até o fim. Se quizer defender este barbaro syllogismo, apontaremos outros mayores em materia de mayor consideraçaõ, em que peccáraõ todas as suas sciencias &c.

Adverte o Relator que este individuo era vago, como totalmente ignoto ao dono do conceito, sem commercio, trato, encontro, toque, ou remoque, vista, ou pratica de chapéo, ou barrete; antes sem a noticia mais ligeira, ou mais remota, de sua existencia physica: por ser o tal aggressor desviado da gente, em fórma de lagarto; escondido ao diurno, em estylo de morcego; intratavel ao humano, em feiçaõ de minotauro; e difficultando-se assim ao conceito dos viventes, que até o nome tem fechado a sette chaves.

## PROGRESSO.

O Relator, que he o que a critica fez voluntariamente Reo, vendo-se chamado a Juizo por este Juiz incompetente, como aquelle a que naõ competia a censura da carta; e vendo por outra parte que lhe entrava por ella com a vara alçada daquella critica, appellou para o Juizo

zo da ſua penna: mas ſem querer diſputar ſe era bem convencida a ſua locuçaõ figurada por hũa falſa teſtimunha, como era aquella jamais viſta, nem repreſentada difiniçaõ da optica; antes entendendo que a invetiva fora ſingeleza de pouco conſiderado, ou fraqueza de nada politico, com advertencia de que ao ſujeito, por remoto, e intratavel ao commercio humano, ſuffragavaõ os privilegios de louco; naõ eſtribou a ſua juſta defeza mais que na civilidade da confiança, na inhabilidade da peſſoa, e na eſtulticia da cenſura, confórme o què, eſcreveo a carta, que ſe ſegue, a hum amigo, que mediava neſta controverſia.

*Reſpoſta ſobre o bilhete acima eſcrito.*

MEu companheiro, voſſê quer que eu bote carapucinhas á ſerpe? Se houvera pelourinho de diſcurſo, naõ tinha eu mais que pôr eſte papelete no pelourinho. Quem mandou a voſſê ler a minha carta, *extra chorum*? Por ventura digo lá conceitos de tarta velhacos? Que quer voſſe que eu reſponda a hum ſciente, que cahio em tal duvida? Que importa que elle diga que eu me engano? Grande Oraculo de

obra groſſa, ou grande Areopago de capa, e eſpada! E pergunto eu: Devo eu eſtar (ſe voſſê aſſim o entende) por eſte Concilio em Romance? Ora veja o que vaõ aqui de nullidades, em materia de entenderes.

Eſte examinador voluntario, revedor intruzo, e contraſte de por goſto, em que politica achou, ſem nos conhecermos ſequer de chapeo, o vir emendar-me de barrete; ou, ſem me ter buſcado por carta, o querer deſcompôr-me por letra? Tomára ſaber quem lhe deo licença para vir tomar parte na criança da minha carta? Salvo ſe eſte homem eſtá ja encartado na occupaçaõ de parteira do entendimento, e lhe tocaõ as pareas dos partos do diſcurſo. Mas quem o fez Corregedor do meu bairro, que, em feiçaõ de ronda, me tomou o meu conceito, por mais de marca?

Aſſentemos que diſſe hũa parvoice; quem o metteo a elle em ma traduzir? Faltava-lhe lá em caſa em que ſe occupar? Bem ſey que ſou hum peccador muito errado, e muito errante, mas elle de *poteſtate clavium* naõ tem mais que o nome. Ainda abſolvendo os leigos, lhe naõ ſujeitara eu os meus deſmanchos. E voſſê, meu

com-

companheiro, perdoe-me, que naõ ſey que propoſito teve em tomar á ſua conta aquella receita, para a cura da minha carta. Naõ vi em taõ pouco papel tanta couſa bõa! Muitas maximas, poucas letras. Mas ſe eſte individuo quer exprayar eſſa comprehenſaõ infuza, de que Deos lhe fez graça, ainda aſſim deve moſtrar a provizaõ, com que tem tomado eſte eſtanco das cenſuras; ou eſte contrato das criticas; porque atégora nos naõ appareceo a ſua capacidade de Sello pendente: e finalmente, ſeja lá ſabio que lhe preſte, que eu, ainda que babozo, naõ naſci para eſtafermo do ſeu preſtimo.

O que eu eſtimára, era ver hum papel ſeu, que eu lhe ſeguro que, ſem blazonar de grande critica, naõ haveria regra, que me naõ cahiſſe na unha; porque a ſciencia de detrahir he facil de praticar: e em fim, he materia em que facilmente lhe cederey a borla. Ja eu, meu companheiro, naõ quero deſperdiçar a minha reſpoſta; porque quem errou reſolvendo, como poderá acertar eſcutando! Todo o homem, na materia de ſábio, anda amancebado comſigo, e louco com a criança do ſeu voto. Que importa que me falte eſſe do ſeu amigo, quando eu me queira

ra graduar de Prepofito? Bem haviado eftava eu, fe a Chancelaria dos fezudos fe mudará para a cafa dos doudos! Eu eftou enfadado de efcrever cenfuras, que me honrou o prélo, naõ me quero enxovalhar com quem ainda a naõ foube merecer. E porque nos entendamos, eu naõ quero fer Miffionario em apoftazias do entendimento, quero fervî-lo a voffê como companheiro, e como amigo.

A efta carta refpondeo o critico com myfteriofos recheyos de fezudo, que he linda efcufa para deixar no tinteiro meya refpofta; e com grandes faftios de prudente, que he bom valhacouto para as pobrezas do joco-fério; eftylo, que feguio o Criticado, por lhe parecer que a materia naõ pedia outro.

*Carta do Aggreffor em refpofta da precedente. Efcreve ao mediador.*

MEu vizinho, e meu amigo. Vi a refpofta, que v. m. me enviou do feu companheiro, e ja me peza de gaftar com elle o meu preciofo. Elle fó em hũa coufa diz bem, e he que naõ poffo fer Juiz da fua fciencia. Torno

no a dizer que diz bem; porque tudo o que elle ſabe dizer he graça, e naõ ſabe outra couſa: e eu tudo o que julgo he de juſtiça, e ſciencia, que he o que elle naõ ſabe. Eſte ſeu papel he bom para o Preſepio, e naõ para o Areopago. Digalhe que naõ ſou Juiz intruzo das criticas; e que para o comprehender todo, baſtaria que foſſe Juiz ordinario de quatro Adagios. Elle ſerá revedor de conceitos, e honrar-ſe-ha com os que deo ao prélo; mas cuſtára-me a reſpoſta, ſe me naõ lembrára de que ja vi em letra redonda muitos Autos de Maria Parda. Naõ fallemos em ſciencias, que he o que elle naõ ſabe; fallemos em graças, que he o que eu naõ ſey: e quero que tenha alguma materia, em que me poſſa dar quináo; que eu leyo ſciencias, e naõ ſey ler, nem eſcrever pulhas. A Deos.

## *Advertencia.*

O Author da Carta devia de fazer a pé as jornadas de Coimbra; porque quem naõ ſabe o que ſaõ pulhas, ainda naõ curſou com arrieyros as eſtradas. Aſſim cahio na ſimplicidade de entender que os diſcurſos ſe paſſavaõ a pulhas por jocoſos.

*Reſ-*

*Resposta do Criticado á precedente do Critico. Escreve ao mediador.*

*Falla do primeiro escritinho da optica.*

MEu companheiro. Este panno he daquelle retalho; esta Carta he daquelle escritinho. Naquelles dous dedos de papel tomey eu a medida áquelle gigante da sciencia. Protesto, que se vossê naõ fora o Mercurio, naõ levava elle nem este remoque de resposta; porque eu tenho mais que fazer, que estar jogando as cartas com taful de taõ fracos cabedaes. Elle bem mostra a penuria dos do entendimento; pois diz que no seu papelinho gastava o seu precioso. Assim seria; porque o que vem na Carta ja he droga. Eis-aqui como se responde ao pé da letra. Lindámente se despica com me dar o exercicio de graça; tomara-a elle por dinheiro. He defeito injurioso! Mas fazer culpa da graça, só hum Hereje de entendimento. Notavel Cataõ de primeira tonsura, ou Jurisprudencia de volta erocada, que mettem o rizivel na enxovia; e trazem a jocosidade com mordaça; e vendendo a penu-

a penuria da galantaria por aufteridade da modeftia, hypocritas da madureza, daõ exclufiva á graça, fenteneiados ao inferno do defagrado, prefcitos do difcurfo. Eis-ahi o caracterifmo do noffo Critico, que dera por faber dizer huma graça, o que eu por alcançar a de Deos. Porèm ainda affim fe fahio com aquella do Auto de Maria Parda, que, tirando aquillo do caruncho, naõ tem mais que ter ranço. Pergunte-lhe lá fe faõ ifto Adagios, e que me traga hum a propofito, que eu lhe direy que o tem. Os Adagios fim faõ guadamecins velhos, mas o ponto he faber armá-los. Se elle eftivera nifto, naõ fahira com aquella voluntaria frioleira do Prefepio, que naõ foi mais que metter-me na maõ os azurragues, para quando lá o encontrar no paffo dos innocentes. O que lhe gavo he fallar em conceitos do prélo. Ja o occupey, e o eftou occupando com muitos: fejaõ embora broncos, mas vejamos os feus limados. Vejamos o que faz, logo faberemos porque diz. Porque? ahi naõ ha mais que reveftir de Concilio, e definir por hum voto? Quem fez a efte homem Vedor das obras? Entre na matricula, e dar-lhe-haõ a palmatoria. Se quer fazer papel no theátro defte mundo, faya

cá

cá para fóra do veſtuario, que ficar nelle por apontador, he fallar á conta do ſuor alheyo. Elle ainda naõ ſabe o que custa ſahir hum homem com o ſeu parto á praça. He neceſſario muito bojo de entendimento, muitas dores de eſtudo, muitos puxos de genio: e aſſim ſahe o feto do diſcurſo nos braços da imprenſa; logo enfaixado no volvedouro do papel da eſtampa, vay pagar pareas á cenſura; depois ao baptiſmo da publicidade, em que ſe lhe ſabe o nome: e em fim, depois de toda eſta bulha, vay parar na criſma da critica. E quem houver de praticar neſte ponto, ſaiba que a razaõ tem ſeu Senado, e que he Ley inviolavel, que quem naõ for official primeiro, naõ poſſa ſer Juiz do officio. Muy precizo era que o houveſſe, para vermos examinados eſtes Artifices de ſi proprios, que com hũa leve tintura de noticia, embrioens da literaria, ſaõ os pagoens dos engenhos, que vaõ por ſeu pé á pia dos Sábios. Brava fortuna da fiducia deſvanecida! Que logração eſtes a matricula das ſciencias de portas a dentro, e embasbacando neſcios, e atropellando ſezudos, ſem mais applicaçaõ, nem induſtria, que paſſarem de hum pulo á Aula, ſem paſſar pela eſcóla, renunciaõ o pacto

cto de rapazes,e tem por carta de b. a. bá. o Enchiridion de Ariſtoteles. Ora tomay-vos lá com hum deſtes; que ainda que lhe vieſſe prégar hum S. Paulo, lhe naõ metteria em cabeça que era tolo. Companheiro, iſto ſuppoſto, tenha o homem licença para ſer Zoilo do genero humano; e diga-lhe voſſê que me açoute, ſe eu lhe metter valias para que me gabe. Mas que ja que o fez de ſer eu bom Adagieyro, que leve hum para ſua ſaude, e que aprenda que os Adagios, ainda que para elle inſulſos, fallaõ ás vezes como Oraculos: que o ponto he ter entendimento para os pôr com dono; e que ao querer elle fê-lo de voto diffinitivo, lhe digo: Que o Juiz da Aldêa, hum anno manda, outro na cadêa; que val o meſmo, que: Se he Juiz primeiro, ſerá Reo depois; e o que primeiro condena, tambem depois ſe julga: e que a ſeu reſpeito naõ tardará a ſentença, mais que o que a ſua obra na Praça; que o melhor conſelho, que póde tomar, he naõ ſe metter a ſer Meſtre do que ainda naõ foy diſcipulo; porque, ſem experiencias, ſaõ delirios as cenſuras. Pelo que tomará, como mezinha da ſua preſumpçaõ definidora, eſta maxima do noſſo Sá de Miranda:

Andey d'aquèm para alèm ;
Terras vi, e vi lugares,
Tudo ſeus aveſſos tem ;
O que naõ exprimentares,
Naõ julgues que o ſabes bem.

Iſto, e a minha bençaõ, e ao meu companheiro todas as expreſſoens de amigo.

*Advertencia.*

ESta reſpoſta foi hũa Miſſaõ á vaidade do do Critico, ſem lhe individuar as expreſſoens de jactancioſo: e naõ diz na ſua Carta couſa, que naõ fique debaixo deſta geral invetiva, bem merecida daquelle deſvanecimento, com que ſe trabalha a eſtatua a ſi proprio.

Elle quando menos naõ ſe conſtitue mais que em Miniſtro, que faz juſtiças ; hum Meſtre, que dicta ſciencias ; hum Cataõ, que naõ diz graças ; hum Ariſtoteles, que define de poleiro, e hum Licurgo, que diz as ſette mil leys do que lhe dá no goſto : e a nenhuma deſtas prerogativas ſe lhe póde pôr obſtaculo, porque naõ tiveraõ menos Chancelaria que o ſeu voto.

O

O que se pede aos curiosos, he que reparem em hũa clausula, com que fecha a abobada da sua carta o ante-precedente Critico, mettendo-se a laconico, com sua pontinha de discreto, querendo sacudir-se do motejo, com que a precedente carta o tinha criticado; e diz assim em sentido dispotico, e inconsequente ao sentido: Naõ fallemos em sciencias, que he o que elle naõ sabe; fallemos em graças, que he o que eu naõ sey. Se confessa que foy fraqueza do discurso, *vade in pace*. Se o quer vender por conceito, venhaõ os Grãmaticos Portuguezes construî-lo: o naõ fallemos em sciencias, que he o que elle naõ sabe, está bem; mas o fallemos em graças, que he o que eu naõ sey, naõ póde subsistir, sem o condenar; porque conjugados aquelle fallemos, e aquelle que naõ sey, faz este sentido: Fallarey no que ignoro: e sem o porem no potro, veyo a confessar o seu peccado.

O que elle devia dizer, como lá na sua mente graduado de scientifico, e injuriado de jocoso, era: Naõ fallemos em sciencias, que he o que elle naõ sabe; nem fallemos em graças, que he o que eu naõ sey. Assim livrava a sua pelle, e pregava a do Criticado n'uma parede. Porèm

rèm a verdade ; prezada de despida, he a mesma entrega de quem a dissimula.

Seguia-se agora a resposta do Critico á precedente carta ; mas elle, supponde que esta se perdera no correyo, voltou a penna, como se lha levara o vento, lá para outro assumpto, e foi desinquietar o Padre Bluteau, que estava na sua livraria sem lhe fazer mal algum, como o que naõ sabia se o tal Critico existia entre os indrividuos da natureza humana.

Pareceo que vinha a detestar aquella sua horrivel definiçaõ da optica (como Rayo da potencia visiva) que só podiaõ praticar os herejes Novacianos da optica. Mas naõ foy assim ; porque, ou fosse indigencia de proza para responder á precedente carta, ou ir pondo em esquecimento o primeiro assumpto, sahio com hũas fumaças de Mathematico, fumos de scientifico, e nem fumo de escriturario, em hum Apostrophe, totalmente ignorado delle, que ainda que o encaminhara como Rhetorico, o naõ livrava de despropositado.

Assim, leve o Leitor de ante maõ o reparo, de que aquella arenga naõ he mais que hũa hypocrisia affectada, com huns embutidos de

rayos

rayos directos, e refractos, dioptricas, e angulos, para se inculcar versado nas divisoens da optica, mas persistindo em que he Rayo da potencia visiva. A este tal retalho de noticias opticas chamou Difficuldade indissoluvel, e enigmatico arcano de todos os suores do seu estudo, impenetravel ás agudezas do mayor engenho. Famoso hyperbole, de que testimunhaõ os mesmos que lho escutaraõ! Ficando só privilegiada a comprehensaõ literaria do Padre Bluteau; com exclusaõ positiva, e expressada, ainda ao mayor esforço, e ainda com estranho soccorro do discurso do Criticado.

Tinha este escrito: que se dava optica nos desejos, e explicada a alluzaõ de hũa vista a outra; a que subscreveo, e accrescentou o Padre Bluteau, que tambem nos Anjos a havia, com o texto: *In quem desiderant Angeli prospicere.* Sahio entaõ o Critico, sem attender ao Criticado.

*Resposta, que o naõ he; e falla com tres pessoas, devendo fallar só com hũa: e diz mil cousas bõas, e he o segredo da Abelha da sua Mathematica. Eyla vay.*

*Ad*

## *Ad Corifeos.*

DIga v. m ao ſeu amigo, que a razaõ, ou ſemrazaõ, porque a natureza conſentio no mundo que os corpos opacos, e groſſeiros ſe oppuzeſſem ás luzes, foi para que logra ſſemos os ſeus reflexos; e aquillo, que parecia reſiſtencia, he uſura. Eſta foi a minha negociaçaõ, com taõ exorbitante lucro, que o rayo reflexo intendeo o rayo directo cento por cento, e alluniou a cegueira da minha optica, naõ menos que com o lume da Gloria: e aqui naõ ha que replicar, ſenaõ dizer cahido, e admirado: *Quid me vis facere*? Acceite V. R. eſte rayo refracto da minha Dioptrica, que na grande diafanidade, e ſubtileza de V. R. naõ ſe podia fulminar *directo*, nem dizer mais mettido aqui neſte cantinho, porque em angulo agudo ( debaixo do qual tambem ſe faz a vizaõ ) cabe pouco; e Deos naõ me deo o dote da penetraçaõ, aſſim como deo a V. R. o lume da Gloria, que ſou hum viador, e peccador, e ainda tenho a optica, e a viſta nos olhos, e V. R, como que ſe eſtivera na Patria, ja as tem na intellecçaõ elevada, ou na ſua elevada intellecçaõ.

Naõ

Naõ diz couſa alguma ſobre a definiçaõ verdadeira da optica, com que o Criticado lhe confutou a ſua.

*Reſpoſta por tablilha, por lhe naõ pertencer o ſer reſpoſta, do Criticado examinando o precedente projecto.*

MEu companheiro. Graças á fortuna, que ja eſte Juiz da vintena deo ao deſejo viſta da optica; mas ainda reſta o rayo da viſta, que he trambolho na da ſua intelligencia: quero dizer, que ja confeſſa ao Padre Bluteau que no deſejo póde haver optica, por mais que a ſua reſpoſta tenha entreforros de ironîa. Agora falta-lhe purgar aquella culpa de ſer a optica rayo da viſta. Mas aſſim pouco a pouco irá mudando cabeceiras eſte chumaço de ſciencias enfronhado em Mathematica.

Agora vay a minha conſequencia: O Padre Bluteau diſſe o meſmo que eu; e o que fez demais foi eſtender a optica aos Anjos, para confirmaçaõ da dos deſejos, com o lugar de S. Matheus, em que ſe achaõ deſejos de ver, como conhecem os Catholicos Grãmaticos naquelle

De-

*Desiderant prospicere.* Agora vamos: O nosso Optico abaixou a cabeça á Gloria do Padre; o Padre disse o mesmo que eu: *Ergo.* Pergunte-lhe em que figura está este syllogismo? Concluio-se em fim o Manicheo, como consta da quéda, que deo o Doutor da mula ruça. Mas para cahir na razaõ, eraõ necessarios estrondos taõ puxados, e ir desinquietar os Actos dos Apostolos? Já naõ prestaõ para assumptos humanos Icaros atrevidos; Phaetontes affoutos; Gigantes amotinados, que tambem cahiraõ por terra, como rayos refractos, que foraõ seus atrevimenros punidos, obrigados dos rayos directos, que com a luz lhes illustráraõ as cegueiras, com o fogo lhes consumiraõ as exorbitancias?

Porèm, valha-te Deos por homem, que naõ dizes palavrinha, que naõ esteja recendendo a Mathematica! Mas a alluzaõ bem pudera accõmodar-se cá por baixo com este retalho das fabulas, e naõ ir lá enxovalhar as Escrituras. Demais, que a alluzaõ sagrada, que elle veste com aquella libré de Mathematica, fica muy impropria. Perguntarey primeiro: quem metteo a Optico a borboleta da Theologia, para vir brincar com o lume da Gloria? Alli o Rayo di-

recto,

recto, a que elle quer chamar lume da Gloria, por força *emittitur ex parte objecti*, e o lume da gloria *tenet se ex parte subjecti*; que, como accidente sobrenatural, deve inherir no sujeito, proporcionando o entendimento para a acçaõ superior á natureza, que he a Vizaõ beatifica. Mais: O lume da gloria dá-se *por modum habitus*, ou *permanenter*, como na Patria, ou *transitoriè*, como *in via*, e o habito bem se sabe que está da parte do sujeito, *afficiens illum ad elliciendum actum*. Mais: O lume da Gloria he hũa virtude vital, *vitalitate supernaturali*. O principio vital deve ser *intrinsecum operanti*, como ensinaõ os Filosofos nos livros da alma: Logo *tenet se ex parte subjecti, & non objecti*: Logo o Rayo directo naõ se póde chamar lume da Gloria neste caso. Aqui vay muito Latim; naõ sey como se dará com elle este Grego. Mas, deixando Theologias, vamos ao que este Optico tirou desta alluzaõ a S. Paulo, que cuidou elle que fallava como hum Salomaõ de refugo. Cahio do potro do seu errado documento; e para seguir *à simili*, esperaremos delle muy bons aphorismos, se devia ficar cego com os olhos abertos: *Apertis oculis nihil videbat*. He do

Texto. Seguio-ſe logo que ficou em eſtado de doutrinado por hum diſcipulo, que iſſo ſuccedeo a Saulo: *Era diſcipulus nomine Ananias.* Hora graças a Deos que, depois deſta quéda, até os diſcipulos lhe podemos dar doutrina. Agora paſſemos a mais individual reparo do ſucceſſo, e ouçamos fallar a eſte Saulo Neophito, mettido no ſeu angulo. Aquella ironîa de proſtrado com ſeus entreforros de deſvanecido, muy ſeguro no ſeu rendimento, que todos entenderaõ que era cortejo, e naõ tributo! Hora, meu companheiro, entremos nos inteſtinos deſte homem, aſſim proſtrado, que lhe eſtou penetrando hum divino recheyo. Aquelle cantinho val hum pino de ouro! Aquelle pôr á gineta o merecimento proprio! Aquelle encolher as azas, como ſe ellas chegaraõ á mais eſtendidas! Aquelle ceder por politico, como ſe o naõ pudera fazer por encovado! Aquella hypocriſia de peccador muito errado, como ſe elle tivera por domeſtico o acerto! E ſuppôs elle que ninguem uſou melhor antiphraſis, maſcarando os motejos de cortezes. Mas mettamos agora hum parentheſis de ſezudo. Diga-me voſſê agora, meu companheiro, a que propoſito ſe canſou eſte noſſo Optico em apol-

apollegar Eſcrituras, derriçar nas Mathematicas, arranhar as Rhetoricas; ſe o que pedia o papel era a reſpoſta da minha carta? Elle tinha dito que a optica era rayo da viſta; eu moſtrey-lhe que naõ, dizendo-lhe o que era a optica: Elle tinha dito que o deſejo naõ podia ter viſta; eu moſtrey-lhe que a tinha metaphorica. Elle entaõ, a foro de Filoſofo enfarinhado, devia fazer hũa demonſtraçaõ, com que infirmaſſe o propoſto, com ſeus enthymemas, ou ſyllogiſmos, que ja os terá ferrugentos, authorizando a materia com aquella elegancia, que naõ ſeria muita, que ſe achaſſe em caſa: eſte era o ponto, e naõ ir-ſe homiziar na Divina Providencia, por levantar hum teſtimunho á optica, e roubar os deſejos, ſem lhe deixar em que pôr os olhos. Eis-aqui o que havia fazer o Optico, e depois foſſe Mathematico até o dia de Juizo; e naõ pôr a difficuldade em outro angulo obtuzo, e ſahir-ſe com aquella dyſenteria de corpo opaco, rayo refracto, rayo directo: como ſe nos quizeſſe enſinar o Calepino de Xenocrates Caledonio. Elle entendeo que deixava eſtrugido o Bluteau; que eu cá ja ſe ſabe que ſou hum Paralytico de intelligencia, a que nem a livraria de Ptolomeu

 Phi-

Phidadelpho ferviria de Pifcina. Quanto mais que, como a Mathematica fe exercita em quantidades difcretas, ou continuas; iffo de continuas, e difcretas, fó nas expreffoens do noffo Optico, que, dando duas figas aos Theologos da Serbona, he hũa Pandecta de capa, e efpada. Tire-lho voffê lá da cabeça. Mas vifto elle ter taõ fraco jogo, que naõ pode fazer refpofta, e que o faltar a ellas nafcerá de naõ conhecer as cartas; eu levanto banca, e ponho baldada a efcrivaninha, e que tome lá efta metaphora na unha: porque eu, ainda que pudera, e tornara a poder continuar-lhe os exorcifmos dos defenganos, ja conheço que os energumenos mais difficeis, e endiabrados, faõ os defvanecidos; e affim o deixo morrer no feu peccado, por obftinado na exorbitancia de me querer documentar, errando; como fe o pudera fazer, ainda fabendo.

*PROGRESSO.*

A Efta carta refpondeo o Critico em hum papelinho taõ ligeiro, que antes pareceo exhalaçaõ, que efcrito. Affim defappareceo, e foi por elles ares, a que fem duvida recorreo como

mo a centro, lembrando-lhe o casco, em que se tinha concebido. O que resta he que os seus idolatras, admiradores de suas sciencias, colloquem aquelle retalho do seu discurso na esfera dos fabulosos Mercurios, como Romulo dos escritos, arrebatado dos ventos.

Dizia elle em summa: que a sua precedente carta ficara no foro de enigma, porque nada soltava a precedente resposta, que á optica está respondido o que bastava; e que a resposta aos Coriferos era ironica. A taõ insulsa leveza, e taõ incivil contumacia, era o melhor expediente que, onde a razaõ se naõ escutava, emmudecesse a prudencia, com a cautéla de resgatar os acertos da injuria de mal attendidos. Mas porque se naõ entendesse dos inspectores, que se estimava a razaõ do silencio, para capear a fraqueza de seguir as do assumpto; houve o Criticado de deferir aos desejos, que o solicitavaõ, naõ ja a convencer as duvidas, mas a ampliar as evidencias, escrevendo a seguinte carta, naõ como preciza resposta, mas como ingenua advertencia.

*Car-*

*Carta do Criticado ao mediador.*

MEu amigo. Esta carta fique em segredo, que ja me censuraraõ o querer eu desenganar a quem profere proposiçoens barbaras, e desconhece verdades commũas. Com que eu me resolvo á exclusiva deste seu Filosofo, como Etnico, e Publicano no genero scientifico.

Se naõ, diga-me: Que hey eu de dizer a hum A. mouco, ou de ignorancia, ou de capricho, que sem respeitar razaõ, nem discurso, define *ex cathedra* o que lhe dá na cabeça? Sem attender que ainda aquellas suas primeiras proposiçoens da Optica rayo da vista, e o desejo sem ella, nem metaphorica, estaõ em pé, podendo-as mandar assentar por papel, e tinta. Se naõ, mostre-me o retalho de papel, em que o tem provado, ou que resposta me deo, tendo-o eu definido.

Dá entaõ na industria de fugir com o corpo ao delicto; e querendo cubrir com a joeyra da sua sciencia imaginada o Ceo da minha clareza, sahe fóra de Villa, e termo da resposta, lançando as brabatas de Sabichaõ maduro, Letrado prove-

provecto, Antiquario Decano, fundido em Cornelio Tacito, e enxertado em Tito Livio. E perguntara-lhe eu se foi discipulo do Minotauro, que ensinava em hũa cova subterranea; porque nas Aulas tambem tivemos a nossa Matricula: e depois que se me acabou esse fadario, nas materias que professey, leyo; e se naõ alcanço, consulto: e he muy tolo o homem, que suppõem que sabe mais que o outro, sem nos pôr no Pelourinho mais engenho, e mais estudo.

Hora quero suppôr que este homem foy bom estudante; mas a elle naõ lhe veyo esta sciencia do Norte: salvo se he droga, que foy tirar ao Paquete, ou algum retalho do Feniz hereditario, advogado do que se chama unico. Mas eu lhe porey a baraço pregaõ o desvanecimento; tirando se elle, como taõ singularizado, estudou, ou tomou algum verde nas folhas daquelle primitivo livro Zohar, taõ raro, e escondido como Sacramento Hebraico.

Mas pode-lhe vossê segurar, ainda com todo esse recheyo de sciente, que quando elle na sua roupa de chambre descia á sua estrevaria, corria a maõ pela anca ao seu Bayo, disputava com o seu mochîla sobre arestins, e polmoeyra, recorren-

correndo ao Alveitar na duvida; entaõ resolvia eu ja livros, estudava, e escrevia, e ainda escrevo, e estudo Do estudar, ainda que com fraca resulta, naõ duvido que elle o faça; escrever, dou-lhe de conselho que o suspenda: porque, como temos visto nestes retalhos de papel, em que os rasgos da sua penna fizeraõ hum trapo da elegancia, podemos dizer com experiencia, que ainda que elle mostra sentir pouco em qualquer materia, naõ sabe o que diz com a sua pena.

Muita gente, que lhe vio as receitas, lhe conheceo este achaque; e agora finalmente nesta ultima, escrita lá para outro bairro, (como se o negocio naõ fora commigo) e que elle recommendou, como segredo da Abelha, que naõ seria Mestra, bem se vio que, por muito que se expremeo na sua escritura, naõ lançou mais que o ferrado da sua Mathematica.

Alli se fez rayo refracto, por rendido; alli soffreo o rayo directo, com que o Bluteau lhe deo de rosto; alli deo aquella quéda, de que lhe ficou o entendimento emplastrado; alli se retirou para aquelle angulo, em que metteo o desvanecimento cartuxo: alli finalmente lhe veyo

Deos a ver com o lume da Gloria, a que conhecendo ſeus peccados, e fazendo chorar as pedras de contrito, morreo como hum S. Paulo.

Eis ahi vay a ſoltura daquelle, a ſeu voto, nó gordiano, para que eu naõ deſembainhey a eſpada de Alexandre; mas as minhas pennas me empreſtaraõ o ſeu canivete. He verdade que em reverencia de Quinto Curſio, que eſcreve que aquelle coco do univerſo *aut implevit, aut illudit*, que cortou o nó, ou ſatisfazendo, ou zombando do Oraculo, me accommodey com eſte ſegundo.

Pois cuidou elle, quando cerrou a abobada da cartinha, que lhe naõ dava pelo artelho hum Pedro Lombardo nas ſentenças; hum Mercurio nas elegancias; hum Hippocrates nos afforiſmos, e hum Plinio nos conceitos. O homem he hum Palemon Portuguez: ditoſo o mundo, que o pode conſeguir! Mas que infelice ſe o perder! Mas naõ he taõ pouco, que ainda o naõ tentou o demonio da Poezia, que tinhamos aqui hum Camoens pela prôa; e dera elle hum olho ao meſmo démo, por ſe ver neſſa altura. Mas que ſeria de nós? Porque ſe elle nos quer eſtrugir a noticias, ſem ſer mais que enfadonha

Raã nos charcos da ſua proza pedante, que ſeria, ſe ſe viſſe Garça nos tanques de Aganipe!

Mas diga-lhe v. m., lá como de ſi, que ſe naõ fie na ſua caſa dianteira da Mathematica, para ſe graduar em toda a materia; porque eu conheço Nobrezas de graduaçaõ, que, depois de esfalfarem dous Meſtres Francezes, naõ ſabem fallar Portuguez.

Eu ja quiz cuidar, pelo que vay da ſciencia á pratica, que ſeria eſte homem daquella caſta de doutos, que no trato, e no convicto, ſaõ huns grandiſſimos burros. De Coimbra trouxe eſta advertencia; porque ouvi de alguns, que na cadeira eraõ Aguias, e no tamborete corujas; outros, a que chamavaõ burros de ſciencias, que eſtudando penetraõ, e em fallando, zurraõ. Outros, a que chamaõ poços de letras, que lá tem ſeu fundo, ainda que com lodo; mas para lhe aproveitares a agoa, ſaõ neceſſarios tratos de cordas, e ás vezes he cançar debalde.

Eſte Filoſofo ſobre os livros ſerá hum Lince; em pegando na penna, he hum Elefante. Eſte animal, a que chamaõ ſymbolo da prudencia, faz hũa nova ſalvajarîa, que havendo de beber a agoa, a turva, e enloda primeiro com a planta.

planta. Este Filosofo naõ póde fallar claro, porque bebe no lodo.

Pois elle imagina que tem a sciencia debaixo de cuberta, e que está vestido, e calçado na Athenas do seu retiro, ou no Lyceo do seu angulo; taõ Estoico, e taõ Peripatetico, que he lastima que seja Catholico. Diga-lhe que se naõ fie em quatro simples, que lhe cabecêaõ; que naõ he esse o final de entenderem, porque o mesmo fazem os que dormem.

Confesso que naõ vi mais ditosa, e bem assombrada Encyclopedia, sem que lhe saiba assustar a menor duvida. Mas perdoe Deos áquelles, que o collocaõ no altar do respeito, vindo elle a cuidar que naõ he cortejo, senaõ foro. Mas naõ faz mal em ser credulo, porque ja disse Tacito, ainda que com mordacidade Gentilica, que os Judeos, ainda que mofadores do Gentilismo, recolheraõ no templo, e deraõ culto a hum Asno: e a este proposito direy hũa cousa naõ vulgar.

O Capitolio, sem dûvida, foy o mais authorizado lugar de Roma. Abrindo-se os alicerces para este edificio, se achou hũa cabeça de homem, a que chamaraõ Tolo. Taõ antigo he

acharem-ſe os tolos nos lugares mais authorizados. Mas livremos a Juriſprudencia Romana deſta injuria, que a cabeça do tolo, entre elles, ou eſteve enterrada, ou expulſa.

Naõ direi o meſmo dos que adulaõ eſſa grande cabeça, antes que da eſtulticia, da ſua liſonja. Do auditorio, que fazem aos ſeus documentos, e acceitaçaõ aos ſeus areſtos, naſce o eſtar o pobre Cavalheiro por eſſes ares elevado ás ſoberbas de hum Nabuco Luſitano, naõ ſe querendo menos que adorado naquella eſtatua, que lá tem lavrado na ſua idéa: mas cá eſtamos os Meninos de Babylonia, que antes o mandaremos ſervir n'um forno, que o temeremos por caſtigo.

Eu lhe naõ quizera outro, mais que ver hũa hora ſahir de madre eſte Nilo ſcientifico, ou eſprayando-ſe pelos eſpaçoſos campos da ſua philaucia, ou deſpenhando-ſe eſtrondoſamente das elevadas catadupas da ſua arrogancia. E que bom dia eſperava ao rapaiſmo de Lisbõa!

Eu ja dey, por mais que v. m. o modifique, em que elle naõ ſó critica, mas deſpreza; eſpecialmente o que naõ alcança: que aſſim o poſſo dizer depois que vi o eſtylo, ou traſeado, ou

conciſo

concifo da fua penna, ou da fua magoa. Porque lendo certo Livro, e bem acceito, e em que elle tinha fraco voto, fey que diffe, e com bõa graça, que tudo era hũa afnada. Peço a v. m. que fe lhe ouvir algum dia efta frafe domeftica, e feu proprio axioma, de afnada; que lhe diga, que o A's he o de copas, e elle o nada. E agora que lêa, e diga; que tudo lhe fica em cafa.

Eu bem fey onde podia ter cura efte feu defvanecimento; mas como he doudo manfo, deixaõ-no andar folto, e o Irmaõ mayor com a diciplina no prégo: e como naõ ha açoutes, vay o homem engordando com as fuas vaidades.

Hora fupponhamos que efta loucura he capricho. E poderá com elle o defengano? Mas fe elle o ouviffe, que tinha entaõ de louco? O certo he que com aquelles mefmos aviamentos, com que elle fe conftitue fabio, fe podia fazer Imperador de Cafcaes; que, fendo hum pobre barqueiro, que talvez naõ tem fobre que cahir morto, ouve muito em feu fizo o nome de Augufto.

Finalmente: meu companheiro, lá lhe dirá v. m. que naõ eftranho a pacacidade com que fe acha no feu eftado; porque como tambem ha afnei-

afneira parcial da loucura, aquillo de fer tolo he hum defcanço. Alli he hum homem o que quer, fem fufto; porque de portas a dentro eftá o gafto feito. Mas ha de pedir-fe á Providencia Divina, que naõ abra os olhos á toupeira; porque entaõ naõ ha mais que focra. E ifto bafte, porque os Lusbeis de eminencias literarias tambem faõ inflexiveis para as emendas.

Agora, meu companheiro, quero fazer aqui hum corolario, para fatisfazer a algum efcrupulo. Eu naõ tenho refpondido a eftes defpropofitos, fenaõ com os mefmos; porque quiz levar o cafo em fom de efturdia de engenho: e porque naõ achey muito laftro no que, fem conhecimento algum prévio, me entrou com a palmatoria pela porta dentro a pôr-me emenda na materia, como fe nos achaffemos na efcóla.

A outra luz, fey que pedia o cafo hũa feveridade defconfiada, e hũa invetiva fevera das que eu fey fazer, quando me quero fentir. Mas naõ quiz dar affumpto a hiftoria da terra, e materiaes aos architectos da critica, gazeteiros da paleftra domeftica, fimplotes com pelle de fcientes, que, com o engodo de maledicos, attrahem a fi a attençaõ dos novelleiros.

Eu

Eu tenho tençaõ, havendo retalho de ocio, de o occupar, e ainda com violencia, com eſta ultima carta, pelo deſtempero, em que deo nella eſte ſeu Filoſofo, ſem ſe lembrar que ainda a minha primeira he Sebaſtianiſta, quando tenho refutado a ſua definiçaõ da optica, naõ ſó por nova, mas por ridicula, e tenho dado ao deſejo aquella viſta, que elle lhe negou obſtinado, como Juiz eſpadano.

Agora no cabo da velhice da materia ſahe com hũa queixa, emmudecido para o que eu eſperava: o homem ſerá oraculo, mas naõ tem reſpoſtas. Eſte he o aſſumpto que tomarey; repartindo-lhe a carta em Commentos, e de caminho fazendo-lhe a eſtatua em caqueirinhos, com o *velit*, *nolit*, dos ſeus Cathecumenos.

*A eſta carta do Criticado ſabio o Critico com o deſvarío de obſequioſo: authorizando com hũas poucas de falſidades o ſeu diſcurſo. Chimerica conſolaçaõ do arguente, que ſó lhe dura em quanto naõ apparece a verdade.*

E convencer-ſe-hia o Critico, que (como o que eſcrevia á Congregaçaõ dos Meninos Orfaõs)

faõs ) se lhe receberia esta veneraçaõ affectada? Esta hypocrisia obsequiosa? Esta conversaõ sem Missionario? Esta expulsaõ sem exorcismo? Esta resoluçaõ sem emplastro? Esta destituiçaõ sem esconjuro; estando até agora a vaidade enthronizada, a resistencia inteira, a maledicencia energumena, e a opiniaõ propria enfeitiçada?

Ainda assim he certo que se podia crer; porque naõ saõ incriveis as inconstancias, onde as resoluçoens tem sido apochryphas; porque só a verdade estabelece persistencias: e quando a insciencia se favorece pela inconstancia, veste a pelle das bexigas doudas a variedade, sahindo sem motivo, como ellas sem febre.

Isto quanto á ironía do obsequio; quanto á introducçaõ do imposto na novidade das Filosofias, foy fraqueza do discurso inventar o falso, por se naõ atrever com o verdadeiro; como se entendera que com a adherencia do adulado lhe permittiriaõ indefenso o mentiroso. No seguinte systema achará o Leytor mayor evidencia, como o Critico a sua confuzaõ na resposta. Seguese esta sua bem meditada carta.

*Iro-*

*Ironía discreta do Critico. Falla com o mediador.*

MEu vizinho: Vi a carta do Reverendissimo Padre Frey Lucas, e naõ posso deixar de reconhecer politicamente a grande propriedade, e energìa, com que na cegueira do desejo se pôs a perspicacia da optica, para que esta lhe servisse de luz, e guia, que o encaminhasse. Naõ me digaõ jamais os Filosofos: *Nil volitum, quin præcognitum*, depois que o Padre Frey Lucas engenhosamente nos ideou hũa substancia volitiva, independente da intellectiva, e por isso de mais alta esphera; porque ja póde buscar o objecto com a optica do seu desejo, sem pedir por mercê ao entendimento que lho proponha, expondo-se a que a engane com o bem apparente: do que a livrou agora o Padre Frey Lucas com a optica, ou noticia intuitiva, que lhe introduzio, que he muito mais clara do que a abstractiva. Alviçaras, que ja o amor naõ he cego, e haõ de acabar os Sermoẽs. Esta foi hũa nova Estrella, que agora nos appareceo na *Via lactea* de S. Domingos, e naõ podia deixar de

ſer filha daquelle meſmo fecundo engenho, que nos fez ja hum firmamento dellas; que ainda que ſejaõ tantas, que as naõ poſſamos contar: *Numera ſtellas ſi potes*, teve elle a bençaõ de as poder produzir: *Sic erit ſemen tuum.* Oh verdadeiro Abrahaõ da Ley da Graça, que tanto te offendo com a tibieza dos meus panegyricos, como com a frialdade das minhas ſatyras; porque, para te louvar, ſaõ neceſſarios outros elementos mais nobres! Intentey eclipſar-te, para te poderem melhor medir, e obſervar: *Nemo obſervat lunam, niſi laborantem*, como obſervou Seneca. Mas ja me deſenganey; porque naõ ſóbem taõ alto as ſombras: e o que havia ſer eclipſe do Sol, foi eclipſe dos meus olhos; e ſó a luz da tua optica mos podia allumiar, que foi hum grande milagre na negaçaõ da minha viſta. Tenho dito, obrigado ſómente da razaõ; e naõ faltará quem diga que da liſonja: e do que diſſe, obrigado da força, ja me peza: *Jam pudet incepti, jam pœnitet.* Mas os meſmos amigos do Padre Frey Lucas me inquietaraõ, na ſepultura aonde eſtou mettido, para ver ſe lhe podiaõ metter medo com os corpos mortos, ja que lho naõ pódem pôr com os corpos vivos: mas

os

os ſeus triunfos paſſaõ álèm da vida, como os deſejava Tiberio, e haõ de durar por toda a eternidade. *Hæ pulcherrimæ effigies, & manſuræ.* Tacit. Libr. 4. Ann.

*Vizinho, e amigo*

## PROGRESSO.

DEſprezada a invetiva deſta carta, pela conſiderada reflexaõ do Criticado, conhecendo attenuada a progreſſaõ do Critico, e que ſe accommodava á eſtimavel condiçaõ dos marruazes, que ficaõ no equilibrio dos ignorantes; ficava emmudecida a diſputa, por naõ arriſcar a razaõ o credito de perſuaſiva. Mas divulgandoſe que tinhaõ entrado a votar em Conclave voluntario os cabeceadores do Critico, que em Francez ſaõ huns Mercurios, em Portuguez huns Arpocratos, Bachareis de habilidade, Doutores de repente, que, ſem o eſtudo adquirido, ſe arrogaõ o voto infuzo; e reſolvendo que o Criticado naõ tinha ſufficientemente reſpondido, ficando a definiçaõ da optica eſtabelecida, e o Critico com os penachos de illezo, e invulnerado, e com tendencia a arraſtar os trofeos de vi-

victoriofo: mas naõ obſtante o impugnavel voto de taõ venerandas, machuchas, e maciças cabeças, para que appareçaõ no theátro deſte manifeſto com o laurel de mentiroſas, quiz o Criticado reproduzir aqui a ſubſtancia daquella carta, com que condenou a ridicula definiçaõ da optica; porque ainda que pelo receyo, ou pelo engano foi ſupprimida, a verdade naõ admitte ſepultura.

## CARTA DO CRITICADO.

*Em que moſtra como convenceo a definiçaõ, que o Critico deo á optica; de que ſe infere como eſteve ſuperior na diſputa.*

DEfinio o Critico a optica: Rayo da potencia viſiva; como ſe vé no ſeu primeiro eſcritinho, que ſe acha neſte Manifeſto; e foi o modico fermento, que corrompeo toda a maſſa de ſua ſciencia impugnadora. Reſpondeo, e reſponde o Criticado.

A optica he hũa parte de Mathematica, que trata do objecto, meyo, orgaõ, e acçaõ da viſta. A viſta diſpoſta, e proporcionada, entra a exer-

a exercitar o acto da vizaõ; o meyo a facilitar o objecto, como o Tubo optico: e os Teleſcopios, inſtrumentos diſpoſtos, e ordenados pelas regras da optica. A ſua primeira diviſaõ he em Dioptrica, que conſidera as reflexoens da luz em corpos tranſparentes: e em Captotrica, que examina as reflexoens da luz reverberada dos corpos lizos, e claros na ſuperficie exterior, e opacos na parte poſterior. Eſta a definiçaõ, e diviſaõ da optica. Por onde entrou aqui o rayo da potencia viſiva, rayo, que ſe forjou na nuvem da ignorancia, e ſe deſvaneceo na eſphera da evidencia? Quem aſſim entendia da optica, que bem a reprehenderia applicada!

Diſſe mais o Critico, que o deſejo naõ podia ver; porque era cego. Tomára ſaber quando vio a eſte cego com a ſanfoninha; ou a que balcaõ de tendeira o ouvio rezando o apartamento d'alma. O deſejo he cego, da meſma ſorte que póde ver. He cego *metaphoricè*, ou *alluſivè*, e póde ver por eſte meſmo modo. Naõ he cego porque tenha olhos fechados, mas porque allude ao cego, que neceſſita de quem o encaminhe, como faz o entendimento á vontade. Póde dizer-ſe que vê, porque ſe applica ao objecto appete-

petecido, como os olhos ao propoſto. A iſto ſe chama ver *metaphoricè*, porque ſe attribue ao deſejo o ver, que, ſendo ſó proprio dos olhos, lhe fica improprio a elle. He irrefragavel. Vay a definiçaõ da metaphora: *Metaphora eſt, translatio verbi ab uno, cui proprium eſt, ad aliud, cui non eſt proprium.* Só os ignorantes da Rhetorica poderáõ ficar com duvida.

Agora a optica do deſejo. A optica, medi- diando o ſeu Teleſcopio, reduz aos pertos os objectos remotos. O deſejo he hũa inclinaçaõ, ou appetencia do ſenſitivo para o objecto, que ſe appetece; e mais vehemente, quanto aquelle mais diſtante. E aſſim como a optica vence os longes, mediando os ſeus inſtrumentos, e põem vizinhos os objectos remotos; aſſim o deſejo, mediando a ſua appetencia, põem preſente o objecto, que eſtava na mayor diſtancia; e eſta a alluzaõ: em que ambos, com meyos proporcionados, vencem a diſtancia dos objectos, fazendo-os propinquos.

Que ſeja neceſſaria ao deſejo a propoſiçaõ do objecto pelo entendimento, iſſo he *præſuppoſitivè* á tal acçaõ de ver, ainda *metaphoricè*; que eſſe he o eſtylo, com que a vontade ſe move

ve para o objecto. Porque ainda que a vontade mova ao entendimento *per modum causæ efficientis*, sempre o entendimento, propondo o objecto, move a vontade *per modum causæ finalis extrinsecæ.* Por onde fica confutado o Critico na insulsa simplicidade, com que affirma que o Criticado descobrio o volitivo, independente do intellectivo; quando o em que só falla he no acto de ver *metaphoricè*, em que só *præsuppositivè* se entende essa moçaõ, ou proposiçaõ intellectiva, que he outro ponto, que aqui se naõ disputa, nem elle nega, por saber fallar com formalidade, estylo, em que o Critico he totalmente ignorante; o que se póde ver nos termos, com que nos seus grandes escritos discorre.

Digaõ agora os doutos inspectores de sua Theatral Mathematica, e empenhados Marombes de sua vasta sciencia, se a definiçaõ da optica está bem impugnada: e fique a disputa por elles, e o seu Critico; mas com o dito de Octaviano Augusto, quando para os cargos propunha seus filhos ao povo: Se o merecerem.

*PRO-*

## PROGRESSO.

PArecia eſtar deſvanecida a diſputa; porque perſiſtindo o Critico na injurioſa pertinacia de naõ deferir em defenſa da ſua optica, impugnada com tanta evidencia, que ſó a podia deſconhecer a obſtinaçaõ da ignorancia; ja o Criticado deſprezava as oſtentaçoens de triunfante, nas evidentes negaçoens da difficuldade.

O Critico ſe acha ja ſem duvida, exhauridos os cabedaes do diſcurſo, reduzindo a ſua idéa áquelle vacuo, que tanto ſe difficultou no Univerſo, e apoyando a Machina Pneumatica de Boile, que ja naõ recorrerá a mayor experiencia, que aos deſamparos daquella idéa. Neſte eſtado de diſcurſivo eſpurio, recorreo a temeridades aereas, que vieſſem ſoccorrer aquelle vazio, com hum invento*, que o era outro tanto.

Sahio com hũa queixa apochrypha de que o violentaſſem á diſputa, ſendo elle o meſmo artifice da materia: e naõ havendo motivo, que fecundaſſe a ſua imaginaçaõ induſtrioſa para a producçaõ deſte parto, veyo a dever o exemplar ás egoas de Andaluzia, que concebem do vento.

Lêa-

Lêa-ſe a carta com a advertencia, de que nella nada he acrifico, ſenaõ o ſer deſproposito.

## Ao mediador do Critico.

### Carta ad libitum.

MEu vizinho. V. m. he hum politico mui eſperto, e quiz zombar de hum Gentio bruto do Golgondá, levando-o enganadamente aos arcos, ou ſobrearcos do Rocio, para o ſavandijarem; porque o lugar, aonde ſe pōem as couſas, he o que lhe dá, ou tira a eſtimaçaõ. Aquella dura pedra, que David pôs na dura teſta do Gigante, naõ foi mais que hũa pedrada; mas poſta na eminentiſſima teſta de Hugo, foi o altiſſimo conhecimento de ſi meſmo: *Cognitio ſui.* Tanto vay de pedra a pedra, quanto vay de teſta a teſta. Quiz Filippe Rey de Macedonia que a ſeu filho o reconheceſſem por Alexandre Magno, e a primeira couſa, que lhe encarregou, foi o lugar aonde havia de eſtar: *Quære aliud regnum*; porque naõ cabia nos arcos, ou antemuraes de Macedonia: *Quando jam te Macedonia non capit*, diz Curcio. Eſtes arcos naõ ſer-

vem para os triunfos dos Alexandres, saõ muito bons para coroar os toneis, porque prezaõ mais a alfeloa magana, do que o fio de ouro de Ophir; e mais harmonia lhes faz o ar ferido de hum assobio, ou de hũas castanhetas, do que o da Cithara de Orpheo; a ponta da lingua, do que a base; o *vegetativo*, e fragrante de hum jasmim, do que o *sensitivo*, e racional de hum mariola; hũa flor tremula, do que hum moto continuo; os vislumbres de hum crystal, do que o fundo de hum Diamante; a superficie das cousas, do que a profundidade dellas; e finalmente o allegorico, do que o verdadeiro: com que v.m., por quem he, tire-me dessa tenda dos Arcos do Rocio, que no inferior, e superior, tudo he droga; e leve-me á loja de Manoel Leal, ou de Roque Francisco, aonde se tocaõ quilates, e naõ me desafie mais para jogar as chapas no Rocio, senaõ para correr nos jogos Olympicos, aonde irey correndo, e de bõa vontade, se lá houver cabeças, naõ de coroa, mas sim coroadas: *Libens equidem, inquit, se desertaturos mecum reges sim habiturus.*

*Queira Deos que me entenda esse seu amigo.*

*Ad-*

## Advertencia.

DEpois deſtas profundidades tenebroſas, proferidas deſte Oraculo, vejaõ que juſtificado receyo! Diz bem; porque aqui eſtaõ ſervendo em cachoens os antithesis, as ſynecdoches, as periphrazes, as ethopeas, os caracteriſmos, com que o Author diſcorre, e mais naõ os entende; mas aſſim tem nativa a rhetorica, que vay diſcorrendo ſó pela toada. Aqui o difficil de entender-ſe, deixando o entendimento diſcurſar á vontade. Bemaventurado engenho, que naõ ſó ſegue, mas faz o aſſumpto! Baralhadas as potencias, o entendimento faz hum objecto volitivo; a vontade faz hum diſcurſo voluntario. Recolha Cicero os ſeus paradoxos, que aqui póde o Author encovar dous Ciceros; e no ponto de aereo mandar bugiar o eſquelêto de Mafoma, que, em fórma de Francelho librado nas azas, ſe ſuſtenta no ar, entre quatro pedras.

Mas vamos á reſpoſta, em que ſe verá mais individual a anatomia; ſupponda que o Author eſcreveo a precedente carta, como em auto apar-

tado, ſem deferir a nada do que ſe lhe tinha eſcrito; fugindo com o corpo, eſpecialmente ao ſyſtema da diſputa, e ficando na eſtulta pertinacia da ſua optica como Rayo da potencia viſiva.

## DO CRITICADO AO CRITICO.

*Reſpoſta a hũa, que, devendo-o ſer, o naõ foy.*

*Ao mediador.*

COmpanheiro, e amigo. Ja ſey que v. m. he parcial: deſculpo-o; porque aſſim como as crianças ſe vaõ a quem lhes faz mais caricias, aſſim os doutos para onde lhes cheiraõ mais ſciencias. Mas eu, para dizer o que entendo, naõ neceſſito de padrinho. Ja tinha feito voto de ſilencio; mas eſta carta vem com hum taõ exquiſito, e traveſſo gracejo, que deſinquietaria hum S. Machario. Mas lembro-lhe primeiro que todo o noſſo ponto eſteve, eſtá, e eſtará, ſe ha verdade nas cartas, naquella eſtavel propoſiçaõ de =Optica rayo da viſta, e deſejo ſem ella. Iſto impugney. A reſpoſta foraõ cortejos ao Padre Bluteau; a quéda do rendimento; o incomprehen-

prehensivel rayo refracto, e outras miudezas dignas de seu dono. Respondi a isto. Eis-aqui sahe agora com hũa resposta de Golgondá, mettendo-se até o artelho por cousas, que naõ saõ do proposito; e desencaixando-se da minha carta, vay lá dar n'uma queixa, que até ao presente teve de escabeche. O que supposto, ja supponho que me naõ responde neste correyo. Mas porque ás vezes hum Filosofo vay atraz do negado, ainda que naõ seja do ponto, responderey a esta cousa, que este Reo teve por resposta.

A carta, como se vê na sua contextura, está muy profunda, muy noticiosa, muy crespa, muy rhetorica, e todos os muis, que quizer para epiteto. Mas a que proposito? Isto quanto ao todo. Vamos por partes, e todas homogeneas.

Aquella pedra de David, que eu li ha muito no Livro dos Reys: Aquelle passo de Quinto Curcio, que eu construi no Collegio: Aquelle axioma, em que agora deo este Filosofo: Tudo aqui vem fóra de proposito para a minha carta, e mostrarey tambem que o naõ tem na sua.

Diz este Cavalheiro que os lugares, em que se põem as cousas, lhes daõ, ou lhes tiraõ as decencias; ou, conforme a mesma vóz do Oraculo,

culo, o lugar, aonde se pōem as cousas, he o que lhes dá, ou tira a estimaçaõ. Homem, que tal dissestes! He falso, e se prova *à posteriori.* Seguia-se que o idiota, posto na cadeira, ficava legitimo Cathedratico, e naõ idiota. Seguia-se que o nescio, posto no lugar do sábio, ficava com estimaçoens de sábio, sendo nescio. O lugar naõ dá honra, senaõ onde acha a raiz della; porque o merecimento he o acrédor dessa honra. O diabo de S. Miguel, ainda posto no Altar, he diabo; nem o sagrado do lugar lhe val para o naõ ser. Hum bugio, posto n'um throno, está mais alto, mas naõ está menos bugio. O lugar naõ dá honra, sim a justiça, com que cada hum o occupa. Em fim, dormitou este Homero de obra grossa, e escreveo como quem dormitava.

O que elle devia querer dizer, era, e para o seu intento isso bastava, que os lugares se deviaõ proporcionar com as pessoas, devendo-se ás mais excellentes os mayores lugares; que vem a ser, *verbi gratia*, os chapeos para as cabeças, as bandeirinhas para as grimpas, os passos da Escritura para as cartas, e os retalhos de Quinto Curcio para as respostas. Olhe que cousas taõ postas em seu lugar! Ora veja agora este Cavalheiro,

ro, q̃ mal ſe eſcuſa do lugar dos arcos do Rocio!

Do campo do Curral para os Arcos do Rocio, ſó a ignorancia póde recuzar o aſſento; porque de entre eſtes deus extremos ſahe o noſſo Cavalheiro com a ſingular excellencia de Archi-mandrita, que vem a dizer: Principe, e Prelado do retiro. Archi-mandrita, na ſua mais propria anatomîa, conſta de Arcos, e Mandrita. Em Arcos; o que ſôa nos baſta; Mandrita val tanto, como Curral de gado: e aſſim chamavaõ os Hebreos, nas ſuas judaicas jerarchias, Archimandritas aos que, governando o gado eremitico, e racional dos ermos, tinhaõ dominio ſobre os retirados.

O noſſo Eſtoico, como amante do retrahimento, collocado entre os dous eſtremos, ou vindo do Curral para os Arcos, fica quando menos Archi-mandrita Principe dos retirados.

Bem ſey que, conforme o ſeu voto, eſtá elle obrigado a ſaber tudo: mas ignorando-o, dar-lhe-hey com o Texto. Veja lá ſe podia com muita honra, e muita virtude, vir pelo ſeu pé do Curral para o Rocio, e eſcuſar de eſcrever aquelle deſproposito.

Mas v.m., meu companheiro, viſto naõ

poder

poder botar eſte Alexandre por eſſe mundo, andou mal em o trazer para os Arcos do Rocio, tendo alli o Hoſpital taõ perto; e ainda fóra dos Arcos, lugar que lhe podia offerecer mais praça, aſſim para o recebimento, como para o commodo. Mas, ou poſto aqui, ou acolá, ou com decencia, ou ſem ella, que tem iſto com a reſpoſta da minha carta?

Mas entremos na ſua queixa. Falla elle de que o trouxeraõ. Pois eſquece-ſe de que elle meſmo, recopilado em hum papelinho, veyo aqui com tanta humanidade a pôr a emenda na minha carta, como ſe fora o meu Meſtre-eſcóla? Naõ foy elle aquelle Jupiter curraleiro, que, como rayo da viſta da ſua optica, me fez o tiro como a Tipheo do Olympo da ſua Mathematica? Pois ſe elle diſpôs eſta jornada, como ſe queixa agora da boléa? Se elle veyo por ſeu bello goſto, para que teve de eſcabeche eſte reparo? Mas que elle vieſſe, ou o trouxeſſem a elle, ou por procuraçaõ, ou em carne viva, que tem iſto com a reſpoſta da minha carta?

Ora ja que fez goſto deſte deſtempero, era neceſſario eſquadrinhar aquelle ſelecto aphoriſmo, que ja fica refutado. Se queria dizer que ſe

ſe lhe devia outro lugar, porque os Arcos do Rocio eſtavaõ preoccupados dos chuſcos do tempo, dos bonecos de Cupido, dos andarins da moda, e dos chichisbeos da praça, dizia bem; que era indecencia ver hum Cataõ reformado entre os papagayos dos eres, e os camaleoens dos ares. Iſto ſe entende de Arcos abaixo, que de Arcos arriba naõ ſe falla, que he muy alto voo para azas de Pato.

Mas para o executar áquella decencia, naõ ſe lhe repreſentou melhor prova que a da pedra. He fraco Eſcriturario. A pedra, a que ſe ſeguio do lugar a decencia, e a ſoberania, naõ foi a do Gigante, foi a do monte. Naõ foi a que o ferio na teſta, foi outra, que ferio a eſtatua; porque da pedra, que ferio o Gigante, ſe naõ fez mais mençaõ depois do golpe. Mas a que ferio a eſtatua, depois ſe elevou a monte: *Percuſſit ſtatuam: Factus eſt mons magnus.* Com que a pedra do tiro ao Gigante, ficou eſquecida; a do monte, a eſtatua elevada. A pedra do Gigante, no inſtante em que empregou o golpe, cahio com o Gigante por terra; a teſta cahida naõ podia dar dignidade á pedra: e ainda naõ cahida, que gloria, e que decencia, na teſta de hum in-

circuncizo, para Deos, e para os homens abominado, e finalmente typo, e figura do demonio? Está bem honrado, e accommodado de assento o nosso Filosofo! Mas elle foi na prova mal succedido; porque David tirou a pedra do çurraõ, elle do çurrado.

Mas quero-lhe advertir, que os passos da Escritura naõ servem para apoyos humanos, e mais quando ficaõ injuriados de mal trazidos. E pudera advertir este Cavalheiro que nada daquillo está ja em uso; porque quem póde ja mandou arrimar os Gigantes: e nem ao mesmo Rey David valeo o privilegio de ir dançando diante do Pallio; que estas figuras devem ser as de que elle falla, que lá as da Escritura naõ saõ da sua lavra. E se nem Rey David, nem Gigantes põem ja pé na rua, para que he trazê-los ao publico de hũa carta?

Nestes desatinados conceitos da sua, naõ sey se tenho o sentido pelos pés, se pela cabeça, e entendo que naõ tem hũa cousa, nem outra. Feito aquelle golpe com aquella pedra, que hia alli só a buscar hum honrado tamborete nos cascos daquelle Gigante, fica aquelle *cognitio sui* em todo o caso em ablativo absoluto; porque aqui

aqui o argumento naõ atira a thronos. Mas para desempeçar esta grenha mal discursada, em seu Author aquillo de pedra a pedra, e testa a testa, ja foi conceito; aqui he despropósito.

Mas agora desenganarey ao Cavalheiro, ou á este David encartado, que me quer metter a Gigante; porque eu naõ sou Felis-teu, sou Felis-seu, pois lhe mereci aquelle tiro; digo o fazer-me engaste daquella pedra preciosa. Mas dahi me venhaõ as pedradas.

Agora o que naõ soffrerey, he aquelle totalmente apochrypho, sobre indiabrado, conceito de tingir hũa purpura com o sangue de hũa pedrada, para pôr a Goliad de purpura; porque até o presente se naõ viraõ Cardeaes Gigantes, como a elle lhe consta de Thesouro de Prudentes.

E aquelle tiro feito á Eminentissima de Hugo! Que ainda agora sey que morreo apedrejado. Mas que menos succederia a este Principe Mitrado, com hum louco de pedras de portas a dentro?

Porèm he de estimar a Magistral confiança, com que o Author propõem estes disparates, sem haver conceito, a que possamos chamar cathe-

goregmatico. Mas eu me refolvo, vendo a fegurança com que elle, fem examinar o que diz, diz o que quer fem o authorizar, que fuppõem que cada dicçaõ fua he hum caracter de Talifman, que preferva o feu difcurfo do veneno de improprio. Affim fe affouta a dizer, e criticar tudo com a omnipotencia de Mathematico; porque entaõ faõ as fuas invetivas, as fuas allufoẽs, e as fuas maximas,os braceletes dos Ripangros, que, na opiniaõ propria, deixa invulneravel a fciencia. Porèm que aquella pedra do tiro foffe de fabaõ para a tefta gigantéa; que efta tefta foffe Huga por Androgina; que tem iffo que ver com a refpofta da minha carta? Mas ainda tem muito que esbrugar a fua.

O lugar de Quinto Curcio naõ podia ter Expofitor de fentir mais genuîno. Tomára faber que lugar deo aqui Filippe a Alexandre: porque defejar-lhe Reynos, naõ he dar-lhe lugares; porque eftes faõ pequenos, e aquelles grandes. Naõ caber em Macedonia, e paffar a bufcar Reynos, naõ era melhorá-lo de affento, mas de dominio: e entaõ ja he outro conceito, que os dominios authorizavaõ os fujeitos; porque os Reys naõ fe explicaõ grandes

des por ter lugares, mas por dominar gentes. O nosso Filosofo de agoa doce cuidou que Filippe passava a Alexandre aqui, de Granacha do Senado, para Chanceler mór do Porto. Digalhe que naõ tome taõ largas as medidas, que lhe haõ de ficar depois curtas as provas. Alexandre naõ se authorizou por naõ ter lugar em Macedonia, mas porque o fez em todo o mundo com a sua espada. Naõ o honrou este, ou mais elevado Posto, que he fraze que naõ serve aos Monarchas; mas o ser Senhor do mundo, que naõ diz Posto, mas imperio. Estes Mathematicos saõ pouco escrupulosos, naõ reparaõ em propriedade de termos, e por ignorarem hũa fraze, escorregaõ talvez n'uma parvoice.

Pois a alluzaõ de naõ caber nos Arcos de Macedonia, para exclusaõ dos do Rocio, está bem accommodada; mas appareça a Conographia da Grecia, veremos quantos Arcos teve Macedonia. Tal cousa naõ podia imaginar Filippe, nem cousa tal escreve Curcio, porque nenhum delles era tolo. Com que lá vay tambem de pernas arriba estoutro conceito. Mas que Alexandre fosse buscar a sua cadeira fóra da terra, e que fosse Paço de Arcos Macedonia, que tem

isso

isso que ver com a resposta da minha carta?

Diz que os Arcos do Rocio naõ servem para triunfos de Alexandre. Elle sim era pequeno, e caberia por qualquer Arco. Mas Arcos triunfaes naõ se usaraõ com Alexandre; porque aquella ostentaçaõ apparatosa foi invento da vaidade Romana, e o primeiro que a pôs em exercicio foi Tarquino Prisco, como diz Livio, ou, como outros, Romulo: e aos que triunfavaõ, privilegiava o Senado para que pudessem pôr estatuas nos templos, e nas praças, levantando Arcos triunfaes nellas. Daqui o nome de triunfaes nos Arcos: do que Alexandre naõ fez caso, nem se lê que mandasse levantar algum; porque a sua estatua foi a sua fama, o seu Arco triunfal, o que na praça do universo lhe levantaraõ as pennas de Tito, e Curcio. Com que, por hora, recolha o nosso Antiquario a equiparaçaõ injuriosa aos Arcos do Rocio, que saõ sobrancelhas desta praça, que estaõ levantadas com a admiraçaõ de suas vastas noticias.

Mas supponndo que nada disto coopera para a resposta da minha carta; onde este Cavalheiro cuidou que lançava a barra, foi naquelle antithesis, que quiz fazer na sua, mettendo-se a jocoso

coſo com ſeus entreforros de diſcreto, em hum miſto de chulas, e elegancias, ſem mais congruencia que imaginar que a tinha. Com eſte admiravel artificio me introduzio, e me encaixou os dezares deſte meu ſitio, como ſe eu naõ tivera o meſmo diſcurſo diſpotico para lhe embutir as do ſeu bairro. Proteſto que reſpondo, naõ por ſuppôr algum fundamento; porque iſto nelle foi, fallando Filoſoficamente, hũa ſimplez *volitio*. Mas quero-lhe fazer hum *ſupponendo*, e pôr em fórma o ſeu Tropo.

Se as vizinhanças, eſta he a bulha do ſeu antitheſis, culpaveis inficionaõ os moradores, de peyor partido eſtá quem vive no encurralado, que quem no eſpaçoſo. Se as carruagens deſauthorizaõ; os carros como honraõ? Se inficiona o bojo de hũa praça, que tem hũa fonte por embigo; que faraõ tantos bojos deſpejados, que trocaõ hũa praça em monturo? Se no Rocio naõ ennobrecem os Cortezaõs, que faraõ no Curral os magarefes? Naõ lhe faltava agora mais ao Rocio, que pôr-ſe-lhe o Curral em campo; e que prevaleceſſem nelle os fidalgos, com as armas de tartaruga, aos que paſſeaõ neſte, com as da nobreza. Mas paſſemos do ſitio ao goſto.

Se

Se eu goſto de alfeloa magana, porque naõ goſtará elle de alcomonia marota? Se eu goſto de aſſobios, porque naõ goſtará elle de zurros? Se naõ goſto da ſua cithara, ſerá porque naõ ſoa nada, por mais que tocada da minha penna. Agora o em que o culpo mais, he de máo Chriſtaõ, e peyor relator, com os agudos, e engraçados remoques de mariola, depois de alguns de pipa: e por naõ perder taõ eſpecioſos conceitos, me levantou dous teſtimunhos; porque ſe eu fora addîto a mariolas, ja elle tinha conſeguido de mim as concordatas: e ſe dos Arcos do Rocio ſe póde inferir, que ſou pipa por concomitancia; porque naõ poderá elle, *ex vi* do ſeu genio, ſer má vazilha?

No mais, ſe ſe remoquêa de diamante, e de jaſmim, ſeja-o que lhe preſte. Mas diamante, bom ſerá negociar-ſe lavrado, que ainda eſtá bruto. Jaſmim, naõ lho nego, que ao outro dia ſerá raſtolho. Veja lá no ſeu antitheſis, como ficou poupado, e ſe lhe chegaõ os azurragues deſte eſtafermo.

Mas dado o caſo, que todos aquelles epîtetos ſejaõ nelle nativos, como para mim violentos, e que ambos entremos neſta voluntaria, e in-

e inſulſa alegorîa, elle por excellencia; eu por injuria; que tem iſto que ver com a reſpoſta da minha carta? Mas vamos recopilando o que elle eſpalhou na ſua.

Eſte Cavalheiro, ſendo, como ſupponho, de ſufficiente eſtatura, ſe tomou ſem dûvida hum refego, para ficar na altura de hum Alexandre Luzitano, ſervindo-lhe tambem para ſer hum ſegundo David o meſmo refego. Naõ ha humanidade mais fauſta! Ver a facilidade com que na officina da preſumpçaõ propria ſe lavra a gente a ſua eſtatua ſem metter mais officiaes na obra!

Eſte Senhor he hum David quando peleija; hum Alexandre quando ſe enthroniza; outro Alexandre quando triunfa; outro Alexandre quando joga Ora na praça dos exemplos, devem de eſtar os Alexandres baratos. He mais, ſe hemos de eſtar pela ſolapada intençaõ do Author, na ſuavidade, hũa cithara; na profundidade, hum Diamante; na valia, hũa mina; na reſpiraçaõ, hũa pancárpia humana; na percepçaõ, hũa impeccavel eſcolha: e ſe apanha a Pedra Philoſophal deſcuberta, eſtá muy arriſcado a ſer Pedra Philoſophal diſcurſiva. Aqui naõ ha mais que louvar a Deos, que o creou para caixaõ

de tantas prendas, baûl de tantas graças, armario de tantas golofinas, e alcofa de tantas borundangas: e eu aqui hum mamote, fem me faber fazer gente! Mas vê-o voffê recheado de tanta coufa bõa? Pois ainda affim naõ me refponde á minha carta.

Fecha elle efta difcretiffima fua, ajojandofe com Alexandre, e pondo-fe com elle no andar dos jogos Olympicos. Mas he neceffario advertir-lhe os cafos, em que fe Alexandra com elle; porque hum dos inftitutos daquelles jogos era que naõ entraffem nelles bebados; com que Alexandre repugnaria a entrar, em profecia do que havia de beber. Nem feria por lhe faltarem coroas; mas porque as deftes jogos eraõ de oliveira, ou zambujeiro, e elle fó as quereria de louro como final *ad placitum*.

Com que naõ fei que efte fidalgo fique mui ayrofo, amaffado com Alexandre no repudio dos jogos Olympicos, em que pudera entrar fem aquelle exemplo; porque neftes jogos naõ fe attendia ás forças do engenho, mas do corpo, como vituperava Ifocrates. E elle ja tinha o gafto meyo feito; porque, conforme ao que fe exercitava naquella paleftra, a carreira dos cavallos

vallos lá fica no diſtricto, e no Curral os boys, com que Milon Crotoniaco dava a ſua carreira; e levando ás coſtas o de mayor corpulencia, conſeguia a coroa.

Ora naõ, naõ vá embora aos jogos Olympicos, que daqui a Grecia he jornada comprida, e elle tem cá que reſponder á minha carta.

Porèm, meu companheiro, veja como o tira dos Arcos do Rocio; porque ſe a ſeu voto ha nelles duplicada droga, onde póde elle ir quê mais valha? Mas v.m., como (ainda que naõ ſeja nem dos Monaſilhos do thuribulo, nem dos Zotes do incenſo) tambem ás vezes cuido que aſſopra o fogo, e naõ abomina o culto, ha de ſempre mudar eſte idolo com commodo; e ſuppoſto que elle ſe eſcuſa ao altar do Olympo, (e naõ faz mal, que lá naõ chega vento) eu lhe darey *ubi* circunſcriptivo, que lhe fique como centro.

Pegue v. m. na ſua carta, e ponha-lhe a idéa na cabeça ſecca, os conceitos no malcozinhado, e o eſtylo no calçado velho: a elle todo, ainda que lá pela ſua bitolla diga bocados de ouro, levá-lo pelos Ourives depreſſa, porque por outro, o póde levar á Rua nova; porque aquelle Leal

naõ o conhece melhor do que esse Fiel. Pergunte-lhe agora se saõ isto chapas, se choupas? Se saõ chapas, que entretêm marotos, ou choupas, que agarrochaõ presumidos?

Finalmente, diz elle com muy bõa graça, como se estivesse esfalfado de escrever Parabolas, que está temendo que eu o naõ entenda. Digalhe que perca esse receyo; porque eu, para me accommodar, e me abater ao assumpto, tambem me sey fazer tolo.

Agora o que peço he, visto este seu amigo ser Alexandre embalsamado, que, dando duas figas ao tempo, alcançou de nosso Senhor nesta vida a duraçaõ do Evo, que lhe advirta que me responda ainda áquella minha primeira carta, que sem dûvida foi algum rayo, que lhe queimou a penna, lhe seccou a escrivaninha, lhe entornou a poeyra, e finalmente lhe assombrou o idioma; damno, que se de algum modo se póde resarcir, será com me responder. Entrando aqui tambem o emolumento, ou literario, ou noticioso, dos doutos, e curiosos na repetiçaõ destes seus papelinhos, que eu vou ajuntando para hum additamento de Apothemas a Paulo Manucio deste Alexandre de remedo.

Aqui

Aqui ſe terminou a diſputa, que o Criticado epilogou neſte Manifeſto; que, ingenuamente ponderado, ſe conhecerá com evidencia que a primeira critica, origem da contenda, foy eſtulta, por nunca imaginada; as ſeguintes, por inventadas, ficticias, e vaidoſas. Todas foraõ confutadas com energîa, ja jocoſa, ja jocoſéria, pelos termos mais claros da Philologia; ainda que tudo deſconhecido do Critico, com quem naõ valeo diſcurſo, exemplo, ou evidencia patética, a que ſempre entendeo ſuperior a ſua pertinacia.

*Expoſiçaõ da preſente Antilogia, e noticia previa para ſua mayor intelligencia.*

EScrevia o Chroniſta das Memorias de Malta, que eraõ da ſua diſtribuiçaõ na Academia Real, ſobre o Moſteiro das Maltezas de Eſtremoz, verdade eſtabelecida neſta Coroa, em que naõ tem outra Caſa. Sahio a confutá-lo, e a negar ao tal Moſteiro o nome de Malta, hum novo Eſcritor, velho venerando, mas cego, e ſurdo. De que provocado o Chroniſta Maltez, fez hũa Apologia defendendo a ſua cauſa, ſem

mais

mais liberdade na eſcritura, que dizer ao velho, que tinha más qualidades para Eſcritor: porque, como cego, ſe lhe difficultariaõ os acertos; como ſurdo, os deſenganos. Provou logo como a Caſa era Malteza, naõ ſó pela vulgaridade publica, mas pelos documentos extrahidos dos Archivos de Malta: e que ſó excitaria ſimilhante dúvida, quem quizeſſe roubar o Moſteiro áquella Milicia. A eſta juſta defenſa ſahio hum Oppoſitor maſcarado, como Anonymo, induſtria de fallar licencioſo, e eſcreveo em fórma de reſpoſta hũa ſatyra, totalmente deſpida dos enfeites de aguda, pondo-lhe por titulo: *Notas Acticas*; que foy o que lhe grangeou o nome de Eſcrivaõ das Notas, chamando-lhe, pelo meſmo, Notario da Apologia, ou Notario Apologetico, ſuſpeitando-lhe algum privilegio Eccleſiaſtico.

*Antilogia concluziva, ao Tabelliaõ das Notas Acticas, Notario Apologetico.*

QUeixar de Critica, e reſponder com outra! Com iſto ſe ſahio hum Notario Apologetico: e que dirá a iſto o mayor Theologo,

logo da verdade? Ora digamos ao Notario, o que elle diſſe a hum máo Catholico: *Exiſtimas, ó homo, qui judicas eos, qui talia agunt, & facis ea, quia tu effugies judicium?* Fazes tu o meſmo, que condenas no outro, e cuidas que naõ has de vir a juizo? Naõ ſey ſe te ſoou ja nos ouvidos a *Tuba magna.* Agora eſcuta a pequena.

Por ventura o Apologiſta foy-te lá puxar pela capa? Quem te fez Procurador de Matuſalem? O pobre Apologiſta fez mais que dizer a hum miſeravel velho, que naõ ouvia, ſendo elle ſurdo; que naõ via, ſendo elle cego: e iſto com a traveſſura de ſeu equivoco, que antes lhe hia a fazer cocegas, que a moleſtá-lo com arranhaduras? Vás logo, e Eneas de obra groſſa tomas o teu Anquiſes ás cavalleiras, para o livrar do fogo de hum papel accezo, que podias apagar com hum ſopro, e naõ ir fazer hum quaderno de méchas, para o fazeres em cinzas?

Que mal dito eſtava aquillo de que, ſe o cego, e ſurdo fora tambem mudo, eſtava em eſtado de remedio; porque aſſim tinha ſuccedido ao energumeno do Evangelho: mas que ja o remedio era difficultoſo, viſto naõ ſe metter a mu-

mudo? Pergunto: Que cousa está aqui contra o Texto?

O Apologista culpou acaso a vista na idade enfraquecida? Culpou-lhe a obstinação na evidencia. Quem condenou no Sacerdote Heli, que lhe enfraquecesse a virtude dos olhos com os muitos annos? Sim reparou a Escritura que naõ visse a luz, que tinha diante dos olhos. Os velhos estaõ desobrigados de Linces: nem se esperaõ perspicacias de Aguias nos que andaõ em vesperas de Toupeiras. Só o Feniz he o unico velho, que se sabe fazer moço. Nos velhos he mais certa a rabugem, que a agilidade; e estaõ mais promptos para as quédas, que para as subidas. Os Salomoens na primeira idade, lá tropeçaõ nas idolatrias na velhice.

Daniel sim se mettia a interpretar sonhos em moço, naõ consta que o fizesse em velho. Muito melhor fora nos velhos contentá-los com o tributo dos respeitos, e poupá-los com o trabalho dos discursos; porque hũa maõ tremula, e caduca, mais serve para a mulêta, que para a penna: e com isto escusava o Notario de andar embalsamando esqueletos, que ja naõ pódem sahir á praça da sciencia, senaõ em estatua.

Sahio

Sahio em fim o velho; diz o Notario que innocente. Naõ diz bem. O Apologista estava em posse pacifica da materia, em que escrevia, como sua. Vieraõ a tomá-la, e tomar-lha, á unha da penna. Tá, que isso he cá nosso. E havia de ficar muy socegado? Naõ havia de levantar-se, e perseguir o aggressor do furto, sequer com a diligencia do brado?

Para aqui he que saõ os A'que delReys, os motins, os gritos: Peguem-me nesse velhaco, que se vay acolhendo com o alheyo. E quando parece que havia de vir restituî-lo, sahe ao encontro á verdade com sette pedras na maõ; e sendo estas as que disseraõ os Amens, dessas mesmas engenhou as pedradas. Mas dahi venhaõ ellas, ainda que de mistura com os epîtetos do satyrico. Mas naõ devia de ler em Santo Ambrosio, que quem quer crença, deve dar segurança: *Morale est, ut qui fidem exigunt, fidem astruant.*

Era necessario trazer a Juizo os cathastrofes, os libellos infamatorios, as invetivas injuriosas, para arrezoarem hum genio malevolo, e depravado; porque o mais he industria, taõ antiga como velhaca, dos que desconfiaõ na disputa,

enfraquecer o credito do oppoſto, nas impoſturas; para introduzir mais bemquiſtas as ſuas invetivas, ou acautelarem menos injuriadas as ſuas incompetencias.

Mas eſtas baixezas affoutas ſó ſe achaõ nos que na educaçaõ ſolta, e licencioſa, naõ eſtaõ coſtumados a ver a cara á modeſtia.

Dê o Notario graças á fortuna, e ás veneradas Leys da decencia, que ſe elle encontraſſe o genio ſatyrico, bem á ſua cuſta, lhe confirmariaõ o voto.

Agora o que o Apologiſta gaba no Notario, he o entrar em hũa diſſertaçaõ, e no principal Hiſtorica, que elle chama totalmẽte Theologica, em que ſe engana; porque á hiſtoria toca o propôr a verdade, que, dos Authores authorizada, eſcuſa a diſputa, como ſe póde ler na Apologia. Entra pois com hum taõ arrogante, como voluntario dominio ſobre a hiſtoria; com hũa cenſura taõ ſatyrica, como inſulſa; e mette-ſe no ſegundo ponto, ſem diſputar o primeiro. Mas, para prova da ſua fatalidade, venha a juizo.

O que da ſua parcialidade ſe propôs neſta materia, foi abſolutamente que as Religioſas de

Eſtremoz naõ eraõ Maltezas. Sahio o Apologiſta, e provocado da admiraçaõ deſte paradoxo, eſpalhou algumas expreſſoens alluzivas, a que o Notario ſahio com ſatyras deſcubertas, totalmente ignorante daquelle diſcreto eſtylo, em ſimilhantes caſos praticado; e foy o Apologiſta taõ máo Filoſofo, que, para provar o contrario, uſou deſte meyo:

Que as Religioſas daquella Caſa, que primeiro exiſtio em Evora, foraõ fundadas por hum Gram Prior do Crato: hum Prior, que obteve licença do Gram Meſtre, e Conſelho, para ſe fundar hum Moſteiro da Ordem de Malta. E fundadas com a Bulla de hum Pontifice, que as conſirmou na dita Ordem, com rendas eſtabelecidas, tiradas da dita Ordem: Com regra, e habito inſtituidos pelo meſmo Gram Prior, mas debaixo da obediencia da dita Ordem. Se por eſte eſtylo ficaraõ reconhecidas por legitimas Religioſas de Malta, e o tal Moſteiro por Caſa daquella Eſclarecida Milicia Hoſpitalaria, *Dicant Paduâni.*

Mas como o defender paradoxos leva, entre as oſtentaçoens de engenho, a condenaçaõ de deſatino: e naõ ſahe o Author taõ airoſo nas

vaidades de agudo, como injuriado nas evidencias de louco; se resolveo a mesma opiniaõ opposta a reconhecer por Malteza a dita Casa, como consta do Escrivaõ das Notas, que ja neste ponto perdeo o sê-lo da Puridade.

Supposto agora que no ponto das Maltezas, naõ pode negar que o eraõ; volta-se a provar que o naõ foraõ. Mas pudera lembrar-lhe aquelle sagrado emblema dos mais Juridicos Doutores, em que quatro espiritos, que com multiplicadas pennas escreviaõ a Historia Sagrada, naõ voltavaõ, mas proseguiaõ: *Nec revertebuntur cum ambularent.*

Volta elle em fim com hũa proza, ja do primeiro assumpto, enxovalhada, tomando a Gilhelmo Tirio por estanco; mettendo na aljibeira a Genebrardo, e fechando no seu Oratorio a Santo Antonino; para que ninguem, como elle, os pudesse allegar, e construir. Ora esses mesmos, que elle escolheo para a defeza, haõ de ser os seus Juizes para a condenaçaõ, chamando-o a Juizo ao Tribunal do Desengano.

E porque todo o ponto se devolve á existencia das Religiosas de Estremoz debaixo do instituto Hospitalario, desde o seu principio,

ou

ou da Regra da Beata Iguez; ſem tanta baraſunda de &&. tanta prolixidade de allegaçoens, tantas reflexoens, antes ſatyricas que ſentencioſas, que antes ſe reſolvem em indiſcretos deſpiques, que diſcurſos concludentes; revindicando a verdade queixoſa, por mal entendida, reſponde o Apologiſta a toda a ſubſtancia da materia.

*O que toca à origem Hoſpitalaria de S. João de Jeruſalem.*

EXaminada a origem dos Hoſpitalarios, depois Rodianos, agora Maltezes, com ponderação judicioſa, he ſem duvida que não póde haver Authores de mayor fé, que os da meſma Religião, ſendo ella tão exacta nos ſeus procementos, tão previſta nos ſeus Archivos; não havendo couſa, que lhe pertença, em que não ſe reconheça hũa rigida, e ſevera obſervancia. Pois como faltará nella hũa ſegura, e eſtabelecida noticia da ſua origem? Em ponto de tanta importancia he poſſivel permittir-ſe-lhe dûvida menos diſputada, quando no zelo ſe não deve ignorar propagada a evidencia?

Bocio,

Bocio, o mayor Efcritor da Ordem, Funes, fucceffivo a elle, que, como Linces domefticos, examinaraõ os atomos da fua Hiftoria, tomando a fua origem no mais remoto, principiaõ pelos Amalfitanos, que entraraõ a difpôr Mofteiro, e Hofpital em Jerufalem, pelos annos de 1048. authorizando a refoluçaõ com Gilhelmo Tirio: o mefmo eftylo guarda Santo Antonino, que vay bufcar o mefmo tempo. Com que os Authores, que efcreveraõ defta origem, ficaraõ com a liberdade de apontá-la, mas naõ de eftabelecê-la, em todo o efpaço de tempo, que naõ podia fer pouco, em que a diligencia dos Amalfitanos pertendeo confeguir, e finalmente fundou Hofpital, e Mofteiros?

Efte o primeiro erro do Notario, refolver a origem da Ordem no anno de 1119., para o que allega hũas palavras de Santo Antonino, que aqui naõ fervem aos Hofpitalarios, por naõ fallar delles o Texto; porque, por erro de quem trasladou, ou imprimio, fe confundem aqui as duas Milicias, e fe attribue aos do Hofpital o que fe devia aos do Templo: e pudera o Notario dar fé das Annotaçoens de Maturo; mas elle na hiftoria o he taõ pouco, que cahio em fimilhante

lhante anacronifmo. Segue-fe daqui, que fica reprovado, todas as vezes que para o feu intento põem a origem da Religiaõ em o tal anno.

Affim ficou o precizo della com hũa averiguaçaõ voluntaria, valendo-fe cada hum da congruencia, que lhe pareceo mais propria ao effencial da noticia; e que naõ he culpavel, antes gloriofa imitaçaõ dos mayores Chroniftas, que admirou o mundo, como os que tiveraõ o Divino Efpirito por paracleto, que em hũa taõ fubida materia, como o ter vindo á terra hũa Divina Peffoa, naõ fe precizaraõ todos a hum principio, attendendo fó ao effencial do affumpto.

Os Efcritores da Ordem puzeraõ o irrefragavel da época no anno de confirmada, que foi o de 1113., por Pafcoal II., e Calixto II.; affim Bocio. Funes o affenta no mefmo Calixto. Seguiraõ-fe Honorio II., e Innocencio II., que tambem a confirmaraõ, e lhe deraõ a Regra de Santo Agoftinho. Com que ja Eugenio III. achou aos Hofpitalarios profeffando-a, dez annos depois, e os eximio da jurifdiçaõ dos Bifpos. Affim o tem hum, e outro Efcritor, e he conforme com a Corógrafia dos Pontifices, e a verdade dos que o extrahiraõ de huns Cartorios taõ fidedignos,

dignos, como os da Religiaõ Hofpitalaria, hoje nomeada Malteza; Lynces das fuas glorias, dos feus privilegios, dos feus eftylos, dos feus progreffos, com hũa exacta providencia, que bafta a emmudecer Efcritores intruzos fuppofiticios, romanciftas da tradiçaõ, antipodas da verdade, que com hũa efcaffa tintura de noticia, e hũa primeira tonfura da Hiftoria, fe atrevem a qualificar Authores, e a eftabelecer antiguidades. De que he bõa prova o noffo Notario, accommodando-fe na prefente decifaõ com a authoridade de Frey Nicoláo, que affirma confirmada a Religiaõ, e com exercicio da Regra de Santo Agoftinho, por Eugenio III.; fem advertir o tal Notario, pela falta de noticias, que tem de Authores, que efte, fendo hum grande Chronifta no feu affumpto domeftico, no que toca a Malta he pouco feguro.

Agora tornaremos á primeira empreza dos Amalfitanos para confutar toda a machina defta efcuzada difputa: advertindo primeiro, que Bocio falla nos primeiros intentos, e depois negociaçoens dos Amalfitanos;e Santo Antonino, ja quando fe punha em execuçaõ a obra, que foi pouco antes que fe tomaffe a Cidade Santa. Ifto fup-

ſuppoſto, diz o Santo Doutor que os Amalfitanos, que vinhaõ de Malfi, Cidade de Apulia, a contratar a Jeruſalem, como a viſitar os Lugares ſantos, impetraraõ do Califa do Egypto hum ſitio, em q̃ lavraraõ hum Hoſpital, e Moſteiro: eſte com o titulo de *Santa Maria in Latina*, aquelle com cõmodos para hoſpedar peregrinos. Depois vendo que naõ era menor o concurſo das mulheres, e mais precizo o amparo, e recolhimento, fundaraõ outro Hoſpital, e Moſteiro, com o titulo de *Santa Maria Magdalena*. Hũa, e outra fabrica pia, a cuidado, e diſpendio dos Amalfitanos; trazendo Religioſos Benedictinos com ſeu Abbade, de Monte Caſſino, para celebrar os Afficios Divinos, e miniſtrar Sacramentos, ſendo o governo, e adminiſtraçaõ dos dous Hoſpitaes ſuſtentado com as continuas, e groſſas eſmólas dos meſmos Amalfitanos.

Aqui ſe vê claramente que nos dous Hoſpitaes ſe naõ profeſſava outra Regra, mais que a da Hoſpitalidade, a que he evidente ſe ajuntaria alguma reza, e ceremonias, ou eſtylo de vida pelo Patriarcha, a que as duas Caſas eſtavaõ ſujeitas. Que foſſe aſſim no Hoſpital dos homens, naõ tem dúvida: no das mulheres lha

pẽem agora este antigo, e authorizado Escritor, ou Escrivaõ das Notas. Mas venha a authoridade de Santo Antonino, que, depois de fallar no primeiro Hospital, diz assim: *Ædificatum etiam fuit à Deum timentibus, non longe à dicta Ecclesia Sanctæ Mariæ in Latina, Monasterium fœminarum in honorem Sanctæ Mariæ Magdalenæ, & sorores, sub certo numero positæ ad obsequium adventantium mulierum. In quo Monasterio reperta est Abbatissa quædam nomine Agnes.* Val tanto, rigorosamente, como dizer: Fundou-se hum Mosteiro com Irmaãs deputadas para obsequio das peregrinas.

Pergunta-se: Aquelle obsequio era hospitalidade, ou cortejo? Para receber peregrinas, estavaõ as taes Irmaãs expostas: logo eraõ por instituto Hospitalarias. E se este era o seu instituto, qual era o de Ignez sua Abbadessa? Podia algum Author, *sanæ mentis*, imaginar que as subditas tinhaõ hum instituto, e a Prelada outro? Pois onde está esta Regra propria, e diversa da Hospitalaria, de que era esta Beata Fundadora? Appareça, e a confirmaçaõ della.

Diz o Notario opposto, que se colhe de Genebrardo que foy Fundadora a Irmaã Ignez; logo

logo iremos ao Texto: Santo Antonino lhe chama Abbadeſſa, e da Caſa Hoſpitalaria: *In quo Monaſterio reperta eſt Abbatiſſa.* Pois era Fundadora, e ſó lhe chamou Prelada? Taõ leve circunſtancia he o fundar hũa Ordem, que, apontando-ſe-lhe o menos do governo, ſe lhe ſupprimiſſe o mais da Fundaçaõ? Hum tal Eſcritor, como Antonino, que eſcreveo com os olhos em Guilhelmo Tyrio, achou nelle couſa taõ importante, e cahio na falta de omittî-la? Era Antonino eruditiſſimo, e era Santo: como erudito, naõ lhe podia paſſar aquella noticia; como Santo, naõ havia de negar a hũa tal mulher aquella honra.

Havemos de permittir em Antonino ſupplementos de Genebrardo? Ha de ver Genebrardo em Guilhelmo, o que naõ percebeo Antonino? Ha de dizer mais Genebrardo no eſtylo cronografo, que Antonino no extenſo?

Agora veremos como ſe ha de entender Genebrardo, para ſe conciliar com Santo Antonino. Diz o Texto: *Agnes nobilis mulier natione Romana, & Abbatiſſa Hieroſolymæ ſuum Ordinem Sanctimonialium auſpicatur.* Hũa mulher nobre de naçaõ Romana, Abbadeſſa em

Jerusalem, começa com bom auspicio a sua Ordem de Freiras. Esta Abbadessa he a que de Guilhelmo diz Santo Antonino que presidia ás mulheres, ou *Sorores Hospitalarias*; estas estavaõ no segundo Hospital, que, para exercitar a Hospitalidade, os Amalfitanos, ou homens pios, tinhaõ fundado, e agora ampliavaõ, para soccorro dos peregrinos; instituto, que tinha principiado em Gerardo, com assistencia do Abbade Benedictino, que no espiritual tinha o governo, de que se deduzio á Beata o nome de Abbadessa. Logo a tal Beata era Prelada, e naõ Fundadora. O *suum Ordinem*; A Ordem era sua, porque a professava, e naõ porque a instituisse: estylo commum de fallar em quem começa vida Religiosa, de quem he ja a Ordem que professa. He fraze vulgar, como v.g.: Observa a sua Ordem á risca: He credito da sua Ordem: Agora começa a desempenhar as obrigaçoens da sua Ordem: Naõ póde imprimir sem licença da sua Ordẽ. Eis-aqui como se entẽde o começar a sua Ordẽ, professando-a, e naõ instituindo-a. E este o estylo genuino; porq̃ ninguem diz: S. Domingos começou a sua Ordem: S. Francisco começou a sua Ordem; Mas, fundaraõ a sua Ordem: porq̃ o começar *latius patet*,

*tet, quàm* fundar; porque nem todos, os que começaõ, fundaõ.

Aſſim a Beata Ignez começou a ſua Ordem de taes Freiras, ſendo nella Prelada; porque o inſtituto, que era de Hoſpitalidade, confórme a Santo Antonino, eſtava primeiro conſtituido, e por Gerardo. Genebrardo eſcreve com hum eſtylo de Cronografico, ligeiro, elegante, e conciſo, e naõ quiz dar mais noticia, que da peſſoa, e do eſtado; por iſſo exprimio o nome, e o governo. E taõ fraco Grammatico era Genebrardo: taõ fraco Santo Antonino; que naõ ſouberaõ pôr a hũa Fundadora mais que o nome de Prelada? Nem a Santo Antonino, nem a Genebrardo occorreo para hũa Fundadora o verbo de fundar, e de erigir?

Outra reflexaõ: Genebrardo attendeo pouco ao que diſſe deſtes Hoſpitaes, em hum dos quaes era a Beata Ignez Abbadeſſa; porque paſſa em ſilencio a Gerardo ſeu verdadeiro Fundador. Pois ha ſe de eſtar por hũa conſtruiçaõ, que infere Fundadora, a que ſó ſe chama Prelada; e omitte o Fundador da meſma Caſa, em que ella o era?

Conclua-ſe, que depois que Santo Anto-

nino

nino affirmou que o ſegundo Hoſpital era de Hoſpitalarias, e Ignez ſua Abbadeſſa, naõ ſe póde negar que foſſe Hoſpitalaria: e depois que Santo Antonino eſcreveo que a Beata Ignez era ſó Abbadeſſa, naõ ſe póde affirmar que foſſe Fundadora. Porque o Santo Doutor eſcreveo, com fidelidade de Santo, e advertencia de Hiſtoriador erudito, o que achou em Guilhelmo; e he infallivel que o naõ achou, pois o naõ eſcreveo.

Nem Genebrardo, ainda que inſigne Eſcritor, e Theologo, Author mais moderno, ſe havia de reſolver a adiantar-ſe a Antonino, como ſuppondo-o defeituoſo, e menos expreſſivo, em materia grave, preciza, digna de Hiſtoria, e do tempo a que elle alargou a penna. De que ſe ſegue, que a conſtruiçaõ do Notario, em que quer eſtabelecer a ſua Fundadora, he naõ ſó deſtituida, violenta, e voluntaria, mas injurioſa a Genebrardo, a quem elle paga bem o beneficio de patrono, com indigna oppoſiçaõ a Antonino, Theologo Eximio, Doutor Santo, Araculo Sagrado, Hiſtoriador veridico, Luz da Igreja, milagre da memoria, que ſe adquirio quaſi todas as ſciencias ſem Meſtre; e a quem a in-

a interpretaçaõ dos Concilios deo hum antonomaſtico nome.

Diga agora o Tabelliaõ das Notas, que o Apologiſta foge de Santo Antonino; mas experimenta que o Santo Arcebiſpo, e Doutor, tem hũa penna, que arrezoa pelos veridicos; e hum Bago, que caſtiga affoutos: e confeſſe, ſe for capaz de o entender, em veneraçaõ do meſmo Santo Doutor, que o que elle eſcreveo, e tirou de Guilhelmo, favorece, e confirma a reſoluçaõ dos Authores, que aſſentaõ que a Beata Ignez foy Hoſpitalaria: e aprenda a naõ ſe atrever ás pennas doutas, que ſó o naõ pódem enſinar, porque elle as naõ ſabe conſtruir. E venha a exame publico a neſcia, e pueril anatomia, que quiz fazer em Polidoro Virgilio, que elle naõ ſabe conſtruir, como a Doutor Claſſico; porque ainda para Grammatico da claſſe lhe falta muito: logo lho diraõ; e entremos nas palavras de Polidoro.

*Longo poſt tempore quidam Præfectus loci, nomine Gerardus, cum ſociis Crucem in nigro pallio candidam affixit, & cum aſſumpſit Ritum, quo nunc degunt: pari exemplo Agnes, quæ Virginum Cænobio præerat, & profeſſa eſt.*

*Poſtea*

*Poſtea per Pontifices Romanos, & Patriarchas approbata, adeò brevì crevit, ut opes dehinc maximas Principum liberalitate ſunt aſſecuti.*

E que ſeja taõ barbaro eſte Eſcritor intruzo, que naõ conſtrûa o como o deſtróe Polidoro? Falla aqui eſte Eſcritor na Ordem Hoſpitalaria; reconhece-a em Gerardo, e Ignez, como ſe conſtróe naquelle *approbata*, que ſe naõ póde referir a Ignez ſó, ſenaõ á profiſſaõ dos dous, como ſe vê no *aſſecuti ſunt*, que he do plural; e ſe confirma: Porque Ignez ſe ſuppõem aqui profeſſando, *profeſſa eſt*; e naõ tem aqui eſte verbo, *profeſſa*, outro caſo, ſenaõ aquelle *Ritum*; e ſe naõ, moſtre-ſe o que profeſſa. Outra evidencia: diz o Texto: *Aſſumpſit Ritum*, que Gerardo tomou aquelle inſtituto; e continúa: *Pari exemplo Agnes & profeſſa eſt.* Venhaõ todos os Grammaticos, ainda os hereticos, e os gentilicos, e conſtrûaõ eſta oraçaõ: *Gerardus aſſumpſit ritum, pari exemplo Agnes & profeſſa eſt.* Como ſe ha de entender, ſenaõ aſſim, para quem ſouber fallar Latim, e Portuguez: Com igual exemplo ſeguio Ignez eſte inſtituto, ou rito de Gerardo. O igual, he a Gerardo, a quem ſuppõem aqui Religioſo, e Reformado: o que

o que se professou, foy o mesmo que Gerardo; porque naõ ha aqui outra cousa, ou outra Regra, a que se applique esta profissaõ.

Se naõ, a que veyo aqui a noticia desta Prelada debaixo da noticia deste Fundador? Como os unio a Historia, se os separava a Regra? Porque, assim como pôs o instituto distincto em Gerardo, o naõ pôs em Ignez, se o tinha distincto?

Agora o subterfugio do Notario he taõ pueril, e taõ ridiculo, que naõ só he indigno de resposta, mas de reparo: porèm diz o Apologista, com o Oraculo da Igreja: *Sapientibus, & insipientibus debitor sum.* E como a soluçaõ he da segunda classe, vem a valer-lhe esse honrado privilegio. Diz o tal Notario, que o Apologista naõ sabe construir; porque aquelle *pari exemplo* naõ se ha de tomar como passivo, mas como activo. Palavras de ouro, do mesmo Notario!

Jeronymo Roman, e Filippe Banani tropeçaraõ naquellas palavras, *pari exemplo*, diz o Notario na sua revelaçaõ, entendendo-as do exemplo passivo subsequente, com posteridade de tempo, devendo-as entender do exemplo

activo, e antecedente. Naõ ha mais construir! Naõ ha mais Grammatica! Naõ ha mais dialecto!

Exemplo passivo! Salvo se he o dos Martyers, que saõ exemplares padecendo. O exemplo he hum modélo, ou hũa estampa, que se expõem para imitada: He hũa norma, que convida para a similhança: He hum persuasivo conselho, que dicta os acertos a quem quer seguî-los. E tudo isto he activo.

Passivo subsequente com posterioridade! passivo diz termo de acçaõ; subsequẽte, diz cousa, q̃ se segue. Pois que tem que ver o que se segue, com o termo de acçaõ?

Exemplo activo, naõ he o mesmo, que exemplo antecedente; porque activo diz acçaõ, antecedente prioridade. Repare-se, como saberá responder, quem se naõ sabe explicar.

O Apologista, tendo lastima desta Grammatica balbuciente, ou tartamuda, responde: Que o Notario devia querer dizer: que o *pari exemplo* naõ se entendia de exemplo, que a Beata tomasse de Gerardo, mas que ella mesma dava com a sua vida. E quem deo licença ao Notario para Expositor deste Texto? Em que extasi

lho

revelou Polidoro? Agora parece que quer dizer o tal Notario, que o exemplo da Beata naõ era ſubſequente ao de Gerardo, porque a Beata o deo primeiro. Ora venha deſenganá-lo Santo Antonino. Ignez ſeguio-ſe a Gerardo, porque o ſeu Hoſpital foy ſegundo. Lêa-ſe o Santo: depois de fallar na conſtrucçaõ do primeiro Hoſpital, continûa: *Ædificatum etiam fuit, & non longe à dicta Eccleſia Sanctæ Mariæ in Latina, Monaſterium fœminarum, in quo Monaſterio reperta eſt Abbatiſſa nomine Agnes.*

Onde a conjunçaõ copulativa, *etiam*, ſuppõem precedente, e ata ao ſucceſſivo. Suppõem o primeiro Hoſpital, e Gerardo ſeu Reytor; e depois o ſegundo, e a Beata Ignez. Niſto aſſentaõ os Eſcritores da Ordem, e os que eſcreveraõ com individual noticia della.

Neſte ponto acha o Apologiſta que tudo o mais he ſuperfluo, por eſtar ja provado na Apologia; e com tanta firmeza, que obrigou ao Notario á eſtulticia deſta reſpoſta. Na meſma Apologia eſtá explanado o que toca á diverſidade das Ordens. Ao que diz o Notario que todas as Hoſpitalarias tiveraõ por exemplar a Abbadeſſa Ignez: He couſa, que naõ ſonhou Eſ-

 critor

critor algum das fundaçoens da Cidade Santa, e de toda a Paleſtina. Para lhe deſvanecer eſta loucura, baſtava a obſervaçaõ de Santo Antonino, pelo tèmpo em que falla na exiſtencia da tal Abbadeſſa. Mas elle he louco de taõ bom capricho, que volta as coſtas ao Santo, para pedir ſoccorro a Genebrardo, que foy grande cultivador do Epiſcopal reſpeito, e Theologo, que ſabia reconhecer o Sagrado.

Finalmente: porque a diffuzaõ he o primeiro faſtio dos Leitores, e perigoſa confuſaõ das verdades, naõ dará o Apologiſta mais que hũa reſpoſta ao ponto, em que ſe eſtriba toda a empapelada machina, em que o Notario trabalha, para eſtabelecer que a Beata Ignez naõ foy profeſſora da Hoſpitalidade, que profeſſaraõ, e profeſſaõ todas as Religioſas, hoje Maltezas, primeiro Hoſpitalarias. E appareça a Bulla ſubrepticia, com que elle argumenta; mas taõ bom Filoſofo, como Hiſtoriador.

Dizem as palavras da Bulla do Cardeal Antonio: *Foy propoſto diante de Nós, o que tambem o muito amado, e illuſtre Senhor D. Luiz Infante de Portugal; o qual inflammado do zelo da Caſa do Senhor, deſejando de vos reduzir*

*a hũa*

*a hũa certa fórma de viver a vossa Regra, que antigamente aquella Santa Virgem de gloriosa memoria guardou.*

Destas palavras diz o tal Notario que infere, que as Freiras de Estremoz naõ tinhaõ Regra alguma; e que naõ tiveraõ a Regra da Beata: que a Beata fundou outra Regra. Póde haver mais barbaro desatino! Pois o que tem, que está o Texto em Grego. Ora ponha-se romanceada esta Grammatica Portugueza.

Vê-se que as Freiras tinhaõ Regra. Isso dizem aquellas palavras: *Fórma certa á vossa Regra*; como se dissera: Desejando dar-vos hũa fórma determinada áquella vossa Regra, que necessita de refórma. Com que a fórma certa reformava, mas naõ instituia; e assim sempre suppunha Regra, como he irrefragavel daquellas palavras, *Vossa Regra*, que diz possessaõ antiga. Prova-se mais a preexistencia da Regra das taes Religiosas; porque continûa o Breve: *Que o Infante a renovou, e de novo instaurou.* Verbos, que pressuppõem o que se renova, e instaura; porque o renovado naõ he novo. E se o Infante renovou a Regra, ja ella preexistia. Essa era a fórma certa, a renovaçaõ da Regra attenuada.

Que

Que a Regra, que as ditas Freiras tiveraõ, e tem, fosse a da mesma Beata Ignez, expressamente o expõem as palavras do mesmo Breve, dizendo: *De vos reduzir a hũa certa fórma a vossa Regra, q̃ antigamente aquella Santa Virgem de gloriosa memoria guardou.* Que vem a dizer: A Regra, que guardou a Beata Ignez antigamente, he essa, que tendes; porque aquelle *que* reflecte sobre a Regra, que he das Freiras, e vay buscar o verbo *guardou*: verdade em que naõ tropeça nem a primeira operaçaõ; porque he impossivel outra qualquer construiçaõ, ou intelligencia. Porque a *certa fórma* ha de darse á Regra. A Regra he das Freiras. A Beata Ignez guardou essa Regra.

E aqui torna a estabelecer-se que a Beata Ignez foy professa, e naõ Fundadora da Ordem, que isso diz precisamente o verbo *guardou*. E aqui faz o Apologista hũa reflexaõ consideravel no muito que os verbos de fundar estaõ malquistos, ou totalmente ociosos, com todos os que escrevem desta Beata Ignez; porque he nelles universalmente falta, o descuido de os uzarem, ou a advertencia de os omittirem.

Eis-aqui as authoridades, com que o bom do

do Notario, e a ſua muita ſingeleza quer ſuſtentar as ſuas inventadas opinioens, taõ mal ſuccedidas com os Patronos, que elles ſaõ os ſeus primeiros; ſoltando-ſe aqui aquella profecia, que o meſmo Notario proferio, chamando David ao Apologiſta; porque com a ſua meſma eſpada, ainda que como a fraco Gigante, lhe corta a cabeça. Podendo dizer o meſmo Apologiſta, todas as vezes que lhe vem á maõ hũa prova, ou authoridade contraria: *Non eſt gladius ſimilis huic!*

E para que tenha a vaidade de que o ſucceſſo do ſeu arrezoado foy ja previſto em hum myſterioſo Texto, ſaiba que, querendo os perverſos degolar os pacificos, as ſuas meſmas eſpadas foraõ para elles verdugos; e leve de caminho eſſa dialogîa, ſe ſouber entendê-la.

Finalmente, ao que diz o Notario, de que as Religioſas de Eſtremoz nada tem de Hoſpitalidade, e menos do Habito Maltez; pergunta o Apologiſta: Se quer que as taes Religioſas recebaõ no ſeu Moſteiro os peregrinos, que vem vizitar os lugares ſantos de Eſtremoz? Ou que façaõ algumas caravanas, com a Cota, e Cruz grande, que uzaõ nellas?

Os

As taes Religiosas saõ Hospitalarias por instituto, ainda que lhes falte o exercicio; porque a essencia das cousas consiste na aptidaõ, e naõ no exercicio dellas. Prova-se com os Irmãos da Terceira Ordem de S. Domingos, instituidos para pelejar com os Albigenses; que, cessando a guerra, ficou a mesma Ordem estabelecida, acerescentando-lhe o nome da Penitencia: o que se vê tambem nas Religiosas de Estremoz de S. Joaõ da Penitencia.

O mesmo se praticou, e praticaõ os mais Mosteiros da Ordem. Assim no de Evora, que passou para Estremoz: assim no de S. Joaõ de Acre, em Burgos: no de S. Joaõ del Temple, em Piza, em que floreceo Santa Ubaldeza em virtudes, e milagres. Todos estes Mosteiros professaõ a regra de S. Joaõ Jerosolymitano dos Hospitalarios, hoje Maltezes. Assim o Infante Dom Luiz, reformando, e innovando a Regra ás Religiosas de Estremoz, nunca as excluhia da sua Hospitalidade; porque naõ a podia extrahir da Ordem, fundando o Mosteiro para ella, para que só teve licença: nem podia ter outra, sendo os Pontifices conservadores dos Estatutos da Religiaõ. Mas neste ponto, ja está a materia liqui-

liquidada na Apologia: e para que ſe acabe de entender o irrefragavel do que ella deixa provado, e o Notario pela ſua Bulla ſubrepticia ſuppõem deſtruido; prova ultimamente o Apologiſta que naõ tem vigor algum a tal Bulla, e que ſe ha de eſtar pela de Paulo III., que eſtá inteira, illeza, e eſtabelecida; como confutada a opiniaõ oppoſta, como inventada, ficticia, e ſuſtentada no ar, como eſqueleto de Mafoma, e defendida, como a ſua Ley, naõ ás pacificas perſuaſoens da razaõ, mas á incivil eſpada da ſatyra, da injuria, e da maledicencia, que deſprezadas da verdade eſtabelecida, e notoria, armando-ſe para vinganças, naõ paſſaõ do infructuoſo de impaciencias.

### *Refuta ſe a Bulla do Cardeal Antonio por ſubrepticia, e por inhabil para patrocinar a opiniaõ oppoſta.*

PAra ſe conſeguir, diz o Apologiſta, qualquer conceſſaõ, ou graça Pontificia para a Ordem de Malta, he, e foi ſempre condiçaõ *prærequiſita, & ſine qua non*, a licença expreſſa do Graõ Meſtre, e Conſelho da meſma Ordem.

Consta dos seus Estatutos rigorosamente observados, como confirmados por Breves Pontificios. He sem dûvida, que na Chancelari a da mesma Ordem se naõ acha registada licença para a Bulla do Cardeal Antonio, nem a mesma Bullá, como nos constou por letra do mesmo Gram Mestre, e Cancelario da Ordem: de que se segue, que, ainda que o Infante D. Luiz a impetrasse, foy com licença supposta, circunstancia, que a fez nulla. Mas fallèmos como Filosofos de profissaõ.

Toda a graça, ou concessaõ, que se impetra do Pontifice para a Ordem de Malta, pressuppõem essencialmente licença do Conselho, confórme os Estatutos. Para aquella Bulla naõ precedeo tal licença: logo para a Ordem naõ tem vàlia a tal Bulla. Prova-se a menor. Todas as licenças, para impetraçoens Pontificias para a Ordem, se registaõ na Chancelaria da mesma; na Chancelaria da Ordem se naõ acha registada licença para a impetraçaõ de tal Bulla: logo para a tal Bulla naõ precedeo tal licença.

Estes dous syllogismos colhem, porque estaõ em figura. E se o tal Theologo de profissaõ tem memoria, he em *Baroco*, por duas univer-

saes

ſaes affirmativas, e duas particulares negativas: ſeguindo-ſe por ultima conſequencia, que a Bulla foy ſubrepticia. E ſe o Theologo de profiſſaõ naõ quizer eſtar pelas duas mayores affirmativas, procure os Eſtatutos de Malta, como requerente; e vá dar fé da ſua Chancelaria, como Notario.

Mas demos agora hum barato aos oppoſtos, diz o Apologiſta, e ſupponhamos que foy regular a Bulla do Cardeal Antonio: *Quid juris?* Tudo o que ordenou a Bulla de Paulo III. eſtá em ſeu vigor, nem póde ſubſiſtir couſa alguma contra ella: com que as Religioſas de Eſtremoz ficaõ, como ſempre foraõ, Maltezas pela tal Bulla; e como diz o Notario que o eraõ no anno de 1533., no de 1543., e como o ſaõ neſte de 1730: porque a tal Bulla do Cardeal Antonio naõ revogou, nem pode, couſa alguma da de Paulo III. Prova-ſe. Porque a conceſſaõ Pontificia, ou ſeja, ou naõ remuneratoria, naõ póde revogar-ſe ſem que o ſubſequente Pontifice a proponha, e aponte *expreſſis verbis. Ratio eſt in promptu & in praxi.* Porque na Bulla, que principia: *Dudum de ſepulturis*, em que ſe ordena q̃ os Prégadores Regulares ſe examinem do exame

dos Bispos, naõ obstante que alguns Authores digaõ que está revogada, a torrente delles está pela parte negativa. E porque? Porque o Concilio Tridentino a naõ revogou, *expressis verbis*: logo para a revogaçaõ he necessaria a expressaõ do revogado. Prova-se que o Concilio naõ revogou a tal licença para prégar; antes do que diz se infere o contrario, ordenando que os taes Frades naõ préguem sem exame, e approvaçaõ dos seus Superiores; e que, supposta esta, se apresentem aos Bispos. Vaõ as palavras do Concilio: *Ultra licentiam suorum superiorum, etiam Episcopi licentiam habere teneantur*. Logo naõ revogou o Concilio a tal licença. Logo está em seu vigor a Clementina quanto a este ponto, que só se revogará quando o Concilio o exprimir. Prova-se *evidenter*. Porque quando Clemente II. revogou o privilegio, que tinhaõ os Religiosos Dominicos, e Franciscanos, de erigir altar, *in quocumque loco*, pôs o Capitulo da Bulla *In his, de privilegiis, expressis verbis*, em que se continha o tal privilegio, para revogá-lo. Logo para revogar, he necessario exprimir. Prova-se a consequencia. Porque se para a revogaçaõ bastára pôr o contrario, sem causa se valera o Ponti-

fice

fice do expreſſo. Logo para a revogaçaõ he preciza a poſiçaõ *expreſſis verbis*.

*Sed ſic eſt*, que o Pontifice, ou o Cardeal Antonio em ſeu nome, naõ expôs, *expreſſis verbis*, neſte ponto o que continha a Bulla de Paulo III.: logo naõ revogou o que continha a Bulla, que era edificar Moſteiro para Religioſas Maltezas, e da Ordem de que era o Gram Prior que o pertendia. Com que, *quidquid dicat* o Theologo de profiſſaõ, o Breve de Paulo III. eſtá taõ inteiro no que ordenou, como o Apologiſta no que eſcreveo.

Antes ſe admira, e gravemente eſtranha a ridicularia, por naõ dizer inſciencia, de hum Eſcritor, (ainda que novel, e ſó eſta vez) que por ſuſtentar, que naõ ſuſtenta, hũa opiniaõ fantaſtica, deixa de ſeguir hum Author grave, e da ſua Ordem, e taõ heroico antagoniſta na defenſaõ do credito dos Regulares, que intrepido a qualquer contenda, ainda Mitrada, offerece a todos o impenetravel eſcudo da ſua Apologia. Ha caſo mayor! Que deſprezando, ou, melhor, naõ percebendo o Notario eſta ſolida doutrina, diſſimule privilegios provados, por ſuſtentar poſſes, que naõ pódem ſer privilegios! Seguindo-

ſe

ſe ao tal Notario hũa laſtimoſa confuſaõ de ver arruinar por hũ valente eſpirito de ſeu meſmo regular corpo aquella formoſa machina de hũ Moſteiro, que lá na ſua idéa ſe hia levantando ſobre os ſuperficiaes alicerces de hũa opiniaõ taõ aerea, como nova: ou de ver malogrado hum Babel repentino, em que, por ſe confundir o idioma da verdade com o dó intereſſe, fica a obra no ar; porque nelle parou, como nelle ſe erigio.

## C O R O L A R I O.

*Em que ſe reſumem algumas inſulſices, que ſe achaõ no mal compleycionado corpo da Obra, notoria, e notada, chamadas á palmatoria pela jocoſidade Meſtra*

DO APOLOGISTA.

O Papel do Notario naõ eſtava capaz de lido; porque papel pardo ſempre foy paſſento. Principia com as grandes palavras: *Ateou-ſe hũa queſtaõ*; eſtá bem ateado. Supponho que ſe travou a diſputa nos barcos do tojo.

Entra o Notario com aquelle novo proteſto de

de *Amicus Plato, ſed magis amica veritas.* Juſtificando-ſe com o Apologiſta, como ſe foſſem ambos o Pilades, e Oreſtes deſte ſeculo, ou o unha com carne do adagio.

Tentado de noticioſo, para as alluzoẽs do Critico, traz o epitaſio de hum Poeta, digno de hũa conſideravel leitura, que diz: *Aqui jaz hum Poeta, que dizia mal de todos.* E ſe todos foſſem como o Notario, em que dizia mal o Poeta? A letra eſtá taõ aguda, que fez aos Leytores hũa grande liſonja: e a alluzaõ taõ picante, que ſem dûvida veſtio o Notario o genio de algum Abutre de Apollo, para lhe naõ eſcapar nem hum ſepultado.

Na expoſiçaõ das authoridades, eſtá totalmente eſpurio na Grammatica Hiſtorica, naõ ſó Latina, mas Portugueza, em que nem conjuga, nem declina, ſenaõ para a peyor parte.

Na propriedade politica, e pureza do idioma, totalmente o deſamparou a Arte de Polemon.

Aos Authores, que o impugnaõ, põem á curta de indoutos, e á Abatina de modernos; fazendo-lhes por arbitrio, o q̃ a elle lhe deviaõ fazer de juro. Aſſim ſe faz Chanceler dos ſabios, deven-

devendo só ser Provisor dos nescios.

No estylo, antes entulha os paragrafos, que explana os documentos; e sem saber o que saõ pleonasmos, assim lhe levaõ as pennas as reflexoens da injuria, que antes parece que vay correndo a folha, que escrevendo a.

O que mais festejou o Apologista, foy a grande ponderaçaõ de naõ ser a data da Bulla de Paulo III. em *Viterbo*, quando naõ sendo esta das quarenta e nove, que deste Pontifice estaõ insertas *in corpore juris*, bem podia haver engano em quem a trasladou; porque de facto ella tem a data em *Viterbo* no manuscrito, de que a tirou o Apologista: e assentando que só nisto discrepa do original; dá-la-ha o Notario por nulla? Tal he elle! E sahe-se com a puerilidade de quináo, e seu *Accipisti*, com sua travessura da classe.

E que muito que o Apologista achasse *Viterbo* no tras ado, quando o Notario achou *Aggressaõ* no Calepino! Palavra, que naõ ha no idioma Portuguez, em que se ha de dizer: *Accommettimento*. Quináo, que val tanto como *Accipisti*.

Finalmente: naõ póde o Apologista deixar de fazer hũa reflexaõ no titulo, e inscripçaõ, que vio

vio no frontiſpicio da Obra, com aquellas taõ ponderoſas, como eſcolhidas palavras, de *Notas Acticas*. E iſto foy querer bugiar de titulos; porque o Apologiſta pôs no ſeu papel hum como epilogo do ſeu arrezoado, que diz: *Apologia Analytica*, que val tanto como diſcurſo, que reduz a materia aos ſeus principios, para ſe conhecer *ſpecificè*, o que ſe conhecia *genericè*. E já ſe vê a propriedade do titulo na duvida, que ſe pôs ſobre o Moſteiro.

Agora o titulo de *Notas Acticas* tem hũa nobre analogia para o Notario, que, como Eſcrivaõ das meſmas, vem por ſeus cabaes a ficar *Tabelliaõ das Notas*. Nem o *Acticas* lhe fica improprio, por vir de *Actos*, termo forenſe, porque ſe explicaõ os proceſſos dos litigios. Mas porque o tal Eſcrivaõ póde naõ ſer leigo, ainda que ás vezes o parece, lhe dá cõmummente o Apologiſta o titulo de Notario.

Segue-ſe á inſcripçaõ das Notas o titulo de *Anonymo*, que quer dizem ſem nome. Era eſcuſado; porque tal he a obra, que ella diz o meſmo.

Pede finalmente o Apologiſta á paciencia dos Leitores licença para hũa reflexaõ ſobre

aquelle *Anonymo*, ou ſem nome, para cerrar, como querem alguns Doutores do noſſo ſeculo, a abobada deſte diſcurſo com ſeu remate Latino, valendo-ſe daquelle lugar de Virgilio, em que com valentia poetica deſcreve a Pyrro, Principe Grego, degolando a Priamo Rey de Troya; e fallando no cadaver ſem cabeça, naõ ſó lhe chama tronco, mas ſem nome; como ſe foſſem ſynonymos o naõ ter nome, e o naõ ter cabeça, e o ſer tronco.

------------ *Jacet ingens litore truncus,*
*Avulſumque humeris caput, & ſine nomine corpus.*

O que ſuppoſto, he de parecer o Apologiſta que o Notario tire a maſcara de Patrono, e deixe a materia em poder de quem ſabe liquidá-la; reconhecendo que naõ foy mais que hum affouto quadrilheiro, que ſahio com o chuço, mais ferrugento que agudo, da ſua antiquada noticia, a querer apartar eſta pendencia Hiſtorica.

CAR-

# CARTA

De hum amigo do Apologiſta.

*Ao ampliſſimo Patrono, e ſingular ornamento da Juriſprudencia; pedindo-lhe o exame, e voto ſobre eſta Antilogia.*

NAõ intento eu occupar a capaciſſima literatura de v. m. com a attençaõ de hum papel, em que a primeira operaçaõ do diſcurſo póde dar o ſeu voto; mas ſó peço que, em alguma hora vaga, ſeja o reparo nos ſeus poucos acertos o desfaſtio de mayores eſtudos; porque tambem nas grandes mezas entra a pequena alcaparra a guarnecer os pratos.

Conhece V. M. bem o Author da *Apologia Analytica*, em que ja lhe falley, e expûz o como para ella o provocou hum papel intruzo, affouto, e deſabrido; condenando-lhe a verdade do que elle eſtava eſcrevendo, como emprego Academico.

A eſte inopinado accommettimento ſahio

o Apologiſta com a liberdade de deſafiado; mas com a moderaçaõ de *inculpatæ tutélæ* ſe naõ eſtendeo a mais, que a algũas alluzoens da cegueira, e ſurdez do Author, que o provocara; que, no privilegio de achaqües, naõ davaõ mais lugar que á traveſſura das vozes. Paſſou o meſmo Apologiſta, como por ironîa, a pôr hũa authoridade romanceada, para proteſtar a clareza da materia; e finalmente condenou no aggreſſor o introduzir-ſe no que lhe naõ importava, e a ambiçaõ de aſpirar ao que lhe naõ pertencia.

A eſte pouco ruido de hũa defenſa, modeſta para provocada, ſahiraõ hũas *Notas*, de que hum Anonymo foy Tabêlliaõ, mas com tantas ſolturas, que paſſaraõ a invetivas; a que reſpondeo o Apologiſta: Que importa pouco ſerem ſatyricas, ſe ſaõ palavras Tabelliôas, e, pela pouca diſpoſiçaõ de quem a eſcreve, atabalhoadas.

Naõ acaba o Notario paragrafo, que naõ feche com hum improperio, ſem advertir que o doer-ſe naõ he deſpicar-ſe; porque aquella expreſſaõ impaciente inculca o rigor do golpe, e aquelle grito deſordenado antes he proteſto da ferida, que deſaffogo da vingança. Os dicterios dos

dos Zoilos saõ o primeiro pregaõ dos benemeritos; porque ninguem intenta diminuir, senaõ onde acha de que tirar.

De que serviraõ as Criticas dos Aristophanes, e dos Aristarchos, mais que de se descobrirem mais os acertos dos Homeros? Nem Pagi, com o vasto da sua noticia, tirou a Baronio o ser pay da Historia. Tudo entendeo Lipsio, quando pôs os mayores Criticoens no teatro da ridicularia, pela sua discreta Manipea.

Naõ desconhece esta verdade o Apologista; e assim quer prevenir os reparos, satisfazendo aos Doutos com o protesto, de que naõ ignora que a Critica em toda a sua pureza emenda; naõ desauthoriza. Mas que tudo, o em que se affouta, naõ he mais que hum ecco do que escuta: por estar praticado no voto da ignorancia, que a dissimulaçaõ he cobardia; como estabelecido, que o silencio he fraze de convencidos, sendo estylo de considerados.

Assim o alargar a penna, naõ he imitar a Critica, he castigar a exorbitancia; e a naõ ser a materia taõ indigna, dissera: que para emendar a pouca industria. Porèm o Notario, querendo apurar o Critico, naõ desempenhou mais que o malevolo.

Usa

Usa o Apologista das authoridades com toda a pureza, expondo nellas com os dictames da razaõ, quando o naõ exprimem, o que inferem. Mas nada convencerá ao Notario; porque, como Academico Pyrronio, duvîda de tudo, e com a escandalosa soberba de Turmaco, assenta que só elle sabe ser o antagonista da verdade: pelo que, no exame das authoridades, na exposiçaõ, e applicaçaõ dellas, pede o Apologista o reparo, e o voto ás resoluçoens da Jurisprudencia.

Pede que se preveja a Apologia, em que constará das verdades, que agora allega, e do motivo com que omitte, ou despreza os estrondôs de algumas reflexoens, ou propostas, em que o Notario reduz o pleito a vozes, ociosos patronos para verdades.

Assim naõ faz caso do allegadissimo ponto da prescripçaõ, com o seu longo, diuturno, e immemorial; porque ja disse que a Ordem de Malta naõ tem prescripçaõ em materia alguma.

Naõ faz caso do que grita o Notario, feito a mouco do desengano, quando quer que a mesma Bulla de Paulo III. seja a que desmembra o Mosteiro de Estremoz da mesma Ordem de Malta; quando tambem grita em toda a sua ex-

tensaõ

tensaõ a mesma Bulla, que o Infante fez a supplica para Casa de Malta: e ainda que o quizesse desmembrar o Pontifice, naõ lho podia pedir o Infante; o que tudo diz com voz clara a Apologia, construindo a Bulla ao pé da letra: mas foy fatalidade desta verdade proclamada, o haver de tropeçar em surdos.

Queria finalmente estabelecer o Notario, que o ser da Ordem hum Mosteiro, que a mesma Ordem, e Escritores della estaõ reconhecendo por seu, ella porque o sustenta, elles porque escrevem della, fosse ponto classico, passando a Historia a Theologia Polemica.

Destes evidentes absurdos, e absolutos paradoxos, appella o Apologista naõ só para o Tribunal recto, e compendioso Areopago da Jurisprudencia de v.m., mas para o particular Magisterio, e reflexivo voto da sua comprehensaõ erudita, e discriçaõ judiciosa, para que fique a verdade publica, e revindicada: naõ porque se supponha concluzo este Manicheo da evidencia; porque sempre ficará como Morcego obstinado, a que a mesma luz, que serve de illustrar a vista, costuma conservar a cegueira.

*O Relator do Apologista.*

RES-

## RESPOSTA

### De hum Amigo.

PEde-me V. Reverendiſſima parecer neſta Antilogîa, e naõ repara q̃ a admiraçaõ, que me ſenhorêa o diſcurſo, he mais activa, que a obediencia do preceito. Ainda no tempo, em que a intima, e eſtimavel amizade de V. Reverendiſſima me naõ ſobornava o arbitrio, naõ era elle livre para o juizo dos papeis de V. Reverendiſſima; porque o entendimento glorioſamente invejoſo, e reverente, delirava nas impaciencias, impoſſibilitado para a imitaçaõ. Deſculpeme V. Reverendiſſima a empreza de dezejar imitá-lo, pois o deſejo tem privilegio de ſubir mais que o merecimento, quando ſe naõ terminaõ na esfera da capacidade.

Eu bem quizera obedecer a V. Reverendiſſima com a independencia, que me ordena; porèm que liberdade me fica para o voto, ſe a minha veneraçaõ pertende equilibrio com os acertos de V. Reverendiſſima, e a minha incapacidade ſe naõ conſpira contra o conhecimento pro-

proprio no inſulto deſta liſonja? Deſejava dizer a V. Reverendiſſima, que he eſta Obra deſempenho feliz da alta ſciencia, com que V. Reverendiſſima ſe diſtingue, neſte mundo literario, Varaõ inſigne, Heróe douto, que he hum novo Mappa, adonde V. Reverendiſſima dilatou as noticias do eſtudo univerſal, que deſenrola a fama em tantos Eſcritos de diverſas materias, que vaõ pelo mundo deſinquietando invejas, e dominando eſtimaçoens. Que ſubio V. Reverendiſſima a tal ponto o engenho, e o diſcurſo, a naturalidade, e o artificio, que nem o claro cedeo ao ſubtil, nem a erudiçaõ ao concizo. Que exaltou V. Reverendiſſima o ſeu adverſario, emparelhando-o no duelo deſte certame, e authorizando-lhe a duvida com a ſublimidade deſta reſpoſta. Mas receyo offender com o breve epilogo deſtas expreſſoens o largo numero das excellencias, que V. Reverendiſſima authoriza, culpando-ſe em mim, como comprehenſaõ, o que foy eſcolha.

Diſpenſe pois V. Reverendiſſima com a minha obediencia, e permitta-lhe ſó eſte acto de publicar a energia, fidelidade, concludencia, e diſtribuiçaõ das palavras, dos lugares, dos ar-

gumentos, e dos [illegible]cursos deste seu papel, que venero digno parto de felicidade, bem que superior argumento da eloquencia de V. Reverendissima.

*Deos guarde a V. Reverendissima muitos annos. Casa &c.*

## TRASLADO DA COPLA

*Numero* 18. *de hum Romance intitulado*: Beja maõ a hũa das mayores pessoas da Corte, *de que he Author certo Religioso.*

## C O P L A.

Eu, que andava alcatruzado,
Agora ando muy direito,
Vós foste o meu D. Quixote
Endereçando este tuerto.

ANA-

# ANATOMIA

*No corpo de hũa copla, que nunca teve alma poetica.*

O Author da copla, que he Poeta assim chamado, e de Camoẽs só lhe tocou o defeito, fazendo delle capricho, e vendo-se obrigado de hum Principe, se quiz protestar feitura sua, pela industria da sua Poezia; e com alluzaõ ás Cavallerias de Cervantes, disse na copla: que o tal Personagem era o seu D. Quixote, porque era o que fazia aquel Tuerto. Conceito plebeamente festejado, e innocentemente construido.

Deixemos o rustico gracejo de fazer ao Mecenas emblema da ridicularia, que isso he D. Quixote na vulgata: a summa pobreza de graciosidade Poetica: a abjuraçaõ em fórma de agudeza politica; e a incuravel ignorancia de naturalizar apodos, podendo, se o percebesse, consultar com D. Jeronymo Cancer o tratamento joco-serio dos Duques; que, a pezar da galantaria, deve respirar decencia. Mas tudo isto passado, mas de ne-

nenhum modo permittido, vamos ao total desconhecimento do alludido na copla, em que o Author estribou a sua bem meditada, e engenhosa travessura.

Leaõ os curiosos as Quixotices de Cervantes, e acharaõ: que aquelles Elches da valentia, e da loucura; Aventureiros estouvados, e Brigadeiros gratuitos, de que D. Quixote era o jocosissimo prototypo, andavaõ por essas estradas espontaneos Tutores de Princezas escoteiras, donzellas malogradas, e bellezas mesquinhas: em Pro, e defensa destas, se combatiaõ com hum Malandrim, que era hum Gigantaço, e ás duas palhetadas o partiaõ pelo meyo, como quem corta hum nabo. Entravaõ por hum Castello encantado, como quem entra por sua casa, e tiravaõ a tal Princeza do poder de dous Dragoẽs, taõ cortezes, que deixavaõ ir logo a tal Senhora, como hum passarinho. A isto chamavaõ aventuras, e no idioma Castelhano, deshazer tuertos, que he o mesmo, que vingar aggravos, livrar de affrontas, desfazer, e destruir os authores dellas. Com que os Cavalleiros naõ faziaõ os tuertos, antes os desfaziaõ; e essa era a sua occupaçaõ, e o seu officio, andar desfazendo tortos pelo mundo;

que

que naõ era pequeno beneficio.

Neſtes termos irrefragaveis, como ſe póde ir ver no Texto, lá vay a copla, lá vay a alluzaõ, lá vay a galantaria, e póde o Author mandar recolher a cartilha, e buſcar outra idéa mais veridica, e menos indecoroſa.

E que iſto ſe eſtampe! Iſto ſe encaderne! Iſto ſe compre, e iſto ſe feſteje! E que haja taõ abençoados Leitores, que eſtejaõ pagando de vazio a caſa de Orates! Que eſteja a inſulſice taõ bemquiſta, que até com os erros ſaiba comprar applauſos; e que os gracejos poſſaõ contentar, ſó em fé de que ſe quizeraõ dizer!

E finalmente: que haja Author, que, ignorando a neutralidade deſte nome, ſupponha que ſaõ ſynonymos, o eſcrever, e o acertar! Ou que imagine, que por impreſſos ficaõ os erros authorizados; ſem advertir que o prélo, que he teatro do que eſcreveo, ahi meſmo he cadafalſo do que errou! Brava cegueira! Mas mayor deſgraça da impreſſaõ, que, inventando-ſe para lingua dos ſabios, a violentem a ſer voz dos tolos!

*Pede-ſe aos Panegyriſtas Protectores da ſavandija Poetica, ou eſtulticia numeroſa, hũa diſcreta Apologia ſobre a copla condenada.*

DE-

# DEMANDA

## DO

## MALSIM DAS PARVOICES,

Com certo Doutor mal graduado em trovas ſobre as Gloſſas, que ſe ſeguem.

### *DO MEDICO.*

*Filis, nó el alma me enciendas.*

### GLOSSA. I.

FIlis, yó nó ſê que acaſo
Pueda obligar tal exceſſo,
Que más tu rigor confieſſo,
Pues de tu viſta me abraſo:
Diſcurriendo en eſte caſo
Te dedico mil ofrendas;
Pues baſta para tus prendas
Lo que en tu viſta amenaças,
Y aſſi, ſi el cuerpo me abraſas,
*Filis, nó el alma me enciendas.*

GLO-

## GLOSSA II.

SI para más padecer
Me ſueles más abrazar,
Baſtame ſolo el mirar
Para que me abraze al ver:
Nó ſê lo que puede ſer
Lo que en tus llamas entiendas;
Pues ſi conoces enmiendas
En el deſden a que incitas,
Aun que el cuerpo me derritas,
*Filis nó el alma me enciendas.*

## GLOSSA III.

DExa que el valor me anime,
Quando eſtos ardores ſiente,
Porque el cuerpo ſe alimente
Del reſplandor que me oprime:
Nó ſê ſi ſienta, ſi eſtime
Eſte rigor de tus prendas;
Pero nó, que en mis ofrendas,
Quando te adoro, y nó me amas,
Si todo vivo entre llamas,
*Filis, nó el alma me enciendas.*

*DO-*

## *DO MALSIM*

*Das parvoices;*

Naõ tem mais remedio eſtas Poezias, que haver algum Profeta, que chore ſobre ellas. *Amen.*

## *DO MEDICO.*

Ao ſeromicafeſio dos Poetas, e ao Eſcarramafacocio das Muſas.

## SONETO JOCO-SERIO.

TRapiſonda das Muſas, que c'um murro
Governais deſſe Apollo o altivo carro,
E he melhor por conceito hum voſſo eſcarro,
Do que das meſmas Muſas hum ſuſurro.

Picador do Pegazo, a quem por churro
Tendes taõ feito á maõ ja no que narro,
Que a Caballina ja ſe vê ſem ſarro,
Pois lhe tendes bebido até o zurro.

Os

Os vossos versos todos saõ de embirro
Com graça natural, no que naõ erro;
E eu de inveja de os ver todo me mirro.
Em fim, eu ja me vou para hum desterro,
Porque os mêus quando muito saõ de espirito;
E os vossos versos todos saõ de bérro.

*DO MALSIM.*

O Seromicasesio, e o Escarramafacocio, he do Calepino dos innocentes, ou do escólio dos basbaques, ou naõ he cousa algũa para se parecer com a óbra.

*Filis, nó el Alma me enciendas.*

GLOSSA I.

Filis, yo muero en rigor,
Dando la vida en despojos
A' la lumbre de tus ojos,
Y al incendio de mi amor:
Pero nó en vano en mayor
Fuego quemas las o ofrendas,
Que el alma rinde a tus prendas;

Tu luz en mi ardor ſuſpende,
Y pues que mi amor me enciende,
*Filis nó el alma me enciendas.*

## GLOSSA II.

NO' en culpable ocioſidad
Apures mi ſufrimento,
Adonde mi rendimento
Dexa ocioſa tu crueldad:
Será poca vanidad
Que abrazarme el pecho emprendas;
Antes porque nó te ofendas
En victimas tan precizas,
Para tan pocas cenizas
*Filis, nó el alma me enciendas.*

## GLOSSA III.

NO' tus ojos al mirarme
Buelvan dichas los deſmayos,
Que nŏ mereſco a ſus rayos
La liſonja de abrazarme:
Si mi amor a victimarme
A ſu luz hallô las ſendas,

Ma-

Mayor llama nó pertendas;
Pues, porque mi suerte arguias,
Basta que su ardor nó huias,
*Filis, nó el alma me enciendas.*

*Guarda de baixo.*

Ao Rapozo da fonte de Hipocrene,
Savandija dos charcos de Aganipe,
Author da glossa ordinaria,
E Escrivaõ das Decimas de sarabanda.
Azougue das trovas,
Polvora das Musas;
Ventoinha dos motes,
E escaravelho das frazes.

## SONETO.

*Pelos mesmos consoantes.*

TU, que, em vez de vocabulo, jogas murro,
Tosco fueiro do Phebcio carro,
Mosca importuna ao numeroso escarro,
Triste Bezouro ao Delfico sussurro.

Poeta charro, da estulticia churro,
   Bem que tuas prendas curtamente narro;
   Ourinol de Thalîa ja com sarro,
   Que o rincho do Pegazo trocas zurro.
Pois agarras o mote como esbirro,
   Adonde he sempre mais de marca o erro,
   Em cuja reprehensaõ ja me naõ mirro.
Nesse das Musas natural desterro
   Sê do murraõ de Apollo solto espirro
   Sê da metrica voz forçado berro.

*He pelos mesmos consoantes, que assim se costuma responder.*

## *R E C I P E.*

O Author advirta que Hippocrates, e Gongora saõ Estrellas Pleidas, que só o poder de Deos as pôs juntas; e que no ourinol de Galeno naõ se vem bem as agoas de Apollo: que Esculapio escreveo receitas para soltar a tripa, e naõ aguçou motes para picar a vêa; e que sobre tudo será bom dar á sua Musa hum verde de noticia, e naõ fazer do Pegazo Praça da palha.

DO

## DO MEDICO.

NAõ ſe cança o Poeta em cotar mais ignorancias, que aquellas que eſtaõ bem claras; porque as outras pódem-ſe ſalvar com o motivo de naõ ſerem taõ viſtas: e que ſe quer emendar Caſtelhano, que olhe para o ſeu verſo, e reſponda á cota, *mereſco.*

Ao Rol da roupa çuja de Apollo,
Frangalho de eſtamenha de Mercurio,
Trombeta baſtarda do Parnazo,
E legitima curuja do deſterro.
Savandija das Muſas,
Aranha das conſónancias,
Moſca das Poezias,
Cigarra das Trovas,
Eſcarro dos neſcios,
Peçonha de entendidos,
Vareja de ſabios,
E eſtouro de brutos.

## SONETO.

*Pelos mesmos consoantes.*

NAõ sabes, ó basbaque, que c'um murro
Te farey desses ossos hum vil carro,
E pisando-te aos pés como hum escarro,
Terás por confissaõ só hum sufurro?

Naõ sabes, tosco velho, pobre, e churro,
Que es bruta savandijarro que narro,
E ourinol de hóspital, que no seu sarro
Das ourinas çurrado todo es zurro?

Naõ ha de ser esbirro, que eu te embirro,
O Pegazo a teu vulto, a ver se erro;
Mas se es seu similhante naõ me mirro:

Porque desse Parnazo no desterro,
Tu serás desse Apollo hum vil espirto,
Pois elle he ja de ti hum tosco berro.

*Naõ lembrou ao Author responder ao principio pelos mesmos consoantes, o que faz agora, supposto se tem versado duas vezes.*

AC-

## A C C I P E.

SUpponha o Author que o Poeta he filho de Hippocrates na Medicina, e qne saõ sciencias annexas, porque só ellas logaraõ o credito de Divinas; e que se no ourinol de Galeno se naõ vem as agoas de Apollo, que he por serem indistinctas as agoas, porque saõ muito annexas ás sciencias: e que supposto as naõ veja bem aos olhos, que as penetra melhor nos conceitos; porque he a direcçaõ mais propria dos sabios: e que sempre he necessario picar a vêa para correr a Musa, sem que para isso seja precisa, senaõ por noticia, do discurso a lanceta; e que para elle he que he praça da palha o Pegazo, porque o aluga nas occasioens de empenho.

## DO MALSIM.

O Author adverte ao Reo, com entranhas de verdadeiro Poeta, que trate da reforma de sua escura trova, e assombrada vêa, dando muitas graças a Apollo de nos ter dado espirito para humanar nosso discurso, naõ desamparando

do o bichinho de ſua ignorancia dos aviſos de noſſa advertencia; e permittindo que noſſa elegante piedade ſe abata a emplaſtrar a matadura de ſua poetica confiança no fio do lombo de ſua rocinante eſtulticia; e quando naõ, o havemos por abſolto de poeta, e o ſentenciamos ao fadario do equivoco, onde andará berrando ſua alma, e ſua Muſa, até que Apollo venha a julgar os grandes peccados de ſua trova.

## P A R N A Z O.

*Pelo Corréyo dos innocentes.*

A' ida ſolta das Muſas, e Ruibarbo racional das cadencias.

# SONETO.

SAntiamen da Poezia, a quem o avaro
Conſoante jámais reſiſtio duro;
Com cujas gloſſas, bem que nunca eſcuro,
Deſde hoje Apollo ficará mais claro.

Aque-

Aqueducto do Pindo, a quem o caro
Feliz influxo prompto paga juro,
Onde nunca encharcado o cryſtal puro
Duas vezes he corrente, e mil he raro.

O'! Pois veloz, pois leve no ſezudo
Eſtadio de Minerva, a poucos razo,
Ja diſcorreis, ou ja correis em tudo:

Proprio ſede de Apollo em todo o caſo,
Seja eſpora o engenho pelo agudo,
E correi pela poſta no Pegazo.

Como V. Reverendiſſima entende que naõ ha mais lei que as ſuas cenſuras, pelo pouco reſpeito com que falla nellas, ſaiba que naõ falta quem lhas faça: e ja que V. Reverendiſſima ſe jacta tanto das ſuas poezias, venhaõ á praça as daquelle livro, com que cuidou que emendava o mundo, merecendo elle tambem ſer emendado.

*Em hum Romance diz em hũa copla:*

Que quien triunfa con violencia.

| | |
|---|---|
| *Eſte pé eſtá comprido,* | *E do Critico eſcoucinhado.* |

*Diz mais em outro Romance:*

O' mal hayan tus traiciones!
Pues, porque mejor engañes;
Buſcas ciego, e tiras Lince,
Combidas flor, y hieres Aſpid.

E quem lhe diſſe que *Aſpid* era conſoante de *engañes*?

| | |
|---|---|
| *Eis-aqui como ſe cenſura.* | *E-eis-aqui como ſe ignora.* |

*Diz mais no meſmo Romance:*

Que cauteloſo que lidias!
Y para triunfo màs facil,
Oſtentas braços pueriles,
E eſgrimes fuerças gigantes.

E quem

E quem lhe disse que *facil*, era toante de *gigantes.*

*Eis-aqui como se censura.*

E para que veja como as suas censuras lhe cahem em casa, quando censura os Sonetos tristes, diz: que vaõ os Poetas gastando os seus conceitos no Soneto feito a hum rochedo, pedindo-lhe ouvidos, e sahe no fim com aquillo de: *Mas ay que he surdo*! podendo dizê-lo ao principio, e poupar o Soneto.

E em hũa Novella faz hum Romance a hũas penhas, em que diz:

He de quexarme esta vez<br>
A vosoutras peñas duras;<br>
Porque ya mi mal nò espera<br>
Remedio de quien le escucha.

Podendo tambem dizê-lo ao principio, e poupar o Romance.

Ora veja lá ſe ſabemos tambem cenſurar; ou ſe temos medo das ſuas cenſuras.

## DO MALSIM.

*Do meſmo modo o ſabe fazer hum Donato.*

O Critico, que nem ſabe merecer eſte nome, he hum Zote na Poezia, e hum basbaque na Hiſtoria, pelo que cuidou que cenſurava na Hiſtoria, e na Poezia; e baſta que lhe demos hũa advertencia por eſmóla.

Buſque a D. Jeronymo Cancer, Poeta naõ ſó Claſſico, mas Principe, a que a ſua plauſivel agudeza, e elegancia ſervio de melhor Poema. Lêa o Romance feito ao Duque de Niebla, que he de toantes em a, e, como aire, demande, quitarme, e diz em hũa copla.

Que dar abrigo una Niebla
Solo vós lo hiziſteis facil.

O Con-

*O* Conde de Coculim, Poeta celebre nos melhores votos deſta Corte, em hum Romance, que principia:

Suave ſentimiento,
Que en vez de atormentarme

*Diz em hũa copla.*

Fue tal vez al engaño
El deſengaño facil;
Que vida hai, que nó ſea
Muerte deſde que naſce?

Quanto ao Soneto, era em materia jocoſa na Anatomia Poetica; e hũa reflexaõ extravagante, que elle naõ percebeo, ſuppoſto que a cenſurou.

O Romance á penha, era em hũa Novella ſéria, em que os verſos ſeguiaõ o commum eſtylo Poetico da metaphora com que ſe falla ao inſenſivel, como ſe foſſe vivente. Mas como ha de diſtinguir eſtylos, quem deſconhece aſſumptos?

E fi-

E finalmente, ſem mais eſtrondos; nem mais documentos, fique advertido o tal ſimplote, para ſe naõ introduzir a cenſurar o que nem ainda ſabe entender; quando naõ, ſeja tolo que lhe preſte.

# FIM

DESTE TOM. I. QUE CONSTA DE PROZA.